

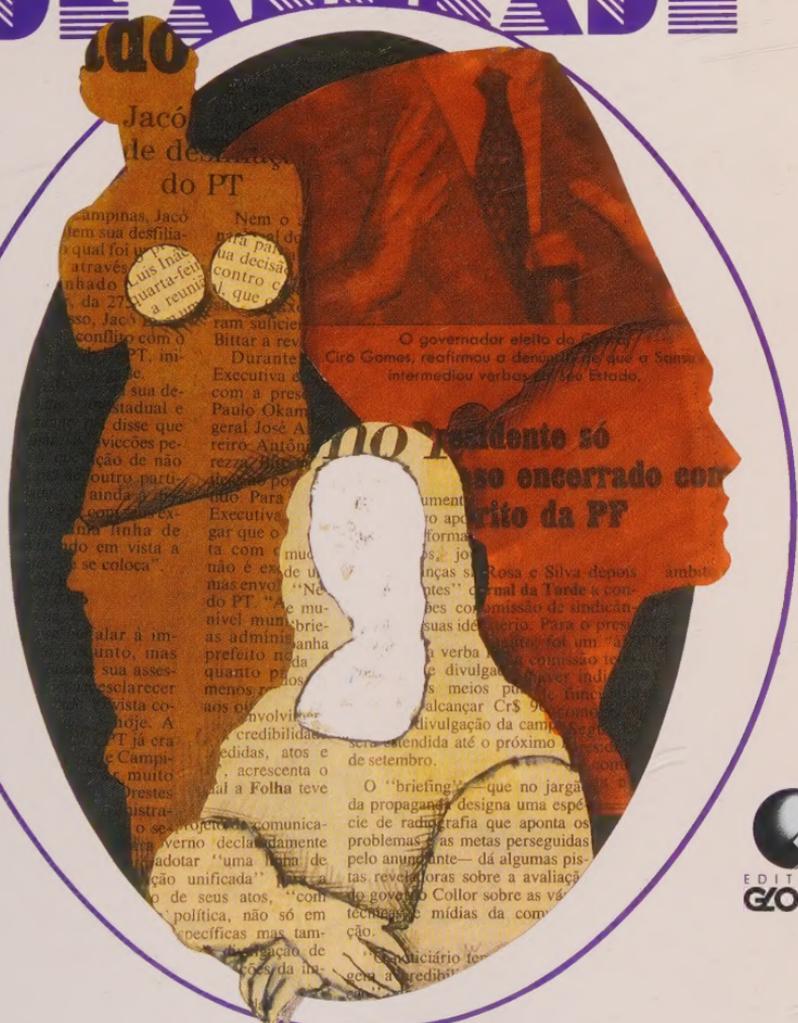
UNIVERSITY OF ARIZONA



39001031433165

COMPLETAS

OS WALD DE ANDRADE



Jacó
de desfilada
do PT

campinas, Jacó
tem sua desfilada
a qual foi u
através de Luis Inácio
Lula da Silva, o
da 27ª reunião
a reunião
so, Jacó
conflito com o
PT, ini
de
sua de
stadual e
disse que
vícios pe
ção de não
outro parti
ainda a
com a ex
na linha de
to em vista a
se coloca"

Nem o
para pa
ua decisã
contro o
l, que o
ram sufici
Bittar a rev
Durante
Executiva d
com a pres
Paulo Okam
geral José A
reiro Anton
rezza. De
do, o por
duo Para
Executiva
gar que o
ta com o mu
não é ex
mas envia
"N
do PT. "E m
nível mun
as admin
banha
prefeito na
quanta
menos r
aos q
envolve
credibilid
medidas, atos e
acrescenta o
a Folha teve
o se
projeto de comunica
verno declaradamente
adotar "uma linha de
ção unificada"
o de seus atos, "com
política, não só em
específicas mas tam
a divulgação de
ções da in

O governador eleito do Ceará, **Ciro Gomes**, reafirmou a determinação que a Sansa intermediou verbosamente ao Estado.

**Presidente só
uso encerrado com
rito da PF**

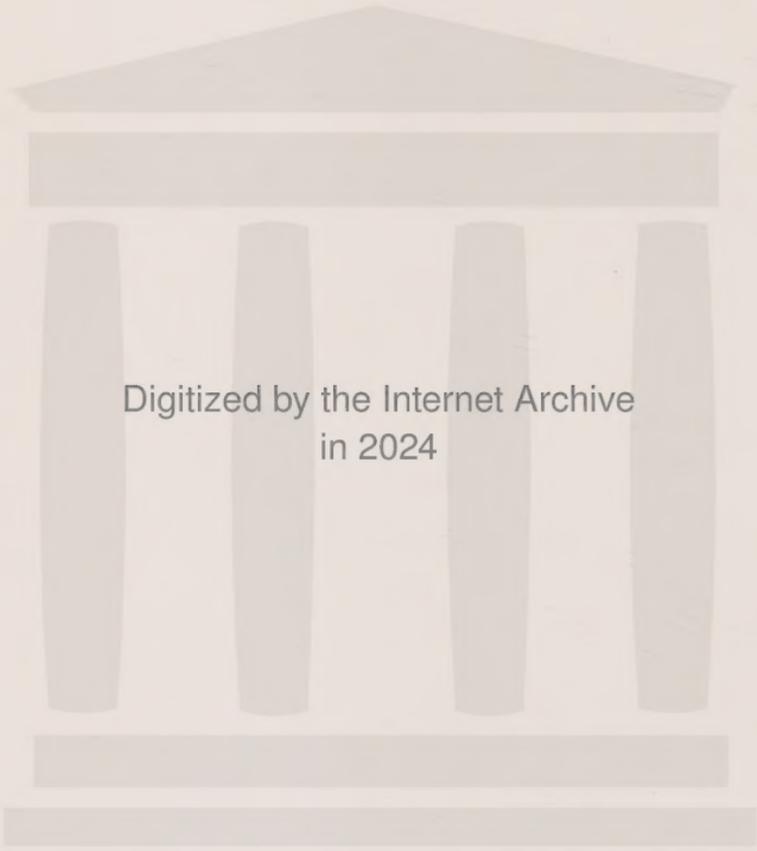
ument
ro apor
formas
s, jo
anças sã
Rosa e Silva depois
ambit
ntes" o
rnal da Tarde a com
bes com
missão de sindicat
suas idé
rio. Para o pres
a
verba
a comissão te
divulga
aver indi
s meios p
funcio
alcancar Cr\$ 9
como
divulga
da camp
se
seria est
ndida até o próximo
de setembro.

O "briefing"—que no jargão da propaganda designa uma espécie de radiografia que aponta os problemas e as metas perseguidas pelo anunciante— dá algumas pistas reveladoras sobre a avaliação do governo Collor sobre as várias técnicas e mídias da comunicação. O "briefing" também é o primeiro documento que o anunciante entrega ao credenciado.



EDITORA
GLOBO

ESTÉTICA E POLÍTICA

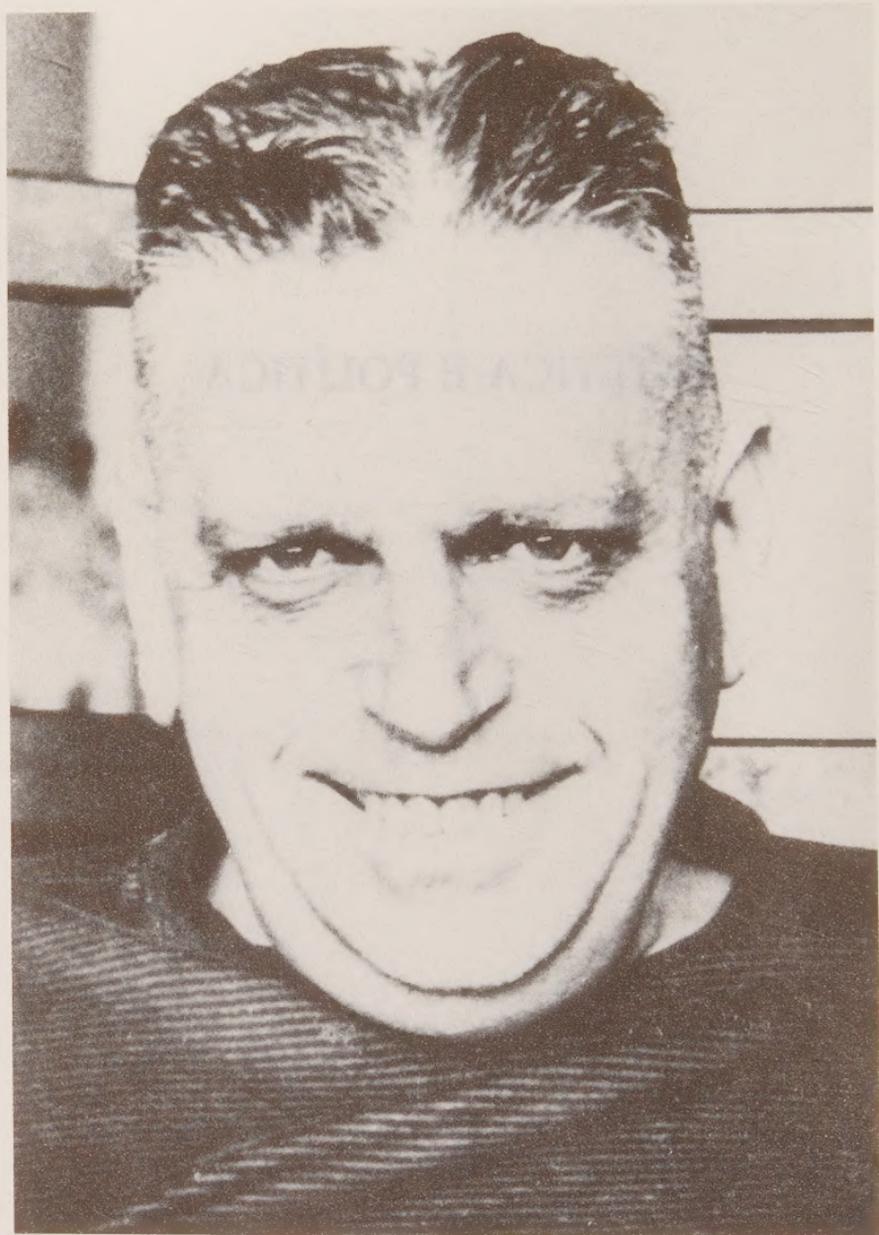


Digitized by the Internet Archive
in 2024

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

ESTÉTICA E POLÍTICA

Oswald de Andrade



Oswaldo de Andrade

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

PQ

9697

A73

A6

1991

ESTÉTICA E POLÍTICA

*Pesquisa, organização, introdução, notas
e estabelecimento do texto de*
Maria Eugenia Boaventura

Copyright © 1991 by Espólio de Oswald de Andrade

Capa: Juan José Balzi

Direitos mundiais de edição em língua portuguesa cedidos a
EDITORA GLOBO S.A.

Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo.

Tel.: (011) 874-6000, Telex: (011) 81574, SP.

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP - Brasil. Catalogação-na-fonte — Câmara Brasileira do Livro, SP

Andrade, Oswald de, 1890-1954.

Estética e política / Oswald de Andrade ; pesquisa, organização, introdução, notas e estabelecimento de texto de Maria Eugenia Boaventura. — São Paulo : Globo, 1992. — (Obras completas de Oswald de Andrade)

ISBN 85-250-0906-7

1. Andrade, Oswald de, 1890-1954 — Crítica e interpretação 2. Ensaio brasileiro I. Boaventura, Maria Eugenia. II. Título. III. Série.

92-1617

CDD-869.945

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensaio : Século 20 : Literatura brasileira 869.945
2. Século 20 : Ensaio : Literatura brasileira 869.945

SUMÁRIO

Do órfico e mais cogitações

Maria Eugenia Boaventura, 7

MENSAGEIRO DO IRRELEVADO

O futurismo tem tendências clássicas, 19

O meu poeta futurista, 22

Formalistas negados e negadores, 26

O esforço intelectual do Brasil contemporâneo, 29

Um livro pré-freudiano, 39

Imprecação a Tristão de Athayde, 41

Objeto e fim da presente obra, 44

Hora H, 46

Bilhetinho a Paulo Emílio, 50

O divisor das águas modernistas, 53

Análise de dois tipos de ficção, 57

Dois emancipados, 65

A sátira na literatura brasileira, 69

O poeta e o trabalhador, 86

Herói de Apipucos, 88

Museu das nossas ternuras, 90

Informe sobre o Modernismo, 97

Novas dimensões da poesia, 106

O Modernismo, 120

Sex-appeal-genário, 128

Notas para o meu diário confessional, 135

MANIFESTAÇÃO DE NACIONALIDADE

Em prol de uma pintura nacional, 141

A exposição Anita Malfatti, 144

Elogio da pintura infeliz, 146

O burguês infeliz criador de pintura, 154

COMPLEXO DE VESPÚCIO

- Partido Democrático, 161
- País de sobremesa, 164
- Fazedores de América, 169
- A lição da Inconfidência, 183
- O sentido do interior, 191
- Civilização e dinheiro, 203
- Velhos e novos livros, 215
- A reabilitação do primitivo, 231
- O antropófago, 233
- Mensagem ao antropófago desconhecido, 285
- Do órfico e mais cogitações, 287

SONHADOR INVETERADO

- Propaganda, 295
- Museu de arte moderna, 299

DO ÓRFICO E MAIS COGITAÇÕES

MARIA EUGENIA BOAVENTURA*

O conjunto de textos, boa parte inédita, apresentado neste volume é mais abrangente que a coletânea *Ponta de Lança*, organizada pelo escritor em 1945, espelhando com precisão a sua atividade crítica nos anos 40. Aqui, a faixa temática e cronológica alarga-se, trazendo à tona também uma boa quantidade de trabalhos daquela época sobre assuntos variados.

A incansável birra de Oswald em relação à artificialidade da retórica não arrefeceu a sua paixão pela oratória, onde se exercitava com muita eloquência. Portanto, não é de estranhar que neste livro predominem as conferências ou palestras feitas para o grande público, montadas numa linguagem simples, em tom didático, às vezes sem muito aprofundamento, mas cheia de humor. Apesar do aspecto dispersivo no campo dos conceitos e exemplos emitidos, permanecem nos textos escolhidos o brilhantismo das opiniões e o gosto pelo polêmico.

As diferentes incursões de Oswald como político, como agitador cultural, como crítico de arte e como literato revelam visão de mundo particular, originalidade de pontos de vista e compromisso com o seu tempo. Na montagem desta antologia, o critério não foi rígido. Procurei exemplos na riquíssima atuação os-

* Colaboraram na revisão inicial de alguns dos textos selecionados: Eneida Marques, Luciane Vaughn e Betty Heidemann. Esta última também cuidou da datilografia juntamente com Zezé Barela. A pesquisa foi realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, no Centro de Documentação do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp e no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Agradeço a Irma Block e a Maria Itália Causin o auxílio bibliográfico; a Haroldo Maranhão a separata da ABDE; e a Waldemar Torres a saudação a Gilberto Freyre e "O Divisor das Águas Modernistas".

waldiana, na certeza de que muitos dos textos dispersos ou inéditos interessassem ao leitor comum e ao estudioso do Modernismo ou revelassem mais uma faceta de seu lado intelectual. Muita coisa não foi considerada propositalmente, sobretudo alguns estudos de cunho político-partidário, concebidos durante a fase de militância, por serem enfadonhos e completamente desinteressantes. Hoje sobrevivem exclusivamente como curiosidade e do meu modo de ver, mesmo em se tratando de um volume da obra completa, não valeria a pena publicar qualquer coisa somente pelo seu ineditismo.

Dispus cronologicamente o material, considerando o assunto em quatro grandes eixos: artes, literatura, filosofia e projetos. No âmbito das artes, recuperei o cidadíssimo e muito pouco lido “Em Prol de uma Pintura Nacional”, de 1915, em que Oswald questionou a obsessão dos nossos artistas pela paisagem estrangeira. “Elogio da Pintura Infeliz” é um passeio através de séculos de pintura, pinçando as respostas dos pintores às mudanças do mundo e enfatizando as diferentes propostas, na maioria das vezes interpretadas como marcos precursores e até transformadores do cenário plástico ocidental. E numa postura adequada ao momento político propôs o alinhamento das artes plásticas no projeto de renovação do mundo, em pauta na ocasião. Na mesma linha, “O Burguês Infeliz Criador de Pintura” comentou o isolamento social do artista para manter sua independência, na medida em que considerou a história da pintura do Ocidente intimamente ligada ao desenvolvimento da pequena burguesia.

No eixo literário visualizam-se algumas áreas de preferência: poesia, Modernismo e a produção do escritor. Sobre poesia, especificamente, abordou o assunto na saudação a Pablo Neruda, em visita ao Brasil. Era 1945, Oswald permanecia ligado ao Partido Comunista, mas andava desapontado com a politicagem. Lembrou a natureza da poesia ao longo dos tempos — “instrumento de revolta, de oposição e de queixa”. Segundo ele, idéia semelhante à definição tradicional de comunismo. O discurso foi curto, cheio de afirmações equivocadas, ingenuamente utópicas, marcadas pela emoção. Ainda acreditava que o poeta, aliado ao trabalhador, deveria ser o guia da humanidade. Nessa época sustentava posições dogmáticas — “A cultura só tem um destino: unificar-se como expressão do homem que trabalha” — mais tarde revistas, assim que procedeu a seu desligamento da militância partidária.

“Novas Dimensões da Poesia” possivelmente foi uma palestra proferida dentro de um ciclo de programações do Clube de Poesia. Oswald rastreou a evolução da lírica e as mudanças pelas quais passou; insistiu na defesa da poesia moderna, depois de uma rápida retrospectiva histórica através de pronunciamentos de grandes poetas críticos: Eliot, Mallarmé, Baudelaire etc. E deu um aviso aos novos poetas: “O retorno à forma não extingue os fogaréus do acaso histórico que vivemos”. Não via motivos para se descartar as conquistas da poesia do Modernismo, que a chamada geração de 45 insistia em desmerecer. Foi uma posição isolada, considerada conservadora e ultrapassada por Péricles Eugênio da Silva Ramos, Geraldo Vidigal, Domingos Carvalho da Silva, dentre outros, que propunham a recuperação da seriedade temática e do esmero formal no artesanato poético.

No agradecimento pela homenagem recebida ao completar 60 anos, reconstruiu as peculiaridades estéticas dos poetas de 22: “Nosso problema central foi a tensão entre o coloquial e a voragem. Entre o prosaico e o lírico, o polido e o arlequinal. Éramos a tradução da cidade. E por isso, como ela, fazíamos a escalada e o recorde, limpando as janelas da vida”. Na realidade, Oswald também sutilmente mandava um recado aos companheiros de Modernismo que não embarcaram na sua fúria renovadora, no tempo do “Pau-Brasil”. Sérgio Milliet, na saudação ao homenageado, fez o *mea culpa* em nome dos colegas por não ter dado o real valor ao trabalho de Oswald: “Confessemos que era difícil ao letrado brasileiro, que se abeberava na sublitteratura do neo-parnasianismo, entender essa poesia, toda de extremo requinte, de muito pudor e emoção, tudo escondido sob a caricatura da piada, porque não era propriamente a piada que você usava, mas a caricatura dela”.

Alguns textos importantes, anteriores à Semana, ajudam a mapear a evolução do pensamento crítico oswaldiano. O artigo sobre Anita Malfatti, o discurso do Trianon e “O Meu Poeta Futurista”, que já entrou para a história pelo fato de ter lançado Mário de Andrade poeta, publicados por Mário da Silva Brito na sua sempre atual *História do Modernismo* merecem ser incluídos numa obra completa. Entre nós, as reflexões mais interessantes sobre o movimento da vanguarda italiana aparecem tardiamente em 1921 e 1922, embora a grande imprensa, já em 1909, comentasse o teor radical de suas propostas e em 1911 tenha surgido na Bahia uma edição com a tradução dos manifestos futuristas.

O artigo “O Futurismo Tem Tendências Clássicas” mostrou em que medida essa renovação européia servia de modelo aos jovens escritores paulistas.

O restante dos artigos faz a história e ressalta a importância do movimento de renovação estética do qual foi líder. “O Modernismo” e “Notas para o Meu Diário Confessional” contam o surgimento e a consolidação das idéias de 22. Ao mesmo tempo, sem parcialismos, definem o papel desempenhado por cada uma das figuras modernistas mais representativas, como foi o caso de Graça Aranha, e nomeiam os financiadores da festa: “Num paradoxo muito peculiar a São Paulo, quem prestigiou a Semana revolucionária foi um grupo conservador. Dele faziam parte Samuel Ribeiro e René Thiollier... Como se vê, todos os movimentos se processam da mesma maneira, confusos, heteróclitos, desiguais. O que importa é o impulso e a meta”. Curiosamente Oswald constatou a existência de uma unidade política no movimento mesmo após o surgimento da devastadora Antropofagia: “Só com o vendaval político-econômico de 30 se definiram posições ideológicas”. Esqueceu a grande dissidência havida na segunda fase da *Revista de Antropofagia*, justamente por divergências na condução política do movimento. “Carta para Afrânio Zuccolotto” e “Informe sobre o Modernismo” traçam os princípios que nortearam a nossa vanguarda. Oswald, familiarizado com a irreverência peculiar dos novos, sente-se à vontade para adverti-los, uma vez que não admitia, sob qualquer pretexto, o desconhecimento da contribuição oferecida pela tradição (onde agora os modernistas estavam incluídos): “Nós fizemos paralelamente às gerações mais avançadas da Europa todas as tarefas intelectuais que nos competiam”. Reviu o clima cultural do pré-Modernismo e recuperou a participação de seu velho amigo e editor Monteiro Lobato na afirmação da nossa modernidade, contribuindo com *Jeca Tatu* para a inserção de tema e expressão novos. Lamentava apenas que Lobato não tivesse adquirido a técnica e a crítica.

Uma conferência muito pouco conhecida representa as primeiras preocupações com o nacional, que, a partir de 24, iria alicerçar o projeto modernista. “O Esforço Intelectual do Brasil Contemporâneo”, panoramicamente montada com a intenção de divulgar para estrangeiros o processo de modernização pelo qual o Brasil vinha gradativamente passando, foi lida na Sorbonne, em maio de 1923. Esse texto, ao lado dos manifestos “Pau-Brasil”

e “Antropófago”, bem como do antológico artigo “Em Prol de uma Pintura Nacional”, participou da construção do ideal estético nacionalista de toda uma geração.

Elegeu algumas figuras representativas da literatura brasileira — Paulo Prado, Inglês de Sousa, Gregório de Matos, Emílio de Menezes, Menotti del Picchia, Tristão de Athayde etc. O texto sobre Paulo Prado, semelhante ao que foi publicado no *Jornal do Comércio* por ocasião do lançamento do *Retrato do Brasil* em 1928, elogiou o estilo do ensaísta — o único que gostaria de imitar — e atacou violentamente a tese principal do livro: “a repetição de todas as monstruosidades de julgamento do mundo ocidental sobre a América descoberta”. Alceu Amoroso Lima foi o crítico mais sério e impiedoso de Oswald no período da Antropofagia. As resenhas favoráveis ao autor de *Miramar* se limitaram a *Os Condenados* (1922), obra muito apreciada pelo líder católico. Em 1925, Oswald manteve uma polêmica com Tristão justificando não apenas a poesia “Pau-Brasil”, mas todo um arsenal de idéias radicais de renovação inspiradas evidentemente na vanguarda artística européia, retrabalhadas com muita inventividade. A polêmica continuou em 1928 na *Revista de Antropofagia* com “Esquema ao Tristão”. “Imprecação a Tristão de Athayde” respondeu especificamente às possíveis influências européias detectadas pelo jornalista na Antropofagia de 1929. Na realidade o que preocupava o futuro líder católico era a ameaça de a ilogicidade surrealista invadir os palcos tupiniquins, via primitivismo oswaldiano.

Oswald debruçou-se especificamente sobre as peculiaridades do seu estilo e da construção da sua obra. O prefácio “Serafim”, escrito em 1926, é muito mais apropriado ao espírito da narrativa do que aquele conhecido pelo público em 1933, quando foi obrigado a renegar o passado literário por imposição de compromissos partidários. Oswald explicou os postulados que surgiram para planejar o livro: “Endossamos o mau gosto e recuperamos para a época o que os retardatários não tinham compreendido e difamavam”. “Bilhetinho a Paulo Emílio” deveria servir como prefácio às reedições da peça *O Homem e o Cavalo*. Revideu apaixonada e bem-humoradamente o livro recém-publicado em vista das restrições à linguagem debochada feitas por Paulo Emílio. Em “Análise de Dois Tipos de Ficção”, a partir dos personagens do romance cíclico *Marco Zero* — Xavier e Veva —, Oswald estudou a obra à luz das conquistas da psicologia contem-

porânea, numa conferência dirigida a uma platéia específica de participantes de um congresso de psiquiatria.

No terreno político-filosófico, os textos cobrem um período que vai de 1930 a 1954. E a abrangência dos problemas tratados é sintoma da inquietação do escritor diante das mais variadas questões do seu país e dos percalços da vida moderna de um modo geral.

Até 1930, o Partido Republicano Paulista reinava como senhor absoluto da política nacional. Oswald esteve naturalmente envolvido, ainda que não participasse ativamente da militância. Era ligado a muitos de seus líderes: Washington Luís, Carlos de Campos, Júlio Prestes, Menotti del Picchia etc. Defendeu veemente a atuação desse partido que desenvolveu em São Paulo “obra de liberdade, de progresso, de desenvolvimento maravilhoso, de ordem”.

Intrometeu-se em seara alheia quando se fez crítico severo do modelo econômico — “País de Sobremesa”: “Não achamos ainda a estrutura nacional”. Arriscou a condenar os rumos do marxismo em confronto com as idéias libertárias de Proudhon, de quem tomou partido em “Velhos e Novos Livros”: “É no renascimento das idéias de Proudhon que procuram solução os muitos que se desiludiram da dogmática marxista”. Transformou-se em antropólogo ao elaborar o perfil dos imigrantes bem-sucedidos na América (Vespúcio e Matarazzo), “os usurpadores”, e para explicar a ameaça da destruição da cultura em países como o nosso em processo de civilização. O escritor revelou-se entusiasmado com o desbravamento do Estado, nas impressões da viagem ao noroeste de São Paulo. Acreditava que o Modernismo tenha sido o responsável pela contribuição do interior, aflorada na literatura a partir das transformações de 30. As ponderações do escritor sobre a importância do desenvolvimento do campo e seu papel na estabilidade social dos povos estão em voga e se revelam cada vez mais necessárias: “Por mais sombrio que seja o momento público que atravessamos — é no trabalho ligado à terra e criando uma consciência que iremos encontrar as reservas do futuro”.

Oswald esteve sempre preocupado com o desenvolvimento do fascismo no Brasil, ainda quando o integralismo ensaiava seus passos nos primeiros anos da década de 30. “A Lição da Inconfidência” reforçou esse antigo temor, mesmo com o final do conflito mundial em 1945.

Retomou a Antropofagia de 29, introduzindo na fermentação de seu pensamento filósofos dos mais diversos matizes: Hei-

degger, Kierkegaard, Marx, Nietzsche, Freud etc. “O Antropófago”, o texto mais longo desta antologia, é um manuscrito inédito, apresentando várias datas de realização: de 1952 a 1953. Com o subtítulo “O Antropófago — sua Marcha para a Técnica, Revolução e o Progresso”, está estruturado em vários capítulos que deveriam obedecer ao esquema traçado na folha 3 do caderno onde foi escrito: 1. Introdução e Hipótese das Latitudes; 2. A Gália de César e a Germânia de Tácito frente a Roma (Pagã e a Roma Convertida); 3. Cogitações sobre a Miscigenação Medieval; 4. Mundus Novus; 5. Construção Dialética do Mundo Moderno; 6. Ótica da Humanidade Presente; 7. Acertos e Rumos. Sustenta a idéia de que o homem tende a esquematizar a sua própria natureza e a criar necessariamente um conflito entre o que ele é (natureza) e o que deseja ser (esquema idealista da própria natureza). Amplia as conclusões sobre a diferença de desenvolvimento técnico e histórico do homem nas diversas regiões do mundo. Na discussão da “teoria das latitudes”, esboçada também no depoimento a Edgard Cavalheiro — “Meu Testamento”, divide a Terra em três zonas: a faixa A, do Trópico de Câncer para o norte até 60°; a zona B, confinando-se entre os dois trópicos; a faixa E, do Trópico de Capricórnio para o sul também 60°. Toma por base clima, uniformidade da produção, fatores que provocam as diferenças iniciais entre as várias zonas. Por exemplo, a faixa A — Europa, Egito, parte do Canadá, Judéia, Estados Unidos e na Ásia a Mongólia e o Japão — concentra todo o progresso e o avanço tecnológico, e a B, por reflexo, realiza em segunda escala o processo de desenvolvimento. A terceira faixa, também chamada de zona equatorial, objeto de atenção demorada do escritor, é caracterizada pela existência de um ócio milenar determinado pelo clima, pela terra e pela vegetação excessiva. Nesta zona o escritor constata o florescimento do regime matriarcal, cujo ideal consiste justamente no ócio.

Traça o itinerário do homem na direção do conhecimento. Retorna à análise sobre o comportamento da classe sacerdotal aproveitando-se, manipulando e deformando o “sentimento órfico” da sociedade e resistindo a todas as revoluções clericais. Isto porque a dimensão religiosa do homem sempre o levou a procurar novos cultos, assim foi no fim da era antiga (com a exaltação dos totemismos e dos numes); com o cristianismo, a promessa da parúsia atraiu milhares de fiéis e apaixonou as vítimas do poderio romano como mostrou em “A Marcha das Utopias”. Res-

ponsabiliza este sentimento órfico do homem pela transferência de cultos: a atitude das massas em torno de certas figuras teocráticas, Hitler, Mussolini etc.

A partir do século XVIII marca o surgimento de uma nova era no Ocidente, livre dos preconceitos tradicionais da Igreja. Exatamente como Voltaire, que considerava a religião uma loucura ou uma “malandragem”, Oswald acha que o sentimento órfico corresponde à dimensão louca do homem apontada pelo filósofo francês. Com o marxismo o homem atinge a maioridade, libertado do conceito de Deus, cuja morte Nietzsche anunciou. E no plano econômico destaca a importância da filosofia marxista ao desmascarar a “economia do haver”, expressão que considera mais apropriada para exprimir o sentido de transição do comércio e da divisão arbitrária da sociedade em classes possuidoras e classes exploradas. Faz restrição ao projeto de Marx e Nietzsche por não ter valorizado o potencial primitivo, recalcado sob o domínio das elites burguesas, responsável pelo levante de massas que marca o início do século XX. Insiste na existência de uma fase de matriarcado vivida pela humanidade e estuda as características econômicas, o direito e a moral dos povos matriarcais: a economia do ser, o direito da guerra e a moral da liberdade.

Em “Construção Dialética do Mundo Contemporâneo” reclama dos críticos um trabalho que coloque o cristianismo nas suas coordenadas históricas, geográficas e racistas. E alerta que a construção do mundo moderno depende do abandono de uma religião condicionada pela geografia ptolomaica, pela mística da escravatura e pelo confinamento.

O outro item, “Ótica Panorâmica da Humanidade Presente”, o sexto do primeiro roteiro, tem os seus principais tópicos ressaltados: “formação do mundo patriarcal; a economia patriarcal; o direito patriarcal; a psicologia patriarcal; a moral patriarcal; a descoberta de um novo mundo; a reação e revolução em termos dialéticos; a marcha técnica (de Aristóteles a Friedman); a indústria como invenção do diabo”. No final do caderno depara-se com outro esquema de trabalho, trazendo novo título — “Tratado de Antropofagia”: “histórico do problema; uma sociologia da miscigenação; o problema; as deformações vigentes do patriarcado — a religião (o grande órfico do Ocidente), a economia, a moral, a estética, a política, a lei e o direito; construção dialética do novo mundo matriarcal; o antropófago —, sua marcha para o pro-

gresso, a técnica e a revolução; conclusão e manifesto”. Na última página um desabafo do poeta: “O homem não tem nada de herói cornelianiano, continua a trair, a mentir, a roubar, a ter medo, a amar e a matar. Como no primeiro dia da criação”.

O ensaio “O Antropófago”, ao que parece, restou inacabado. Grande parte do texto foi ditada pelo escritor a sua mulher Maria Antonieta (Oswald estava convalescente), provavelmente não sofreu o retoque final. Faz parte do ambicioso projeto da fase de pós-militância, com o objetivo de fornecer as diretrizes históricas e filosóficas da Antropofagia e de revelar as fontes de inspiração da sua teoria. Entre o principal documento dos primeiros tempos — o “Manifesto Antropófago” — e os documentos pesquisados medeiam quase 25 anos. Da leitura de ambos constata-se a permanência das idéias que impulsionaram o movimento de 1928.

“Do Órfico e outras Cogitações” encerrou melancolicamente este item, oferecendo agora as divagações de um escritor solitário e doente, ocupado somente com as reminiscências do passado à procura de consolo nas emoções, sustos e paixões dos dias infantis — “a idade de ouro de cada um”.

Uma das características mais fortes da personalidade de Oswald foi a incessante disposição para planejar, colocar idéias no papel e sonhar com uma eventual realização. Esses planos e projetos iam desde a necessidade de sistematização do uso da propaganda governamental até a proposta de criação de um museu de artes plásticas em São Paulo na década de 30. Oswald não tinha preconceitos em relação a qualquer corrente política que estivesse no governo. O que contava era a disposição do governante em apoiar na prática os seus planos. Neste sentido apelou para os amigos, para os interventores, para os políticos eleitos etc., quase sempre sem obter êxito.

No estabelecimento dos textos levamos em conta as idiosincrasias estilísticas do escritor e consideramos também as condições em que alguns textos foram escritos ou originalmente divulgados. Corrigimos apenas o indispensável: a grafia dos nomes próprios, a pontuação e a concordância (quando absolutamente incorretas); atualizamos a ortografia e o emprego das maiúsculas. Conservamos ainda os sinais de dúvida deixados pelo escritor no texto: o ponto de interrogação entre parênteses ou a abreviatura de conferir (cf.) depois de alguma data de que ele não estivesse bem certo no momento.

MENSAGEIRO
DO IRRELEVADO

O FUTURISMO TEM TENDÊNCIAS CLÁSSICAS

Uma confusão que prejudica imenso a orientação dos bem-intencionados é essa que geralmente se faz entre classicismo e academismo.

E se se disser a sério que o futurismo (não confundir com o marinetismo que nele se inclui) tem tendências clássicas, isso fará de certo um dia de gozo risonho para os que só enxergam “blague” e bom humor no movimento de renovação estética que vimos tentando.

Pois nada mais exato — o futurismo tem tendências clássicas. E também é o maior inimigo das academias.

É preciso porém que se concorde numa coisa: clássico é o que atinge a perfeição de um momento humano e o universaliza (Fídias, o Dante, Nicolas Poussin, Machado de Assis). Academismo, não. É cópia, imitação, é falta de personalidade e de força própria.

Entanto, vivemos uma vida intensamente acadêmica em todas as artes. Na escultura, quem? Bernardelli, o pior marmorista do mundo. Na pintura? Oscar Pereira da Silva,¹ o homem das litografias. Na música? Carlos Gomes que nem imitar soube os grandes mestres sérios, preferindo filiar-se à decadência melódica acadêmica, secção cançoneta heróica. Na literatura, a não ser Graça Aranha, que vem mantendo uma grande linha de pensamento, em evolução admirável — *Canaã*, *Malazarte*, *a Estética da Vida*² —, vemos Afrânio Peixoto e mais alguns raros escritores sérios. Mas o que regula ainda, obstruindo todas as iniciati-

1 Oscar Pereira da Silva (1867-1939), professor e pintor do Liceu de Artes e Ofícios e da Escola de Belas Artes de São Paulo, decorador do Teatro Municipal e Museu do Ipiranga.
2 *Canaã*, Rio de Janeiro, Garnier, 1902; *Malazarte*, Rio de Janeiro, Briguet, 1911; *Estética da Vida*, Rio de Janeiro, Garnier, 1921.

vas, matando todos os entusiasmos, é o fazedor de livros, monolítico e piegas, estafante e melado. A Academia, essa decide coarçar quem? — Rosalina Coelho Lisboa,³ uma parnasiana de carro-estandarte, no carro dos versos medidos.

É pois o academismo, a imitação servil, a cópia sem coragem, sem talento que forma os nossos destinos, faz as nossas reputações, cria as nossas glórias de praça pública.

E contra isso levantou-se o chamado futurismo paulista, a que o prestígio de Graça Aranha acaba de dar mão forte. Que pretendemos nós? Já que Monteiro Lobato não quis continuar a sua atitude inicial, que foi um estouro nos arraiais bambos da estética paulista, façamos nós a revolução heróica e forcemos o andar lerdo dos intelectuais brasileiros que ainda acreditam na atualidade de Zola e Leconte.

Para isso temos a nossa frente a figura extraordinariamente nova de Graça Aranha e esse intelectual Paulo Prado que vem honrando a ilustre família a que pertence com a continuada tradição do grande Eduardo.

São eles, não só inteligências esplêndidas, como homens feitos no contato das poderosas civilizações e das sérias culturas, que vêm dizer ao país que nós, os comovidos iniciadores da batalha dos renovamentos, não perdemos nosso tempo.

São Paulo tem de fato uma geração de extraordinários artistas: chamam-se eles Victor Brecheret, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Ferrignac, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Cândido Mota Filho, Luís Aranha. Segue-os um pugilo inquieto de espíritos esplêndidos.

No Rio, Villa-Lobos, Ronald de Carvalho, Zina Aita, Álvaro Moreyra⁴ iniciaram a reação gloriosa e benéfica.

Que nesta Semana de Arte Moderna, que abrirá o Municipal para a demonstração do que somos e do que queremos, se estabeleça o necessário contato entre a nossa sociedade e os artistas que a honram.

3 Rosalina Coelho Lisboa Melo (1900-1975) recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras pelo livro de versos *O Rito Pagão*.

4 Zina Aita (1900-1986), pintora e ceramista mineira, participou da Semana de Arte Moderna de 22; Álvaro Moreyra (1888-1964), poeta, dramaturgo, muito amigo de Oswald de Andrade, a quem dedicou *O Circo*. Dirigiu as revistas *Ilustração Brasileira* e *Para Todos*.

E sobretudo que se saiba que somos reacionários, porque nos domina e exalta uma grande aspiração de classicismo construtor.

Queremos mal ao academismo porque ele é o sufocador de todas as aspirações joviais e de todas as iniciativas possantes. Para vencê-lo destruimos. Daí o nosso galhardo salto de sarcasmo, de violência e de força. Somos *boxeurs* na arena. Não podemos refletir ainda atitudes de serenidade. Essa virá quando vier a vitória e o futurismo de hoje alcançar seu ideal clássico.

Artigo publicado no *Jornal do Comércio*,
São Paulo, 11 de novembro de 1922.

O MEU POETA FUTURISTA

É longo como um círio e evoca para as minhas meditações um cálice do Graal suspenso aos lábios ávidos da *girl* babilônica que é esta cidade de mil portas.

Chama-se... Não posso lhes contar o nome simples. Proibiu-o o casto, o bom, o tímido. Contar-lhe-ei a figura e a arte.

Para começar — se resumíssemos o início flutuante da nossa poesia paulista deixando apenas, para futuras seletas de primitivos, alguns dos nossos consagrados, aqueles versos de Guilherme:¹

“Flor de asfalto, encantada flor de seda, sugestão de um crepúsculo de outono”...²

E daí viéssemos pela obra imortal do autor de “Sóror Dolorosa”, prendendo o outro início da nossa estesia atual e futura à racionalidade impressionante de “Juca Mulato” — o poema do Brasil paulista — e à épica realidade de “Moisés”, repousando assim nas duas personalidades de Menotti e Guilherme o nosso orgulho de criadores de uma poesia bem nossa, bem filha da São Paulo crepitante do Centenário...

Se, enfim, nos convencêssemos de que a grossa obra do bonzinho lançada a dobres das outras pela formidável máquina de Monteiro Lobato, o romance de inegável êxito em 1908, *Vida Ociosa*, de Godofredo Rangel, é um passo atrás do nosso impávido caminho...

Se admitíssemos que um conto improvisado desse diabólico Deabreu vale quase Afonso Arinos...

Se...

Não afirmo sem eco, estou certo. Enganam-se sinistramente os que acreditam que São Paulo estaciona nas suas pequenas mãos moles de detentores de santinhos em corridas de literatura cole-

1 Guilherme de Almeida.

2 *Livros de Horas de Sóror Dolorosa*, São Paulo, *Revista do Brasil*, 1920.

gial. São Paulo? É ver-lhe o espetáculo de febre nas horas de marcha, quando os *ateliers*, as oficinas, as lojas mandam ao cair insensível das noites acesas, a população heterogênea e violenta para o refúgio dos grandes bairros comovidos.

E com a mudança diária e formidável da própria graça fisiológica, a metrópole incontida, absorvente, diluviana de gente nova, de gente ávida, de gente viva pensa outras idéias, escuta outros carrilhões, procura novos ritmos, perscruta e requer horizontes e futuros. Não para o chamado aflito dos velhos sineiros celebrantes de cultos vencidos. A juventude extravasante nas escolas, nas calçadas, nos jardins citadinos aí está reclamando pelos cem poros ativos da sua sensibilidade apurada nas viagens atávicas uma arte à altura da sua efusiva aspiração vital e de compasso com o senso profundo da sua responsabilidade americana.

A arte existe.

Conhecem, além dos mestres calmos que são Guilherme e Menotti, o meu poeta futurista? Conhecem Cleómenes Campos, Agenor Barbosa...³ estaco para não citar uma nuvem de inéditos divinos com quem privo para regalos das minhas solidões.

Certo é que São Paulo ferve de arte boa e nova e que o alarma soando nas barracas da decadente feira vaidosa e provinciana que funcionou até há pouco o seu jaburu jornalístico de consagrações se transmutará com rapidez numa fácil reposição de valores invencíveis. Discutir-se-á, no entanto, o meu poeta futurista...

Vejo-o no pavor e na coragem, ambos extremados, dos conduzidos às forças sensoriais. Pobre delicioso... Ia lançar-lhe o nome simples.

Esse lívido e longo Parsifal bem-educado é conhecido pelo seu saber crítico. Publica-se no armário bem fornido da *Revista do Brasil*, escreve no *Jornal de Debates*, faz parte relevante de *Papel e Tinta*, leciona com rara honestidade de erudição no nosso Conservatório. Mas o que adoro nele, na sua aristocrática alma íntima, é o artista invejável, o artista imenso da nossa cidade.

Ele é o autor de um supremo livro neste momento literário. Chamou-o *Paulicêia Desvairada* — cinqüenta páginas talvez da mais rica, da mais inédita, da mais bela poesia citadina. Querem ouvir?

3 Cleómenes Campos (1895-1968), jornalista, membro da Academia Paulista de Letras; Agenor Barbosa, escritor mineiro, muito ligado aos modernistas paulistas.

TU

Morrente Chama esgalga,
mais morta ainda no espírito!...
Espírito de fidalga
que vive de um bocejo entre dois galanteios
e de longe em longe uma chávena de Treva bem forte!

Mulher mais longa
que os pasmos alucinados
das torres de São Bento!
Mulher feita de asfalto e de lamas de várzea,
toda insulto nos olhos,
toda convites nessa boca louca de rubores!...
Costureirinha de São Paulo,
italo-franco-luso-brasílica-saxônica,
amo os teus ardores crepusculares,
crepusculares e por isso mais ardentes,
bandeirantemente!...

Lady Macbeth feita de névoa fina,
pura neblina da manhã!
Mulher que és minha madrastra e minha irmã!

Trituração ascensional dos meus sentidos!
Risco no aeroplano entre Moji e Paris!
Pura neblina da manhã!...

Gosto dos teus desejos de crimes turcos
e das tuas ambições, retorcidas como roubos!
Amo-te de pesadelos taciturnos,
materialização da Canaã do meu Poe!...
Never More...

...Emílio de Menezes insultou a memória do meu Poe...
— Oh! incendiária dos meus aléns sonoros,
tu és o meu Gato Preto!
Tu te esmagaste nas paredes do meu Sonho,
este Sonho medonho!...

E serás sempre, morrente Chama esgalga,
meio fidalga, meio barregã,
as alucinações crucificantes
de todas as auroras do meu jardim!...

Acharam estranho o ritmo, nova a forma, arrojada a frase? Graças a Deus! Podemos dizer que não só a França tem os seus Paul Fort, os seus Claudel, os seus Vildrac, e a Itália rejuvenescida o seu miraculoso Govoni.⁴ Nós também temos os nossos gloriosos fixantes da expressão renovadora de caminhos e de êxtases.

Bendito esse futurismo paulista, que surge companheiro de jornada dos que aqui gastam os nervos e o coração na luta brutal, na luta americana, bandeirantemente!

Artigo publicado no *Jornal do Comércio*,
São Paulo, 27 de maio de 1921.

⁴ Govoni (1884-1965), poeta futurista italiano.

FORMALISTAS NEGADOS E NEGADORES*

Uma voz quase pessoal a minha, que vem dizer o mesmo louvor coletivo da festa que te fazem, apenas numa tecla de sonoridade diferente, por querer completar a homenagem aqui afirmada de políticos e poetas, de amigos certos e admiradores permanentes, com a adesão diversa de um grupo de orgulhosos cultores da extremada arte de nosso tempo. É um restrito bando de formalistas negados e negadores que se juntam e se desfazem e permanecem no espírito de mútua eleição que se criaram para gozo próprio e virtude, quem sabe, da cidade tumultuária que os abriga.

Fazendo valer a sua vitória íntima sobre o adverso triunfo dos demais, os teus amigos estranhos trazem-te hoje, com o incenso efusivo de uns e o ouro ridente de outros, a mirra pronunciadora de martírios fecundos, a portadora inexorável das dádivas tristes.

Porque não podíamos deixar como não deixaram Benjamim, em terra estranha, os irmãos comovidos da Bíblia. Tu és nosso, em meio das aclamações que não temos, tu és nosso, junto às bandeiras que ignoramos, tu és nosso sobre os troféus que não erguemos.

E quando excessiva pareceria a presença da gente de tua íntima clã, pois que ela em ti arvorou o seu mais vistoso padrão, ei-la entanto, que se reúne, e junta e alvoroça e congrega para que com os galardões te seja entregue também a máscara insígnia das responsabilidades que te esperam.

Sim, é para te lembrar a força que trazes em teu bojo pre-nhe de obras-primas e te sagrar para combates vivos que vimos assegurar-te guarda de honra no tumulto desta consagração de alta popularidade.

* Título atribuído pela organizadora.

Venha talvez chocar, senhores, esse tinir de armas heroicamente arengadas em pacífica consagração literária, mas nós, que arrogantemente subimos os espantosos caminhos da arte atual, por força havemos de trazer, como soldados em campanha, um pouco de nosso farnel de assaltos. Somos um perdido tropel na urbe acampada em território irregular e hostil, e como ela temos a surpresa dos acessos e a abismada contorção das alturas.

Falo em nome de meia dúzia de artistas moços de São Paulo e daí o meu cálido orgulho incontido.

São Paulo, neste instante em que o eixo da vida de pensamento e de ação parece deslocar-se num milagre lento e seguro para os países descobertos pela súplica das velas européias, partidas como num pressentimento de fim para a busca de Canaãs futuras, São Paulo é a continuada promessa dos primeiros escolhos verdes que bateram, numa festa, as antigas proas cansadas.

Estamos no Trianon,¹ devassando a cidade panorâmica no recorte desassombrado de suas ruas de fábricas e dos seus conjuntos de palácios americanos. É a cidade que, nas suas gargantas confusas, nos seus desdobramentos infindáveis de bairros nascentes, na ambição improvisada de suas feiras e na vitória de seus mercados, ulula uma desconhecida harmonia de violências humanas, de ascensões em desastre, de lutas, ódios e amores, a propor às receptividades de esol o riquíssimo material de suas sugestões e a persuasão imperativa das suas cores e linhas.

São Paulo é já a cidade que pede romancistas e poetas, que impõe pasmosos problemas humanos e agita, no seu tumulto discreto, egoísta e inteligente, as profundas revoluções criadoras de imortalidades.

Toma, pois, um sentido de investidura a nossa participação na tua festa, ó irmão cumulado de abençoadas faturas.

Vemos em ti o milagre da salamandra, que a glória não queima.

A tua resistência de predestinado já a cantaste na avançada tenaz da gente de Moisés pela sáfara paisagem dos ambientes de contraste.

E para que continues a marcha sobranceira no deserto de Rifidim e prossigas a cada apelo angustiado da sede que te agita, numa construção ciclópica de miragem, e avances na maravilha-

¹ Pavilhão construído em 1916, imitando os Trianons de Versailles, local de reuniões com restaurantes.

da descoberta de teu próprio eu, que porás nas areias, refletindo em desperdícios de riquezas vagas e imensas, vimos assegurar-te nessa dolorosa viagem da crença a calma companhia vigilante e profunda de teus irmãos.

Examina a máscara que te trazemos em bronze. Ela é a sintética marcação das tuas forças mentais. Produziu-a de ti a mão poderosa e elucidadora de Victor Brecheret, que, com Di Cavalcanti, Anita Malfatti e esse maravilhoso John Graz,² ultimamente relevado, afirmou que nossa terra contém no seu ignorado cadinho uma das mais fortes, expressivas e orgulhosas gerações de supremos criadores.

E se São Paulo pode neste dia fazer a tua festa e te oferecer nessa festa esta obra-prima, é porque São Paulo atingiu a primeira quietação de uma etapa vencida. Daqui, para diante!

Celebrando a festa do oásis, os teus amigos da clã não fogem à efusão das palmas agitadas pelos outros.

E, no conjunto de aclamações que te cerca, eles põem a nota da sua invencida sinceridade.

Amanhã, no prosseguimento das areias mudas e adversas, eles irão contigo:

“Para ter que aspirar e perseguir o incerto
Sonho eterno e ideal da Terra Prometida”³

Discurso pronunciado
em homenagem a Menotti del Picchia
e publicado no *Correio Paulistano*,
São Paulo, 10 de janeiro de 1921.

² John Graz (1895-1980), pintor e decorador suíço, participou da Semana de Arte Moderna e foi um dos pioneiros do design no Brasil.

³ Trecho do poema *Moisés*, Canto IV.

O ESFORÇO INTELECTUAL DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A península Ibérica, que criou o *Dom Quixote*, criou também *Os Lusíadas*. No idealismo latino, qual desses dois poemas é o maior? Quixote teve que lutar contra a organização policiada das cidades, a barreira dos caminhos, as reações dos *pueblos*. Ele embarcou na caravela de Gama e lá se foi com Cabral em busca da Dulcinéia de Toboso,¹ na América do Sul. Acompanhou uma força latina de coesão, de construção e de cultura. Era o jesuíta.

Desaparecido o império romano, a igreja católica herdou-lhe o espírito de organização e de conquista. O último legionário, ao contrário do que informa a história, não parou nos limites latinos da Rumânia. No século XVI, foi lançar no Uruguai as bases das suas “Missões” e fundou, no Brasil, a cidade de Piratininga, que devia engendrar a força e a riqueza de São Paulo de hoje.

Houve, pois, na formação inicial do Brasil, três elementos diversos: o índio, o português e o padre latino. O negro veio da África, pouco tempo depois.

Reconhecendo a eficácia da fé no bom êxito das suas empresas, o português, que, sozinho, logrou resistir ao missionário, deu-lhe, nas primeiras assembléias do continente descoberto, uma ascendência preponderante. O índio politeísta não tardou a agregar um novo deus à sua mitologia, e o negro, habituado a ver em tudo manifestações sobrenaturais, deixou-se batizar com uma alegria de criança. Passai pela memória os nomes das montanhas, dos rios, das cidades do Brasil e vereis que o calendário romano é pobre em santos para fornecer patronos aos páramos sem limites.

¹ Mito literário da mulher ideal, personagem do romance *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes (1547-1616).

Este fenômeno do domínio intelectual do padre latino na formação da sociedade sul-americana contribuiu, mais do que se pensa, para afastar dela os perigos das heterodoxias futuras. A escolástica constituiu, pois, muito naturalmente, a semente do pensamento brasileiro. Ainda hoje ela continua a sua longa carreira na Faculdade de Filosofia e Letras de São Paulo, nos seminários e nos colégios dos estados confederados, sendo atualmente a base da cultura de Alexandre Corrêa.² Mas, ao lado dela, um movimento nacional achou a sua expressão superior, no começo deste século, na obra do filósofo Farias Brito. Dois livros precedem, como documentos, a obra do mestre Farias Brito. Refiro-me às *Religiões do Rio*, de João do Rio, que trouxe para as letras brasileiras um contingente pitoresco, e ao *Meu Flos Santorum*, de Severiano de Resende,³ que é o romantismo do pensamento católico. A obra de Farias Brito não tem nenhuma relação com estes curiosos ensaios e, se podem ser citados ao lado do esforço metafísico deste filósofo, ocorre isto somente para demonstrar a mentalidade expectativa do Brasil por meio de gráfico, que se pode continuar nestes últimos anos por meio da obra de Jackson de Figueiredo, Renato Almeida, Castro e Silva, Nestor Victorio, Almeida Magalhães, Xavier Marques, Perillo Gomes e Tasso Silveira. Farias Brito foi orientado por uma lata cultura. Ele apareceu no tempo em que as duas mais célebres correntes de importação que nos dirigiram, a dos germanistas de Tobias Barreto e a dos positivistas de Teixeira Mendes, imprimiram uma terceira corrente, que deixo de considerar como movimento, tão flagrante é o seu exotismo. Nas faculdades de São Paulo e de Recife, os lentes pregavam o ceticismo pseudocientífico saído das escolas deterministas de direito da Alemanha e da Itália, enquanto Farias Brito, modesto e ignorado, exprimia, na faculdade do Pará, o impulso anônimo da fé panteísta da nossa raça.

A primeira parte da obra de Farias Brito é uma bela crítica das psicologias niilistas da Inglaterra, da França e da Alemanha. Ele busca, sobre a “base física do espírito”, estabelecer uma psicologia autêntica, para levar mais longe suas indagações e, pouco depois, ao mundo interior.

2 Alexandre Corrêa (1890-1984), autor de *Ensaios Políticos e Filosóficos*.

3 José Severiano de Resende (1871-1931), poeta simbolista, colaborador da revista *Mercurie de France*.

O deísmo ganha aí todas as seduções de uma natureza que não tem necessidade de exegese: Deus é a energia presente em que a idéia e a realidade se confundem. O mundo é sua atividade intelectual. O mundo é Deus que pensa.

Um exemplo da nossa curiosidade intelectual e crítica pode ser dado pelo livro recente do sr. T.L. Penido, publicado em francês, editado por Félix Alcan, e que exprime bem o lugar do pensamento brasileiro perante o intuicionismo de Henri Bergson.

Roquete Pinto, no domínio da etnografia, ilustra a obra da catequese, restaurada na época presente pelo general Rondon, de origem indiana, que aproxima da civilização do Rio, São Paulo e de outras capitais uma vasta região onde se insulavam tribos esquecidas.

Uma das faces da nossa história, a da conquista e da fixação geográfica operadas pelos bandeirantes, que, em busca do ouro, demandavam o interior saídos de São Paulo, ocupa o espírito do sr. Washington Luís, que é um excelente biógrafo. O sr. Affonso Taunay faz também elucidacões e críticas do passado dos exploradores paulistas; e as fronteiras do sul inspiram ao sr. Fernando Nobre um livro muito documentado.⁴

O sociólogo sr. Oliveira Vianna, estudando os costumes, as tradições e os panoramas psíquicos, estabelece a tese do nosso idealismo, oposto às realidades da terra. Com efeito, Dom Quixote, atravessando o mar, não esqueceu as suas leituras. Ele gozava, até ao desvairio, os romances de cavalaria, os sonetos, os belos nomes preciosos e as proezas ideais. Assim, pois, a literatura brasileira acompanha primeiramente uma linha descendente, que parte das imitações do classicismo ibérico para esbarrar no esforço nacional de Machado de Assis. É aí que ela começa a ter uma realidade superior ao mesmo tempo que nacional.

Verdade é que o sentimento brasileiro se anunciava já nos cantos de Basílio da Gama, no instinto indianista do nosso poeta Gonçalves Dias e na língua pitoresca de José de Alencar. Havia mesmo nos romances deste último o esboço de tipos que poderiam servir ainda hoje de base psíquica à nossa literatura. O aventureiro Lauredano, Isabel, Rogério Dias, o explorador de minas ilusórias, são verdadeiras “bandeiras” das nossas preocupações

⁴ Trata-se do livro *As Fronteiras do Sul: a Ilha Martim Garcia e a Jurisdição das Águas do Prata*, São Paulo, 1922.

criadoras. Mas ao lado dessas realidades havia o Guarany idealizado e falso, Iracema, verdadeiramente chateaubrianesca.

O português boquiabriu-se diante da natureza do mundo descoberto e, para exprimir o seu entusiasmo, recorreu aos seus conhecimentos greco-latinos. Alencar não foi um desses bons coloniais que escreveram nossos primeiros poemas, misturando o astucioso Ulisses e a divina Aspásia com os cocos e com as bananas... Mas não logrou libertar-se da influência de importação que vinha ampliar o cenário dos novos páramos. A reação contra a loquacidade sul-americana operou-se no Brasil por intermédio do sangue negro. O negro é um elemento realista. Isto observou-se ultimamente nas indústrias decorativas de Dakar, na estatuária africana, posta em relevo por Picasso, Derain, André Lothe e outros artistas célebres de Paris, na antologia, tão completa, de Blaise Cendrars. De resto, ele, que vinha da África, não podia maravilhar-se diante da nossa paisagem. O português, ao chegar, fazia sonetos, e o negro, por seu turno, a fim de expressar suas alegrias ou suas mágoas, rufava nos urucungos...

Machado de Assis, branco de epiderme e cumulado de louvores pelos brancos, obteve equilíbrio, devido ao seu sangue negro.

Nos seus romances, que são, de resto, nossas melhores obras de ficção, não há um desvio inútil de paisagem, nenhuma gafa lírica. Esse escritor, porém, encerrado nas suas funções burocráticas, no Rio, não pôde apanhar todo o horizonte do país. Uma excelente contribuição, entretanto, trouxe-nos um homem de ciência, Euclides da Cunha, escritor poderoso, engenheiro e geólogo, que, como oficial do exército, fez parte na repressão de uma revolta mística que convulsionou o Estado da Bahia; e ele fixou no seu livro *Os Sertões* o cenário, a alma e a vida daquela população oriunda do aventureiro e da mestiça.

A contribuição de materiais destinados a uma literatura nacional definitiva foi fornecida por Inglês de Sousa, que fez um riquíssimo quadro das sociedades amazônicas, por Afrânio Peixoto e pelos naturalistas Aluísio de Azevedo e Júlia Lopes de Almeida.

Afrânio Peixoto é o médico que penetrou no interior do país. O caráter audaz da moça do sertão, esboçado por outros escritores, foi estudado a fundo pela sua observação tanto clínica como adivinhadora. *Fruta do Mato*, que ele criou, é um dos tipos femininos mais interessantes das nossas letras.

Já se vê aí o que deveria ser, mais tarde, Alba Regina no drama da capital americana, produzido pelo lirismo atual de Me-

notti del Picchia. Por outro lado, Graça Aranha tratava, antes de todos, do problema das novas imigrações da Europa. Em *Canaã* está desenhado e completo o romance da fadiga européia, a contrastar com aquele amplíssimo território, onde há toda a liberdade e onde são possíveis todas as regenerações. Aqui também a mulher se dirige pelo caminho do imigrante.

Uma série inteira de escritores estava a preparar o romance de hoje. Por outro lado, o sentimento anunciado pelos longínquos poetas que tomaram parte na tentativa da independência de Minas afastava-se, pouco a pouco, dos moldes clássicos de Portugal, tão bem defendidos pela cultura lusitana de Gonçalves Dias. Produzia-se então um pouco por toda a parte, nos cantos negros, nos caboclos, para se diluir, na ingenuidade primitiva de ritmos pobres, em Casimiro de Abreu. Este é o primeiro cantor da nossa melancolia de raças exiladas no meio de um paraíso mal conquistado. Os melhores cantos de amor, cheios dessa tristeza, fê-lo o seu sucessor Olavo Bilac.

Estabeleceu-se outra corrente: a das vilas nascentes, que começaram a refletir os movimentos poéticos europeus. É Álvares de Azevedo que reproduz Lord Byron; são Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes, Raimundo Corrêa e Francisca Júlia que adotam os processos da métrica rigorosa do parnasianismo francês. Félix Pacheco traz sua contribuição revolucionária.⁵ E depois de Cruz e Souza e Alfonsus de Guimarães, entra-se no período da musicalidade, representada por Olegário Mariano, na poesia, e por Álvaro Moreyra, na prosa. Outros espíritos procuram também aproximar-se da pura verdade nacional, anunciada pelos cantos anônimos dos sertões, a cantiga nostálgica do vaqueiro, do almoceve, do negro e do caipira.

O regionalismo surge nos quadros rústicos de Ricardo Gonçalves e Cornélio Pires em São Paulo, e, sobretudo, nos poemas espontâneos e líricos de Catulo da Paixão Cearense. Ele canta a lua que magnetiza as panteras, os dilúvios periódicos do Amazonas, que engole florestas e aldeias. Este drama das "terras caídas" e que desaparecem em seguida é o fenômeno que se produz no coração do brasileiro, que vê partir sua amada nos braços de outro.

Nosso amor sul-americano tem um sainete inteiramente diverso do das antigas civilizações, onde os léxicos definitivos pos-

⁵ José Félix Alves Pacheco (1879-1935), escritor simbolista, membro da ABL.

suem todas as espécies de receitas e de regimes para os casos de desdita e onde a tradição reproduz as mesmas soluções seculares. Geralmente os nossos homens vêem em cada mulher que passa uma Sabina a raptar, a despeito de todas as conseqüências, porque o nosso amor é feito da lembrança sexual da mulher branca que os primeiros navegadores deixaram na Europa ao tentar as suas incertas expedições.

Dada nossa matéria psicológica e nosso sentimento étnico, a obra do Brasil contemporâneo consiste em aliar a estas riquezas adquiridas uma expressão e uma forma que podem dirigir nossa arte para o apogeu. Estamos assistindo ao esforço científico da criação de uma língua independente, por sua evolução, da língua portuguesa da Europa. Recebemos como benefício todos os erros de sintaxe do romancista José de Alencar e do poeta Castro Alves, e o *folk-lore* não atingiu somente o domínio filosófico.

Dois filósofos de boa cultura cumprem os desejos esboçados pela graça sertaneja de Cornélio Pires e pelo poder de expressão de Catulo. Enquanto o sr. João Ribeiro tratava de fundar, em trinta e duas notáveis lições, uma língua nacional, o sr. Amadeu Amaral construía a nossa primeira gramática regionalista. A obra dos dois ilustres acadêmicos esqueceu, entretanto, a contribuição do jargão das grandes cidades brasileiras, onde começa a brotar, em São Paulo principalmente, uma surpreendente literatura de novos imigrantes.

Faltava a eclosão das realidades presentes, onde o fundo e a forma, matéria, sentimento e expressão pudessem dar ao Brasil de hoje a medida intelectual da sua mobilização industrial, técnica e agrícola. Os ensaios do escritor Monteiro Lobato, em São Paulo, fizeram compreender afinal que o Brasil se encarregava dessa responsabilidade. O sr. Lobato teve a audácia de sair do domínio puramente documental, em que se acantonavam Veiga Miranda, Albertino Moreira, Godofredo Rangel e Waldomiro Silveira, reagindo também contra o urbanismo que dava a visão histórica do polígrafo Elísio de Carvalho, a obra de Tomás Lopes e João do Rio, e a primeira fase poética de Guilherme de Almeida.

Lobato tinha um longo conhecimento do Brasil, tendo feito seus estudos em São Paulo, tornando-se fazendeiro em seguida. A obra de ficção, desejada por Machado de Assis, realizou-se com a criação do tipo de Jeca Tatu. Era o inseto inútil da terra magnífica que, para gozar um espetáculo e ter uma ocupação, queimava as matas. O senador Rui Barbosa, que foi líder das ho-

nestas aspirações políticas do Brasil, aproveitou-se do símbolo e desvendou-o numa das suas grandes campanhas eleitorais. Jeca Tatu é o Brasil apático, sem idealismo são.

O símbolo vingou-se. A imaginação popular viu nele o Brasil tenaz, cheio de resistências físicas e morais, fatalizado mas não fatalista, tendo adotado, pelas circunstâncias das suas origens e do seu exílio, esta espécie de vocação para a infelicidade, observada inconscientemente pelos etnólogos e pelos romancistas. Lobato conveio que Jeca Tatu queimava as matas nativas para deixar ao imigrante novo a possibilidade de estender a “onda verde” dos cafezais. Ele era o precursor da riqueza americana, aberta a todas as tentativas das raças viris.

A influência de Lobato aumentou. Assim como se fez etnólogo sem querer, também se fez esteta. Estas palavras, que extraio ao seu volume *Onda Verde*, em que ele estuda a plantação de milhões de cafeeiros, feita pelos paulistas, transformando em realidades de culturas imediatas o velho sonho do ouro das minas longínquas, são o programa da atual geração literária do Brasil: “A epopéia”, diz ele, “a tragédia e a comédia do café, eis os grandes temas... sentir e contar a história da onda verde que digere as matas virgens”.

Com efeito, já se começa a ver, nas nossas obras poéticas, novelas e romances, uma verdadeira antologia do café, nas suas mais várias e remotas conseqüências. Nela se debate sempre o problema das velhas aristocracias em luta com a invasão imigratória das raças novas. Lobato, entretanto, pouco se importa com as indagações críticas de Suárez, de Jules Romains, de André Salmon, de Élie Faure, de Lothe, Cocteau, Gleizes, Henry Prunières e com as novas gerações de Portugal, de Itália e de Espanha; não busca verificar se o nosso indianismo era natural no tempo de Chateaubriand, ou se, pela segunda vez, poderia tratar-se de uma coincidência de etapas entre a nossa literatura e a européia. Seja como for, ele põe ainda em foco aspectos inéditos da vida americana. O lado documental é que o apaixonava, e ele inicia o retorno ao regionalismo, contrabalançado apenas pela imaginação de Deabreu e pela verve de Leo Vaz.

Mário de Andrade publicou então as suas primeiras poesias. Conhecedor da terra e da língua, dos ritmos regulares e dos novos efeitos, criou a poesia livre, desconhecida no Brasil, onde, entretanto, já se conheciam alguns versos de Manuel Bandeira. Menotti del Picchia criou o poema da raça, *Juca Mulato*. Seu prestígio era grande como o de Ronald de Carvalho, que já tinha dois

livros coroados pela nossa Academia, do qual um é uma história da literatura brasileira. Um e outro combatem ao lado de Mário de Andrade, que é atacado pelos senhores parnasianos e maníacos da escolástica. Guilherme de Almeida, poeta justamente eleito pela preferência do público, junta-se ao movimento renovador. E a chegada de Graça Aranha da Europa imprime ao movimento um interesse mais vivo. Este é um dos nossos literatos mais respeitados. Acadêmico, professor de direito, tendo vivido longo tempo no meio das grandes civilizações, foi profunda a sua influência. Ele ligou-se imediatamente à geração construtora. Sob a iniciativa de Paulo Prado, sobrinho e herdeiro das qualidades aristocráticas e intelectuais do escritor Eduardo Prado, organizou-se uma semana de arte moderna brasileira.

A corrente alcançou realizações estéticas: os *Epigramas Irônicos e Sentimentais*, de Ronald de Carvalho, onde a poesia brasileira atinge a sua mais alta expressão nacional, *O Homem e a Morte*, de Menotti del Picchia, que, pela sua beleza, faz recordar a parte da obra de Claudel que traz um cunho lírico brasileiro. Outros escritores de nossa geração prendem-se antes à América psicológica de Valery Larbaud, ao Brasil cinematográfico de Jules Romains e às visões exatas de Joseph Conrad e Gómez de la Serna que às simples exaltações do nosso anedotário regional. É uma questão de bom êxito. Assim, Pedro Rodrigues de Almeida procura mesmo criar, pelo cuidado de composição de suas novelas, um classicismo americano; Serge Milliet, que está constantemente na Europa, traz o senso da cultura francesa contemporânea à poesia livre das extensões, das minas de ouro, das viagens; a Ribeiro Couto e Afonso Schmidt, poetas modernos, tocam de uma particular sensibilidade a alma das cidades brasileiras.

A crítica do país, pelos seus melhores representantes, Tristão de Athayde, Nestor Victor, J.A. Nogueira,⁶ Fábio Luz, recebe com simpatia e encoraja as primeiras obras do movimento, que toma uma expressão mais larga na revista *Klaxon*. Uma mocidade inteira concorre com o seu entusiasmo. Ela é composta dos poetas Luís Aranha, Tácito de Almeida, Agenor Barbosa, Plínio Salgado, do novelista René Thiollier e dos ensaístas Rubens Moraes, Cândido Mota Filho, Couto de Barros, Sérgio Buarque de

⁶ José Luís de Almeida Nogueira (1851-1914), político, jornalista e professor da Faculdade de Direito.

Hollanda. Joaquim Inojosa introduz as novas idéias em Pernambuco e Carlos Drummond e Mário Ruís em Minas. Ao mesmo tempo, o teatro, dirigido para as fontes nacionais pela obra de Cláudio de Souza e Oduvaldo Vianna, encontra em Graça Aranha uma forte manifestação lírica. *Malazarte*, que é um quadro das nossas energias panteístas, foi montado no teatro de l'Oeuvre, em Paris. E ao lado dos fervorosos regionalistas que exigem um teatro de documentação, uma *élite* acompanha os trabalhos e as tentativas de Jacques Copeau em França e de Dario Nicodemi, que, na Itália, renova a cena com Pirandello. As outras artes também iniciam sua evolução para as finalidades do país e os seus sucessos expressivos.

A escultura, na antiga colônia, possuía o seu precursor. Era um cavouqueiro de Minas, que tinha a alcunha de "Aleijadinho", devido a uma deformidade. É daí e dos primeiros curiosos da Bahia e do Rio, dos quais os mais célebres são Chagas, o Cabra e Mestre Valentim, que o nosso escultor Victor Brecheret tenta extrair hoje a sua arte. Brecheret quis a princípio dar a São Paulo, onde nasceu, a expressão da sua história. O movimento imigratório, operado desde a descoberta até hoje por europeus de todos os climas e origens, inspirou-lhe o projeto do monumento das "bandeiras". As bandeiras eram as antigas organizações dos habitantes de São Paulo, que, partindo da capital para o interior, à procura do ouro, indicaram à pátria os seus limites geográficos e à raça os seus caracteres étnicos.

Em Paris, o tradicionalismo da obra de Victor Brecheret tem uma fonte numa pequena estátua que ele intitulou *Ídolo*, tendo dirigido suas linhas e seu estilo para a estatuária negro-indiana da colônia.

Na pintura, criada no Rio por Debret, que fazia parte da missão francesa de cultura contratada por dom João VI, há toda uma tradição do retrato e de assuntos históricos. Dois precursores, Leandro e Olympio da Mata, não tiveram outros continuadores mais que Helios Seelinger. Leandro, que pintou, para uma igreja, a família real de Portugal chegando à colônia, com a Santa Virgem nas nuvens e o Anjo da Guarda ao lado, foi forçado, pelos patriotas de 1831, a inutilizar essa tela, que seria porventura a obra-prima da nossa pintura antiga.

Na pintura como na literatura, a lembrança das fórmulas clássicas impediu durante muito tempo a eclosão da verdadeira arte nacional. Sempre a obsessão da Arcádia com seus pastores, sempre os mitos gregos ou então a imitação das paisagens da Eu-

ropa, com seus caminhos fáceis e seus campos bem alinhados, tudo isso numa terra onde a natureza é rebelde, a luz é vertical e a vida está em plena construção. A reação contra os museus da Europa, de quem resultou a decadência da nossa pintura oficial, foi operada pela semana d'arte moderna, que se realizou em São Paulo. Protestamos então contra os processos, quer fossem de Pedro Américo, quer do casal Albuquerque, quer da mera decomposição nacionalista de Almeida Júnior. Os novos artistas, precedidos por Navarro da Costa, começaram a reação adotando os processos modernos, oriundos do movimento cubista da Europa. O cubismo foi um protesto contra a arte imitadora dos museus.

Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Zina Aita, Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Yan de Almeida Prado lançam as bases de uma pintura realmente brasileira e atual.

A música sofreu no Brasil a mesma imitação européia. Carlos Gomes, que foi, até certo tempo, o maior dos nossos músicos, apoucou-se ante a reação para as nossas verdadeiras origens, auxiliada pelas audácias rítmicas adquiridas depois de Debussy. Nossa música não está no canto melódico italiano; ela vive no urucungo do negro, na vivacidade rítmica do índio, na nostalgia do fado português. Neste particular, os compositores Nepomuceno, Alexandre Levy e Francisco Braga anunciam todas as nossas riquezas. Glauco Velásquez iniciou a estilização atual, que encontrou em Villa-Lobos o mais forte e o mais audacioso dos nossos representantes.

A música contemporânea do Brasil é representada por Tupinambá, Nazareth, Souza Lima, Frutuoso Vianna.

O Brasil, sob o céu deísta, toma consciência do seu futuro.

Em França, nosso embaixador diplomático, sr. Souza Dantas, é também o nosso embaixador intelectual. Ele preside, pelo prestígio da sua inteligência e da sua cultura, a uma delegação artística do Brasil cotemporâneo, que procura servir de mais perto a obra comum da latinidade.

Conferência feita na Sorbonne em 1923.⁷

⁷ Conferência publicada em francês na *Revue de l'Amérique Latine* 2, n° 5, Paris, 1923, p. 197-207; em português, na *Revista do Brasil* n° 96, São Paulo, dezembro de 1923, p. 383-89.

UM LIVRO PRÉ-FREUDIANO*

Meses atrás escapei de ser linchado por ter dito em público, no Automóvel Clube, que Paulo Prado era o melhor escritor brasileiro vivo. Referia-me naturalmente à sua geração, pois os que vieram não foram ainda suficientemente cotados. Hoje essa verdade anda na boca até do sr. Silveira Bueno.¹

O *Retrato do Brasil*² é um livro que acordou muita gente. Percebeu-se através dele que o Brasil existe. Eu diria mesmo que o *Retrato do Brasil* é o glossário histórico de *Macunaíma*. O que é extraordinariamente importante no *Retrato* é o miolo de verdade que enche a documentação escolhida. O que extraordinariamente grave é o erro a que se deixa induzir Paulo Prado na adição dos valores juntos nas duas primeiras partes: a luxúria e a cobiça.

Note que o *Retrato do Brasil* é a repetição de todas as monstruosidades de julgamento do mundo ocidental sobre a América descoberta. O pensamento missionário inteiramente invalidado pela crítica contemporânea - é o que preside a essas conclusões. Não posso compreender que um homem *à la page*, como é o meu grande amigo, escreva sobre o Brasil um livro pré-freudiano. A luxúria brasileira não pode, no espírito luminoso de Paulo, ser julgada pela moral dos conventos ignacianos. Não quero me convencer disso. Atribuo à preguiça aristocrática do autor da *Paulística*³ as conclusões opostas à alta liberdade moral e intelectual professada a vida toda por ele.

Alguns erros de apreciação são ocasionados pelo violento choque entre a verdade documentada e o juízo emitidos.

Estou convencido de que a orientação do *Retrato do Brasil* é uma orientação de homenagem ao nosso "meio culto" representado com certeza por Capistrano de Abreu. Creio que o res-

* Título atribuído pela organizadora.

1 Francisco da Silveira Bueno (1898-), escritor, jornalista e filósofo.

2 *Retrato do Brasil*, São Paulo, Mayença, 1928.

3 *Paulística*, Monteiro Lobato, São Paulo, 1925.

peito ao grande historiador patricio foi que prendeu Paulo Prado de um modo tão violentamente sentimental à tese francamente missionária e catequista que ele lança. Quem conhece, no entanto, Paulo Prado e a sua nobre individualidade liberada não pode admitir senão por uma *amande honorable*⁴ integralmente mal colocada essa traição à sua própria maneira de ser.

Há uma expressão que Paulo, com sua felicidade estilística, coloca numa de suas páginas e que define perfeitamente o verdadeiro mal do Brasil. É quando ele diz “veio-nos em seguida o português da governança e da fradaria”.⁵ E é infelizmente a visão desse português “da governança e da fradaria” a que Paulo Prado adota no começo do seu livro.

As conclusões de Paulo Prado me agradam. O livro é um panfleto admirável que a gente lê inteirinho com alegria. O sentido de revolução mundial, do qual o Brasil no seu sono de preguiça gostosa estava inteiramente alheio, vem agora dar a Paulo Prado um lugar profético que o coloca em destaque entre os pensadores da atualidade brasileira.

O *Retrato do Brasil* tem passagens lindas. As descrições das matas do norte nos transportam para elas e para os momentos íntegros da nossa natureza bruta e sensual. Os quadros de vida de luxo de senhoras, e escravos, negros, e índios, os séquitos, as procissões, os corpos nus sobre a cambraia caseira, tudo isso, bem documentado bem pintado bem vivido, é um hino que forra qualquer invólucro de falso pessimismo e a gente sente em cada página assim o arrimo histórico de *Macunáima*.

Entanto essa poesia bem brasileira que hoje vitoriosamente invade todos os grupos humanos, esse romantismo que criou não por epigrama, mas por doçura, a Rua Direita da Preguiça, na Bahia, é manchada pelo romantismo de ricochete, o mesmo que Paulo denuncia fartamente nas tropelias acadêmicas de São Paulo.

É no fundo de idêntico bocejo feito a mesma artificialidade byroniana que faz o autor da *Paulística* condenar, como qualquer visitante de Santo Ofício, o “pecado sexual” (depois de Freud!) e pregar sem ironia o serviço de Nosso Senhor J.C.

Texto escrito em 1929.

(Coleção Adelaide Guerrini de Andrade)

⁴ *Amande honorable*, pedido de perdão.

⁵ Conferir *Retrato do Brasil*, São Paulo, Mayença, 1929, p. 120.

IMPRECAÇÃO A TRISTÃO DE ATHAYDE

Desta vez foi um acadêmico que me enviou um retalho do *O Jornal* contendo o seu admirável artigo.

Esse acadêmico é meu amigo, é inteligente, mas escapou-lhe que eu, em vez de rir, pesaria as suas palavras como o grande sinal de uma seriedade em apoio de outra no caminho das conquistas nacionais.

Digo-lhe isso porque precisamos forçosamente nos entender, pois você, pela sua posição, pela sua cultura, pelo seu valor, está destinado a ser o crítico do movimento que São Paulo iniciou e o Brasil tão bem desenvolve e enriquece.

Antes de mais nada, desfaçamos alguns mal-entendidos. Desde já intimo-o a me conhecer pessoalmente, a fim de que saiba de uma vez para todas que eu não escrevo em secretárias de Rühlman nem deixo a *cascade* de Luna Park para retificar a minha bússola cultural em honras absolutas de locubração livresca. Faço uma e outra coisa e me orgulho apenas de possuir um razoável serviço de antenas, sempre à disposição da mais inviolável individualidade. Se conheço Wilfredo Pareto ou Bolk,¹ também percorro às vezes a *Revista do Ocidente*, não faço profissão ontológica do que se passa em torno de mim.

Por exemplo, coisa curiosa, você citou como coincidindo comigo e não sem uma ponta de suspeita sobre possíveis influências os dois únicos escritores norte-americanos que eu conheço pessoalmente, mas só pessoalmente. John dos Passos almoçou comigo uma vez em Montparnasse. Nem me lembro como o conheci. Talvez na livraria de Mlle. Mounier. Depois mandou-me os seus livros que não tive ainda ocasião de abrir.

1 Marquês Vilfredo Frederigo Samaso Pareto (1848-1923) economista e sociólogo italiano.

Com Waldo Frank almocei um *gigot* em casa de Jules Romains. Camaradeamos o dia inteiro, pois eu embarcava na manhã seguinte. Nunca mais o vi. Mandou-me os seus livros. Não os li.

Ambos no entanto manifestaram idéias solidárias com as minhas e por isso nos tornamos bons amigos. Lembro-me mesmo de que sentimos, eu e o Waldo Frank, uma profunda divergência de espírito com Romains, divergência que cresceu quando o autor de *Knock* nos levou ao atelier deformado de Le Fauconnier.²

Ignoro também a obra que você cita do mexicano Vasconcellos, que ainda pessoalmente percebi uma vez em São Paulo, acompanhado de uma porção de idiotas locais.

Isso tudo para lhe assegurar que a minha antropofagia pode “coincidir” com diversas expressões da corrente americana, inevitável, irremediável, inadiável, que já pus na panela e há de comer o cristianismo colonial que você erradamente declara que é a nossa infância verdadeira.

Coincidir é a palavra pois realmente desconheço a New America, como as intenções especiais do autor de *Rocinonte*.

Passemos ao segundo equívoco. Quer você me fazer crer que Keyserling e Spengler (que de fato eu conheço) já passaram de moda na vertigem contemporânea. Não sei se passaram e para isso irei à Alemanha, verificar *in loco*. Mas o que vastamente me interessa nesses homens seja qual for a importância e data deles ou a sua atualidade horária — como aliás o que vastamente me interessa em Bergson,³ Coné, Pareto, os surrealistas e os freudistas — é a confissão que todos eles trazem da falência de toda cultura artificial humana que aliás foi a guerra que pôs em xeque. A falência desses inimigos fantásticos do homem que são o cristianismo, a renascença e os “versos imortais” do sr. X, Kipling, Y, Shakespeare, ou Z, Homero. Súcia de bestas amarradas ao trole de mil convenções anti-humanas inúteis e nefastas!

O que me interessa pois nessa curiosa Europa que para não morrer se recolheu à única trincheira que lhe restara, a do homem “primitivo” a fim de dali partir — você verá — para qualquer construção oposta à lamentável Babel da civilização ociden-

² Jules Romains (1885-1972), autor de *Knock ou le Triomphe de la Médecine* (1923). Henri Le Fauconnier (1881-1946), pintor expressionista francês.

³ Henri Bergson (1859-1941), filósofo francês, professor do Collège de France, exerceu grande influência nos escritores do início do século.

tal católico-puritana. O que me interessa é só a “retirada” dessa civilização ocidental, na direção moral e mental do nosso índio. Isso sim, porque dá razão à única coisa que é nossa — o índio.

Hoje está constatado que o que estragou o ocidente europeu foi a falta de imaginação religiosa.

Dizer-se que no mínimo meia dúzia de grandes noções se formaram e viveram vinte séculos em torno de alguns mitos pobres como são os mitos cristãos!

Se ao menos tivesse havido a intervenção pitoresca de um mulato baiano ou um tupi pondo um biscoito no bico do Espírito Santo! Mas não. Esses milhões de homens “superiores” se torturaram, se mataram, se sacrificaram, enfeitados pela desgraça pessoal de São Paulo que afinal de contas foi um épico de segunda classe. Dizer-se que esses homens “superiores” perderam um fósforo imenso e um tempo mais ainda decorando e arrumando a alastrada estupidéz de São Tomás ou tomando a sério as experiências metafísicas do burro chucro que foi Santo Agostinho?

É inacreditável! O momento do homem paralelo ao momento terra.

Só o homem antropófago foi interessante nesse demoníaco suceder de torturas. Foi o imortal desalmado.

Texto escrito em 1929.
(Coleção Adelaide Guerrini de Andrade)

OBJETO E FIM DA PRESENTE OBRA

Quem conta com a posteridade é como quem conta com a polícia.

Aliás, a minha finalidade é a crítica. A obra de ficção em minha vida corresponde a horas livres, em que estabelecido o caos criador minhas teorias se exercitam com pleno controle.

O que é a obra de arte? Fenômeno social ou anti-social. Ciclos. Caráter coletivista, caráter individualista. Classicismo e pesquisa. Romantismo e decadência.

O academismo não existe. Surpresa para os que acreditam que o Brasil tem uma pintura desde o *pic-nic* transatlântico de Dom João VI.¹

Paradoxo que reforça a vida. Como um assovio que se assovia. Toca de solitários. Gozo de anarquista. Escola pública. Hino Nacional. Confessionário. Obra de arte.

Há os períodos de inquietação. Gravidez. Detetives. De hemorragia. Há os períodos de quietação. Rendas. Hematose. Equívocos para acabar de acordo. Didatismo. Cooperativa das lágrimas. Caixa mútua da humanidade onanista.

O novo mundo produziu o homem serafiniano cujo eixo é a riqueza mal adquirida.

In illo tempore, uma madona de Rafael que até dá náuseas, constituía fenômeno vivo, localizado na coluna vertebral da humanidade. Hoje, um compasso de Léger penetra na nossa medula.

No modo atual, Serafim traz duas razões: o bom câmbio e a ignorância audaz. Bisneto do conquistador, avesso do bandeir-

¹ Com a transferência da família real para o Brasil em 1908, as artes plásticas tomaram grande impulso, sobretudo a partir da instalação da Escola de Belas Artes e da vinda da missão artística francesa.

rante, é o filho pródigo que intervém na casa paterna porque viu mundo, travou más relações e sabe coisas esquisitas. Choque. Confusão. Regresso inadaptável.

O que é que faz a obra de arte diferente de uma ópera de Carlos Gomes? Não há regras. É sempre diferente.

Os retardatários — você com certeza, leitor — pensam que têm gosto porque aprenderam umas coisinhas. São os mantenedores do gosto. O que sai das coisinhas é de mau gosto. Mas nós endossamos o mau gosto e recuperamos para a época o que os retardatários não tinham compreendido e difamavam.

Transponho a vida. Não copio igualzinho. Nisso residuiu o mestre equívoco naturalista. A verdade de uma casa transposta na tela é outra que a verdade na natureza. Pode ser até oposta. Tudo em arte é descoberta e transposição.

O material da literatura é a língua. A afasia da escrita atual não é perturbação nenhuma. É pornografia. Já se disse tanto. A gente escreve o que ouve — nunca o que houve.

De resto, achar a beleza de uma coisa é apenas aprofundar o seu caráter.

O Brasil imigrante começou por trás. Cópia. Arte amanhecida da Europa requentada ao sol das costas. Os anúncios mal direitos de uma legislação romântica nacional.

Serafim é o primeiro passo para o classicismo brasileiro.

Texto publicado na *Revista do Brasil*,
São Paulo, 30 de novembro de 1926, p. 5,
redigido para ser o prefácio de *Serafim Ponte Grande*.

HORA H*

Prezado amigo

Início esta estranhando a falta de imaginação que faz vocês chamarem de *Ritmo* a revista de moços que fundaram. Numa era sincopada e arrítmica, como a nossa, esse nome só podia brotar em gente que atola no creme de ilusões de antigos compassos. Ou no calor idealista de uma torcida que já quer ver cadência onde só há elementos de sobressalto e de luta. Também podia brotar no cérebro ilustre do sr. Mennoti del Picchia, que de vez em quando faz dessas descobertas graças ao esforço do Júlio Dantas que tem escondido numa circunvolução.

Porque vocês não chamaram essa revista de *Hora H* ou de *Bólido*, explicando se quisessem, aos que não sabem, o que essas coisas atuais significam? Tão terrivelmente significam.

Não preciso dizer a você que estamos numa época de pau furado, onde o liberato do barulho, tipo Camões, é canja. Pois nenhum homem de letras de hoje está folgado de prisões, olhos vasados, naufrágios com *crowls* heróicos e guinchos terríveis e surdos porque *Os Lusíadas* nos dentes impedem de berrar por socorro.

Isto de escritor com vestuário completo, pena de pato e ordenado, surpreendendo no galinheiro das locubrações a palavra "Ritmo" para capear uma revista, vai longe da nossa vida cavada e rebelde.

Ora, vocês da novíssima geração são como nós da velhíssima, originários de uma pequena burguesia colonial e pacata e como nós sentem o abalo diário da terra telegráfica e a mobilização das catástrofes que vão engolir, com manteiga de sangue, a velha sociedade.

* Título atribuído pela organizadora.

São pois arrítmicos, dissociados e contraditórios, se bem que já saibam onde é a Moela que clareia o caminho perigoso das passagens e compreendam como nós para onde se orienta a “transição”. Por um elaborado esforço íntimo, querem, como nós, acomodar ao passo tardo mas seguro das massas sociais, o que resta de bom em arte do individualismo burguês. Nesse acomodamento, não deve haver porém nenhuma abdição das conquistas asseguradas no penoso trajeto. É porque falha a estouvada campanha de Paulo Emílio e Flávio de Carvalho, procurando ignorar e desfazer o patrimônio de experiências acumulado pelo grupo que se poderia chamar de Semana de Arte Moderna.

Nós, da Semana de 22, não produzimos grande safra. Temos diversas vergonhas no brasão, como essas honradas famílias da pequena burguesia que apanhando um vento de prosperidade vão se tornando moralistas, quando vêem de repente as filhas irem parar na casa da Dadá. Isso aconteceu com o Guilherme de Almeida, o Ribeiro Couto, e tantos outros que a gente fica com vergonha de citar. Mas apesar dessas irremediáveis substituições, o patrimônio material existe. Nós fizemos, paralelamente às gerações mais avançadas da Europa, todas as tarefas intelectuais que nos competiam. E disso — enriquecimento, honra e vantagem — não serão vocês que nos seguem cronologicamente que se irão desfazer como de uma carga importuna, apoiados em um ou outro desertor da nossa clarividência.

Quero apontar aqui, como um perigo e uma deflexão, a gulodice de que se tomam alguns desmamados de Eça quando encontram a chupeta realista do José Lins do Rego. Passam assim do Eça português ao Eça nordestino, sem saber que entre eles existe, até em Portugal, o sr. Aquilino Ribeiro. Que entre eles existe o drama humano que vai de Proust e de Joyce a Gide e Aragon. Vivemos hoje num tabuleiro universal. Não podemos, sob nenhum pretexto geográfico, nos desfazer das linhagens e dos encargos intelectuais da época, sejam vindos de Montparnasse, de Bronx ou da Praça Vermelha. Sob o pretexto de que os surrealistas são burgueses, não podemos ignorar o fenômeno surrealista nem dele deixar de tirar o que houver de honesto e humano. Sob o pretexto de que o José Lins descobriu o marxismo, não podemos jogar de lado os consideráveis esforços que deram a grande poesia da *Cobra Norato* de Raul Bopp.

O José Lins acertou o passo, bafejando pela chance da “narrativa direta” que nossos dias exigem. Como abandonamos as proesas espíritas da sensibilidade ultraburguesa pela literatura político-socializante, querem oferecê-lo como manequim da nova era. O diabo é o chapéu-de-coco naturalista que ele não tira, para não se constipar ao grande ar das correntes estéticas legítimas em que se vai desdobrar a revolução.

A gente tem protestado em nome de John dos Passos, de Huxley, de Ilia Ehrenburg e mesmo de alguns nacionais, em primeiro plano Jorge Amado e Aníbal Monteiro Machado. Esses fazem o romance social moderno, pois passaram e sentiram todas as experiências intelectuais da sua época e trazem no sangue de sua escrita o resultado das mais vastas e corajosas aventuras. Compare qualquer deles ao narrador fechado no velho psicologismo que é o José Lins. Não lhe nego um sólido fôlego de contador, admiro a honestidade da sua documentação e saúdo a direção ideológica que enfim, no último livro, lhe dá um particular destaque. Mas me recuso a ver nele mais que um cicerone que a massa retardada entende.

E com isso volto e insisto sobre a Semana de Arte Moderna. O Brasil tem alguma coisa incorporada ao melhor que o mundo fez nos laboratórios da literatura contemporânea. Tem *Cobra Norato* de Raul Bopp, tem *Macunaima* de Mário de Andrade, tem um grande livro inédito, mas que o Rio de Janeiro intelectual bem conhece, que se chama *João Ternura* e sobre o qual há anos honesta e revolucionariamente trabalha um dos maiores escritores do Brasil — Aníbal Monteiro Machado. Tem a própria contribuição poética de dois atuais desencaminhados — Murilo Mendes e Jorge de Lima.

Não há razão para se pôr isso fora, pois muito esforço útil representa. Como não há razão para se desconhecer ou negar o esforço das tentativas estilísticas do paranóico Plínio Salgado — em que se bem que montado nas minhas *Memórias Sentimentais de João Miramar*, produziu as páginas ricas do *Estrangeiro*.

A novíssima geração deve pesquisar tudo isso, tem que conhecer a sucessão libertadora da Semana de 22, que eu orientei para o movimento “Pau-Brasil”, culminado com alguns dos melhores talentos literários do movimento — Bopp, Pagu, Geraldo Ferraz, Oswaldo da Costa, nesse admirável sarampão de revolta que se chamou “Antropofagia” e que havia mais tarde de desembocar no marxismo.

Tudo isso é preciso, é necessário à formação de vocês que não podem ficar chupando o dedão gostoso do José Lins, porque é fácil de entender, porque satisfaz as curiosidades mais vivas da adolescência e desafoga seus correspondentes recalques e também porque não obriga ninguém a ter cultura especial nenhuma.

A massa, meu caro, há de chegar ao biscoito fino que eu fabrico. “Devemos transformar a propaganda em arte”, gritou no Congresso dos Escritores de Paris o colossal Huxley. Descrer da capacidade de compreensão da massa é descrer do próprio progresso revolucionário. É pactuar com a atitude de complô da indústria capitalista, denunciada pela tecnocracia, a qual guarda nas gavetas das burras as invenções mais preciosas e necessárias ao desenvolvimento da humanidade, porque convém aos interesses de grupo que a massa patine nos processos atrasados de produção.

Para a frente é que se deve andar.

Muito ao seu dispor,
OSVALD DE ANDRADE

Texto publicado no único número da revista
Ritmo, que saiu em São Paulo em 1935.

BILHETINHO A PAULO EMÍLIO

Caro

Você precisa ler *O Homem e o Cavalo* e *O Moleque Ricardo*,¹ em vez de dizer besteira. E o que é pior — besteira reacionária.

Você está simplesmente fazendo o jogo de certo tipo de desagregador que eu chamo de piolho da Revolução. Refiro-me a uma seita de fracassados, subintelectuais ou subartistas, cujo triste e néscio papel consiste em procurar afastar da massa os verdadeiros escritores que a querem servir. Para isso utilizam a intriga e sobretudo a intriga imbecil.

Incrustados até no corpo vivo da propaganda, esses malandros que criam o parasitismo vermelho utilizam-se das suas atividades para de um lado admoestar os que honestamente servem às aspirações da nova sociedade e de outro lançar no público proletário a desconfiança sobre a lealdade e a utilidade dos que eles impotentemente invejam.

Não há no Brasil escritor ou artista sério, cito alguns nomes — Santa Rosa, Portinari, Aníbal Machado, Jorge Amado —, que já não tenha recebido nos ombros a palmadinha sardônica desses cartões de barricada, que querem “dirigir” a produção cultural revolucionária do momento. São os que melhor se aproveitaram da luta contra o intelectual em que aqui o obreirismo de reflexo tão longamente patinou.

Felizmente a luta contra o intelectual honesto já foi liquidada e o Congresso dos Escritores, reunido em Moscou, declarou bem alto que não se pergunta nunca a um companheiro donde vem mas para aonde vai.

¹ *O Homem e o Cavalo*, publicado em 1934, com capa de Oswald de Andrade Filho; *O Moleque Ricardo*, publicado em 1935.

Permita-me agora que, esmiuçando a sua composição, passe a provar que você não leu nenhum dos livros de que falou. As acusações que você me faz são duas: obscuridade e oratória romântica. Desafio você a provar que *O Homem e o Cavallo* tem um quinto das situações obscenas dos livros de Zé Lins. Simplesmente porque não leu, vou explicar-lhe o que é *O Homem e o Cavallo*.

É uma peça de alta fantasia onde coloco o homem na transição — entre o cavalo de guerra e o de *turf* (sociedade burguesa) e o cavalo “a vapor” (sociedade socialista).

Para pôr em choque os dois mundos, faço o professor varar a estratosfera e ir buscar no velho céu das virgens e de Pedro a gente mais reacionária que há. Essa gente vem encontrar aqui primeiro o Fascismo, depois a Revolução e a Socialização. Onde e quando há n’*O Homem e o Cavallo* uma única cena que possa ferir os seus adolescentes pudores? Faço um apelo à sua honestidade intelectual para que a descubra e aponte. E o mesmo apelo para que negue a escabrosidade realista de que está cheio Zé Lins que ainda não saiu da curiosidade burguesa pelas “coisas feias”, com que o Eça fez o *Padre Amaro*.

Zé Lins não passa na forma de um “narrador”, como no conteúdo não vai além de um “psicólogo”. Sua obra-prima até agora é *Bangüê*, onde aparece o processo de transformação das forças produtivas em certa região do Brasil. Tudo isso, porém, individualizado numa decadência feudal que vai da dor-de-corno à venda das terras patriarcais. Em *Moleque Ricardo* há mesmo uma perda de potência do escritor. E nesse, como nos livros anteriores, ele não alcança mais que o drama individual. Que é *Moleque Ricardo*? Um indivíduo que toma consciência de sua classe.

Em *Suor*, de Jorge Amado, já há o coletivo e seu drama. É uma classe que toma consciência de sua posição revolucionária. Ou você, meu futuro escritor, não enxerga também isso? Não vê que Jorge Amado já vai longe na outra esquina da produção social-socializante?

Pese pois e examine tudo isso a fim de não continuar a falsificar as coisas.

O que se pode encontrar no *O Homem e o Cavallo* são expressões fortes, escritas com todas as letras e tiradas aliás da linguagem diária. Mas não será você, que utiliza essas expressões, que emprega o termo “trepando” num artigo de jornal e defende um escritor que também delas fartamente se utiliza, que terá

autoridade para chamá-las de obscenas. Aliás toda a boa literatura a atual como a antiga as utiliza, não se faça de ingênuo! Dizendo que o nosso meio social está atrasado a ponto de não compreender *O Homem e o Cavalo* você justifica as tiragens da Editora Nacional. É claro que um operário que tem medo de mostrar em casa *O Homem e o Cavalo* não passa de um modesto reacionário que só pode gostar do Paulo Setúbal.² Do Zé Lins não pode porque o Zé Lins também tem “porcaria”. Nem de Gladkov ou de Ilia Ehrenburg que também tem. E passando aos clássicos nem de Dante, Shakespeare ou Camões.

Ao contrário do que você levemente afirma, *O Homem e o Cavalo* é um livro que interessa à massa. Conforme comunicação que me fez Osório César,³ está sendo traduzido na Rússia Soviética e um líder de esquerda o escritor americano Samuel Putnam⁴ me pediu os direitos para sua tradução, montagem e filmagem nos Estados Unidos. Em carta recente Jorge Amado me diz: “O Putnam escreveu que seu livro já está traduzido e ele está tratando de encenar”.

Será que a tradução russa está destinada a qualquer elite burguesa? Ou os homens do New Theater de New York pretendem montá-la para um público burguês? Má-fé, burrice, inconsciência ou falta de conhecimento do caso. Ponho você neste último compartimento, pedindo-lhe que doutra vez leia os livros e tome nota das coisas, antes de repetir a palavra de ordem falsária dos piolhos da avançada social.

Quanto à oratória romântica d’*O Homem e o Cavalo*, passo a piada a Lenine, Stálin e Einstein de quem tirei toda a “declamação” social e construtiva de minha peça.

Sem mais e sempre disposto,

Oswald de Andrade — S. Paulo, 22-9-35.

Artigo publicado em *A Platéia*,
25 de setembro de 1935.

2 Paulo Setúbal (1893-1937), poeta, membro da ABL.

3 Osório César (1895-1983), médico psiquiatra e crítico de arte, especialista no estudo da expressão artística dos doentes mentais.

4 Samuel Putnam (1892-1950), escritor norte-americano, tradutor de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Jorge Amado.

O DIVISOR DAS ÁGUAS MODERNISTAS

Qualquer apreciação das letras brasileiras deve ser hoje precedida do exame de revolta manifesta de 1922. Essa famosa Semana foi uma parada de conjunto, feita para protestar contra a decadência da literatura e da arte no Brasil em fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal de São Paulo, com a presença de importante delegação do Rio de Janeiro.

Encorajaram a iniciativa, já financiando-a, já obtendo o local e articulando elementos, os velhos letrados Graça Aranha e Paulo Prado e o moço René Thiollier, que, apesar de cúmplices da má literatura vigente, resolveram apoiar a que se anunciava. Elementos sisudos como a sra. Guiomar Novais chegaram a aderir. Esta porém logo se afastou pensando que nos programas queriam achincalhar Chopin. Tratava-se apenas de executar uma peça admirável de Erik Satie que tinha por tema central a *Marcha Fúnebre* do polonês. Vieram do Rio o maestro Villa-Lobos e alguns elementos de sua orquestra, o poeta Ronald de Carvalho, o pintor Di Cavalcanti e Graça Aranha.

A noite heróica da Semana consistiu na apresentação da literatura nova. Alinharam-se no palco, debaixo de tremendas vaias do teatro repleto, os srs. Ronald de Carvalho, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia, Agenor Barbosa e quem escreve estas linhas. O poeta francês Henri Mugnier de passagem por aqui nos acompanhava.

A pintura revolucionária era representada por Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Zina Aita, a escultura por Víctor Brecheret, que se bem que nascido na Itália se considerava brasileiro desde 1914. Esculturas anatômicas e pinturas arrevezadas encheram o hall e adjacências do Municipal. Num ambiente de curiosidade hostil, Villa-Lobos deu vários concertos. Como o maestro estivesse com

um calo arruinado, compareceu com um pé em chinelo, em berante constraste com a casaca. Esse detalhe foi tomado por manifestação futurista. E desde essa época o equívoco permanece. Muita gente pensa que ser moderno é andar de casaca e chinelo. Entre os líderes da vaia espetaculosa estavam diversos adeptos atuais da Arte Moderna. Manuel Bandeira e Ribeiro Couto enviaram poemas que foram recitados por Ronald de Carvalho, em meio de infernal barulho. E o poeta francês por pouco não foi linchado.

Mas a vitória do movimento nas suas mais incríveis diversidades desenhou-se logo. Couberam no Modernismo desde a elegância de Filipe d'Oliveira até o desleixo franciscano do sr. Augusto Frederico Schmidt, o sr. Cassiano Ricardo e o sr. Flávio de Carvalho, o sr. Couto de Barros e o sr. Osvaldo da Costa. Expressões internacionais de arte como Lasar Segall e Tarsila reforçaram suas fileiras. Tristão de Athayde tornou-se o seu extremado defensor. E dentro de suas linhas avançadas apareceram *Cobra Norato* de Raul Bopp, *Macunaíma* de Mário de Andrade e as páginas raras do *João Ternura* de Aníbal Machado. Estava vencida uma etapa da literatura nacional. Espíritos severos como José Américo de Almeida, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda apoiaram a avançada. E a crítica de João Ribeiro consagrou os valores novos.

Se 1922 anunciava uma sintaxe para a liberdade criadora de nossa gente, pode-se dizer que só 1930 e a revolução outubrista decidiram do aproveitamento e destino do modernismo.

Aí a questão de forma e de técnica literária foi de repente superada. E o modernismo que era uma vanguarda expressional tomou posição na vanguarda política e social do Brasil. É verdade que o divisor das águas de 30 jogou para a reação, isto é, para a "direita", alguns nomes conhecidos da nova literatura, particularmente os srs. Tristão de Athayde e Plínio Salgado. Ambos porém deixavam logo a sua forma inicial. Poderão comparar-se as crônicas funerárias do atual sr. Tristão de Athayde com os seus "estudos" da época modernista? Quem colocará o afrontoso xarope provinciano que é o último livro do sr. Plínio Salgado, *Geografia Sentimental*,¹ ao lado da pesquisa brilhante do *Estrangeiro*?

Enquanto isso, a "esquerda" era poderosamente reforçada pelos romancistas do Brasil novo que são Jorge Amado, Graciliano Ramos, Erico Verissimo e José Lins do Rego, pelos sociólogos

1 Poemas em prosa, publicado em 1937.

Caio Prado Júnior e Djacir Menezes, pelo cronista Rubem Braga, pelos pintores Portinari, Quirino da Silva, Carlos Prado e Santa Rosa. Colocavam-se nessa mesma direção os modernistas católicos Murilo Mendes, José Américo de Almeida e Jorge de Lima e os ponderados valores que são Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Otávio Tarquínio de Sousa e Jaime de Barros. Para a “direita” encaminharam os nervosos — Octávio de Faria, Lúcio Cardoso e Augusto Frederico Schmidt.

O fato de se verem na “esquerda” tantos homens sensatos, estudiosos e cultos indica que muita gente direita pode não estar na “direita”. Nisso coincidem as recentes efusões do cardeal Pacelli² em Paris, assim pensa e diz o líder do catolicismo filosófico francês Jacques Maritain, desse modo se exprime o ilustre professor do Collège de France sr. André Siegfried, que me declarou ser “um homem de esquerda”.

Infelizmente no Brasil não se consegue estudar alguém sem o colocar num trono ou num patíbulo. O menos que pode acontecer hoje a um liberal brasileiro é ser acusado de ter no bolso ouro de Moscou.

Mas já é tempo de se liquidar com essa baixa exploração. A “esquerda” pode ser perfeitamente legal e “bem”, para empregar o termo de uma cronista elegante. Os dois candidatos legítimos à presidência da República³ são de “esquerda”, pois ambos se batem contra a ameaça das ditaduras, por esse valor primário do homem que é a liberdade. E vemos o próprio sr. Tristão de Athayde afirmar que “até estudantes vermelhos ou cor-de-rosa se inquietam com a pureza do Apostolado Leigo na Igreja”. Isso com certeza não será tática na combativa consciência de homens como Jacques Maritain ou nosso magnífico poeta Murilo Mendes.

Porque, de fato, à esquerda se tem incorporado nobres forças da sensatez e da cultura alarmadas com a fome de territórios alheios pela qual a “direita” manifesta, através de tanto sangue e tanta ruína, o seu amor a Deus e à Família! O extraordinário romancista Aldous Huxley na Inglaterra e o fabuloso Picasso na Espanha solidarizaram-se com a “esquerda”, ante o delírio de

2 Eugenio Pacelli (1796-1958). Papa Pio XII de 1939 a 1958.

3 José Américo de Almeida (1887-1980). Candidato da situação com o apoio dos governadores do Norte e do Nordeste; Armando Salles de Oliveira (1887-1945). Candidato de São Paulo pelo Partido Constitucionalista.

calamidades desencadeado pela “direita”, nestes últimos anos. Delírio que recrudesce cada vez que os chefes fascistas fazem sonoras declarações a favor da paz e da ordem.

Ante o divisor das águas contemporâneas, a “esquerda” representa a defesa da independência nacional. Para a literatura e a arte no Brasil, ela se confunde pois com o próprio sentimento de pátria. Além do que, é o chamado da liberdade e o caminho da democracia. Por isso nela se encontram os grandes representantes do novo pensamento brasileiro.

Publicado originalmente no Suplemento
em Rotogravura de *O Estado de S. Paulo*.
São Paulo, setembro de 1937, p. 4.

ANÁLISE DE DOIS TIPOS DE FICÇÃO

O romance alheio às conquistas científicas de seu tempo, o romance que é feito pelo autor com a simples mudança dos caracteres mais visíveis dos seus vizinhos de rua e a seqüência anedótica do que ele conhece de suas vidas — não passa de material colhido.

O que distingue um grande romancista como Aldous Huxley não é somente a acuidade da sua visão, da sua cultura de vida, da sua pressão literária. É sobretudo isto: que romances como *Contraponto* ou como *Eyeless in Gaza* só podiam ter sido escritos a par dos imensos territórios conquistados pela ciência nos dias de hoje. A biologia, a física, como a psicologia de Huxley são o testemunho do que vale o estado atual dos conhecimentos humanos empregados na criação literária.

Tentando realizar um corte na sociedade paulista num romance cíclico, procuro estudar a criação de meus personagens à luz das conquistas da psicologia contemporânea. É a razão por que me encontro, leigo e pouco armado, entre vós homens de ciência. Não posso conceber o afastamento do escritor do convívio dos cientistas. Venho pois oferecer hoje, à vossa crítica, o meu esforço.

Escolhi para apresentar-vos dois tipos. Esses dois personagens de *Marco Zero*, é o título de meu livro, são produtos não somente temperamentais mas também produtos sociais, levados um à esquizofrenia, outro a uma acentuação da paranóia, que nele larvava, pelos choques violentos de um mundo em crise. A nossa sociedade tem qualquer coisa da fábula de Erostrato. Reduzida às forças narcisistas primárias, ela ateia facilmente fogo às conquistas éticas. Donde resulta o sem-número de incendiados mentais, que nos hospícios ou fora deles conduzem a desordem de suas tochas ativas.

Xavier e a Veva são os nomes escolhidos para esses dois tipos do meu romance, que através do entrecho desenvolvem a sua curva neurótica.

Xavier é a figura do pingente. Nunca encontrou assento cômodo num banco da existência. Vive no estribo social de uma casa rica, a residência da viúva Junquilha, no Jardim América. É o tipo do tio pobre. A origem de Xavier é obscura. Em torno de seu nascimento, jogou-se um alto drama da fazenda feudal, que ele ignora. A princípio foi esmeradamente educado. Mas a morte de um irmão não bastardo, que era o esteio do clã aristocrático e para ele um protetor carinhoso, reduziu-o ao homem debonário e sem finalidades, que paga os impostos, espera horas nas caudas de *guichê*, põe cartas no correio e ergue a cortina de aço ondulado de um depósito de firma, onde não chega a ter emprego. Xavier é um frustrado. Não o deixam incorporar-se à família rica de que se origina e também não pode construir a sua vida autônoma de pobre. É um tímido. Os seus recalques fazem dele um interpretativo com impulsos masoquistas.

Vamos encontrar Xavier freqüentador do Cinema Pedro II. Aí, nesse buraco da cidade, dissimulado entre árvores, se desenvolvem os "oestes", na tela sensacional dos espetáculos baratos. Uma população de malogrados, de adultos físicos paralisados em infância psíquica, realiza-se através dos filmes, nas façanhas incríveis do mocinho, nas lutas contra o vilão, nos miraculosos salvamentos da heroína. Um desejo latente de justiça social, de justiça humana, vai catartizar-se, para aquele público de meios homens e de meias mulheres, nas cenas cavalheirescas dos romances em série. Como ali o mal é sempre castigado, ao contrário do que sucede na vida, na fita de aventuras a que se deu o nome de "oeste" vão desembocar todos os desejos de vindita dos tímidos e dos oprimidos, que não têm coragem de ação própria. Para Xavier, o Pedro II é uma condição de equilíbrio. Nunca uma ruga de dúvida atingiu a sua alma em estado quietista. O que longamente sofreu lá fora, o que diariamente lhe oferecem como razão de deserdado, tem ali o seu desaforo tranqüilizante. Na intimidade das flores e cristais, por ocasião das festas de aniversário da casa rica, onde é admitido, Xavier narra atrapalhado as fitas a que assistiu, com gáudio da sociedade grã-fina que o goza.

Certa noite, não havendo lugar na platéia do cinema, o *habitué* é colocado numa frisa ao lado de gente desconhecida e as-

siste com espanto a uma rixa de casal. O marido ri sarcasticamente do filme heróico e a mulher sentimental reage. O homem insulta o filme, o público, o cinema modesto, chamando aquilo tudo de bobagem e produz-se na frisa um começo de escândalo. A esposa em lágrimas deixa o teatro acompanhando aquele brutamontes que não compreende o benefício emocional dos “oestes”.

Mas a dúvida penetrou no espírito de Xavier. Assustado, ele não consegue mais vitalizar os episódios heróicos que vê. Daí por diante está evenenado o seu desafio semanal. Quando volta ao Pedro II, uma interrogação o aflige: “Será que essa fita presta?” Na tela desenvolvem-se os mesmos temas bravios e justicadores. Mas Xavier desconfia: “Será que presta? Não é bobagem?”

A dúvida abriu brecha no quietismo inofensivo de Xavier. Na pensão onde mora, as moças da casa — pequenas funcionárias, criadas, filhas da dona — notam o seu ar deprimido e preocupado. Uma delas tem a idéia de pedir a uma estação da cidade que irradie uma valsa em sua homenagem. Xavier enrubescer exaltado, escutando diante do aparelho o seu nome. “Ao nosso prezado ouvinte Durvalino da Silva Xavier.” E eis que uma série de agitações inesperadas aumenta a cunha posta no mundo fechado de sua psique. Os jornais aparecem cheios de fotografias do ministro da Guerra, em visita a São Paulo, em companhia de um chefe de Estado sul-americano. É o general Napoleão Varela, que fora seu companheiro de dormitório no colégio da infância. Um complexo acorda seu íntimo, onde jazia esquecida uma cena noturna do internato. Varela, magro, nervoso e brutal, reaparece agora para ele em todo o esplendor realizado de sua carreira macha. Uma manhã, o Triângulo se atropela da multidão que aclama os visitantes ilustres da cidade. Xavier reconhece o seu antigo companheiro de quarto. Num carro aberto, ao lado do presidente, precedido por sereias violentas, entre cavalos e couraceiros, Napoleão Varela passa nas condecorações cintilantes, entre alamares e dragonas felpudas. Aquele luxo de símbolos “freudianos” acorda um impulso masoquista na alma tímida do pingente. Num ânsia de verificação, quer saber se aquele homem em apogeu o reconhece e é capaz de considerá-lo. Muitos dias, Xavier espregueita obcecado os passos do senhor ministro. Tenta visitá-lo. Manda um abraço pelo porteiro insolente do Hotel Esplanada, que o barra. E, ao sair de uma noite, o seu impulso, animado pela manifestação coletiva, não mais se contém. Atravessa a multidão que acla-

ma o carro oficial. Vai chegar ao estribo, gritar, dar-se a conhecer, receber talvez uma estocada de Napoleão Varela.

Mas a chegada do general, acompanhando o presidente sul-americano, excitara outros anseios anônimos da cidade. Bem no coração do Triângulo paulista, na pequena travessa que liga a Rua Álvares Penteado à Rua 15 de Novembro, travessa que toma nome de “Beco do Escarro”, nos botecos de pinga e batida, nos cafés encardidos, açoita-se um bando nervoso de vadios e boêmios fracassados. Heróis do biscate, mitomanos do lucro, artistas incompreendidos, planadores humanos deixados no espaço alcoolizado pelos aperitivos filados nas manhãs ativas — esses homens procuram no tumulto da cidade coberta de festões e de galas a possibilidade de obter o que eles chamam uma “sorridente nota”, destinada a apaziguar sua sede contínua. Um verdadeiro “complô”, com caráter conspirativo dos grandes atentados, prepara-se nos caminhos do Beco, onde tumultua a São Paulo indiferente dos negócios. Um dos cachaceiros é sorteado para vender ao homem de Estado um mapa da Revolução Paulista, por dez mil réis. Postam-se todos à passagem do cortejo, incitando o golpe. O sorteado consegue entregar o rolo de papel à vítima que, sorrindo entre luvas brancas, exclama “*Muchas gracias, caballero!*”, enquanto Xavier, do outro lado, também corre sobre o carro, para se fazer ver por Varela. O tumulto cresce na grita dos boêmios logrados, que reclamam o dinheiro aos berros. A polícia investe contra os desordeiros e os prende. Os jornais noticiam em altas “manchetes” que o presidente e o ministro foram vítimas de um atentado comunista. Xavier e os planadores do Beco são jogados num cárcere soturno.

Um rapaz fino, de voz feminina, cabelo engomado e paletó xadrez, ao vê-lo entrar na prisão, pergunta-lhe aflito se os cadetes do Alcazar de Toledo ainda resistem. Há um ladrão gordo perto dele. Atrás, um homem pacífico que falsificou o seu título eleitoral. Há militantes vermelhos, excitados como feras. Em frente, no cubículo das mulheres, passam escandalosas prostitutas, que gritam e se exibem. Os subterrâneos da sociedade capitalista abrem-se vivamente para Durvalino da Silva Xavier. O seu impulso, ante a ferocidade inesperada do castigo, caiu completamente. Nas noites insones sucedem-se cenas. O rapaz de voz fina mostra por que tanto se interessava pelos barbudos cadetes do Alcazar. No espírito de Xavier isso aumenta a vitória espetacular de

Napoleão Varela. Os boêmios do Beco fazem roda com o pingente, perguntando se ele queria “morder” o general. Os dias iguais e sem esperança do cárcere se sucedem, mas no Esplanada o presidente tem um caso de amor e, magnânimo, pede à polícia que relaxe a prisão dos turbulentos.

O pingente, avacalhado e confuso, reaparece no clima milionário do Jardim América. À noite, restituído ao seu quarto dos fundos da pensão, voltam-lhe no sono os subterrâneos que conheceu. As prostitutas, o rapaz dos cadetes... Xavier desemboca estouvadamente no sexual — numa pitoresca composição da adolescência perdida.

Até aí, ele fora tolerado na casa rica da viúva Junquillo, que nunca lhe deixara perceber ser sua cunhada. Vivía na copa, de risos com o chofer Pavuna, com a criadagem, com as crianças. Deixavam-no comparecer à mesa faustosa dos aniversários. Era o tio pobre a quem davam, a troco de serviços, uma mesada para viver.

Xavier torna-se agora um cliente refinado e emocional das casas baratas de tolerância, onde acaba sendo indesejável. A esse tempo, uma negra velha, que fora escrava da família, faz-lhe uma revelação: ele é filho natural da matriarca Veva, que está no Juqueri, depois de arruinada pela viúva Junquillo e seus advogados. E o Pavuna lhe diz que o presidente mandou libertá-lo em homenagem a uma senhora que freqüenta a casa e que ele supunha ser a virtude em pessoa. Xavier descobre que, fora das zonas públicas, o amor ilegal também floresce. Uma série de agressões sexuais, produzidas em criadinhas, depois em parentas pobres, alarmaram a Junquillo. Admitido ainda a um jantar de aniversário, o seu arranco sexual culmina ante a “chance” de se ver sentado ao lado da senhora que tivera a aventura presidencial. Não tarda a incomodá-la por sob a mesa. Repellido, fala no “caso do Esplanada”. O escândalo é levado a Junquillo, que resolve interpellá-lo de uma vez para sempre, em conselho de família. Uma noite ele é chamado. E explode numa linguagem que faz o efeito de um ataque aéreo na casa tranqüila, modorrando entre árvores. Deixam-no só, entregue a um pavoroso exame de consciência, no salão Luiz XV. As portas são ferozmente vigiadas pela criadagem, de vassoura em punho. Vão mandar vir os médicos e pô-lo no Juqueri. Xavier enlouqueceu.

Naquele chão frio, onde nada o prende aos confortos da infância, onde quadros e móveis são estranhos à sua vida, resta ali

para ele um único liame — o velho álbum de capa de madrepérola, onde figuram ainda fotografias suas de camisinha e cabelos cacheados. Ele fita aí o retrato do irmão falecido, que fizera da sua infância um paraíso de criança adulada, perdida depois no mundo hostil da incompreensão e do desânimo. Chegam os médicos, abrem cautelosamente a porta. Ele os conhece. Um traz uma maleta, para dar uma injeção sedativa no louco furioso, que a Junquilha anunciara pelo telefone. Encontram no fundo do sofá um homem calmo e desanuviado, que tem ainda traços de lágrimas no rosto sério. E ele então lhes conta lancinantemente, purgativamente, a sua história inteira.

Os médicos recusam-se a interná-lo como louco. A Junquilha, nos seus aposentos, acolitada de parentes e padres, tem sempre presente a cena culminante em que ele a insultara. Exige: — Ou os senhores levam Xavier para o Juqueri ou eu telefono para o secretário e mando prendê-lo outra vez!

Os médicos forçam o pobre-diabo a sair com eles. Ele agarra-se à casa, em cujo estribo rico sempre vivera. Quer falar com a cunhada. Suplica. Quer pedir perdão. Tudo é inútil. O carro fechado dos médicos, levando-o ao lado do chofer, faz a curva suave do jardim e o grande portão da vivenda se fecha para sempre sobre o pingente que caiu. Os médicos deixam-no numa esquina garoenta da cidade.

Xavier acorda na pensão que não poderá mais pagar. A Junquilha lhe negará agora a mesada miserável. Procura então um dos médicos que o haviam tratado tão humanamente na noite anterior: — Doutor, eu venho lhe pedir um favor... que me interne como louco no hospital do Juqueri. Eu não tenho aptidões para viver aqui fora!

O médico arranja-lhe um bico de ajudante de farmácia, no Juqueri: E aí o seu drama se entrosa com o da sua verdadeira mãe, a Veva, que foi colhida das ruas do Triângulo, onde mendigava apupada, para um dos pavilhões do manicômio oficial.

A Veva é a matriarca que perdeu o seu reinado. Espécie de *Rei Lear* feminino. Traída pelos seus entes mais caros, espoliada e expulsa, ela fora realizar pelas ruas centrais de São Paulo, no plano da esquizofrenia, as transações que teriam salvo sua fortuna, se a morte do filho legítimo não a tivesse entregue à voracidade conluiada de parentes e advogados. Arruinada, indo acoitar-se no quarto nauseabundo da negra velha que fora sua escrava,

ela saía todas as manhãs para o coração “afarista” da cidade, onde se espedaçou o seu poder. Bancos, tabeliães, baiúcas de usu-rários, escritórios de advogados e corretores, pequenos botecos onde se almoça um sanduíche de lingüiça e um copo de água da torneira a conhecem. Ela hesita no Triângulo, às dez horas da manhã, um chapéu festivo na cabeça, uma pasta velha e cheia de papeluchos sob o braço. Mas os horários ativos começam, o rodar do lucro prossegue, o ritmo da cidade capitalista passa. A Veva, desde a sua ruína estabilizou-se na tragédia financeira, é o autômato na negociata, o boneco trágico do dinheiro em ação. Penetra nos tabeliães, manda em altas vozes lavrar escrituras imaginárias, paga hipotecas, emite cheques em papéis da rua e apresenta-os nos guichês atarantados dos bancos, exige pagamentos, execuções, penhoras, do homem da rua. Toda a sua desgraça se desenvolve no plano mágico da esquizofrenia. Dão-lhe níqueis para comer e as crianças da rua a atropelam. Conduziram-na uma tarde ao Juqueri, onde agora vem encontrá-la Xavier, seu filho natural. Culmina aí na Veva o poder de transferência com que se enriquece o seu isolamento da realidade.

“Meu filho!”, exclama. “Você é meu filho!”

Xavier vai enfim ouvir a verdade, estribar o seu impulso definitivo na confissão máxima que sempre esperara. Deixará o Juqueri, interpelará a Junquilha, tomará advogados, reivindicará a imensa fortuna roubada de ambos. Mas a Veva o chama pelo nome do outro, o que morrera na posse exclusiva da legitimidade. A sua força autista evita que a realidade ponha entre ambos uma fonte segura de solidarização e de afeto. Ela restaura nele o filho morto.

Esvaziada de todo o lastro, a paranóia de Xavier se agarra à primeira excitação que encontra. Nas horas de folga, volta à vida e ao convívio turbulento dos bêbados do Beco do Escarro; seus amigos do xadrez. A vasa da revolução social atinge os botecos pitorescos do Triângulo. Novos complexos habitam a sua psique extenuada. E ele vai morrer na rua, num pseudo-assalto noturno, a um quartel que está de prontidão, numa vigília armada da cidade.

A Veva prossegue sozinha a sua ascensão demente. Ela realiza no Juqueri, que ela crê ser sua última fazenda, o que eu chamaria a curva das esquizofrenias de planalto. O planalto piratiniano não está longe dos planaltos esquizóides, que deram as civilizações individuais e marcadas da América — o planalto mexicano, o planalto incaico. Para ela “São Paulo venceu” e ela pas-

seia, rasgada e suja, nas celas e nos pátios do manicômio, uma saia de uniforme das internadas, em que vê as cores brancas e pretas da bandeira paulista, símbolo da restauração dominadora de sua classe, afastada da realidade contemporânea.

São esses dois tipos, senhores congressistas, que trago em arcabouço à vossa presença. Os andaimes da construção psicológica não devem aparecer nas páginas do romance. Nelas, eles se dissimularão atrás da ação, sob os diálogos e as reações dos personagens. Mas, como vos disse no início, não aceito as improvisações da criação literária. Por isso ousei trazer-vos a análise desses dois personagens de *Marco Zero*.

Palestra proferida no I Congresso Paulista
de Psicologia e Psiquiatria,
julho de 1938 (separata).

DOIS EMANCIPADOS

O romance no Brasil reflete de um modo regular a marcha desse gênero literário nos países de velha cultura. Indubitavelmente temos conseguido nos aproximar da cronologia e do sentido dos grandes movimentos. Se bem que a América, com um Whitman e um Poe, houvesse, algumas vezes, devançado as velhas culturas no ritmo da criação literária, é a Europa que tem dado as correntes estéticas do mundo civilizado.

Isso se acentuou com o romantismo, quando, por assim dizer, o trabalho se viu unificado nas suas rotas. É que a era da máquina, já por si, unificava. E se não houve um internacionalismo ideológico, houve certamente uma competição em torno de um estilo não só de vida como de escrita. Tivemos grandes românticos, particularmente na poesia, e se o nosso primeiro esforço na novela, as *Memórias de um Sargento de Milícias*, não acompanhou, na sua extensão, o vôo condoreiro e a epopéia indianista, já com o naturalismo os nossos autores seguem melhor a produção européia. Hoje, visto de longe, que se pode dizer do naturalismo? Que realmente era uma escola de reprodução verdadeiramente dos fatos? O menor exame das obras-primas dadas por esse movimento nos autoriza a pensar que não. Mas não será isso uma questão de modo de sentir? Aqui entra, com particular interesse, o problema da velocidade em arte. A velocidade do mundo de nossos pais dava a velocidade coeva do romance e do conto. Que acrescentou o naturalismo à fórmula do romance narrativo que antecederá, desde *Daphnis e Chloé* até *Ruy Blas*?¹ Psicologia narrativa, drama em forma narrativa, estilo narrativo. É evidente que a técnica da era da máquina nada influiu sobre a

1 *Daphnis e Chloé*, pastoral de autoria do escritor grego Longus, século II. *Ruy Blas*, drama em verso de Victor Hugo, cuja ação se passa no século XVII, na corte da Espanha.

arte de escrever do século XIX. Só no fim aparece um Proust, marcando a subjetividade do tempo, revelando sombras de negativo fotográfico, fazendo ver os subterrâneos do espírito como o microscópio fazia com os tecidos e pesando os imponderáveis da alma humana com a mesma precisão dos aparelhos de química. Só no século XX o problema da técnica literária se impõe de um modo devastador e o romance muda. Aparece James Joyce.

Tudo isso nos vem à mente quando relemos Júlio Ribeiro ou Inglês de Sousa. A impressão que nos dão esses dois emancipados da nossa literatura é que eles acompanham tanto os padrões franceses da época como os seus antecessores milenários. Apontou-se o naturalismo como uma escola escandalosa, pois não se detinha ante as cenas cruas que a humanidade pratica todos os dias calma ou agitada desde que é humanidade. É evidente a má-fé que fazia correr o boato. Por acaso obras do século I, como o *Satiricon*, de Petrónio, e *O Burro*, de Luciano de Samosata, são menos cruas do que as páginas mais veristas de um Zola ou de um Flaubert? Não. O naturalismo de fato se destacou do romantismo por não pretender escoltar de galas nenhum feito e nenhuma personagem copiado da vida, mas com isso apenas se integrava numa velha tradição do romance, que deu tanto Longus como Lesage.²

A literatura de tração animal prolonga-se entre nós. É verdade que se prolonga também entre os povos mais cultos. Que é *A Montanha Mágica* senão uma esplêndida caleche? Toda a obra de José Lins do Rego é uma carrocinha de padeiro. Verdade seja dita, hoje as carroças de pão têm mais utilidade do que as caleches. Entre nós, só o Modernismo faria mover a técnica da narrativa, dando-lhe o nervoso dos desenhos animados, as ondas líricas da inconsciência e as alturas da invenção intelectual. Enquanto eu trabalhava arduamente o *Serafim Ponte Grande*, Plínio Salgado reproduzia em *O Estrangeiro* a técnica das minhas *Memórias Sentimentais*, e dois grandes trabalhadores da plástica criadora presenteavam o Brasil com *Macunaíma* e *João Ternura*.³

2 Alain René Lesage (1668-1747), autor de *Histórias de Gil Blas de Santillane*, traduzido para o português por Bocage.

3 *Macunaíma* de Mário de Andrade, publicado em 1928, e *João Ternura* de Aníbal Machado, iniciado em 1928 e concluído na década de 50.

A descoberta lírica ia prosseguir dando Jorge Amado. *Jubiabá* é um comício. O mais belo comício que o Brasil ouviu depois de *O Navio Negreiro*. Essa ligação entre Jorge Amado e Castro Alves tem que ficar de pé. Não é sem motivos que essa criança da Bahia de hoje está escrevendo outra maravilha — o *ABC de Castro Alves*.

Ponho, pois, de lado, a obra condoreira do autor de *Suor*, para vir encontrar Júlio Ribeiro nos narradores mais simples. É o avô culto de Zé Lins e o padrinho de Raquel de Queirós. Graciliano, mais dramático e mais rico de *humour*, só pode filiar em Machado de Assis, como também Lúcia Miguel Pereira no dia em que deixar a timidez dos seus primeiros ensaios. Erico Verissimo já é um internacional que aparece motorizado nas fórmulas menos rebarbativas dadas ao mundo pela literatura inglesa.

Tanto *A Carne*, de Júlio Ribeiro, como *O Missionário*, de Inglês de Sousa, valem muito mais como atitude e como aventura intelectual do que propriamente como cometimento literário. Qualquer desses dois livros, desligado das condições imediatas de tempo e de espaço, não constitui propriamente um movimento de fundo ou de forma capaz de representar uma literatura. Tanto o episódio central de um como o do outro mal dá para um conto mirrado de qualquer época. O fato de um missionário improvisado naufragar no colo de uma mulata perene, como o fato de uma moça independente procurar uma aventura mal dão para encher um capítulo de história nos dias cheios da vida contemporânea. O que promove esses dois pequenos gestos de emancipação é o escândalo que eles contêm. Perante uma sociedade que quebrou a independência inicial de Machado de Assis, passaram o recibo corajoso do materialismo. Foi sem dúvida uma afirmação de pensamento e de cultura. Júlio Ribeiro, pobre, Inglês de Sousa, rico; o primeiro afrontando uma sociedade mais ou menos arcaica, o segundo engrenado nela. Foi preciso com certeza muita força e muita consciência em ambos para darem aos episódios de sua obra a significação que tiveram.

Quanto às conquistas técnicas trazidas à nossa literatura pelo mineiro e pelo paraense, pode-se dizer que, se enriqueceram de um certo modo o gênero, carreando para a novela romântica o luxo dos inventários naturalistas e dando-lhe um pequeno banho de ciência, não foram elas decisivas no progresso das nossas letras. A geração posterior se empanturrou muito mais dos ensi-

namentos da Europa e das experiências dos escritores internacionais do que esses modestos marcos do espírito nativo.

Como dividir as gerações brasileiras, senão fazendo chegar até o Modernismo essa mesma plêiade que sucedeu no romance a José de Alencar e na poesia a Castro Alves? Isso envolve, é verdade, um largo período. Mas não há uma grande diferença entre o antigo naturalismo e os livros atuais dos senhores Afrânio Peixoto e Ribeiro Couto, que são póstumos de si mesmos. A nova geração começou portanto com o estouro modernista de 22. Sobre escritores que liam a poesia futurista italiana, Lautréamont e os livros de Guillaume Apollinaire, e já haviam deixado Eça de Queirós, não podia portanto ter influência alguma o róseo naturalismo de *A Carne* e de *O Missionário*. Hoje, esses dois livros, apesar da crítica tabaroa do sr. Olívio Montenegro querer o contrário respeito a Inglês de Sousa, jazem no museu das nossas ternuras mais apagadas.

Do escritor do Pará, eu, particularmente, conservo uma lembrança afetiva. Foi o primeiro grande homem que conheci pessoalmente. Era a imagem fina do evolucionista progressivo. Diante de sua calma distinta dir-se-ia que o mundo caminhava dia a dia na construção calculada e metódica de um progresso para a vida, de um progresso para as ciências e para as letras. Do Éden urbano que era a sua casa na Rua S. Clemente em 1909 para os cenários convulsos do Rio de 1939, ano da deflagração da Segunda Grande Guerra Mundial, vai um milênio de mudanças. Naquele instante pareceria que a ordem das coisas se processava num superior evolucionismo. Que engano! Ele e sua obra ficaram como um anseio de classe rica que, depois de estabilizada a parte financeira da existência, põe na lapela um sinalzinho maçom para dizer que também é da turma avançada da liberdade e do progresso. Açoitou o mundo uma ventania de insânia de tal ordem que o progresso se tornou revolucionário e a ordem impossível de evolução pacífica. Num mundo epiléptico em transformação, santas imagens amenas passaram a ser os dois ateus ilustres de 1900.

Artigo publicado na *Revista do Brasil*,
São Paulo, maio de 1941.

A SÁTIRA NA LITERATURA BRASILEIRA

Senhoras, senhores:

Sou obrigado a improvisar. Não trouxe esta conferência escrita. Como é público, acabo de sair de um concurso de literatura na Faculdade de Filosofia da universidade. Não me sobrou tempo para tratar do assunto que me fora confiado. Acreditei mesmo que me fosse dado mudar de tema. Iria então reproduzir aqui a minha prova didática sorteada no referido concurso: “O sentido da nacionalidade no *Caramuru* e no *Uruguai*”. Ontem porém Sérgio Milliet me intimou: “É sobre ‘A sátira na literatura brasileira’ que você vai falar”. E aqui estou com alguns livros.

Qual o prestígio da sátira? Qual a sua finalidade? Qual a sua função? Fazer rir. Evidentemente isso está ligado ao social. Ninguém faz sátira rindo sozinho. A eficácia da sátira está em fazer os outros rirem de alguém, de alguma instituição, acontecimento ou coisa. Sua função é, pois, crítica e moralista. E através da ressonância, a deflagração de um estado de espírito oposto. A sátira é sempre oposição.

Que é o riso? Há inúmeras formas de riso. Há o ataque de riso, o riso produzido pela cócega. Há o riso produzido pelos gases hilariantes. É o riso químico. Mas geralmente o que produz o riso é a piada que faz deflagrar um estado de contenção. À repulsa psicológica a esse estado de contenção sucede o fenômeno fisiológico do riso, o fenômeno vaso muscular. Os filósofos procuram então dar a isso um sentido. Dizem que é um complexo de inferioridade que se vinga. O riso se produz diante da pose que fracassa. Schopenhauer diz que o riso sai do contraditório. Modernamente quem melhor estudou o riso foi Bergson.¹ Afir-

¹ Henri Bergson, autor de *O Riso*. Há uma edição brasileira de 1980 da Zahar Editores.

Gregório de Matos foi sem dúvida uma das maiores figuras de nossa literatura. Técnica, riqueza verbal, imaginação e independência, curiosidade e força em todos os gêneros, eis o que marca a sua obra e indica, desde então, os rumos da literatura nacional. Vou agora chamar vossa atenção para a sátira de Gregório. A erótica que também ele abordou não é objeto da minha conferência. A Academia Brasileira de Letras decidiu mesmo não incluir essa parte nas obras completas que está editando. É que, diante dele, o próprio Bocage empalidece.

Corredio, cantante e popular, o poeta baiano tinha uma facilidade de repentista notável. E disso se ressentiu parte de sua obra. Vejamos como ele começa este poema de circunstância, dedicado "Ao capitão João Rodrigues dos Reis", homem generoso e alentado, grande amigo do poeta:

Meu capitão dos Infantes,
que por vossas boas artes
sois homem de muitas partes
nascendo só em Abrantes:
por vossos ditos galantes,
discretos, e cortesãos,
e por largueza de mãos
a todos nos pareceis
não somente João dos Reis,
Senão o Rei dos Joãos.⁶

Quem não conhece esta pequena jóia sobre a Sé da Bahia,
a melhor que há sobre todas as sés e todas as Bahias?

A nossa Sé da Bahia,
Com ser uma mapa de festas
É um presepe de bestas,
Se não for estrebaria:
Várias bestas cada dia

⁶ O poema tem por título "Ao capitão João Roiz dos Reis homem generoso, e alentado grande amigo do poeta, lhe louva a sua generosidade com todos". Também foi corrigida a pontuação e ortografia, de acordo com a versão dada por James Amado no vol. II, p. 355 das *Obras Completas* do poeta.

Vejo que o sino congrega
Caveira mula galega,
Deão burrinha bastarda.
Pereira mula de albarda
Que tudo da Sé carrega.⁷

Passo agora a dar os títulos apenas de alguns poemas de Gregório, pois não poderia repeti-los aqui. Esses títulos bastam para nos dar uma idéia do que foi essa Bahia admirável do século XVII, na Bahia da Guerra Holandesa, do Padre Vieira, de Manoel Botelho de Oliveira. “A Antonia” a “Marimbonda”, “A uma procição que se fez em certo convento, por se abrir uma pipa de vinho”. “A certo frade que, por pregar mal na Madré de Deus foi quando saiu, apedrejado pelos rapazes a que se fingiu desmaiado para melhor escapar, porém quando se foi, furtou o chapéu do harpista e um bordão do autor em que se encostava; cujo, porém lh’o tomou no caminho um mulato de Domingos Borjes pelo conhecer”. “A um escrivão a quem deram umas porradas”. “A um frade a quem uma freira pediu o hábito para um entremez, deixando-o nu na grade”. “A frei Tomaz censurando uma ação de Gonçalo Ravasco, quando perante a sua freira vomitou no chapéu”. “A uma religiosa que chamara ‘Pica-Flor o Poeta’”. “A uma freira que meteu na sua cela um carpinteiro”. “A um advogado a quem enfiaram pela cabeça uma panela cheia de... dizendo-lhe que eram uns camarões”.

O tempo que tenho não permite continuar nessa curiosa viagem através do Brasil colonial que nos deixou a pena diabólica de Gregório de Matos.

Passemos ao século XVIII. Aí a sátira toma um aspecto grave, um aspecto político. As *Cartas Chilenas* de Critilo constituem um dos maiores documentos da nossa literatura. É a revolta política. A nacionalidade exige a sua independência. Tomás Antônio Gon-

7 Poema “Aos capitulares do seu tempo” (vol. II, p. 234). Apresenta algumas mudanças em relação à edição citada:

‘A nossa Sé da Bahia,
com ser um mapa de festas,
é um presépio de bestas,
se não for estrebaria:
várias bestas cada dia

vemos, que o sino congrega,
Caveira mula galega,
o Deão burrinha parda,
Pereira besta de albarba,
tudo para a Sé se agrega’.

ma o filósofo francês que o riso deve ser uma espécie de gesto social. Pelo medo que inspira, reprime as excentricidades e procura um fim útil de aperfeiçoamento. É para ele um instrumento de sociabilidade. Mas seu célebre livro sobre o riso perde-se logo no sutil e no estético.

O que caracteriza o riso é sempre o insólito, o bizarro, o anormal. É o cachorro na igreja que torna o riso inevitável. É o inadequado nas suas várias modalidades.

Transponha-se isso para o terreno da crítica, da ressonância e da linguagem social e está aí a sátira. Nela o oprimido se sente justicador. É a revanche, a descarga, a vindita.

Nosso tema, porém, é preciso. Temos que tratar aqui da sátira na literatura brasileira, o que não comporta digressões que nos levariam até a sátira política de Lênin.

O Brasil literário começou em ponto alto. Portugal no século XVI era um dos quatro países cultos da Europa e sua língua vitoriosa possuía dicionário e gramática. O que trouxeram para cá os missionários, os navegadores e os cronistas respirava a atmosfera da poesia de Luís de Camões. O que veio já veio feito. E tivemos uma curiosa transposição, o consciente e o formal, ante o inconsciente que constitui o substrato de toda a literatura. O que foi escolhido como documentário nessa época — refiro-me ao primeiro indianismo — e que de fato forma a nossa literatura oral e o nosso subsolo emotivo e social só ia ser aproveitado recentemente pelo folclore culto de Mário de Andrade e Raul Bopp.

Se eu escrevesse um tratado de literatura, daria a esse ciclo inicial de nossas letras o nome de Ciclo Donatário. Todos os que aqui pisaram se sentem senhores da terra. Fossem missionários ou marujos, sentiam-se todos donos do Brasil descoberto. E faziam dele a propaganda da posse. Agripino Grieco, um dos maiores expoentes da sátira brasileira, afirmou que Pero Vaz de Caminha foi o primeiro funcionário do DIP.²

A carta de Caminha iniciou o que mais tarde Rocha Pita e o conde Afonso Celso³ levariam até o ufanismo.

2 Departamento de Imprensa e Propaganda.

3 Sebastião da Rocha Pita (1660-1738), autor de *História da América Portuguesa*, Lisboa, 1730. Afonso Celso (1860-1938), autor de *Porque me Ufano do Meu País*, 1900.

O que justificava essa exaltação era o Brasil primitivo que, segundo Gabriel Soares,⁴ não tinha F nem L nem R, isto é, nem Fé nem Lei nem Rei. Cada um vivia ao “som da sua vontade”. É o que ainda hoje procura fazer o brasileiro. É praga. Em seguida a esse ciclo donatário todo feito de efusão, aparece outro Brasil em Gregório de Matos.

Gregório de Matos, o poeta baiano do século XVII, não foi um mau homem. José Veríssimo o ataca de uma maneira brutal. Diz que na Bahia só nascem capadócios. Esquece que Rui era um baiano e muitos há que seguem na linha de civilidade e de compostura. Gregório de Matos também foi lírico notável. Basta ler este soneto de amor, um dos muitos que dedicou a uma certa Dona Angela por quem se apaixonara:

Cresce o desejo, falta o sofrimento,
Sofrendo morro, morro desejando,
Por uma, e outra parte estou pensando
Sem poder dar alívio ao meu tormento.

Se quero declarar meu pensamento,
Está-me um gosto grave acovardando,
E tenho por melhor morrer calando,
Que fiar-me de um néscio atrevimento.

Quem pretende alcançar, espera, e cala,
Porque quem temerário se abalança,
Muitas vezes o amor se desiguala.

Pois se aquele, que espera, sempre alcança,
Quero ter por melhor, morrer sem fala,
Quando falando, perder toda a esperança.⁵

4 Gabriel Soares de Sousa (1540-1591), autor de *Tratado Descritivo do Brasil*, São Paulo, Nacional, 1971.

5 Muitas vezes Oswald citava os trechos que usava nas suas obras de memória, daí a discrepância existente. Por isso optamos, no caso de poesia, por corrigir a passagem citada pela versão original, quando as variações forem apenas de ordem ortográfica e de pontuação. Foi feita correção no texto segundo a versão das *Obras Completas* do autor organizada por James Amado (conferir edição de 1969, da Editora Janaina, p. 525, vol. III).

zaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto produzem esta primeira consciência autonomista. É Vila Rica que se levanta.

Ninguém ignora a dissensão que se estabeleceu em torno da autoria das *Cartas Chilenas*. Primeiramente foram atribuídas à colaboração dos três poetas inconfidentes. Eles viviam em estado de polêmica contra o governo da Colômbia. Eram homens que iam dar suas vidas, seus lares, suas comodidades por uma revolução que fracassou. Manuel Bandeira, com sua autoridade de mestre poeta, e Afonso Arinos de Melo Franco, dono do assunto, decidiram ultimamente que as *Cartas* são de Tomás Antônio Gonzaga. Vejamos alguns admiráveis versos brancos do prefácio.

Aos vís ataques do atrevido orgulho
Hão de ceder as prevenções mais fortes;
Vítimas da voraz sensualidade
Vossas filhas serão, vossas mulheres,
Que direi do soberbo, do vaidoso,
Do colérico e dos outros vários monstros,
Que freio algum não conhecendo, passam
A sustentar no autorizado cargo
Tudo quanto a paixão lhes dita e manda!⁸

Por motivo do concurso a que me referi, tive ocasião de ver mais vezes no Rio o meu amigo Sérgio Buarque de Hollanda, diretor da Biblioteca Nacional, que acusa Gonzaga de reacionarismo. Ninguém vai negar que Gonzaga, ou melhor quem seja o autor das *Cartas Chilenas*, é um atrasado em face das lutas sociais de nossos dias. Chamam-no até de racista. No entanto ele toma várias vezes posição de abolicionista. Ao lado disso teremos bem definida a posição de Gonzaga no tratado de direito natural, quando ele se coloca na defesa dos princípios progressistas do século XVIII ao lado de Pombal e seguindo a filosofia política de Melanchton⁹ contra os jesuítas.

Num curioso presságio, o autor das *Cartas Chilenas* fala na precariedade dos testemunhos e dos julgamentos, como se antes os trágicos desmandos que se processariam na Devassa da Conjura Mineira, de que foram vítimas os inconfidentes. Eis o trecho:

8 Trecho da "Epístola de Critilo" (*Obras Completas*. Edição crítica organizada por M. Rodrigues Lapa. p. 186).

9 Philipp Melanchton (1497-1560), chefe da Igreja Luterana, depois da morte de Lutero.

Qu' é deles, os processos, que nos mostram
A certeza dos crimes? Quais dos presos
Os libelos das culpas contestaram?
Quais foram os juizes que inquiriram
Por parte da defesa e quais patronos
Disseram, de direito, sobre os fatos?
A santa lei do reino não consente
Punir-se, Doroteu, aquele monstro
Que é réu de majestade, sem defesa.¹⁰

Já no século XIX, é o individualismo que dá o tom à literatura. A sátira deixa os costumes para tomar o tom de epigrama pessoal. Quem fulgura aí é Emílio de Menezes. Sendo o mais parnasiano de nossos poetas dessa época, não mereceu de Manuel Bandeira a honra de figurar em sua antologia. É fato que seu estro se acomodou melhor à sátira que fez dele temido e adulado. Não conseguiu no entanto penetrar na Academia Brasileira em vida de Machado de Assis, que a isso se opunha. E nunca teve um gesto contra o mestre de *Brás Cubas*.

Vou ler algumas das quadras que deram tanta celebridade a Emílio:

Morreu depois de uma sova
E como não tinha campa
De uma orelha fez a cova
E da outra fez a tampa.

Outra é dada como epitáfio de Bilac:

Quando se viu sozinho
Da cova na escuridão
Surrupiou de mansinho
As bordas do caixão.

Emílio era sobretudo um repentista de bom humor, de palavra fácil, de piada desconcertante e imediata. Era muito generoso. Quando tinha dinheiro, espalhava. Nunca se negou ao pe-

¹⁰ Trecho da 4ª carta (conferir edição crítica organizada por M. Rodrigues Lapa, p. 255., citada na nota 8).

dido de um facadista. Uma vez que alguém lhe pedira um dinheiro emprestado, lhe tirou em seguida um fiapo do paletó: “Bota o fiapo aí novamente!”, gritou o poeta. Costumava ficar na porta de um bar ou confeitaria caçoando da gente que passava. Certo dia deu de falar dos pés dos transeuntes. Estava a seu lado, entre outros, um sujeito que lhe pedira vinte mil réis. Passou alguém arrastando o pé: “Pé de ferro de engomar”, diz ele. Passou uma moça batendo os saltos. Pé de carimbo. Passa então um poeta que tinha as mãos e os pés estropiados. Exclama Emílio implacável: “Mão de gengibre e pé de caixa de binóculo”. O facadista perguntou então: “E eu, que sou?” “Você é pé de vintel!”

No entanto, não havia maior sensibilidade do que a de Emílio. Ela aí está nos seus versos de amor que a rigidez parnasiana não conseguiu congelar.

Mas a sua obra satírica foi que o celebrizou. Eis um admirável soneto que, quando diretor da revista *O Pirralho*, publiquei num número especial onde saiu a série intitulada “Os Deuses em Ceroulas”. É contra o historiador e diplomata Oliveira Lima:

De carne mole e pele bambalhona,
Ante a própria figura se extasia,
Como oliveira, ele não é azeitona,
Sendo lima, parece melancia.

Atravancando a porta que ambiciona,
Não deixa entrar nem entra. É uma mania!
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona
De pára-vento da diplomacia.

Não existe exemplar na atualidade
De corpo tal e de ambição tamanha,
Nem para intriga igual habilidade.

Eis em resumo essa figura estranha:
Tem mil léguas quadradas de vaidade
Por milímetro cúbico de banha!...

Eis o outro notável soneto dedicado ao filósofo negro Hemetério:

O preto não ensina só gramática.
É pelo menos o que o mundo diz.
Mete-se na dinâmica, na estática.
E em muitas coisas mais mete o nariz.

Dizem que, quando ensina matemática,
As lições de A mais B, igual a X,
Em vez de lousa, com saber e prática,
Sobra a palma da mão escreve a giz.

Uma aluna dizia: Este Hemetério
Do ensino faz um verdadeiro angu,
Com que empanturra todo o magistério.

E é um felizardo, o príncipe zulu,
Quando manda um parente ao cemitério,
Tem um luto barato: — Fica nu.¹¹

Emílio foi sempre um boêmio. Contava coisas da época da mocidade, quando integrava a miséria de Bilac, Coelho Neto e Paula Ney. Para reforçar o rancho do grupo incumbira-se de arrancar na confeitaria de um alemão restos de presunto e de salame dizendo que era para um cachorro. Cada vez pedia mais. — O cachorro está crescendo. Um boião de pickles aguçava-lhe a gula. Uma tarde não se conteve mais: “Ponha um pickles aí!” “Sua cachorra come pickles?”, gritou o alemão botando-o para fora.

Nesta digressão pela sátira, volta-me a lembrança do semanário que fundei e dirigi aqui em São Paulo em 1911: *O Pirralho*. Nele iniciou a sua carreira de poeta Guilherme de Almeida. Nele com Voltolino, o grande caricaturista morto, fiz a campanha civilista ao lado de Rui Barbosa. Nessa luta, em que ocupa-

11 “O plenipotenciário da facúndia” e “H. de S’”, aparecem na *Obra Reunida* de Emílio de Menezes (organizada por Cassiana Carollo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1980, pp. 87 e 94) com pequenas variantes de pontuação e de vocabulário em relação ao texto citado por Oswald. Em “O plenipotenciário da facúndia”, o quarto verso do primeiro terceto na edição em livro ficou: “Sendo lima — é quase melancia”. Em “H. de S’” há uma variação no segundo verso do segundo quarteto: “As lições de mais b, de igual a x”.

mos a primeira trincheira, tomou posição excepcional um mestre da sátira no Brasil. Foi Juó Bananere. Chamava-se Alexandre Marcondes Machado. O mesmo nome do ministro do Trabalho de quem era primo. Era um moço tímido, de grandes qualidades morais. Casmurro e incapaz de fazer uma piada em português. N' *O Pirralho* sucedeu-me n' "As Cartas d'Abaixo Piques" criando em suplemento o jornalzinho *O Rigalejo*, donde vou tirar alguns versos que reuniu depois num pequeno volume intitulado *A Divina Encrenca*.¹² Ei-los:

O LOBO I O GORDERIGNO

Un dia n'un riberó
Chi tê la nu Billezinho,
Bebia certa casió
Un bunito gorderigno

Ababia o gorderigno
Chetigno come un Juriti
Quano du matto vizigno
Un brutto lobo saí

O lobo assí che inxergó
O pobre gordero bibeno,
Os zoglios arrigalô
I logo já fui dizeno:

— Olá! Ô sô gargamano!
Intó vucê non stá veno,
Che vucê mi stá sujano
A agua che stô bibeno?!

— Ista é una bruta galunia
Che o signore stá livantáno!
Vamos xamá as tistimugna,
Fui o gordero aparlano...

¹² *A Divina Encrenca* teve sua primeira edição em São Paulo em 1924; reeditada em 1966.

Non vê intô Incelencia,
Che du lado d'imbaixo stó io
I che nessun ribêro ni rio
Non gorre nunca p'ra cima?

— Eh! non quero sabê di nada!
Si vucê non sugió a agua,
Fui vucê chi a semana passada
Andô dizeno chi io sô un pau d'agua.

— Mio Deuse! Che farsidade!
Che genti maise mintirosa,
ome cuntá istas prosa,
Si tegno seis dia d'indade?

— Si non fui vucê chi aparlô,
Fui un molto apparicido,
Chi tambê tigna o pello cumprido
I di certo chi é tuo irmó.

— Giuro, ó inlustre amigo,
Che istu tambê é invençó!
Perche é verdadi o che digo,
Che nunca tive un ermó.

— Pois si non fui tuo ermó
Cabemo cun ista mixida?
Fui di certo tuo avó
Che mexê c'oa migna vida.

I avendo accussi parlato,
Apigó nu gorderigno,
Carregó illo p'ru matto
I cumeu illo intirigno.

MORALE: - O che vale nista vida é o muque!

O STUDENTI DU BÒ RITIRO

Antigamenti a scuola era rizogna e franga;
Du veglio professore a brutta barba branga,
Apparecia un cavagnac da relia,
Che punga rispetto inzima a saparia.
O maestro éra un veglio bunitigno,
I a scuola era nu Bellenzigno,
Di tarde inveiz, quando acabava a aola,
Marcano o passo i abateno a sola,
Tutto pissoalo iva saino in lignia
Uguali come un bando di ponbignia.
Ma assi chi a genti pigliava o portó,
Incominçava a inscugliambaçó;
Tuttos pissoalo intó adisparava,
I iva mexeno c'oa genti chi passava.

Oggi inveiz stá tutto mudato!
O maestro é uómo indisgraziado,
Che o pissoalo stá molto chetamente
E illo già quere dá na gente.
Inveiz un dí intrô na scuola un rapazigno
Co typio uguali d'un intalianignio,
O perfilo inergico i o visagio bello
Come a virgia du pittore Rafaello.
Stava vestido di luto acarregado,
Du paio chi murreu inforgado.
O maestro xamô elli un dia,

I priguntô — Vucê sabe giograffia?
— Come nó!? Sê molto bê, si signore, —
— Intó mi diga — aparló o professore, —
— Quale é o maiore distritto di Zan Baolo?
— O maiore distritto di Zan Baolo,
O maise bello e ch'io maise dimiro
É o Bó Ritiro.
O maestro furioso di indignaçó,
Batte con nergia u pé nu chó,
I gritta tutto viermeligno:
— O migliore distritto é o Billezigno.

Ma u aguia du piqueno inveiz,
Cóa brutta carma disse otraveiz:
— O distritto che io maise dimiro,
É o Bó Ritiro!

O maestro, virmeglio di indignaçó
Alivantô da mesa come un furacó,
I pigano un mappa du Braiz
Disse: — Mostre o Bó Ritiro aqui si fô capaiz.
Aóra o piqueno também si alevantô
I bateno a mon inzima o goraçó,
Disse: — O BÓ RITIRO STÁ AQUI!

A hora não permite que fale mais de Juó Bananere de que foi amplo sucessor, num plano literário, Antônio de Alcântara Machado, o criador de “Gaetaninho”.

Tenho que chegar à atualidade da verve e da sátira, a este século XX, tão bem representadas por Agripino Grieco, nas suas ações de comando, rápidas e decisivas e pelo Barão de Itararé que estendeu a sátira iconográfica ao nosso mundo político. Inventou primeiro “o nosso querido diretor”, o homem do jornal que leva a sua carreira até um movimento armado que lhe dá o baronato. Torna-se então Imperador da Ursas e fica Marechal — Almirante — Brigadeiro.

Eis uma das crônicas de Aparício Torelly, Aporelly, o Barão de Itararé:

“INVEJOSO — O invejoso emagrece ao contemplar a gordura dos outros.

CÃES — Cão que ladra não morde. Em compensação, o cão que morde não late. Faz ‘nhackt’!

PROVÉRBIO ESPANHOL — Só há duas linguagens no mundo: o ‘Ter’ e o ‘Não ter’.

PENSAMENTO — A união faz a força. Mas nem por isso deviam pôr tanta água no leite.

PROVÉRBIO ITALIANO — A língua não deve contrair dívidas que tenham de ser pagas com a cabeça.

PENSAMENTO CHINÊS — É fácil proclamar-se a beleza da vida quando se tem o estômago cheio.

NOME PRÓPRIO — Para uma propriedade de uma fábrica de laticínios ou uma ama encarregada de alimentação de crianças. ESTER ELISA LEITE.

A VIDA É BREVE -- Nós não temos estatísticas para determinar a medida da duração da vida humana no Brasil. De uma maneira geral, entretanto, podemos afirmar que o brasileiro vive pouco sendo exagerado o cálculo de 60 anos. Mas 60 é 15 vezes 4. Ora, sendo 15 anos um curto período, chegamos à conclusão de que um cidadão que chega à casa dos 60 viveu apenas 4 curtos períodos, o que é profundamente triste.”

Não comporta esta conferência estendermos-nos à sátira através das criações do teatro, do circo e do rádio, onde teríamos que citar em primeiro plano Piolin e o palhaço Chique-Chique e, no microfone, Nhô Totico, o Barbosinha e a inventiva de Osvaldo Molles.

A sátira é sempre a defesa individual ou social contra a opressão, o enfatuamento e as usurpações de qualquer espécie.

Para terminar, vou pedir para ler uma coisa minha. É uma sátira contra o fascismo, que julgo mais que oportuna, pois hoje o fascismo não anda às claras como em 37, quando a publiquei, mas aparece oculto e camuflado nas roupagens mais inesperadas.

Ei-la:

“(Ante a multidão encapelada e comprimida numa praça, o Chefe surge num estrado alto e embandeirado. Cercam-no o Burro, o Pirilampo, a Força, o Urubu, setenta capangas, uma banda de música, cinco microfones, trinta e dois refletores duplos e centúrias de fotógrafos e operadores de cinema.)

A MULTIDÃO (*despertada*)

Viva! Vivoooooooooooo! Óoooooooooooo!

O CHEFE

1931...

A MULTIDÃO (*desvairada*)

Bravo! Muito bem! Bravíssimoooooooooooo!

O CHEFE

Enganei-me... Em 1913!

A MULTIDÃO

Bravíssimo! Muito bem!

O CHEFE

O céu azul...

A MULTIDÃO (*desvairada*)

Muito bem! Muito bem! Tem toda a razão! Tem sempre razão! Ooooooooooooo!

O CHEFE

Azul cor de laranja!

O BURRO

Hi! On! Hi! On!

O CHEFE

Obrigado!

A MULTIDÃO (*despertada*)

UMA VOZ

Até a natureza se manifesta!

A MULTIDÃO

Bravíssimo! Muito bem! Oooooooooo! Aaaaaaaaaa!

O CHEFE

Abóbora com farofa!

A MULTIDÃO

Brrrrravo! Brrrrravíssimo! Muito bem!

(O pirilampo pousa no nariz do Chefe e acende, apaga, acende e apaga.)

A MULTIDÃO (*em êxtase*)

Milagre! Milagre! O bichinho de Nosso Senhor deu sinal!

(O Corvo grasna ao microfone)

A MULTIDÃO (*pensando que é o chefe*)

Muito bem! Vivoooooooooooo! Que elegância de estilo! Que profundidade! Colossooooooooooooo! Aaaaaaa!

O CHEFE

Toalhinha... espiriteira!

A MULTIDÃO

Brrrrrrrrravíssimo! Como fala! Que clareza! Vivoooooooooooo!

O CHEFE

Cambadas de idiotas!

A MULTIDÃO (*delirante*)

Muito bem! Muito bem! Brrrrrravo! Oooooooooo!

O CHEFE

Vamos matar todos os desafetos!

(A Força sorri.)

A MULTIDÃO (*urrando*)

Vamos! Vamooooooooo! Abaixo os desafetos! Abaixooooooooooooooooooooo!

O CHEFE

Os indiferentes também!

A MULTIDÃO

Vamooooooooooooo! Abaixo os indiferentes! Mataremos todos!

O CHEFE

Vamooooooooooooo!

O BURRO

Eu sou fascista! Da primeira hora!

A MULTIDÃO

Sabemos. Vivoooooooooooo!

O BURRO

Fascista histórico! Hi! On!

O CHEFE (*num acesso de oratória*)

Pinhão! Sacudidela! Tornozelo! Barraca! Prato fundo! Almofada! Marmelada! Oceano Atlântico!

A MULTIDÃO (*fora de si*)

Brrrrravíssimo! Vivoooooooooooo! Ooooooooo! Aaaaaaaaaaaaaaa!

A BANDA DE MÚSICA

Fron-fron-frin! Tã-rá-rá! Tchin! Tchin! Tchin! Tã-rá-rá! Bum!

O CHEFE (*terminando a frase*)

Cadeira de balanço de bigode!

A MULTIDÃO (*boquiaberta*)

Aaaaaa! Oooooooooo! Que imagem! Brrrrravíssimoooooooooooooooooooo!

A FORÇA

Estou com fome!

O URUBU

Eu também!

O CHEFE

É preciso dar de comer aos que têm fome! Abaixo os judeus!

A MULTIDÃO (*enfurecida*)

Abaixoooooooooooooooooooo!

O CHEFE

Os judeus pobres!

A MULTIDÃO

Vaaaaaamos! Vamooooooooooooos! Oooooooooooooo!

O CHEFE

Vamos tirar tudo dos judeus pobres!

A MULTIDÃO

Vaaaaaamos! Vamooooooooooooos! Oooooooooooooo!

O CHEFE

Quando eles não tiverem mais nada, tiraremos a vida!

A MULTIDÃO (*sanguinária*)

Sim! A vida! Vaaaaaamos! Ooooooooooooo!

O CHEFE

Não há nenhum perigo! Deus está conosco! A polícia também! Papai-grande garante!

(O ruído da guerra estronda de repente. Choros convulsos de mulheres, de homens e de crianças. Manchas de sangue espalham-se nas casas desarmadas, nas prisões e nas ruas. Países desprevenidos tornam-se escravos. Cidades livres são algemadas. O luto toma conta da terra, entre soluços de mães, de noivas, de irmãs e de filhos, apavorados.)''

Conferência proferida na
Biblioteca Municipal Mário de Andrade,
a convite de seu diretor, o crítico Sérgio Milliet,
em 21 de agosto de 1945,
São Paulo.¹³

13 Publicada no *Boletim Bibliográfico* da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, nº 78, 1945.

O POETA E O TRABALHADOR*

A presença física de Pablo Neruda entre os comunistas é o melhor cartaz de concórdia, o maior apelo à unidade e ao progresso humano. Neruda representa a saída pacífica da poesia.

A poesia foi muitas vezes instrumento de revolta, de oposição e de queixa. O comunismo tradicionalmente foi visto como revolta, oposição e queixa. Havia interesse em apresentá-lo assim. E parece que seria um motivo para o comunismo e Neruda se encontrarem. No entanto, eles aqui estão ligados a um programa de serenidade, de elevação e de paz. Por quê? Simplesmente porque a Rússia Soviética venceu. E a Rússia comunista, a Rússia de Lênin e de Stálin, depois da guerra e da vitória quer que a paz desça sobre os homens.

Neruda vem afirmar a São Paulo uma velha verdade — é possível ser comunista e ser oculto. O intelectual faz apenas o seu dever oferecendo ao proletário as suas riquezas culturais e as suas experiências vital e poética.

Neruda representa outra coisa, representa a luta, a luta pelo povo, a luta ao lado do povo. E, como Prestes, a poesia de hoje só tem um compromisso, o compromisso com o povo. Não nos esqueçamos de que os seus versos, que são as suas granadas, reventaram na face miserável dos tiranos, fazendo-lhes ver que a guerra ideológica continua e continuará no mundo, enquanto não forem para sempre extintas as nódoas infames do fascismo.

Com a luta, ele lembra a fraternidade, essa que ele deixou nas brigadas heróicas de Guadalajara e na frente de Madri. Madri foi a primeira trincheira de Stalingrado. E o que representa Stalingrado senão a defesa do pão e do trabalho, a defesa da pátria e também a defesa da cultura? A cultura só tem um destino,

* Título atribuído pela organizadora.

unificar-se como expressão do proletariado. Como expressão do homem que trabalha. O marxismo já polariza nos países avançados a ciência como a arte e a literatura. E o proletariado atinge os cimos. Outro Pablo, o grande Picasso, acaba de ingressar no Partido Comunista Francês. Ele compreendeu que, isolados, o intelectual ou o artista tendem a perecer. Eles só podem marchar com os trabalhadores. Eles só podem pertencer ao proletariado e ao seu partido. E o Partido Comunista do Brasil oferece esta festa de fraternidade e de esperança.

Que esperança maior que esta — ver a humanidade guiada pelo poeta trabalhador?

Para que ela prossiga, pura e eficaz, lembremos o poeta caído em holocausto na hora zero da guerra espanhola — Federico García Lorca. Iremos buscar o seu túmulo em Granada. E lá, sobre o seu corpo, ergueremos a alma da revolução, o monumento que unirá para sempre o poeta e o trabalhador.

Homenagem prestada a Pablo Neruda,
por ocasião de sua vinda a São Paulo,
em 1945. (IEL-Unicamp)

HERÓI DE APIPUCOS*

Sabíamos que Gilberto Freyre estava sitiado em Apipucos¹ e que a sua defesa diária e pessoal coincidia com a própria defesa da liberdade no Brasil. Mas ignorávamos que ao mesmo tempo seu cérebro de mestre incansável da pesquisa social elaborava uma filosofia mais que oportuna e necessária dentro da crise do presente. E que, completando a sua grande estréia no Parlamento, ele daria a São Paulo uma amostra dos resultados obtidos nesse árduo caminho — o de traçar uma estrada em meio da confusão, o de indicar um roteiro em meio do caos e da intriga. Mais ainda nos importa isso, quando os dois documentos que produziu consolidam também uma atitude política, a atitude que uniu os brasileiros livres e fez derramar o seu sangue nesse “curto prazo de quinze anos”. Gilberto Freyre tornou-se, assim, o líder da Resistência nacional. E, como essa resistência teve os seus baluartes nas Faculdades de Direito, hoje aqui ele se encontra com os estudantes na vitória como em Recife se encontrou com os estudantes na batalha.

E se encontra também com os intelectuais de São Paulo, que paralelamente vêm com ele lutando por um Brasil autêntico e novo, desde 22. Nessa época, agimos como semáforos, anunciando o levante de Copacabana, a revolução de 24, a Coluna Prestes e afinal o tumulto dos tempos novos.

Resultado dessa evolução crivada de revoluções é a Constituição que ele com tanta sabedoria situou, mostrando como os descompensados e os novos-ricos preferem o rococó de confeitaria às varandas acolhedoras da tradição e à higiene dos respiradouros modernos. Nela não quiseram que entrasse o sol do di-

* Título atribuído pela organizadora.

¹ Local onde residia o escritor em Recife.

vôrcio. Para que no gineceu donzelas joguem o pif-paf de mailô à espera do casamento indissolúvel. E nas suas malhas permaneça o brasileiro de fila até ser levado à polícia como comunista porque não quer comer o pão que o diabo amassou.

Em todo caso, graças à Resistência, *legem habemus*. Se não temos pão, temos lei. O Brasil do anão Vargas tinha que ceder ao Brasil da Semana e ao Brasil dos Tenentes.

Ontem, foi a vez de situar Gilberto na era convulsa que se seguiu ao marxismo de combate. Eu não acredito que seja preciso abandonar Marx para com isso concordar. A era que se anuncia é uma era de pacificação e de síntese, onde têm que ficar para trás os esquemas e os sectarismos. É a era anunciada pelo sistema de Teerã, onde cabem tanto o russo Litvinov quanto o americano Browder e o católico Maritain.²

Ergo meu copo aos pequenos heróis de Apipucos, os filhinhos de Gilberto e à sua grande companheira d. Madalena Freyre.

Saudação a Gilberto Freyre em visita a São Paulo,
a convite do Centro Acadêmico IX de Agosto
da Faculdade de Direito da USP,
em 22 de junho de 1946 (Separata).

2 Maxim Litvinov (1876-1951), diplomata soviético, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros até 1946; Earl Browder, político norte-americano, dirigente do PC; Jacques Maritain (1882-1973), filósofo francês, autor de *Primado do Espiritual* (1927).

MUSEU DAS NOSSAS TERNURAS*

Um século atrás, um cavaleiro europeu, seguido de um mulato e de uma tropa de cargueiros conduzindo malas, passava uma ponte de madeira sobre o rio Tietê, onde vinham morrer os esquadões verdes da cultura do café.

Seus olhos estavam fartos da contemplação dos primeiros campos da América austral, no extremo da zona tórrida. Descendo de um pico mais alto — o Jaraguá — através de buquês de mato escapos da devastação do fogo, mais do que nunca ele experimentava a beleza da manhã brasileira, carregada de vapores, logo dissipados, para deixar livre o céu que era, na estação, brilhante e profundo. Uma frescura deliciosa cobria a ondulação que pelo norte montanhas limitavam.

Esse viajante era o naturalista Augusto de Saint-Hilaire, e os campos, aqueles que os primeiros habitantes do país chamavam de planície de Piratininga, designada também — é ele quem afirma — por Paraíso Terrestre ou Campos Elísios do Brasil.

Os jornais não noticiaram a chegada a São Paulo de tão ilustre personagem nem as estações de rádio comunicaram que ele herborizava o Brasil.

Mais de cem anos se sucederam sobre o feito silencioso. E uma semana atrás, pelas diversas portas de Piratininga, atingiram a mesma cidade grupos de viajantes de outra espécie mas de igual importância. Suas malas se movimentavam nos pátios tumultuosos de nossas estações e nos campos de pouso de nosso aeroporto.

Dessa vez, porém, eram nacionais que chegavam. Botanistas de outra forma, naturalistas debruçados sobre o plasma social, curiosos colecionadores da humanidade de nossos campos,

* Título atribuído pela organizadora.

rincões, vilas e capitais. Eram os escritores do Brasil vindos para o Congresso que hoje neste teatro se encerra.

De caso pensado foi esta escolha de São Paulo para a agregação de vosso interesse, pois que, perdidos no norte, no centro ou no sul, podíeis, através das informações do viajante francês, permanecer na idéia de que nossa capital guardasse ainda os vestígios tacanhos e as taras do burgo que ele visitou. Perdidos na vossa pesquisa comovida do Brasil, ignoráveis com certeza que a nossa capital só conserva do burgo antigo o ser aquele mesmo Paraíso Terrestre, tornado perfeito na sua blindagem contemporânea. Necessário e urgente era que viésseis à São Paulo da aclamação industrial, pois à vossa pessimista percepção das coisas do Brasil tinha que se acrescentar este horizonte novo e polido, picado de arranha-céus, de *roofs* e de jardins, que resultou do nosso vitorioso parque de máquinas.

Trazíeis de vossos laboratórios o *puzzle* microscópico daquela turma de hemiplégicos econômicos que faz o coro na tragédia ambulante do Naziazeno d' *Os Ratos*. Dir-se-ia que Dionélio Machado, Pedro Wayne e Ivan Pedro de Martins decidiram hospedar Dostoiévski no campo de concentração das coxilhas. Do norte, vieram convosco a angústia de Julião Tavares, os cegos de Luís Jardim, os calungas e os beatos e a escravidão sexual da "Nega Fulô".¹ Veio a gente dramática da *Bagaceira* e do *Quinze*. Vieram os baleados das *Terras do Sem Fim*, os meninos perdidos e os velhos arruinados dos engenhos de cana. E o *Moleque Ricardo* que traz nos pulmões a brisa confinada de Fernando de Noronha. E aquele atlético adeus dito pelo preto Balduíno, do cais da Bahia, a todas as gentes do mundo. De Minas vieram os trabalhadores escorchados do "Cangirão", os mineiros dos poços, os Homens Amargos, os fronteiriços. E aquele gato imperial e faminto de João Alphonsus que nos persegue como a presença da vida interior. E os dias limitados dos funcionários públicos. E os mundos submersos. Do Rio, trazíeis a inatingida "Pasárgada" e o luto freudiano de "Vila Feliz", os coitados d'amor de Vinícius e Murilo Mendes, os afogadinhos de Lia, as Idalinas da beira d'água, os pássaros cegos e os trágicos burgueses de Copacabana. E as intempestivas ordens do dia do Barão de Itararé. E a áspera e incômoda filosofia de Álvaro Moreyra, Agripino Grieco e Genolino Amado. E o implacável ritornelo social de Carlos Drummond de Andrade.

1 "Essa Nega Fulô", poema de Jorge de Lima publicado em 1928 pela Casa Trigueiros.

Em São Paulo, ao contrário, nada há que lembre ou confirme essas curvas de hospital e esses gritos de hospício. Aqui o ritmo é suave e o panorama esplêndido. Em São Paulo, eis como começou o ano de 45, na voz autorizada de um cronista de nossa sociedade:

“No Guarujá, o ano começou assim: Com reco-recos e pandeiros, com cordões imensos e sambas alegres com champanhas e risos claros.

“Os terraços se escancaravam para o mar. As luzes macias das lâmpadas antigas se derramavam envolventes por sobre as gravuras assinadas, por sobre as orquídeas brancas que floriam um pátio de pedras escuras... Um aquário verde por detrás do bar acendeu-se de mansinho. As algas esguias ondulavam ao movimento gracioso dos tules dourados dos peixinhos japoneses.

“Eram os condes X que faziam questão de que todos os seus amigos pisassem no Ano Novo, com uma taça de champanha na mão, sorridentes e alegres...”

Em São Paulo, como pudestes verificar, tudo é aljôfar, bulício, farra, lucro, capital, monopólio, euforia e triunfo. Em São Paulo, homens há que com o capital de um milhão de cruzeiros realizam nos seus balanços visíveis vinte e dois milhões num ano. E há lambaris assustados da indústria que fazem um milhão de cruzeiros por mês com o simples capital de dez milhões. O que significa que o lucro é mais de cem por cento ao ano. Outros, os bigues, dividem em dois bolsos a soma correspondente a toda a produção anual da nova lavoura cafeeira. E por sobre tudo isso assistimos ao milagre da ressurreição de Lázaro... *Brothers!*

Que importa pois que, no mosquiteiro de nossos alagados, o Jeca tenha descoberto para a ciência médica um novo mal — o enxerto do amarelão na maleita — que faz estourar o paciente em três dias, sem cura possível? Que importa que o piá de Mário de Andrade se desclassifique e coma barata na fome dos cortiços? E que Gaetaninho de Antônio de Alcântara Machado role e se espedace sob os automóveis luzidios? E que as “prostitutas chorem nos umbrais da madrugada”? E a tuberculose espiche, nas lívidas bandeiras de porta dos porões da capital três paulistas por média horária? E que um ano atrás ficassem na rua sessenta mil crianças sem escola?

“As crianças mendigas cantam
como sanfonas

Porque a sua história está traçada:

‘Crianças, ide todas para o Mangue testacular!’²

São Paulo deixou de ser o burgo pobre de Saint-Hilaire. Aqui tudo é festa, brinquedo, cristais, aleluias, estouros e bombas! Onde estão a meia dúzia de casas de um andar, as praças estreitas e irregulares, os víveres da Rua das Casinhas, vendidos a preços módicos, os poucos salões ornados do rebotalho de arte das boticas parisienses e esse *état de gêne* que o francês constatou no paulista que passa a vida endividado?

Onde está esse grande número de mulheres pobres que ficam na indolência durante o dia e, quando a noite começa, espalham-se pela cidade para entregar-se ao tráfico de seus encantos, que é o que possuem para viver? Nada disso! Hoje, nesta pandomecanolândia a noite e o dia se confundem.

Os paulistas não vestem mais o poncho sobre a calça de algodão, um chapelão cinza na cabeça, nem têm o ar néscio e embaraçado e a marcha dura. Os ricos despem-se desenvoltos nos terraços e nas piscinas. E os pobres andam de tanga.

São Paulo é outro. Não mais o sal da heresia dos estudantes e dos poetas, mas o sal do zebu! Não mais a mulher invisível e conventual das fazendas e das rótulas. Não mais as ágeis lavadeiras dos banhos verdes do Tamanduateí. Mas a mulher do *short* e do cigarro. A mulher do pif-paf! Apenas uma coisa põe sombra nesses museus de gosto barato e de gozo caro. Uma ainda permanece e lembra a visita do naturalista francês do século passado. Enquanto ele escrevia e analisava suas plantas num rancho, durante diversas horas, um homem o fitou sem dizer nada. O viajante ilustre sentiu essa *indolence stupide* do avô de Jeca Tatu.

“*Ces hommes abrutis par l’ignorance, par l’oisiveté, l’eloignement de leurs semblables et probablement par des jouissances prématurées, ne pensent pas; ils vegètent comme l’arbre, comme l’herbe des champs.*”³

² Trecho do poema “O Santeiro do Mangue”, com variantes em relação às edições conhecidas.

³ “Esses homens, embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes e, talvez, por excessos venéreos prematuros, não pensam: vegetam como as árvores, como as ervas dos campos.” Trecho de Auguste de Saint-Hilaire, *Viajem à Província de São Paulo*, São Paulo, Martins, 1945, p. 113.

Que significa, diante do europeu ilustre, esse silêncio do homem abandonado, do homem do povo do Brasil?

Pela vossa pena, escritores, o homem mudo do nosso povo descerrou a boca, falou. Depôs no palácio da consciência nacional. Convosco ele contou a sua história. Convosco ele quebrou o silêncio secular do seu exílio e iniciou o debate do nosso inferno social.

Prescindimos dos visitantes de nossa calma ou agitada desgraça. Mais do que as dezoito malas de Saint-Hilaire, contendo a preciosidade de suas coleções botânicas, está aqui neste recinto o testemunho do Brasil. Vós sois as vozes da sociedade, as vozes do nosso país e do nosso tempo!

O escritor de hoje não é mais um sucedâneo do jogral ou do segrel, um árcade adúlão e feliz, um acadêmico vistoso e inútil. Dentre nós, poucos houve que consumaram a traição à história, a traição ao espírito. Poucos foram os que quiseram ostentar a camisa verde de Joaquim Silvério dos Reis. Ao contrário, a vida de muitos foi:

“Quebrada
Nas prisões
Suada nas ruas
Modelada
Na aurora indecisa dos hospitais”⁴

Em 1922 proclamamos como semáforos uma insurreição mental. No primeiro centenário da nossa independência, reclamávamos assim os direitos a uma cultura própria e a uma língua autônoma. E, coincidindo com a nossa ondulação, liquidava a esclerose política do país aquela mortífera passeata dos dezoito rapazes do Forte de Copacabana, dos quais resta a nobre figura do brigadeiro Eduardo Gomes.

Mais numerosos permanecemos nós, aumentados pelos contingentes saídos das convulsões de 30 e da rumorosa atualidade. Ao dar-vos as despedidas de São Paulo, cabe-me augurar-vos, senhores congressistas dos outros Estados, o que mereceis — a liberdade com honra.

⁴ Trecho do poema “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”, publicado em dezembro de 1942 na *Revista Acadêmica* e dedicado à sua mulher, Maria Antonieta d’Alkmin, incluído em *O Santeiro do Mangue e Outros Poemas*, São Paulo, Ed. Globo, 1991, p. 45.

Os escritores do Brasil não vivem em torno das gamelas de Trimalção nem das mesas de Baltazar. Muito duro tem sido o pão suado na sua bravura.

O Comitê Consultivo de Emergência para Defesa Política das Américas, no seu último relatório anual, contém estas palavras que reproduzo:

“Já existem na América os germes de ressurgimento de ideais e métodos totalitários que se estão nutrindo da mesma espécie de nacionalismo exaltado e suicida que submergiu o mundo no presente conflito”.

Antes de ser feita por um grande organismo internacional, essa afirmação foi proclamada por nós, intelectuais do Brasil. E em torno dela gira o nosso combate.

Não podemos admitir, sob nenhum pretexto ou subterfúgio, que se enfeite ainda aqui a planta viciosa do fascismo. Ou que se planeje mais uma vez destruir as liberdades populares no conúbio do Capital, do Oportunismo e do Terror.

Não somos negativistas incorrigíveis. Aprendemos a testemunhar com Euclides da Cunha. Ninguém construiu um melhor patrimônio para a nacionalidade do que os escritores atuais, quando chorando depuseram sobre a realidade brasileira. É desses patrimônios, como o que deixaram os gregos do século V e os franceses da Enciclopédia e do Romantismo, que se organiza e alimenta a resistência dos povos livres. Temos atrás de nós, desde a colônia, cinqüenta revoluções fracassadas. Movimentos populares de pequena e grande envergadura que dizem bem a nossa sede de Justiça e Liberdade.

Imigramos para quê?

A não ser os que vieram nos ferros da escravidão, procuramos no solo despovoado da América a liberdade que faltava ao ocidente feudalizado, depois oprimido pelos *rushes* do capitalismo. Defendemos a liberdade em três séculos de literatura. Se coagiram os poetas revolucionários de Minas a compor o mais infame processo policial da nossa história, as *Cartas Chilenas* guardam o álibi moral dos “Lázarus da Inconfidência”. Nessa época, se vingasse o sonho de Vila Rica, o Brasil teria marchado ao lado das nações progressistas, em vez de se afogar longamente sob a pata da reação e do cesarismo.

Hoje, o momento é o mesmo. O Brasil pode pisar o trilho aberto para as conquistas do futuro. Ao lado da Itália, da França

e da Grécia. Ao lado da Inglaterra, dos Estados Unidos, da China e da Rússia. Para isso, junto com a tropa regular, o Jeca Tatu civil deixou o seu sangue nos Guararapes, no Paraguai, na revolução constitucionalista de 32, como deixa hoje nas escarpas nevadas da Itália.

Nada mais queremos do que “exterminar a opressão e aniquilar os agressores do mundo civilizado”. São palavras que transcrevo da primeira ordem do dia do comandante da nossa força expedicionária na Europa, general Mascarenhas de Moraes. Palavras que podem subscrever os intelectuais do Brasil. Por todo o país, as casas e as oficinas, os escritórios e as fazendas acompanham passo a passo a árdua tarefa dos comandantes tenazes da FEB e os sacrifícios de vidas das nossas pracinhas anônimas sob o fogo inimigo. Carne de nossa carne, marcham com elas os escritores Rubem Braga e Joel Silveira.

Em 1914, viu-se o delírio que enquadrava os que iam lutar contra uma Alemanha menos feroz e nociva do que a de hoje. No entanto, a FEB seguiu em silêncio para o campo de batalha. Sem flores nem adeuses. Como se fosse um crime ir morrer pela liberdade.

Aqui, na mesma guerra pela democracia estamos hoje unidos e unido o pensamento do Brasil. Por isso é importante este Congresso. Porque está aqui o Brasil. Estão aqui João Ternura, Cobra Norato, o amanuense Belmiro, Ataxerxes e a filha nos seus desdobramentos lorqueanos. Aqui estão o presidiário João Miguel e os homens sem paisagem. Estão aqui o feiticeiro Jubiabá e o preto Balduíno, os mata-mosquitos e as estrelas que sobem para o Mangue. Estão aqui a suicida do Edifício Império, o gato Sardanapalo e a cachorra Baleia. Estão aqui tanto os sensacionais e os inquietos de José Geraldo Vieira como os Corumbás, o alugado Ranulfo, os vencidos de Osvaldo Alves e todos os trabalhadores do Brasil. Estão aqui os sonhos castigados, as vidas tolhidas, as porteiras fechadas, os recalques seculares, as transferências, as moléstias e os vícios. Mas estão também as esperanças que não morrem. Está aqui, pessoalmente, o menino que beijou por nós todos a mão agonizante de Machado de Assis — Astrojildo Pereira. Está aqui a tradição do *humor* que é a flor cáustica da liberdade. E está também a fé na democracia, a fé no futuro, a fé nos teimosos destinos do Brasil.

Discurso feito no I Congresso Brasileiro de Escritores,
promovido pela Associação Brasileira de Escritores,
São Paulo, janeiro de 1945 (Anais).

INFORME SOBRE O MODERNISMO

TRÊS SÉCULOS DE LITERATURA AO PAR

A palavra “moderno” pertence a qualquer época. Foram modernos os iniciadores de todos os movimentos estéticos e filosóficos, de todos os movimentos científicos e políticos. O tempo encarrega-se de tornar os modernos clássicos ou de destruí-los. Da primeira esperança viveu mais um modernista de São Paulo, esperança expressa naquele verso:

“Seremos os clássicos do futuro”.¹

O crítico do Renascimento Giorgio Vasari não exaltava o classicismo dos seus contemporâneos, ao contrário, punha em relevo a “maneira moderna” de Giotto e Leonardo.

O poeta, o pensador e o artista são as vozes da sociedade. Quem não o sabe? São os semáforos cujas antenas captam o ar dos tempos novos. São muitas vezes procelárias na tempestade. Assim, nada mais fomos no Brasil de 22 do que os anunciadores das transformações que o século testemunhava.

De 1914 a 1918 o mundo mudara. Desmascarara-se o pacifismo em que se acobertavam os interesses das últimas dinastias e dos primeiros imperialismos. Em 14 abre-se a era das conflagrações mundiais. Em 17 consuma-se o primeiro ato da revolução bolchevista. Com a queda das forças residuais da Santa Aliança — as dinastias do Direito Divino que eram os Romanov, os Hohenzolern e os Habsburgo — triunfa o espírito liberal do ocidente. Consolida-se a revolução burguesa de que são pioneiros os países

1 “Porque somos os clássicos do futuro”, verso do poema “Boxe”, de Sérgio Milliet, dedicado a Oswald; *Poesias*, Porto Alegre, Globo, 1944, p. 44.

industrializados: a Inglaterra, a França e a América do Norte. E já um mundo que a Comuna de Paris anunciara planta o seu marco na Rússia de Lênin.

O Brasil possui três séculos de literatura ao par. Desde Gregório de Matos através dos inconfidentes e dos românticos, nos mantemos com segurança, respondendo com Castro Alves a presença de Whitman na América e produzindo no deserto inicial do século XX as duas figuras que fazem o pórtico da nossa era moderna — Machado de Assis e Euclides da Cunha. Deles e de alguns outros como Raul Pompéia e Aluísio, longinquamente decorreria o que até hoje realizamos.

Ao desaparecimento desses mestres sucede um clima de servidão intelectual e adesismo político que estiola a Academia e empesta os salões e os cafés. É a era dos Bilac exaltando o marechal Hermes e Frinéia² e de Coelho Neto levando até a Câmara de Deputados as suas ninfas e os seus centauros para pregar o reflorestamento. O cronista João do Rio é um gênio desses galãs do Chiado e da Avenida. E só arrasta anônimo a sua dignidade e a sua cachaça. Eis quando paradoxalmente o Modernismo pinga da pena de um de seus maiores opositores. Como se diz que a literatura russa começou com *O Capote* de Gogol, pode-se também afirmar que a nossa modernidade começou no *Jeca Tatu* de Lobato. Aí havia duas cousas evidentemente novas — o tema e a expressão —, o homem vítima da terra e a escrita nova. Qualquer estética vos dirá que nada se produz em literatura ou arte sem alguns elementos essenciais: o impulso, a técnica, a expressão, a crítica. Faltava a Monteiro Lobato a técnica atual que vinha através das sugestões da mecanicidade (o rádio, o cinema, o jazz) abolir a literatura explicativa. Faltava-lhe também a crítica, antes sobrava-lhe o mofo em que se consolidara a sua formação de bacharel. Eis aí o paradoxo. Ele, que produz o primeiro estilo novo sobre o tema novo do brasileiro, é quem ataca e quase destrói a primeira manifestação de arte moderna que tivemos com Anita Malfatti, na sua exposição do ano de 17.

2 Frinéia, cortesã grega, amante e modelo do escultor Praxíteles.

COMO SE PRODUZIU A SEMANA DE ARTE MODERNA

Quereis saber com certeza como é que se produziu a Semana de Arte de 22? Vou dizer: Antônio foi à casa de Paulo, que o levou ao quarto de José, que lhe mostrou os versos de Pedro, que lhe contou que João era um gênio e que Carlos pintava. E saíram todos para descobrir Maricota. Apenas, esses indivíduos entre outros chamavam-se Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Di Cavalcanti, Heitor Villa-Lobos, Anita Malfatti.

Em fevereiro de 22, Paulo Prado e Graça Aranha enquadram o nosso grupo e o do Rio de Janeiro. E manifestamos no Teatro Municipal, ao lado de músicos e artistas. Somos vaiados num dilúvio. Resistimos. O “terror” modernista começa. É preciso chamar Antônio Ferro de gênio e Carlos Gomes de burro. Chamamos.

Curiosa nota cronológica. Nesse mesmo ano de 22, que marca o primeiro centenário da nossa independência política, o brigadeiro Eduardo Gomes está entre os dezoito oficiais e soldados que revoltaram o Forte de Copacabana. E Astrojildo Pereira funda o Partido Comunista do Brasil.

Até o ano de 28 vai tudo em estado de noivado. Em São Paulo, depois da ação do comando, que é a “Paulicéia Desvairada” de Mário de Andrade, o movimento “Pau-Brasil” anuncia o *slogan* “Poesia de exportação contra poesia de importação”. E Gilberto Freyre abre o seu apostolado nacional em Recife, criando para o Brasil uma sociologia efetiva e totêmica.

Os elementos que utilizamos contra os velhos recursos da poesia sabida e metrificada são a plena liberdade da criação, a valorização do inconsciente, do cotidiano e do mecânico. Do cotidiano que vai até o vulgar estão o popular e o revolucionário. No inconsciente escondem-se o primitivo, o nativo, o geográfico e o telúrico. Nesses caminhos se cria a poesia nova do Brasil.

O romance que começara em 22 com *Os Condenados* tem agora Erico Verissimo. A crítica está com Tristão de Athayde, Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Hollanda.

Chamei de divisor das águas do Modernismo à crise que nos separou em 28, prenunciando as agitações econômicas e políticas que dariam a era revolucionária de 30.

AS SUBDIVISÕES DO MODERNISMO

De fato, data de 28 o movimento que lancei com o nome de Antropofagia e que inicialmente não passava dum aprofundamento do sentimento nacional de “Pau-Brasil”. Tendo dado a direção da *Revista de Antropofagia* a Antônio de Alcântara Machado, eu e o grupo que comigo fazia o movimento com ele nos desavíamos. Fundamos então uma segunda *Revista de Antropofagia* que se publicou no suplemento do *Diário de São Paulo*. Houve ainda uma terceira fase com a participação de Flávio de Carvalho, mas isso depois de 30. Tanto “Pau-Brasil” como a Antropofagia tiveram a seu lado, desde os primeiros instantes, a colaboração de Tarsila.

No começo de 25, havia penetrado um autêntico clandestino no Modernismo. Era o sr. Plínio Salgado, que exhibia o passaporte falso do seu romance *O Estrangeiro*, plagiado das *Memórias Sentimentais de João Miramar*, segundo a opinião de Prudente de Moraes Neto. Ele encabeça a reação e prepara o fascismo nacional. Unidos, os senhores Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia haviam fundado o grupo “Verde-Amarelo”. É o centro. Do lado oposto, forma-se o grupo liberal. Estão à frente Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Couto de Barros, Paulo e Fernando Mendes de Almeida. Dirigem-se para a revolução paulista de 32. Na extrema esquerda ficariam os que vão ter pequenos aborrecimentos como cadeia, fome e ilegalidade. São os antropófagos. Chamam-se: Osvaldo da Costa, Pagu, Jaime Adour da Câmara, Clóvis de Gusmão e Geraldo Ferraz. Eu me acho com eles, e segue também conosco para tomar depois o caminho solitário de Rimbaud o poeta Raul Bopp.

Estamos em 30, em 35. Já se pode falar em pós-modernismo. O sr. José Américo de Almeida publicou *A Bagaceira*. Aparece o nordeste e os seus romancistas. José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos. Afirma-se na poesia Carlos Drummond de Andrade, na prosa Aníbal Machado. Aparece Vinícius de Moraes. Na pintura vem Cândido Portinari, na música Mignoni, na arquitetura Warchavchik e Oscar Niemeyer. O ensaio e a crítica têm Astrojildo Pereira e Álvaro Lins.

Com a ditadura Vargas, acentuam-se as tendências esboçadas — a dos integralistas de Plínio Salgado, a dos estado-novistas e uma terceira ala que, unida, se bate pela democracia. Nela se

encontram antropófagos, comunistas e liberais. E o Modernismo atinge suas últimas conseqüências políticas no I Congresso de Escritores,³ que, com a sua declaração de princípios, precede e encabeça a luta pela anistia e a subsequente queda da ditadura. E também chegam às suas últimas conseqüências estéticas a prosa de Clarice Lispector e Guimarães Rosa, o romance de Otávio de Faria e o balé “Yara”, que reúne em equipe a música de Mignoni, o cenário de Portinari e a fábula de Guilherme de Almeida. Nesse longo período a pintura criou seus jovens e seus mestres no caminho aberto por Anita Malfatti, Tarsila, Segall e Portinari. Faz-se na crítica o nome de Antonio Candido. O teatro teve um renovamento com Décio de Almeida Prado. E aparecem os *chatoboy*s, de que é um grande exemplar o sr. Lourival Gomes Machado.

NIETZSCHE RECUSA SUBIR AS ESCADAS DA CHANCELARIA DO REICH

O fim da guerra e a derrota do fascismo, longe de apaziguar, carregaram de nuvens o horizonte próximo. E a inquietação do intelectual dos tempos modernos está longe de se ter acomodado. Aparece por toda parte uma senha nova — o existencialismo. Que é o existencialismo? Que conseqüência pode trazer para nós? Qual a posição a tomarmos diante dele?

Não se trata de nenhuma escola nova. Antes, é o coroamento filosófico e estético duma velha corrente que podemos chamar de intuitivista ou de irracionalista, a qual se opõe com uma vitalidade crescente às soluções teóricas e à idéia de um homem conformado e pacífico habitando mais um presepe do que a terra. A primeira precaução que devemos ter ao entrar neste assunto é evitar a fácil acusação de que o existencialismo é uma máscara do fascismo. Na verdade, o fascismo bebeu muito nas fontes do existencialismo e procurou turvar suas águas. Mas uma cousa é certa: se Hitler visitou a casa de Nietzsche — um dos patronos do existencialismo —, Nietzsche nunca subiria as escadas da Chancelaria do Reich. E teria sempre preferi-

3 I Congresso de Escritores, São Paulo, 1945.

do a altitude solitária de Sils-Maria⁴ às alturas blindadas e turvas de Berchtesgaden.⁵ E na Itália habitaria o azul da Marina Pizzana e não a corte do conde Ciano.⁶

Porque Nietzsche foi sobretudo um grande honesto. Nele se consubstancia historicamente a primeira consciência do homem autônomo que o individualismo iria dar. Com ele e o dinamarquês Sören Kierkegaard inicia-se a desagregação de um pesado processo histórico intelectualmente iniciado por Sócrates nas ruas de Atenas. Só no século XIX e no ápice do Romantismo um homem poderia denunciar a moral de escravos que vinha há milênios realizando a marcha técnica da história. Quando já de outro lado, Carlos Marx previa e analisava a catástrofe da sociedade baseada na escravatura do trabalho.

NIETZSCHE, KIERKEGAARD, MARX E O EXISTENCIALISMO

Em Nietzsche e Kierkegaard, inicia-se no século XIX um dramático protesto humano contra o mundo lógico de Hegel e a sua terrível afirmação de que tudo que é racional é real. Hegel, que completa a metafísica clássica de Kant, promete e sagra a imagem dum mundo hierarquizado e autoritário que terminará nas delícias do Estado Prussiano e dialeticamente em Nüremberg. Com ambos tudo acabaria azul e legal, em catecismo e presepe. Dialeticamente, de Hegel iam brotar porém duas poderosas reações — o marxismo e o existencialismo que hoje nos ocupa.

No paroxismo a que atingiu a filosofia existencial, processa-se apenas uma exaltação do primitivo. É no fundo uma revalorização do homem natural que se produz contra os quadros esclerosados do homem histórico, do homem civilizado, do homem vestido, enfim, do homem cartesiano. E não poderia isso se dar em outra fase, pois que somente agora, com a física nuclear e o gigantismo potencial da era atômica, deve realizar-se a síntese que a marcha do homem procura.

4 Sils-Maria, estação suíça de esportes de inverno e verão, onde Nietzsche viveu uma boa temporada.

5 Berchtesgaden, estação de inverno nos Alpes, onde Hitler tinha sua residência predileta — o Berghof.

6 Conde Ciano (1903-1944), político italiano, genro de Mussolini e seu ministro.

“O homem, transformando a natureza, transforma a sua própria natureza”, já ensinava Marx. Vejamos isso em termos dialéticos. Havia qualquer coisa antes da queda do homem, antes da árvore do bem e do mal — tema existencialista, caro a Kierkegaard e a Chestov. Essa qualquer coisa foi turbada pelo conhecimento, conceituado nas ruínas da *Pólis* grega pelos achados de Parmênides e Pitágoras e organizado por Aristóteles. Daí a origem do progresso científico e do progresso técnico. Na Alexandria do século II anterior a nossa era fizera-se a tradução da Bíblia pelos setenta. E é nesse Egito helenístico que se produz o grande encontro dos mitos mosaicos com o pensamento platônico. Está fundado o Cristianismo. É a doutrina da domesticação do homem cujo destino é o céu, prossegue na escravatura, na sociedade solidamente dividida em classes e na justificação do Estado, cujo primeiro modelo sacerdotal, guerreiro e legislador tinha sido dado a Moisés de dentro das nuvens do Sinai. A necessidade exigia. “A escravidão naquelas circunstâncias foi um grande progresso”, afirma Frederico Engels no *Anti-Dühring*. A opressão e a liberdade em marcha dialética têm a sua mecânica. “Cada benefício para uns foi necessariamente um prejuízo para outros; cada grau de emancipação conseguido por uma classe, um novo elemento de opressão para outra”, acrescenta o companheiro de Marx.

A MODERNA POSIÇÃO DA ANTROPOFAGIA

Na moral de escravos se forjaria a técnica e se desenvolveriam as forças produtivas da sociedade e, por oposição, suas forças libertárias.

Hegel, no que tem de excelente, dizia que a contradição existe na raiz do próprio movimento. Vida é contradição, vida é conflito. E, na formulação dos atuais temas da Antropofagia, é a dialética o seu maior instrumento. O russo Chestov, depois de constatar que havia qualquer coisa antes da árvore do bem e do mal, isto é, que havia a Idade de Ouro, pergunta se o homem não vive um mau sonho e se não será possível que um dia acorde e redescubra o que perdeu. A Antropofagia responde que sim, dialeticamente. Ela vê na tese o homem primitivo, na antítese o homem histórico e na síntese o homem atômico com a capacidade

adquirida pelo milagre da técnica de jogar fora a opressão mítica do Sinai junto com as opressões econômicas que o afligem. É ainda Chestov quem afirma que Aristóteles está mais próximo da verdade do que Bergson porque está mais próximo dos deuses, isto é, da Idade de Ouro, onde justamente se situa a Antropofagia como comunhão do valor adverso. Pois é evidentemente primordial que se restaure o sentido de comunhão do inimigo valoroso no ato antropofágico. O índio não devorava por gula e sim num ato simbólico e mágico onde está e reside toda a sua compreensão da vida e do homem. Trata-se apenas da transformação do tabu em totem, isto é, do limite e da negação em elemento favorável. Viver é totemizar ou violar o tabu. O outro lado da operação, a criação do tabu, isto é, da limitação, do metro, do nomos, da lei e em geral de toda a adversidade que nos encara, é dada à Antropofagia pelo inglês Edington, recentemente morto, o qual em seu admirável estudo sobre o mundo físico situa-se, no limiar da era atômica, com o problema essencial da transformação do mundo, não métrico em mundo métrico.

Aí está a operação de Parmênides criando a primeira lógica, a de Pitágoras achando a matemática. Para a totemização que foi a marcha histórica do homem, no Sinai houve a totemização de Jeová, o tabu terrível de Moisés a favor do seu povo. Apenas aí entram os elementos que constituíram mascarados até a psicanálise a psique do homem histórico, baseada numa consagração do suborno e da nulificação da pessoa humana. Deus que, antes do êxodo, os povos primitivos sabiam que era o inimigo — o Deus inventado de Feuerbach e de Dostoiévski — foi subornado no Sinai pela moral de escravos. Passou a ser o capanga do povo eleito à custa da humilhação cega que daria o drama de Jó. Era preciso salvar a opressão. Trinta séculos depois do Sinai, um pequeno dinamarquês renova a angústia de Hamlet, e exige a repetição do milagre bíblico de Job e quer que Deus lhe restitua a namorada perdida e acaba concluindo que a divindade é o nosso inimigo mortal.

É esse o lado pessimista do existencialismo, pois o filósofo, o teólogo e o místico de Copenhague não descrê, angustia-se, espera sempre e atrás do absurdo coloca sempre Deus. Em Jean-Paul Sartre já o existencialismo evolui. Da sua primeira visão negativista da vida que não admite conexão nem lógica e dá ao próprio progresso do homem um sentido de coincidência, Sartre pas-

sou a um humanismo mais doce, em que faísca uma disponibilidade para a Idade de Ouro anunciada pela Antropofagia.

A FALA DO HOMEM DO EQUADOR

Foi isso o que mais ou menos eu disse no recente Congresso de Escritores realizado em Limeira.

Numa conferência também recente Gilberto Freyre muito bem distinguiu modernidade de modernismo, isto é, o que houve no movimento de 22 de realmente renovador e o cacoete, a repetição e o papel-carbono que tanta gente utilizou e utiliza.

Hoje há os coronéis do modernismo, os usufrutuários da Semana. Mas há também a voz culta e poderosa do autor de *Casa Grande*, afirmando que a Antropofagia salvou o movimento de 22. Diz Heidegger que toda filosofia autêntica é no seu começo imatura. A Antropofagia ainda balbucia, mas propõe-se a depor no tumulto dramático de hoje. Ela leva às suas conclusões o que há de vivo no existencialismo e no marxismo. De um velho caderno que tem cerca de vinte anos tiro o seguinte: “Pela primeira vez o homem do Equador vai falar!”

Conferência realizada em São Paulo,
em 15 de outubro de 1945. (IEL-Unicamp)

NOVAS DIMENSÕES DA POESIA

O vocábulo oculta o ser e sobre o ser, trânsfuga do conhecimento, a poesia joga um rendado manto de palavras. Com que fim? Diz William Blake que o conhecimento poético limpa as vidraças da percepção para tornar as coisas infinitas.

De modo que se apresenta logo essa função antitética da poesia — obscurecer esclarecendo.

É o Dante quem nos fala da horribilidade das coisas.

*“Perche nascesse
Questi, il vocâbello di quella riviera
Pur com’uom fã dell’orribili cose?”¹*

Comentando esses versos, diz Ortega y Gasset que se desenha aí toda uma poética: “Devem-se esconder os vocábulos porque assim se ocultam, se contornam as coisas, que como tais são horríveis”.²

E Mallarmé, evitando identificar-se, dizia de si mesmo: “Aquele a quem os meus amigos têm o costume de chamar pelo meu nome”.

Vou oferecer-vos o recorte da perífrase arrancada de dom Luis Góngora, em uma de suas “Soledads”.

1 ...“*Perché nascosse*

*Questi il vocabol di quella riviera,
Pur com’uom fa dell’orribili cose?”*

Versos 25, 26 e 27 do Canto XIV do Purgatório da *Divina Comédia*, Milão, Ulrico Hoepli, s.d., p. 254.

2 O trecho original a que se refere Oswald é: “*He ahí toda la poética: Hay que esconder los vocablos porque así se ocultan, se evitan las cosas, que, como tales, son siempre horribles...*” (Ver José Ortega y Gasset, “Mallarmé”, *Obras Completas*, Madri, *Revista de Occidente*, 1951, IV, p. 484.)

“Aves de crista
Cujo lascivo esposo vigilante
Doméstico é de sol nuncio canoro
E — de coral barbade — não de ouro
Cinge — mas de púrpura turbante”.³

Isso tudo para dizer galo!

Seria o jogo a constante expressional da poesia? Ou é o poeta apenas um demente, um parafrênico, que abomina a utilidade do vocábulo, empregado como valor plástico e musical para seus delírios?

Confirmam este último conceito algumas opiniões autorizadas.

Se Plotino diz que a fantasia continua a atividade criadora da natureza, o contrário, o pensamento clássico faz fila para condenar o poeta, já expulso da República de Platão.

Demócrito afirmou não ser possível um poeta sem certa loucura divina. Aristóteles disse que não há grande engenho sem mistura de demência. Horácio chamou poesia de amável insânia.

No entanto, com o doido Hölderlin, o poeta assume a responsabilidade evangélica de dar nome às coisas. E um século depois Rainer Maria Rilke dizia também que estamos aqui para nomear as coisas.

“Fonte, Portal, Ânfora”

PROBLEMÁTICA DA POESIA

A Grécia nos deu alguns poetas arquétipos. Neles se tem modelado pelos séculos a figura do poeta — Homero, Hesíodo, Ésquilo, Píndaro, o velho Anacreonte e a jovem Safo, enfim, Aristófanes.

³ Na realidade o texto no original é um pouco diferente:

*“...de crestadas aves,
cuyo lascivo esposo vigilante
doméstico el del Sol nuncio canoro,
y — de coral barbado — no de oro
ciñe, sino de purpura, turbante”.*

Trecho de “Soledad Primera”, de Luis de Góngora y Argote, *Obras Completas*, Madri, Aguillar, 1951, p. 641.

O pai da epopéia, Homero, coloca-se a serviço da “Paidéia”, ou seja, da armação aristocrática dos helenos na conquista do mundo conhecido. Píndaro, dizia Agripino Grieco, é uma espécie de DIP olímpico. Dele derivam os fazedores de encomenda poética, os adulões sonoros. Em Hesíodo se fixa a maldição da Gênese. É ele quem exclama para o homem: “Trabalha! Ganha o teu dia!” Curioso notar que, sendo o cantor da servidão, foi ele também quem construiu a primeira teogonia.⁴ O trabalho servil ligado a uma religião tutelar. Tirteu é o criador da poesia participante.⁵ O sr. Rossini Camargo Guarnieri em Esparta... Na simbólica de Êsquilo reside o severo revoltado que foi Prometeu e se abrem as portas de bronze da era patriarcal, onde o homem se debate nos percalços da herança, no drama da honra ancestral, ligado à propriedade do solo. Em Aristófanos localizaram-se a piada e a sátira. E o fauno e a lésbica deram Petrarca, Musset, a condessa de Noailles, o sr. Menotti del Picchia.

A poesia começa, pois, num largo e possante engajamento. Nas Erínias, Orestes é absolvido pelo voto de Minerva do crime de matricídio. Está por milênios derogado pela boca profética de Êsquilo o direito materno que presidira as civilizações iniciais. O compromisso prossegue entre a poesia e a sociedade vigente que a produz. Virgílio é o arauto de Roma e das origens do imperador. Saídas as línguas românicas do balbucio trovadoresco, Dante e Milton codificam o mundo medieval. E acompanha a marcha da história a tríade épica do Renascimento. Ariosto conduz a Europa até os Pireneus árabes. Tasso leva o estandarte imperialista de Cristo ao Mediterrâneo. E Camões pôs na caravela do Gama a Europa nucleada na unidade carolíngia. Como uma exceção curiosa, a Espanha, que assenta um império onde não desce o sol, ignora o poeta áulico das suas grandezas. Aí aparece o simples cultor vocabular do verso — dom Luis Góngora.

Através das poéticas de Aristóteles e de Horácio, a arte do verso tinha sido, até ele, correlata ao que Nietzsche chamou de Moral de Escravos. Fora então um instrumento de faquirização e domínio emocional das massas ou o marco mítico da teocracia medieval. A poesia exaltava para o povo o poderio da Igreja e da

4 Hesíodo, *Teogonia. A Origem dos Deuses*, trad. de Jaa Torrano, São Paulo, Roswitha Kempf, 1986.

5 Tirteu, poeta lírico grego, século VII a.C.

conquista. Nela era visível um compromisso mais do que ético, apologético; mais do que didático, pedagógico; mais do que social, político; mais do que religioso, sectário. Nada tinha ela que ver com a moral mas sim com uma certa moral; nada tinha que ver com a verdade mas com uma certa verdade a serviço de interesses sociais e nacionais de classe dominante.

POESIA PURA

No célebre debate de 1925, em que cinco academias se reuniram no Instituto de França para ouvir uma comunicação do padre Henri Brémmond⁶ sobre poesia pura, o crítico dá como tendo a poesia desinteressada começado em Poe, depois prosseguido em Baudelaire, Mallarmé e Valéry.

Esqueceu ele o papel de dom Luis Góngora, que conduziu a poesia ao seu país nativo, ao país da magia verbal. Foi ele o primeiro deformador culto da matéria plástica da linguagem. Antes, como assinala a filóloga dona Carolina Michaelis de Vasconcelos, a poesia brotara do povo, dos ruídos de sua música, de seu canto como de sua dança. Saíra do “trastalatrás das castanholas, do trintilintrim dos ferrinhos, do chascarrachás das conchas, do dongolondrom dos pandeiros, do repinicar das guitarras, do birbirinchim das gaitas, ruídos que pelo ritmo e pelo som se adaptam completamente ao li-aili-ali-aili da flauta”. Como fechando essas observações sobre o ritmo onomatopáico do verso, feitas pela grande mestra da língua portuguesa, um contemporâneo, T.S. Eliot, conclui: “Creio que os elementos pelos quais a música atinge mais o poeta são o ritmo e a estrutura. O uso dos temas recorrentes é natural à poesia como à música. Há possibilidades prosódicas que apresentam alguma analogia com o desenvolver de um tema por diversos grupos de instrumentos: há possibilidades de transição num poema, comparáveis aos diferentes movimentos duma sinfonia ou de um quarteto. Há mesmo possibilidades de arranjo contrapontístico”.⁷

6 Henri Brémmond, *La Poésie Pure*, Paris, Bernard Grasset, 1926.

7 Trecho recortado de “The Music of Poetry”, incluído em *Ensaio de Doutrina Crítica*, Lisboa, Guimarães, 1962, p. 114.

Numa tese para concurso em 1945, eu ressaltava a recusa de Góngora em exaltar os senhores do mundo e negar-se a fazer de sua poesia um instrumento político. ‘A poesia gongórica pode ser chamada de ‘divertimento’, de jogo culto, conceitualista ou erudito. Mas ela não pactua em geral com o mandato das tiranias. O poeta se evade através dos jogos e dos brincos e não é a sentinela do cesarismo. Os adeptos de dom Luis Góngora não participam, é verdade, das lutas progressistas que se iniciam. Existe neles, porém, uma dignidade — a de não estarem o escritor e o artista a soldo da reação e do mundo.’⁸

Esquecendo Góngora, o padre Henri Brémmond estuda Poe e Baudelaire e vai achar em Mallarmé o mais alto trampolim verbalista do verso. Se a sua crítica não soube desenvolver as implicações de Aristóteles e claudicou mesmo no estudo do classicismo, uma coisa se impôs a todos os espíritos. Foi a lúcida noção do que seja poesia, que depois desenvolveu no opúsculo intitulado *Prece e Poesia*.⁹ Sobre o fenômeno da comunicação poética, de autor para leitor ou auditor, eis o que ele diz: ‘Não aprendemos a nadar. Mas um dia, na primeira lição ou na vigésima, sentimos que apesar de ter perdido o pé não afundamos e mudamos de lugar. Sucede o mesmo com a experiência poética. No desenvolvimento normal do homem ocorre que, em certos momentos, a razão discursiva cede lugar a uma atividade superior mal conhecida, a princípio inquietante, mas que um pressentimento confuso e a esperança de não sei que delícias permitem entregarmo-nos a ela’.

Dir-se-ia que o crítico define um sentimento comum a toda a humanidade — o amor. De modo que a poesia não é mais que um ato de amor. Vamos continuar a citá-lo. ‘Para chegar a ela é preciso, antes de tudo, dar o passo heróico, o salto mortal, admitir

8 Trecho de ‘A Arcádia e a Inconfidência’, que originalmente também é diferente do citado neste artigo:

‘A poesia gongórica pode ser acusada de ‘divertimento’, de jogo culto, conceitualista ou erudito... Os adeptos de dom Luis de Góngora não participam, é verdade, das lutas progressistas que se iniciam com a era da máquina. Mantém a arte e a poesia distantes. Nesse apartamento existe pelo menos uma dignidade — a de não estar o escritor e o artista a soldo da reação e do mando’. (Ver *A Utopia Antropofágica*, São Paulo, Editora Globo, 1990, p. 70.)

9 Henri Brémmond, *Prière et Poésie*, Paris, Bernard Grasset, 1926.

a legitimidade e o valor de um conhecimento que não se expressa, que não pode se expressar, que as palavras não podem traduzir.”

Completa-se aí toda a teoria da palavra como valor plástico-musical, da palavra não-palavra, da palavra-som, base da poesia. E vem oportuna aquela resposta de Mallarmé a um pintor célebre que lhe dizia ter muitas idéias para fazer poemas: “A poesia não se faz com idéias mas com palavras”.¹⁰

Evidentemente não é a palavra solta que pode produzir essa comunicação indizível. É particularmente o ritmo em que ela se encaixa que produz o mistério do seu encantamento. Um verde feito de um branco, como diria um pintor, aqui entra a questão crucial da métrica. Mallarmé parece ter resolvido o problema quando lança aquela afirmativa citada por Mário de Andrade n’*A Escrava que Não É Isaura*, p. 20: “Où il y a un effort de style il y a métrification”.¹¹ Desde que haja um esforço de estilo, haverá metrificação. O estilo é produzido pelo ritmo e, portanto, onde houver ritmo haverá metrificação. Esta não está presa a formas predeterminadas e fixas.

Indicará a rítmica um estado de espírito capaz de definir uma época da história? Ou estará ela completamente desligada de toda conjuntura? A minha opinião é que a rítmica está presa à época que a produz. A poesia começou na epopéia grega. Deixemos de lado os livros básicos das grandes religiões, os Vedas ou a Bíblia, onde poesia e prece se confundem. Mas foi na Grécia que, como a filosofia, a poesia se projetou em liberdade. Aparecem então os metros predeterminados como as leis de unidade formuladas em seguida por Aristóteles.

Depois de Horácio, há uma débil enunciação da arte medieval do verso. Entre Dante e Petrarca desenha-se uma métrica completa que é trasladada para toda a Europa, vindo dar os três mestres do Classicismo francês, Molière, Racine e Corneille. E surge, codificando o verso, Boileau. A sua *Arte Poética* segue-se uma

10 Texto de Mallarmé citado por Paul Valéry em “Degas Danse Dessin”. (Consultar *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1960, p. 1.208.) Devo a indicação do texto de Valéry a Iumna Simon.

11 Na realidade, a frase de Mallarmé é:

“*Toutes les fois qu’il y a effort au style, il y a versification*”, que

está em “Réponses a des Enquêtes.

Sur l’Évolution Littéraire”, *Oeuvres*,

Paris, Gallimard, 1945, p. 867.

esterilização da poesia de que é penoso exemplo a Arcádia em Portugal, donde escaparam para um primeiro arejamento emotivo os nossos inconfidentes mineiros.

E com o Romantismo se restabelece a justificação da poesia como poesia. Afirma Brémmond, sobre a experiência que todos temos do estado poético: “Não é preciso conhecer o poema inteiro. Três versos achados ao acaso da página ou mesmo um trecho de verso não concluído bastam. O encantamento se opera mesmo que ignoremos o que a ele se segue”. “A metamorfose se produz, a expressão torna-se poética, o verso fica poesia desde o momento em que uma técnica sutil e paciente, secundada e clara por felizes acasos, alcança captar, para orquestrá-los deliciosamente, os recursos musicais da língua.”

Não há poesia sem uma certa música verbal. Tão particular que se lhe devia dar outro nome. Desde que essa música fere os ouvidos feitos para escutá-la, há poesia. Acrescentemos, porém, que uma coisa tão mesquinha — algumas vibrações sonoras, um pouco de ar removido — não pode ser o elemento principal e muito menos único que compromete o mais íntimo de nossa alma. Cascavéis da rima, fluxo e refluxo das aliterações, cadências previstas ou dissonantes, nenhum desses belos ruídos alcança a profunda zona onde fermenta a inspiração. Mas são as palavras que transmitem o fluido misterioso que nos toca. Estabelecem-se por irradiação e impulso a magia e o contágio. Contanto que tenhamos em nós o fio-terra. A receptividade capaz de conhecimento poético. Então a mensagem alcança o seu destino. Não importa a vestimenta quadriculada ou não do mensageiro.

A CRISE POÉTICA

No século XIX, estão em face um do outro dois grandes poetas, Baudelaire e Victor Hugo. Eles são a ruptura entre o sentido de poesia e o sentido de ação. No fundo, Victor Hugo metrifica a prosa útil, essa que tem como modelo aquela frase: “Filomena, traga as chinelas!” Ele está sempre gritando para que depressa lhe tragam as chinelas. As chinelas são os canhões, as bandeiras, as marselhas e os patíbulo com que se consolidaria triunfante a burguesia liberal. Ele é o contraponto de Carlos Marx, que do outro lado da barricada, na miséria proletária de Londres,

fazia germinar a ressurreição dos que queriam perder as cadeias milenárias de Prometeu. Ambos, Victor Hugo e Marx, são derivações gigantescas de Tirteu.

Que prodígio se fez para que Baudelaire se colocasse fora dessas colunas de fogo do Romantismo? O seu lugar é único. Ele se situa no centro da crise de um sistema mais vasto que o sistema burguês. Ao contrário de Hugo, ele coloca-se contra o mundo infectado de abstrações. Não acredita na justiça, na democracia, na realeza ou no proletariado. E, ativo, repete a famosa profissão de fé de Edgar Poe exaltando a perversidade como uma das constantes do homem. Eis as palavras de Poe: “A filosofia não dá nenhuma importância a essa força. No entanto, tão firmemente como creio na existência de minha alma, creio que a perversidade é um dos impulsos primitivos do coração do homem, uma das faculdades ou sentimentos primários indivisíveis que constituem o nosso caráter. Quem por cem vezes não cometeu uma ação louca, pela simples razão de que dela devia se abster? Não temos por acaso, apesar dos nossos julgamentos, uma inclinação perpétua para violar o que é lei somente porque sabemos que é lei? Este espírito de perversidade causou minha perda. Foi o desejo insondável que minha alma experimentou de se afligir, de violentar a sua própria natureza, de fazer o mal, só por amor do mal”.¹²

E Baudelaire acrescenta: “Sem essa força que a filosofia desdenha, sem essa inclinação primordial, uma multidão de ações humanas ficaria inexplicada e inexplicável. Essas ações só atraem porque são más e perigosas, elas possuem a atração do abismo. Essa força irresistível e primitiva é a perversidade natural que sem cessar faz com que o homem seja suicida, assassino e carrasco”.

Baudelaire coloca-se no centro da crise que atingiu a burguesia farisaica, acoçada pelo messianismo político de Marx. Se um seu contemporâneo perdido nas ruas de Copenhague grita que “Deus é o nosso inimigo mortal”, o poeta chega à conclusão saída da “necessidade do mal” de De Maistre e diz: “Deus é o carrasco por excelência”.

Trata-se evidentemente de uma posição nova. É a aceitação consciente do pecado contra Deus, em plenas coordenadas cristãs.

12 Provavelmente uma adaptação do texto “O Demônio da Perversidade”. (Conferir Edgar Allan Poe, *Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, p. 286.)

Com o segundo casamento de sua mãe, Baudelaire perdia o mundo da infância. E batia nele o mesmo drama que desgraçara Orestes e Hamlet. Que era esse drama senão o drama central do patriarcado? Foi Bachofen, revelado por Nietzsche, quem assinalou o direito novo, o direito paterno, assegurado pelo desenlace da *Oréstia*. Minerva dá o seu voto a favor do matricida, derogando assim os velhos alicerces jurídicos do matriarcado. As Erínias acalmam, aderindo ao novo estatuto. Ligue-se este fato novo que estabelece a herança e, portanto, a propriedade privada do solo àquela ruptura assinalada por Engels, em que o homem deixa de devorar o prisioneiro de guerra para fazê-lo seu escravo, e teremos uma divisão nítida do mundo histórico — uma cultura matriarcal, onde os homens, sem nenhum deus partidário, lutam e se entredevoram, e uma era em que Deus surge como salvador e messias, numa sociedade escravocrata. Toda a exaltação milenária da monogamia sai desse postulado da propriedade privada transmissível ao filho pelo direito paterno. No matriarcado, Clitemnestra não seria passível de castigo nem a rainha mãe de Hamlet. Uma derivação do complexo freudiano de Édipo, em ação oposta, faz de Orestes e de Hamlet as duas grandes figuras vitimais da quebra de fidelidade ao pai morto. Que aconteceu com Baudelaire senão isso? Na sua memória se conjuga em desastre a infância, esse paraíso roubado pelo general Aupick. Desde então não era mais compreensível o mundo. E ele pôde escrever numa projeção de seu profundo drama “La Charogne”.¹³

Mas não são só os amores de Baudelaire que se decompõem. O mundo em que ele vive também é uma infame *charogne*. É uma simples e nauseante decomposição. Enquanto a burguesia exibe o seu triunfo bestial, e de outro lado Marx a analisa, os poetas e os artistas refluem estóicos para a infelicidade. E de lá agem. Não se exibem mais como no Romantismo em gritos e lamentos. Vejam-se a posição de Van Gogh, a de Cézanne, como a de Baudelaire e a de Rimbaud, posteriormente. Esse isolamento, essa fuga, não representa abdicação alguma. É apenas a retirada do caos. O hermetismo que esplende em Mallarmé é uma oposição nítida ao filisteísmo circundante, produzido pela quebra de valores da revolução industrial. O poeta tem pudor do seu estado de graça... ou de desgraça.

13 Charles Baudelaire, “Une Charogne”, *Oeuvres Complètes*, Lausanne, 1967, p. 47.

LA BRISE MARINE¹⁴

O poeta prefere ser um incompreendido e fundar uma seita que enfim receba aquela “mensagem do imperador” de um conto de Kafka. O imperador da China ao morrer mandou uma mensagem ao último de seus súditos. A sala da agonia achava-se repleta. Ajoelhado, o mensageiro atlético recebeu a confirmação do imperial recado e partiu para os confins da nação com um emblema solar no peito. Furou a multidão que o acotovelava, passou a outra sala, repleta também. Caiu num pátio, onde o povo ululava, penetrou num segundo palácio, num terceiro pátio, e quando chegou à rua encontrou quatrocentos milhões de chineses lhe barrando o caminho, na emoção da perda do soberano. Mas, diz Kafka, ao cair da noite, o destinatário senta-se à janela de seu quarto e espera a mensagem do imperador. O poeta é esse mensageiro do irrelatado que traz como brasão um sol no peito e que procura o destinatário de seus íntimos recados. Esses chegam. Os punhos sagrados do mensageiro batem às portas magnéticas da emoção quando se produz aquele milagre de Maiakóvski:

“Comigo a anatomia enlouqueceu
Sou todo coração”.¹⁵

Essa entrega do poeta ao fio-terra não pode eximir-se no entanto de cobertura. Se a descarga é de puro rádio, a expressão tem que se limitar de transbordamento, de sentimentalidade ou de *pathos*. É esse o segredo do modernismo, a discrição. Com sabedoria e discrição nós, brasileiros, reargamassamos a língua para entregá-la a mãos ocupadas com as bugigangas da mitologia bilaqueana e com outras coisas. O labor do poeta não é de modo

14 “Brise Marine”, poema escrito por Mallarmé em 1865, incluído em *Le Parnasse Contemporain* (1866). (Consultar *Oeuvres*, Paris, Gallimard, 1974, p. 38.)

15 Os versos de Maiakóvski citados por Oswald são:

“Comigo
a anatomia ficou louca.
Sou todo coração —
em todas as partes palpita”.

Vladimir Maiakóvski, *O Poeta Operário*, São Paulo, Círculo do Livro, 1991, p. 149.

algum aquele rendilhado trabalho de ourivesaria parnasiana que nas redações dos jornais comovia nossos avós letrados. Mas é o duro trabalho braçal de decantar a luz permanente do rádio e arrancá-la da argamassa bruta de seu envoltório. Muita dessa argila veio em nossos versos. Muito do que fizemos perdeu, na pesquisa e na polêmica, o seu centro de gravidade. Tivemos que autodestruir e recompor a língua gasta. Não recorremos, como Joyce, ao mito odisseu para encontrar a rota diurna, muitas vezes transfigurada em deserto. Fizemos até os primeiros passos na direção de uma nova geometria do verso.

Para isso éramos futuristas.

A palavra “futurista” que tanto pareceu infirmar o movimento de 22 foi utilizada em Portugal por Fernando Pessoa e Almada Negreiros. Eles lançaram um “ultimatum futurista” às gerações portuguesas do século XX. O Futurismo russo foi firmado por Maiakóvski. Era uma bandeira límpida, sadia, mecânica para exprimir as transformações da época.

Qual era o panorama que tinham encontrado os nossos tímidos e ambiciosos 20 anos? Dominando o mundo das letras a mediocridade doirada de Anatole France, o materialismo visual de Renan, a pastosa melodia danunziana e, quando muito, Maeterlinck. Quando penso que hoje a poetisa Hilda Hilst está cansada de ler Kafka, Hess, Rilke e Sartre!

No cenário nacional, barrando qualquer horizonte, jaziam os oropéis de Coelho Neto e, como guias espirituais da geração, Bilac, Martins Fontes e Amadeu Amaral; este, simpático mas limitado provinciano, cuja importância foi menor do que a que tem hoje o sr. Leo Vaz.

Nossas tarefas foram gigantescas e aqui é o momento de fixar como pioneiros: na prosa Monteiro Lobato e na poesia Mário de Andrade. O nosso papel, o meu, o de Menotti e o de Sérgio Milliet, foi inicialmente um papel secundário. Éramos monitores apenas da renovação fixada por esses dois chefes de fila. Um equívoco afastou Monteiro Lobato de nós pelo grave motivo de ele não entender níquel de artes plásticas e ter simplória e grosseiramente atacado Anita Malfatti. Mas a prosa de Lobato com os *Urupês*, já o reconheci publicamente, alentou a pesquisa apaixonada e incerta que começávamos.

Que oferecemos à geração que nos sucede? A poética que se construiu de Mário de Andrade a Cassiano Ricardo. *Macunaim*

ma, “Nega Fulô”, *Cobra Norato*, as *Elegias* de Vinícius de Moraes,¹⁶ a mítica urbana de Carlos Drummond de Andrade, o inferno social speackado pelos romancistas nordestinos, o cinema falado de Erico Verissimo, *A Quadragésima Porta*,¹⁷ *Os Ratos*, de Dionélio Machado, e alguns críticos que são um pouco diferentes do sr. Osório Duque Estrada, pois se chamam Antonio Candido, Álvaro Lima, Sérgio Buarque de Hollanda, Tristão de Athayde e Sérgio Milliet.

AS DIMENSÕES ATUAIS

No patamar da nova poesia, “onde um dragão guarda os tesouros do amor” e “a felicidade persiste sobre o abismo negro” e “a serenidade é o prefácio da morte”, está a agitação tempestuosa de Nietzsche.

A nova poesia restaura o reino da criança, do primitivo e do louco. Ouçamos Nietzsche...

O poeta e a criança, o primitivo e o louco, tudo isso é também o povo. Ouçamos as vozes do povo, saídas de Maiakóvski e de Federico García Lorca...

Por esses deuses assassinados na Espanha de Franco e na Rússia de Stálin, aprendemos que a poesia atual se democratizou. E a democracia anda com a humildade.

São de Blaise Cendrars estas palavras:

*‘Autant d’images-assotiations que je ne peux pas développer dans mes vers
Car je suis encore fort mauvais poète’.*¹⁸

16 Vinícius de Moraes, *Cinco Elegias*, Rio de Janeiro, 1943.

17 *A Quadragésima Porta*, romance lançado em 1943 por José Geraldo Vieira.

18 Trecho de *La Prose du Transsibérien et la Petite Jehanne de France*, Paris, Ed. des Hommes Nouveaux, 1913.

O grande Eliot, da admirável canção de amor de J. Alfred Prufrock, exprime o voto de ser um simples homem do séquito de Hamlet que sirva apenas para engrossar um cortejo.

“Eu, o príncipe Hamlet? nunca!
Não sou nem quero ser.”¹⁹

E Max Jacob declara como bom cristão:

“Que vômito que eu sou, Senhor!”

O mundo se transformou e se transformou também a poesia, que é sinal do mundo. Aconteceu Freud, aconteceu Marx, aconteceu Charles Chaplin, aconteceu Kafka. O que não aconteceu foi o soneto.

Nenhuma das literaturas-padrão voltou convencidamente às formas predeterminadas da poesia. É difícil engaiolar num salão festivo o quotidiano, o coloquial, o mecânico e nele conter o oceano prenhe do inconsciente. A poesia atual anda na rua. Pode ser que ao seu lado esteja o Anjo Terrível de Rilke.

A poesia de hoje balança entre o mistério restaurado da vida e as estrelas quietas, entre a face kierkegaardiana do desespero, o deliquial e o perplexo. E mostra esse neutro avesso da utopia a que o homem se habituou, depois da frustração de seus messianismos. Mas a revolta não acabou. E ainda se pergunta: Como cantar com a boca cheia de areia?

O retorno à forma não extingue os fogaréus do Ocaso histórico que vivemos.

Entre nós há um poeta do coração, da palavra e do mato que coloca o Brasil na mais autêntica atualidade do verso. É ele Cassiano Ricardo.

“A verdadeira eloquência caçoa da eloquência, a verdadeira moral caçoa da moral, caçoar da filosofia é verdadeiramente filosofar.” Estas palavras não são minhas, são de Pascal,²⁰ reprodu-

19 “No! I am not Prince Hamlet, nor was meant to be”; verso de “The Love Song of J. Alfred Prufrock”, *Selected Poems*, Londres, Faber and Faber, 1954, p. 15.

20 Parágrafo 4 do Artigo I dos “Pensamentos sobre o Espírito e o Estilo”, de Pascal, lançados em primeira edição em 1670. Há uma tradução brasileira feita por Sérgio Milliet, reproduzida no volume *Os Pensadores*, da Editora Abril.

zidas por Jacques Maritain. Fecho a minha conferência sobre poesia com essa *trouvaille* de um homem profundo, citado por um sujeito grave. Evidentemente o que Pascal quer ferir é a aparência de seriedade com que se encobre o vazio, o tolo, o inócuo. A minha geração é acusada de leviana por não se ter apresentado de luto no primeiro centenário da nossa Independência. E ter tomado atitudes álacres quando derogou todo um ciclo da literatura vigente. É preciso não confundir sisudez com profundidade. Renovo aqui o que disse no Congresso de Poesia de 48, revidando a vaga afronta que é afirmar que a geração de 22 se fez na piada e permaneceu na polêmica. Ao contrário, muitos dos novos de hoje se apresentam com uma solenidade de última instância. E parecem ignorar que poesia é tudo: jogo, raiva, geometria, assombro, maldição e pesadelo, mas nunca cartola, diploma e beca.

A humildade é a primeira condição do poeta. A poesia nasce como um deus nas estrebarias, entra nos aglomerados montada num burro. E morre todos os dias na cruz que lhe ofertam. A sua validade é imensa, porque, como disse Hölderlin, o homem vive poeticamente sobre a terra.

Que é poesia?

O que a distingue de verso mau ou da prosa útil é o seu estado de permanência. Ela monumentaliza a linguagem fixando paixões, comandos, catástrofes e paraísos de um modo imprecívél. O poema é um monumento da língua que o produz. Pode ele ser escrito em prosa quando seu autor na Antiguidade é Jó, ou o criador do *Rigveda* é modernamente um Kierkegaard, um Nietzsche, um Joyce, um Lautréamont. Mallarmé chamou de poema em prosa o maior esforço versificado do século XIX: “*Un Coup de Dés Jamais n’Abolira le Hasard*”.²¹

Conferência feita no
Museu de Arte Moderna de São Paulo,
em 19 de maio de 1949. (IEL-Unicamp)

21 “Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso”. Poema lançado em 1897, figurando numa edição brasileira organizada por Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, publicada pela Editora Perspectiva em 1974.

O MODERNISMO

Na *garçonnière* da Praça da República¹ começou o Modernismo. Arrastei para lá Mário de Andrade. Ali estiveram Di Cavalcanti, Menotti del Picchia, Ribeiro Couto e até uma vez o futuro acadêmico Gustavo Barroso.

Como qualquer movimento literário, esse se processou no início sem esquema, sem passaporte e sem justa definição. Tratava-se apenas de uma onda de oposição e de revolta que, refletindo as agitações da Europa, se erguia sobre o marasmo das letras e das artes nacionais.

Mário de Andrade era um *show*. Sua alta estatura, sua mulatice risonha exprimindo-se numa dentadura faustosa, sua voz cálida e cantarolada, seu amor pela música e pelo folclore e sua cultura incipiente esplendendo no deserto letrado de Piratinin-ga, tudo fazia com que em torno dele se congregassem amigos e medrassem devoções. A confusão reinava. Ninguém sabia ao certo o que era ser moderno. Esse conceito vinha se propondo através das mutações do século. Mas nossas forças, abafadas pelo servilismo colonial, procuravam dele se libertar.

No livro excelente e fartamente documentado que Mário da Silva Brito está publicando sobre o Modernismo,² fica patente que a renovação se anunciava de há tempos atrás. Eu mesmo de-ra, pelos jornais e revistas onde colaborava, sinais da inquietação que tomava conta de nossa época.

A literatura e as artes eram o que havia de frustrado e cadavérico. Um longo reinado içara sem contestação, ao topo das glórias, a dupla Bilac-Coelho Neto. Lembro-me de que, quando ainda

1 Oswald teve, a partir de 1920 até o final de 1922, um estúdio na Rua Pedro Américo, esquina com a Praça da República.

2 *História do Modernismo Brasileiro*, São Paulo, Saraiva, 1958.

meninote, viajara com meus pais para a Caxambu, aí fui encontrar nas moçoilas locais um apaixonado êxtase pelos versos de Bilac. Havia uma certa Corruxa que recitava pasma a versalhada bem medida e lânguida do poeta. Não se conhecia outra coisa.

No Rio, a Academia Brasileira de Letras, que com o reinado de Machado de Assis alcançara seu apogeu, agora tinha decaído lamentavelmente. A eleição de Amadeu Amaral, para que contribuísse, ainda procurou levantar suas forças. Mas o critério de fechar a porta aos novos e só admitir lá dentro os expoentes esclerosava a instituição.

Quem eram os novos? Apareceu Gustavo Barroso com seus contos regionais, e melhor do que ele, uma figura centralizou as atenções. Foi Monteiro Lobato. João do Rio fizera sua aparição fulgurante. Lobato teve a imensa "chance" de ser lançado pela mais alta voz do país, a de Rui Barbosa. E tinha *O Estado de S. Paulo* para a divulgação de sua literatura.

Foi em Lobato que a renovação teve de fato o seu impulso básico. Ele apresentava, enfim, uma prosa nova. Sua curiosidade como sua cultura, ambas limitadas, não lhe permitiam ir além do seu esforço pessoal. Talvez tivesse receio de se encantar no movimento modernista. Isso trazia, sem dúvida, responsabilidades culturais. Era para homens que haviam sofrido Paris na pele como eu, Di Cavalcanti e Sérgio Milliet. Era para um audacioso original como Mário de Andrade, que arrastava pela sua sedução pessoal inúmeros seguidores. Lobato sofreu sem dúvida a timidez de suas origens provincianas, apesar das leituras que teve, o que demonstra *A Barca de Gleyre*.³ Mas seu terrível orgulho não o deixou fazer fila com gente desconhecida que se aventurava numa empresa temerária e incerta. Ele trazia em si o "Mal de Taubaté". Nascera para ser promotor de Justiça, advogado ou fazendeiro. Mas, desastrado nos negócios como todo homem votado à literatura, viu logo grandes dificuldades em seu caminho. Foi então que, na utilização de sua poderosa imaginativa que o fez o precursor entre nós, tanto da literatura infantil como dos problemas do petróleo e do ferro, ele se lembrou de fazer uma editora. Ligara-se à *Revista do Brasil*, centralizava largo círculo de escritores, tinha fãs por toda parte. Mas o comércio não lhe sor-

3 *A Barca de Gleyre: Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*, São Paulo, Nacional, 1944.

riu. A Editora Monteiro Lobato faliu quase arrastando em sua queda o autor de *Urupês*. Quem o herdou foi um sabido que batia à máquina no escritório, pequeno empregado que se tornou o grande editor Octales Ferreira. Lobato não foi tocado na sua literatura pelo desastre. Ao contrário, seu nome subiu por todo o Brasil.

O Modernismo medrou ao seu lado. Já em 1915, pela revista *O Pirralho*, que eu fundara muitos anos atrás, eu havia publicado um artigo reclamando uma pintura nacional contra as cópias litográficas que abafavam toda nossa intervenção. É verdade que meu artigo trazia um endereço errado. Minhas esperanças se fixavam no pintor Wash Rodrigues. Não havia outro no momento.

Posso afirmar e já afirmo que sem a presença catalítica de Mário de Andrade o Modernismo teria sido, pelo menos, retardado. Expliquei em minhas Memórias a minha formação tímida, incapaz de afrontar mesmo qualquer situação normal. Na Escola Modelo Caetano de Campos, com sete anos de idade, incumbiram-me de recitar para a professora uma versalhada, feita por um poeta do nordeste que se hospedara em casa de minha tia Carlota. Eu fiz um escândalo. Chorei, berrei e não me exibí em público. O que me importava era minha casa e minha mãe. Fora dessa dupla tutela me sentia um inútil. Ninguém imagina o esforço feito para liquidar em mim essa primeira timidez. Quando dela saí, saí por explosão. E isso explica muito de minhas atitudes agressivas e insólitas. Era o meio de me recuperar.

Minha longa amizade com Guilherme de Almeida o colocou ao meu lado no movimento modernista. Com ele veio gente do Rio, Ronald de Carvalho, Ribeiro Couto, este trazido por Di Cavalcanti. O movimento engrossava. Mas sem a publicação de *Paulicéia Desvairada*, o grande livro de versos de Mário, nada se teria precisado.

Mesmo antes da publicação de *Paulicéia*, eu abri o escândalo, lancei pelas colunas do *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, um artigo sobre o inédito Mário de Andrade. Esse artigo intitulava-se “O Meu Poeta Futurista”. Era a palavra da época. O “futurismo” se desitalianizara. Em Portugal, por exemplo, Fernando Pessoa lançava nesse momento o seu “Ultimatum Futurista”.

A princípio, aceitou-se sem hesitação o epíteto “futurista”. Depois, começaram os escrúpulos partidos, sobretudo, de Mário de Andrade. Ele, nacional e nacionalista como era, não se sentia

à vontade dentro do rótulo estrangeirante. Assim, pouco a pouco, foi encontrada a palavra “modernista” que todo mundo adotou.

Nunca será demais exaltar uma figura central do movimento modernista. Foi Paulo Prado. A sua modéstia de fidalgo, a sua dupla personalidade de escritor e comerciante, o fato de ter aparecido tarde em nossas letras e mais possíveis complexos fizeram com que Paulo Prado nunca desejasse o primeiro plano. Ele colocava em sua frente Graça Aranha, geralmente confuso e parlapatão, filho duma abominável formação filosofante do século XIX, mas grande homem nacional, pertencente à nossa Academia de Letras, e autor de um livro tabu, *Canaã*, que ninguém havia lido e todos admiravam.

Era evidente que para nós sobretudo o apoio oficial de Graça Aranha representava um presente do céu. Com seu endosso, seríamos tomados a sério. Do contrário, era difícil.

Sem a inteligência e a compreensão de Paulo Prado, nada teria sido possível. Ele foi o ativo agente de ligação entre o grupo que se formava e o medalhão Graça Aranha.

Paulo Prado abriu-nos a sua casa em Higienópolis. Recebia magnificamente. Os seus almoços dos domingos eram faustosos. Além de se comer e beber dentro duma grande tradição civilizada, ali se debatiam os problemas candentes da transformação das letras e das artes.

Pode-se dizer que, depois da pobreza de minha *garçonnière* na Praça da República, foi a casa de Paulo Prado o centro ativo onde se elaborou o Modernismo.

Acredito que foi Di Cavalcanti que teve a idéia da realização de uma Semana de Arte Moderna. Num paradoxo, muito peculiar a São Paulo, quem prestigiou a Semana revolucionária foi um grupo conservador. Dele faziam parte Samuel Ribeiro e René Thiollier.⁴ Conseguiram eles para nós, de graça, o Teatro Municipal, o primeiro da cidade.

Os elementos do Rio tinham entrado em contato conosco através de Di Cavalcanti. Ele nos tinha revelado um músico estranho que tocava piano num bar e compunha coisas espantosas. Chamava-se Heitor Villa-Lobos.

4 Samuel Ribeiro (1882-1952), engenheiro, presidente da Caixa Econômica Federal em São Paulo. René Thiollier (1884-1968), jornalista e escritor, membro da Academia Paulista de Letras.

A esse tempo eu, muito ligado a Menotti del Picchia, que era redator-chefe do *Correio Paulistano*, fazia com ele grandes descobertas. Tínhamos desencavado, num *atelier* do Palácio das Indústrias, um escultor que nos pareceu tímido e pessimista, querendo mudar-se para a República Argentina, pois não encontrava aqui nem repercussão nem mercado para as suas obras. Esse homem, chamado Victor Brecheret, que deve sobretudo a mim a sua carreira e a sua ascensão, tornou-se, depois de milionário, o mais sórdido avarento da história do Brasil. Sem deixar, no entanto, a sua ascensão de artista. O que significa que nada tem a ética com a inspiração e a maestria da fortuna. Dizem, aliás, que Celini foi um miserável assassino. Está certo!

Menotti e eu nos tomamos de paixão pelo escultor e sua obra. O *Correio Paulistano*, órgão oficial do governo, ficou em matéria de arte e literatura uma pura subversão. Aí, com o pseudônimo Hélios, Menotti desancava o passadismo. Tendo mesmo tido um pega físico na rua com o matusalém da literatura, Aristeo Seixas.⁵

Desse modo, por toda parte alentava-se o movimento que eclodiu no movimento de 22. Esse foi o instante útil. Festejava-se o centenário da nossa independência política. Exposições e festas por toda parte. Brecheret exibia com escândalo as suas novidades que não passavam, no entanto, de arrojados copiados do balcônico Mestrovick.⁶

Marcou-se a Semana para o começo do ano. Teve ela início no Teatro Municipal a 13 de fevereiro. Sala cheia, galerias repletas. Graça Aranha, com seu prestígio, fez o discurso de abertura, um bom discurso que se acha publicado no *O Estado de S. Paulo* da época. Não houve nenhuma manifestação hostil. Mas nos dias subsequentes produziu-se a estralada.

Nos corredores do Municipal, achavam-se pendurados quadros modernistas, particularmente de Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Rego Monteiro, Zina Aita, Moya.⁷

Anita Malfatti celebrizara-se por um episódio ocorrido antes, em 1917. Tinha ela, de regresso de seus estudos nos Estados

5 Aristeo Seixas (1881-1965), empresário e escritor.

6 Ivan Mestrovick (1883-1962), escultor iugoslavo, produziu esculturas baseadas em temas nacionalistas e religiosos.

7 Antônio Garcia Moya (1891-1949), arquiteto e artista plástico, participante também da Semana de 22.

Unidos, onde sofrera o contato da pintura moderna, exposto seus trabalhos num salão da Rua Líbero Badaró. São Paulo, com seu espírito de acampamento, sem tradição nem lei, aceitou aquilo como aceitava os ocasos inflamados do pintor Bassion ou as mediocridades floridas de Paulo Rossi.⁸ Todo mundo ia, gostava, deixava o nome no livro. Acontece, porém, que um dia surge num jornal uma diatribe terrível assinada por Monteiro Lobato, cuja autoridade crescia nas letras nacionais. O título do artigo era simplesmente este: “Cinismo ou Paranóia”.⁹ Lobato xingava de todos os nomes a pintura de Anita.

Essa posição de Lobato em face da arte moderna, ele a conservou até a morte. Foi a posição de um inculto rebelde. Aliás, numa curiosa confissão, ele contou com muita verve como tinha querido ser pintor e fracassado desde a primeira experiência, quando confundiu óleo com aquarela. Ficou, sem dúvida, o complexo, e ele, não tendo nem o instinto nem a cultura necessários à compreensão das transformações plásticas do mundo, arrepiou-se logo com o que lhe feria a embotada sensibilidade provinciana.

Anita, menina nesse momento, sofreu um grande choque. Houve compradores que devolveram os seus quadros. E ficou no ar a onda de hostilidade que depois continuou a persegui-la. Pelas colunas do *Jornal do Comércio*,¹⁰ eu tentei defendê-la, mas fi-lo timidamente, pois não tinha autoridade para enfrentar Lobato e sua grei. Meu artigo era assinado pelas iniciais O.A.

A Semana, como disse, realizou-se com grande alarido, particularmente a sessão em que foram apresentados ao público os novos poetas e escritores. A ausência de qualquer padrinho nos atirou às feras. No palco, nos alinhamos Menotti del Picchia, eu, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Ronald de Carvalho, o poeta suíço Henri Mugnier e Agenor Barbosa.

A tela subiu e vi que o teatro estava repleto. Menotti, de pé, iniciou a apresentação dos novos escritores, aproveitando o primeiro silêncio. Ouviram-no atenciosamente até o fim. Aí, disse

8 Paulo Cláudio Rossi Osir (1890-1959), pintor, desenhista e arquiteto, integrou a Família Artística Paulista.

9 O artigo de Monteiro Lobato “A Propósito da Exposição Malfatti” foi publicado em *O Estado de S. Paulo* de 20 de dezembro de 1917.

10 O artigo de Oswald “Anita Malfatti” saiu no *Jornal do Comércio* de 11 de janeiro de 1918.

ele, apontando-me, que, para dar um exemplo do que era a prosa nova, ia eu ler um trecho de romance inédito.

Eu levava comigo umas laudas contendo uma página evocativa d'*Os Condenados*,¹¹ que nada tinha de excessivamente moderno ou revolucionário. Mas a pouca gente interessava o que eu ia ler e apresentar. O que me interessava era patear. Apenas Menotti se sentou e eu me levantei e o teatro estrugiu numa vaia irracional e infrene. Antes mesmo d'eu pronunciar uma só palavra. Esperei de pé, calmo, sorrindo como pude, que o barulho serenasse. Depois de alguns minutos, isso se deu. Abri a boca então. Ia começar a ler, mas nova pateada se elevou, imensa, proibitiva. Nova e calma espera, novo apaziguamento. Então, pude começar. Devia ter lido baixo e comovido. O que me interessava era representar o meu papel, acabar depressa, sair, se possível. No fim, quando me sentei e me sucedeu Mário de Andrade, a vaia estrondou de novo. Mário, com aquela santidade que às vezes o marcava, gritou: "Assim não recito mais". Houve grossas risadas.

O mais gozado de todos foi o estrangeiro Henri Mugnier, que se exprimiu em francês, meio estonteado, sem compreender e aceitou o que se passava. Ronald de Carvalho, teso, pequenino, reagiu. Gritou para os vaiadores que ladravam e soltavam das galerias be-xigas sonoras: "Homenzinho do cachorro! Homenzinho do balão! São versos de Manuel Bandeira! São versos de Ribeiro Couto!"

Os concertos de Villa-Lobos tiveram a mesma acolhida terrível. A música nova parecia estapafúrdia àquela gente educada nas doçuras lânguidas de Puccini e de Verdi. O possante sopro do nosso maior compositor foi completamente desencorajado nas noitadas do Municipal. O barulho era tamanho que Armando Leal Pamplona¹² decidiu subir ao galinheiro e me convidou para segui-lo. Lá, gritou: "Quem é que está vaiando assim?" Um sujeito pôs-se de pé e gritou violentamente, batendo no peito: "Eu! Eu!" Retiramo-nos. Eu ria. Ronald, que era grande jornalista, certa tarde interpelou-me à saída do Municipal: "Seu Oswald, vieram me dizer que foi você quem organizou essas vaias!"

11 *Os Condenados* foi lançado pela Editora Monteiro Lobato, com capa de Anita Malfatti, em 1922.

12 Armando Leal Pamplona, modernista de primeira hora, pioneiro do documentário cinematográfico brasileiro.

“Eu? Como?” “É, isso é muito desagradável, principalmente para mim que fui premiado pela Academia Brasileira de Letras!”

Como se vê, todos os movimentos se processam da mesma maneira, confusos, heteróclitos, desiguais. O que importa é o impulso e a meta. Essas foram atingidas pelo movimento de 22.

Se procurarmos a explicação do porquê o fenômeno modernista se processou em São Paulo e não em qualquer outra parte do Brasil, veremos que ele foi uma consequência da nossa mentalidade industrial. São Paulo era de há muito batido por todos os ventos da cultura. Não só a economia cafeeira promovia os recursos, mas a indústria, com sua ansiedade do novo, sua estimulação do progresso, fazia com que a competição invadisse todos os campos de atividade. Desde ginásiano eu me habituei a frequentar uma grande livraria da Rua 15 de Novembro, a Casa Garraux, onde o editor José Olympio iniciou a sua carreira. Aí se encontravam todas as novidades da Europa. Editoras, livros e revistas sempre foram preocupações paulistas. Assim, um conjunto feliz de circunstâncias, entre as quais a presença entre nós de dois bons padrinhos, Graça Aranha e Paulo Prado, fez eclodir a Semana no ano em que se comemorava o primeiro centenário da independência nacional.

Texto publicado na revista *Anhembi*,
São Paulo, nº 49, 1954.

SEX-APPEAL-GENÁRIO

“Sinto em mim o borbulhar do gênio.” Este verso de Castro Alves poderia ter encabeçado uma béstia do poeta, no cartão-postal da ilha dos Amores, rodeado no fim da tarde pelas saias transbordantes de Eugênia Câmara, entre os chorões do Tamanduaté. Nesse tempo havia o silêncio composto de São Paulo. Eram possíveis o serão e o sarau, o silogismo e a vida interior. Hoje eis o paradoxo de São Paulo. Eu estava quieto, jogando sinuca, quando me apareceu não uma “nega maluca”, mas uma dúzia de negas malucas, querendo me atribuir a paternidade de múltiplas coisas que se produziram nesta cidade — “Esse filho é seu!” Tratava-se da Semana de Arte Moderna. “É o filho que Deus lhe deu!” “Não é meu!” “É seu!” E resolveram me almoçar, fazendo deste tricentésimo nonagésimo sexto ano da deglutição do bispo Sardinha uma espécie de ano jubilar da antropofagia.

“PAU-BRASIL”, MARCA DE FÁBRICA*

E tomaram como pretexto “Pau-Brasil”. São Paulo é feito para as prioridades comerciais. “Pau-Brasil” consiste numa simples patente de invenção. Hoje, por conseguinte, o que se comemora aqui, na capital do câmbio, da indústria e do comércio, é uma marca de fábrica.

“Pau-Brasil” vinha de longe, do espanto dos primeiros cronistas ante a terra que “tinha a forma de hua harpa”. Vinha da literatura oral das fazendas, da paisagem de Minas monumentalizada pelo Aleijadinho, das escalas encrespadas do Lóide Brasileiro, enfim, das blusas domingais nos jardins fotográficos da ci-

* Título atribuído pela organizadora.

dade. Tratava-se de um toque de reunir contra a poesia de importação e por isso eu apelava para o totem vegetal do pau-de-tinta, que fora o nosso primeiro produto exportado. Poesia de exportação contra poesia de importação. Vinte e dois defendia as divisas nacionais. Estávamos horrorizados tanto com a indecência de Frinéia como com o rapé arcádico do soneto colonial.

DA RAÇA AO SORVETE DE CARROCINHA

O paradigma que eu propunha via-se, porém, imediatamente ultrapassado. Outros possuíam o segredo instrumental que me faltava.

Guilherme de Almeida levava à *Raça* as lavras de sua xenofobia. Ronald de Carvalho geografizou em *Toda a América* os nossos limites. Menotti e Cassiano saíram para caçar papagaios. Ascenso Ferreira batucou o nordeste. Augusto Meyer mediu em verso as novilhas, enquanto Carlos Drummond de Andrade, num labor de penitenciário, “engarrafava a pedra do caminho” e o “vasto mundo” de seu coração. Murilo Mendes ampliava em redondilha a descoberta. Foi quando Mário de Andrade, na epígrafe de *Losango Câqui*, rubricou o movimento, falando de sua própria tendência Pau-Brasil. E Jorge de Lima ofereceu aos brancos a Frinéia negra de “Nega Fulô”.

Enquanto isso, você, meu Sérgio Milliet, era entre nós o Bacharel de Cananéia. Você vinha da Suíça, como um naufrago. Trazia uma porção de saudades, inclusive a do simbolismo, a do socialismo e a da metrificação. Descido das fidalguias de Santo Adolfo, suportava bem as vaias da Semana, e numa grande farra sorvia conosco, na Praça da República, sorvete de carrocinha.

Só você, o ádvena, divergia da ondulação que o norte replicava nas evocações de Manuel Bandeira e no grupo que, em Recife, rodeou Gilberto Freyre. Mas o que era o Brasil, sendo deglutição pura? Devoramos facilmente as suas inocentes carnes genebrinas. E teria restado apenas sua angulosa estrutura de mestrescola, se não houvesse em você o cantor do óbulo e da valsa. Você era o poeta social que já perguntava em 1925: “Para que o voto secreto?”

CONTRA O CAMPEONATO DE TÉDIO

Confraternizamos, então, compreendendo que era preciso ser tudo, mesmo futuristas com Graça Aranha, mas abrir luta contra o campeonato de tédio edificante em que se empenhava o mundo antigo para distrair o clímax da exploração humana de que se nutria. Antes da Primeira Guerra Mundial, São Paulo tinha dois divertimentos: o médium Mirabelli e a “vela do *Correio Paulistano*”. O médium entrava numa sapataria à busca de seus pés encantados. Na vitrine do *Correio*, onde hoje se apruma a torre do Banco do Estado, havia acesa uma vela enorme. E a cidade apostava o dia e a hora em que a vela iria se apagar. Era o *betting*.

A VELA E O MÉDIUM

Na literatura, a mesma coisa — a vela e o médium. A vela provinciana dos literatos vacilantes e a trapaça acadêmica das votações espíritas.

Mas o fim da guerra viera trazer uma contabilidade inexorável para aquele mundo remoto. Jaziam por terra as monarquias de Direito Divino. Aos Habsburgo, aos Hohenzollern, aos Romanov iam suceder os Dollfuss, os sapateiros de Weimar, os camisas-pretas e os novos “caçadores de cabeça” da Rússia Soviética. Houve um espaço mais, que um dos nossos companheiros, entre *charlestons* e *drinks*, cognominou de *Domingo dos Séculos*.¹ Mas soara a pancada cava das revoluções. E Deus nos mandava de presente, envolto em celofane socialista, o sr. Getúlio Vargas.

Todos vós sabeis o que se passou depois. Com os tempos novos, São Paulo criara uma mentalidade industrial. Se a dimensão povo vinha trazida pela tarda manada dos búfalos da literatura social, aplaudimo-los. Não deixamos nunca, porém, de manter a fidelidade ao ofício, à procura da expressão, que propunha o verso estacado no seu pulo plástico e mensageiro de uma orgulhosa bastardia polifônica. Em nossas mãos, a prosa se tornou tijolo, cristal, vértico, barra de aço.

¹ Rúbens Borba de Morais, *Domingo dos Séculos*, publicado em 1924 pela Candeia Azul.

ENTRE O COLOQUIAL E A VORAGEM

Trazíamos a técnica do risco e do impacto. E encontrávamos a partícula de rádio no barro argiloso. Nosso problema central foi a tensão entre o coloquial e a voragem. Entre o prosaico e o lírico, o polido e o arlequinal. Éramos a tradução da cidade. E por isso, como ela, fazíamos a escalada e o recorde, limpando as janelas da vida. Quando a ciência mais sisuda nos falava de elétrons fantasmas, por que não mergulhar nas fontes abandonadas da oposição e da surpresa? A mim, a cidade mecânica fizera de súbito conjugar o verbo crackar:

“Eu empobreço de repente
Tu enriqueces por minha causa
Ele azula para o sertão
Nós entramos em concordata
Vós protestais por preferência
Eles escatagem a massa”.

EU SOU A FAMÍLIA

Eu não sabia que esse verbo era irregular. Tinha herdado tudo, menos a convicção da propriedade privada.

Arruinados uns, outros cavalgando grandes e pequenas burocracias, ficamos marcados de futurismo, nós de 22.

Uma noite, não faz muito tempo, recebi a visita de certa poetisa ilustre que se fazia acompanhar de uma coorte de fãs. No meio da conversa, ela apontou o teto da sala onde estávamos tomando chá, um teto frajola que se afunilava em reentrância, e perguntou: “O que é que sai dali?” “Nada!”, informei. “É o teto.” E ela, desconfiada: “Não acredito que na sua casa não saia alguma coisa dali para assustar a gente”.

Nesses curiosos equívocos, tem-se emusculado o Modernismo. Para muitos falamos diferente, olhamos enviesado, pensamos afásico. Há sempre um busílis no comportamento normal de um modernista. E há quem suponha que estamos aqui nos regalando com filé *mignon* de jesuíta.

No entanto, os espíritos atilados vêm perfeitamente que o que eu procuro é traír a poesia, ser oficializado, tomado a sério,

e por isso encerram-se as minhas atividades inquietantes, acabando tudo em marmelada no Automóvel Clube.

Agradeço os que assim assinalam uma catarse facilmente analisável. Eu sou família. O que sempre me guiou foi mais que a ordem e o acabado, a geometria e a credulidade. Como o Douanier Rousseau, minha íntima aspiração foi continuamente o *salon* e a medalha de ouro. Corrigir a desordem impressionista de Cézanne, eis o que queria o pintor das barreiras de Paris... Mas, dentro da pintura duco que ele esmerava, vinham os tigres do seu México folhudo e a magia do cotidiano desdobrado em planos metafísicos que ninguém atingiu.

Há em mim um desejo de limpeza e de expurgo que não dirime as cataratas de meu universo interior. E sei que no fundo de um autêntico revolucionário está sempre um legalista. Quando perguntaram a Zenão, escravo, o que ele sabia fazer, o filósofo respondeu: "Mandar!"

TRÊS GERAÇÕES PAULISTAS

O que hoje se processa é a reconciliação da cidade com suas forças filiais. Mais do que a mim, o que se honra hoje são três gerações paulistas — a de Paulo Prado, a de Mário de Andrade e a desse admirável menino que se chamou Paulo Sérgio. Temos o nosso pequeno cemitério. Muitos já caíram dos que estiveram conosco em 22. Graça Aranha, Ronald, dona Olívia Penteadó, Antônio de Alcântara Machado, Filipe d'Oliveira. A morte recente de Paulo Sérgio foi o último de seus poemas adolescentes, envolto na névoa violeta que sitia São Paulo.

Rosa que amei um dia
Rosa que não me amou
Pedacos e mais pedacos
Pedacos de alma em pedacos.

Olhei para trás quando voltava de seu enterro e vi um parque geométrico, com seus estalidos exatos, com seus volteios de pequenos aviões, de crianças garridas de carrossel, sob o comando dançarino de um alto-falante e, por trás, a avenida reta e negra, com seu organizado mundo de viaturas. O sol nítido parecia

estático, pregado ao céu azul e difuso. E foi tudo tomando o aspecto duma solenidade monumental, tendo ao fundo o corpo do poeta na tarde insensível.

DO PRESUNTO DINAMARQUÊS A KIERKEGAARD

A presença aqui, sob o carinho de São Paulo, de três gerações é um sinal de batalha. Podemos ser personagens de Hiroshima, o nariz colado no calcanhar, a boca no pescoço, os olhos no espanto do impacto cotidiano. Porque vivemos muitas vezes como bons paulistas na angústia do colapso, o pelotão invisível apontando o peito, a morte a sessenta dias, a intimativa ululante do devido, pago, gasto, voado. Da casa e da família. Antigamente vinham presunto e manteiga da Dinamarca, hoje vem angústia. A nossa, porém, não é essa. É angústia bancária. Por isso perdemos facilmente o verbo poético e limitamo-nos muitas vezes ao vocabulário oligofrênico da cidade. Pingentes do capitalismo, lanceiros dos estribos, donde nos arriscamos a desabar a qualquer momento, surpreendemo-nos a produzir com o vizinho de ocasião aqueles prodígios do léxico Berlitz — Com prazer: Que honra! É bonito o pavão? Onde está a *toilette*? Mas a poesia reage na própria formulação das calçadas. No bom-dia maquinal, no cigarro nervoso, no encontro lúbrico, no cafezinho, na batida estimulante. E contagiamo-nos da mitomania do lucro ou da certeza da revolução mundial. São Paulo é assim. Por isso me mandam as suas forças luzidas.

Este almoço não é só gastronomia. É também uma formação de batalha. Confraternizam aqui as sucessivas gerações de 22 a 50, particularmente eficientes, as de 45 e 48. Gerações rasgadas e atomizadas pelas transformações do mundo. É São Paulo não mais das vaías da Semana, mas dos museus de Cicillo e Assis Chateaubriand, este que conosco sentava nos tapetes do salão de dona Olívia Penteadado.

ALMOÇAR CONTRA

Estamos almoçando contra. Contra os enfezados e os bichos de conta da cultura. Contra os oficiosos. Contra a edificação e a falsa virtude. Contra os que caluniam afirmando que não hou-

ve pensamento nas convulsões de 22. Não poderíamos certamente ter hoje em São Paulo, reunidos em Congresso de Filosofia, se a metafísica contemporânea não tivesse estreado na pancadaria de rua em que tomamos parte, nas decorrências intelectuais e políticas de 22. O Brasil teve aí o seu cáldido divisor de águas. Se há ainda os dromedários da reação, os aluados e os colibris do dogma, enfim, os importadores de desespero, pior para eles.

Estou convencido de que a gente lúcida, formada pelos novos pensadores, há de encontrar no próprio Brasil os mananciais de sua pesquisa essencial. Porque basta de autenticidade enlata-da, basta de filosofia de importação!

SEX-APPEAL-GENÁRIO

Este grande e nunca merecido abraço de hoje me faz lembrar um magnata do fim da outra guerra que, recém-chegado de viagem, foi festejado com um ágape. E gostou tanto que fez bisar o almoço. Seria o caso, despido das generosidades da homenagem e apenas circunscrito às proezas folclóricas do Centro de Pesquisas que guarda o grande nome de Mário de Andrade e aos feitiços culinários pelo mágico José. Mesmo porque chega de denunciar a minha idade pelos jornais. É verdade que eu adoto de há muito aquela otimista teoria de Jules Supervielle, aqui levada às últimas conseqüências pelo luzido testemunho do pajé Hernani de Campos Seabra. Nasce-se velho, cheio de taras, preconceitos e hábitos vetustos, mas pouco a pouco a idade traz em si a juventude. De modo que, ao me despedir e agradecer, declaro para uso de quem quiser que há uma nova categoria. Sexagênário não, mas sex-appeal-genário.

Discurso de agradecimento pela homenagem
feita em comemoração aos sessenta anos do poeta,
no Automóvel Clube de São Paulo, em março de 1950.

Publicado no *Jornal de S. Paulo*,
26 de março de 1950.

NOTAS PARA O MEU DIÁRIO CONFSSIONAL

Não guardo apontamentos da época em que o Brasil se transforma esteticamente através de um movimento que teve importantes ligações com Paris. Mas tenho viva a lembrança de muita coisa. Sei mesmo que no fim do ano de 22, depois da Semana de Arte Moderna, rumei para a França, onde tinha candidamente combinado encontrar-me no Museu do Louvre, junto à *Vênus de Milo*, com uma namorada, em certa hora e certo dia. Essa namorada tinha o belo e estranho nome de Tarsila.¹ Encontrei-me com ela no combinado local e alguns anos depois com ela, artista e fazendeira, me casava, tendo como padrinho o dr. Washington Luís Pereira de Souza, então eleito presidente da República.

Já tive ocasião de contar que esse grande casamento acompanhou o destino do café. Subiu às alturas, conseguiu um raro cartaz, depois rodopiou e caiu. Evidentemente, o culpado foi, com o destino, o autor deste diário.

Em 1930, inaugurava eu uma vida completamente oposta à de tertúlias, viagens e festas que caracterizou o meu período modernista. Morava, antes, num velho solar da Rua Barão de Piracicaba, pertencente ao sogro da época, onde funcionou a minha roda literária — casa que, com toda a justiça, na sua célebre conferência do Itamarati, Mário de Andrade chamou de “Salão de Tarsila”.

Em 30, numa estreita solidariedade com meu estado de arruinado, tornei-me marxista militante e passei a conhecer cortiços, vielas, prisões, lençóis rasgados e fome física. Uma modesta fome que não teve a importância da de Knut Hamsun² nem a

1 Tarsila e Oswald ficaram juntos de 1922 a 1929.

2 Knut Hamsun (1859-1952), romancista norueguês, autor de *Fome*, 1890. Há uma tradução de Carlos Drummond de Andrade lançada pela Editora Delta, Rio, 1963.

que Jules Margoline refere na sua *Casa dos Mortos* soviética, *La Condition Inhumaine*.

Hoje, comemorando o cinquentenário do *Correio da Manhã*, vou fixar um episódio que teve como cenário a Paris daquela época. Foi por ocasião de uma das minhas brigas tremendas com Di Cavalcanti. Já tive diversas. Considero esse enorme brasileiro talvez o maior pintor de sua época entre nós, mestre de Cândido Portinari e donde saiu a subpintura de Clóvis Graciano, a criatura mais estranha, contraditória e muitas vezes incômoda do mundo.

Hoje, não saberia explicar por que briguei com Di. Mas briguei feio e só reatamos devido à enérgica intervenção de um homem, Edmundo Bittencourt.

Lembro-me de que tivemos um grande jantar em que tomaram parte artistas e amigos de artistas. Estavam presentes dona Olívia Guedes Penteadó, a animadora social de 22, Paulo Prado, Villa-Lobos, Tarsila, Anita Malfatti e Brecheret. Talvez Sérgio Milliet, que também fez parte da equipe de brasileiros que foi beber em Paris o seguro entusiasmo pela renovação de nossas letras e artes.

Nesse jantar debateu-se o caso meu com o Di e fizemos as pazes como boas crianças.

Não foi, porém, essa a única intervenção de Edmundo no mundo literário e crítico de então. Edmundo, não tendo tomado contato com a revolução modernista que agitara São Paulo, ficou surpreso ante a corte de pintores e escritores do Brasil que adotavam e defendiam as novas formas de expressão. Chegamos mesmo a temer que o jornalista não gostasse de nossa posição e desencadeasse contra nós uma tremenda ofensiva pelo *Correio*. *Tão pis!*

Quem não conheceu Edmundo Bittencourt não calcula a importância que teria isso em nosso meio. Desde minha infância eu me habituara a ver em Edmundo a bravura e a sinceridade. Além disso era um jornalista.

Minha infância soletrou nas revistas e nos jornais da época a independência de Edmundo, ligada à ascensão do *Correio da Manhã*.

Quem não se assombrou então com o episódio Pinheiro Machado?³ Pinheiro era o ditador político a que o *Correio* não perdoava. Num meio que ainda hoje desafia conquistas da democracia, o tiranete do sul usava e abusava do coronelato político fazendo de deputados, magnatas e presidentes uma coleção de

3 José Gomes Pinheiro Machado (1851-1915), político gaúcho, senador da República.

títeres. O Brasil teve sempre a virtude de ser um país contra. Talvez nenhuma nação no mundo possa contar o rosário de revoluções que temos tido. É verdade que todas fracassadas. Do levante de “Almirante João Cândido” (1910), a que assisti no Rio, ao golpe de 29 de outubro de 45, tivemos cerca de dez movimentos revolucionários. Só um vitorioso — o do sr. Getúlio Vargas em 30.

A ditadura branca de Pinheiro Machado exacerbava a nossa sensibilidade literária. Edmundo Bittencourt encabeçava a luta. Um dia correu a notícia. Edmundo fora desafiado para um duelo a pistola por Pinheiro Machado, exímio atirador. Não escaparia com vida. Afrontando a ameaça que pesava sobre a nossa independência de opinião, ele já tinha aceitado e enfrentava o adversário.

Foi ferido num braço, mas a democracia, com essa mesma bala que o feriu, conquistava um triunfo imenso sobre a ditadura. A opinião se galvanizou em torno de Edmundo.

Era esse homem lendário que ia agora intervir na nossa revolução cultural e estética. Entenderia ele o que queríamos? Sabia perfeitamente que éramos bem-intencionados. Mas, evidentemente, isso não bastava.

E vimos esse homem que não era mais uma criança subir cinco andares sem elevador para visitar o *atelier* de Tarsila em Montmartre.

A inteligência de Edmundo reagiu muito bem. Ficou ao lado da renovação com o seu ar combativo, sério, autoritário.

O que nos impressionou foi sobretudo a decisão de Edmundo. Ele ia lá ver os quadros modernistas que Tarsila expusera na Galeria Percier sem absolutamente se incomodar com a opinião da grande crítica que aceitava já a pintora brasileira ou com a hostilidade da pequena crítica que aqui nos enchia de insultos e calúnias.

Nesse momento o Modernismo tinha uma unidade guerreira que não comportava cisões. Até 30, mesmo quando surgiu o movimento Antropofágico, não havia divergências essenciais. Só com o vendaval político-econômico de 30 se definiram posições ideológicas. O sr. Plínio Salgado, que ficara nos camarins da Semana, fundou o Integralismo. O grupo chefiado pelo sr. Mário de Andrade, através do *Diário Nacional*, foi para a liberal democracia e para a revolução paulista de 32. Os senhores Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia encaminharam-se para a cooperação pública com o sr. Getúlio Vargas. E o grupo restante mais nume-

roso, e de que eu fazia parte com Di Cavalcanti, Pagu, Osvaldo da Costa, Geraldo Ferraz, Jaime Adour da Câmara e Tarsila, dirigiu-se para o marxismo e para a cadeia.

Hoje o Brasil mergulhou na indiferença e na ignorância das próprias conquistas. O Rio oficializou mestres do Modernismo mas continua a chorar os *pompieri* da Escola de Belas-Artes.

Na literatura, a uma geração consciente e renovadora sucedeu uma geração de modestos picaretas e bisonhos piratas que conta como obra a conquista dos suplementos dos jornais.

Não há saudosismo em lembrar neste momento a figura incorruptível e valente de Edmundo Bittencourt, que se colocou ao lado do Modernismo.

Texto publicado no *Correio da Manhã*,
em 15 de junho de 1951.

MANIFESTAÇÃO
DE NACIONALIDADE

EM PROL DE UMA PINTURA NACIONAL

Agita-se em São Paulo um movimento desusado de artistas pintores. São os nossos pensionistas do Estado que a guerra obrigou a deixar a vida pitoresca dos *ateliers* e dos *quartiers*, a despreocupada existência de estudantes ricos, a quem não falta socorro mensal do que faria a alegria e o consolo de duas famílias inteiras.

A gente os vê por aí, diferentes dos outros, alguns escandalosamente diferentes procurando recompor a decaída visão do artista cabeludo.

Esperam, sem dúvida, melhora de tempo financeiro, estadia na crise, para expor o que fizeram e mostrar que não perderam tempo.

Não seria de todo fora de hora conversar-se um bocadinho sobre a nossa pintura, sobre o pensionato que o Estado tem mantido e sobre os proveitos que podem dele derivar.

Creio que a questão da possibilidade de uma pintura nacional foi em São Paulo mesmo resolvida por Almeida Júnior,¹ que se pode muito bem adotar como precursor, encaminhador e modelo.

Os seus quadros, se bem que não tragam a marca duma personalidade genial, estupenda, fora de crítica, são ainda o que podemos apresentar de mais nosso como exemplo de cultura aproveitada e arte ensaiada.

É assim que vemos nele posta em quadros que ficaram célebres a tendência do tipo nosso, em paisagem, em estudos isolados de figura ou composições históricas de grupos.

É natural, no entanto, que se desviem desse caminho os nossos moços, que cheios dum sonho confuso de Arte com maiúscula

¹ José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1889) foi aluno da Academia Imperial de Belas-Artes, discípulo de Vitor Meireles e bolsista do imperador em Paris.

desembarcaram uma manhã numa *gare* rumorosa de Paris, para estudar por conta do governo.

Vêm a princípio as sugestões da vida de redor, os passeios desconfiados para conhecer a cidade, todo o romance da escolha do *atelier* envidraçado, com porteiras patuscas e galantes meninas por personagens, enfim, a primeira crise romântica de se sentir artista, influenciando muito a vastidão do quarto boêmio, o aparelho todo do *métier* e o cheiro de terebentina.

Depois inicia-se a vida de trabalho necessário para corresponder à confiança da mesada. Vêm então as primeiras camaradagens de *quartier* e de academia, a comovida escolha do primeiro modelo, a primeira pose... E segue-se todo um natural entusiasmo pela arte de lá, pelo meio de lá, pela vida de lá, pela paisagem de lá.

De modo tal que se dissolve quase geralmente o que podia haver de personalidade nossa no tipo.

E, quando nos volta ele, não raro se *dégoûte* da nossa pobre vida burguesa e financeira e do nosso pudor, cuja aparência de rispidez herda dos primeiros jesuítas coloniais.

Diante da paisagem o nosso homem choca-se então positivamente: — Oh! isto não é paisagem! Que horror, olhe aquele maço de coqueiros quebrando a linha de conjunto!

Não percebe ele da paisagem senão a noção polida e calma. E porque se impressionou nas suas vilegiaturas pela França, onde o contato secular da terra com o homem fez tudo cultivado, reduzido à expressão complacente, ajardinado por assim dizer, eilo tomando-se de pavor diante da nossa natureza tropical e virgem, que exprime luta, força desordenada e vitória contra o mirrado inseto que o quer possuir.

No entanto, daí quanta sugestão exuberante, violentamente emotiva, não poderia dar a temperamentos de escolha a chance de criar uma grande escola de pintura nacional.

Porque não nos faltam os mais variados modelos de cenário, os mais diversos tons de paleta, os mais expressivos tipos de vida trágica e opulenta do nosso vasto *hinterland*.

Que se convençam eles, os nossos futuros pintores, de que não precisamos emprestar a vida própria a cada arte de país europeu para termos uma arte também.

Pelo contrário, esforço deve haver para que, depois dos anos de aprendizagem técnica que o governo lhes concede, eles se de-

sembaracem das recordações de motivos picturais que tiveram, das sugestões de arte local que sofreram.

E, incorporados ao nosso meio, à nossa vida, é dever deles tirar dos recursos imensos do país, dos tesouros de cor, de luz, de bastidores que os circundam a arte nossa que se afirme, ao lado do nosso intenso trabalho material de construção de cidades e desbravamento de terras, uma manifestação superior de nacionalidade.

Artigo publicado em *O Pirralho*
de 2 de janeiro de 1915,
na seção "Lanterna Mágica".

A EXPOSIÇÃO ANITA MALFATTI

Encerra-se hoje a exposição da pintora paulista sra. Anita Malfatti, que durante um mês levou ao salão da Rua Líbero Badaró, 111, uma constante romaria de curiosos.

Exigiria longos artigos discutir-se a sua complicada personalidade artística e o seu precioso valor de temperamento. Numa pequena nota cabe apenas o aplauso a quem se arroja a expor no nosso pequeno mundo de arte pintura tão pessoal e tão moderna.

Possuidora de uma alta consciência do que faz, levada por um notável instinto para a notável eleição dos seus assuntos e da sua maneira, a brilhante artista não temeu levantar com seus cinquenta trabalhos as mais irritadas opiniões e as mais contrariantes hostilidades. Era natural que elas surgissem no acanhamento da nossa vida artística. A impressão inicial que produzem os seus quadros é de originalidade e de diferente visão. As suas telas chocam o preconceito fotográfico que geralmente se leva no espírito para as nossas exposições de pintura. A sua arte é a negação da cópia, a ojeriza da oleografia.

Diante disso, surgem desencontrados comentários e críticas exacerbadas. No entanto, um pouco de reflexão desfaria, sem dúvida, as mais severas atitudes. Na arte, a realidade na ilusão é o que todos procuram. E os naturalistas mais perfeitos são os que melhor conseguem iludir. Anita Malfatti é um temperamento nervoso e uma intelectualidade apurada, a serviço de seu século. A ilusão que ela constrói é particularmente comovida, é individual e forte e carrega consigo as próprias virtudes e os próprios defeitos da artista.

Onde está a realidade, perguntarão, nos trabalhos de extravagante impressão que ela expõe?

A realidade existe mesmo nos mais fantásticos arrojados criadores e é isso justamente o que os salva.

A realidade existe, estupenda, por exemplo, na liberdade com que se enquadram na tela as figuras número 11 e número 1;¹ existe, impressionante e perturbadora, na evocação trágica e grandiosa da terra brasileira que é o quadro número 17;² existe, ainda, sutil e graciosa, nas fantasias e estudos que enchem a exposição.

A distinta artista conseguiu, para o meio, um bom proveito, agitou-o, tirou-o da sua tradicional lerdeza de comentários e a nós deu uma das mais profundas impressões de boa arte.

Artigo publicado no *Jornal do Comércio*,
São Paulo, 11 de janeiro de 1918,
um dia após o término da exposição.

1 *O Homem Amarelo* e *Lalive* são respectivamente as telas de números 11 e 1.

2 *Paisagem de Santo Amaro* é o de número 17.

ELOGIO DA PINTURA INFELIZ

Porque a gente borra de uma maneira um pano e outros borram de outra maneira, saem descomposturas, tíros e sururus parecidos com as velhas guerras de religião! Vou deixar de engolir tintas para vomitar arte! Era assim que se exprimia para mim um pintor que abandonara a carreira e decidira se dedicar à venda de aparelhos sanitários. A história desse pintor resume bem a situação do artista contemporâneo. Ele, deixando a escola, tornara-se *fauve*, chegando ainda a outras experiências deformadoras. Atacado pela ignorância e pela incompreensão, refugiou-se numa cópia educada do primitivismo cristão. Chamaram-no de lambido. Ele voltou nos seus primeiros estudos e tornou-se acadêmico. Os antigos colegas deram-lhe uma surra. Fez leilão do *atelier* e foi vender louças sanitárias. Mal sabia esse artista que sua vida resumia um ciclo da história da arte e que, dedicando-se ao comércio de aparelhos úteis à sociedade, tomava a direção do futuro, renunciando a perturbar com suas doenças plásticas ou com suas estereotípias covardes um mundo cansado de vida interior e de tragédia subjetiva. A pintura tem esse dom de intervir. Nela o homem vê o alfabeto da caverna. Nela procura um apoio e uma solução arruaceira que teve e tem na era moderna. Civilizações inteiras realizaram a arte hierática e harmônica. Temos nas ruínas de Karnak o testemunho das estabilidades teocratas firmadas sobre as estabilidades sociais. A dinâmica da Índia panteísta submerge o indivíduo. A rítmica alada dos assírios é arquitetônica. Mais próximo de nós, o surto gótico é construído e anônimo sob a tortura que o anima. O artista divorciado do corpo social, reagindo contra ele, protestando e expondo em pintura as forças do seu isolamento, toda essa cultura do drama humano no drama plástico que culmina em nossos dias, é apenas a curva histórica no quadro de cavalete. A pintura deixou a sua função peda-

gógica de cartaz de um ciclo quando, na Renascença, abandonou os temas sacros e apeou-se das paredes das basílicas.

A *Gioconda* marca o pórtico da era individualista. Aquela figura de mulher não é de nenhuma rainha, de nenhuma santa. É o retrato da namorada. A pessoa humana anônima, sem credenciais heráldicas, sem alos divinos, toma assento numa tela e chama com o seu rosto o homem que passa. Há toda uma dignificação especial da pessoa humana quando o pintor desenvolve o tema dos seus quadros em torno do modelo anônimo.

No espaço que vai das batalhas monumentais que deram a Paolo Uccello¹ a conquista da perspectiva visual à degradação inaugurada pelo barroco no Vaticano das Lojas e da Sistina, o quadro de cavalete toma o primeiro plano da história da arte. Registram-se ainda as diferentes Renascenças, na Espanha, na Holanda. Mas nesses ciclos harmônicos ressaltam como elemento vitalizador da época o documento pessoal e a figura humana. Dürer, Velázquez, Goya. Ao mesmo tempo a paisagem substitui pouco a pouco as crucificações, as Virgens e Bambinos. O hábitat terreno passa a interessar mais que o hábitat prometido pelas religiões. A geografia toma lugar mesmo nas composições mitológicas e nas composições históricas. E a era da máquina anuncia-se primeiro com Rembrandt, depois com Chardin. Aquele é o pintor inicial do burguês. É quem pela primeira vez fixa no quadro as figuras do comércio e da medicina.

Além disso, a sua técnica severa é um marco e meio das decadências floridas que se anunciam. Chardin traz para a tela, com um equilíbrio de grande época, os primeiros elementos criados pela indústria e produz a natureza-morta. A revolução francesa é apenas anunciada por David.

Vem o século XIX. A burguesia firma o seu poder social e civil, o seu poder político. E o artista deixou de ser uma expressão solidária do meio em que vive. Os princípios egoístas da liberdade individual separam o mundo da concorrência em setores antagonísticos. Está criado o mercado mundial. O artista é abandonado aos seus próprios recursos. “*Laissez faire, laissez passer!*” Começa então a história das evasões que vão de Delacroix aos impressionistas. O pitoresco e o exótico foram os protestos iniciais

¹ Paolo Uccello (1397-1475), pintor italiano autor dos mosaicos da Catedral de São Marcos e dos vitrais do domo de Florença.

do Romantismo contra um mundo sem graça e sem cor, um mundo que oferece o interesse psicológico da *Comédia Humana* mas cujo êxito se move na destituição legal de toda a virtude. Sob as garantias da Santa Aliança, nasce o poderio dos Goriot. A burguesia não merece um grande panegirista. Apenas suas taras, seus ferozes aspectos iconográficos ficaram nas sombrias denúncias de Courbet e nas figuras hospitalares profetizadas por Cézanne e Van Gogh. Começa o documentário sádico do realismo burguês enquanto se inicia esplendente a era vitoriana, e Pickwick² cria o brasão do ridículo. A pintura se evade logo na direção naturalista do Impressionismo. Claro que a burguesia reage. Ela cultiva os salões oficiais e alimenta-se de sua gosma de adulação. As escolas de belas-artes são cenáculos de tolice maldosa. Os artistas vêem-se expulsos de todas as graças da sociedade. Cézanne não consegue expor num salão. Não se trata de um erro, mas de um castigo para a sua independência. O *douanier* Rousseau espera com fome a consagração póstuma do Louvre. Modigliani mata-se de miséria numa rua estreita de Paris. Os artistas tomam posição, criam as exposições independentes, fazem das suas exclusões do salão oficial um diploma de valor.

Duas conseqüências derivam desse apartamento de caminhos que faz do artista um ser oposto à sociedade. De um lado, ele se aperfeiçoa na luta e se refina na técnica, vai às mais aventureosas e livres experiências do quadro e do desenho. Não é à toa que é livre. De outro lado, ele encerra num psiquismo fechado e hostil que vem produzir no século XX as florações interiores das escolas atuais. O artista cria a pintura infeliz. Não podendo realizar-se na sua função harmônica de guia e mestre social nem explicar o ciclo que o repudia, nele se entumula e se analisa. Que podia realizar o artista com a sua pré-ciência intuitiva, com o seu sentimento de dignidade criadora, senão recusando-se a fazer o retrato apologético de uma sociedade de arrivistas e corsários garantidos pelo Estado?

Esgotada a incursão geográfica do Impressionismo, o seu drama se agrava. A usina não aparece ainda para ele como um tema simpático. É a usina capitalista, o monstro que produz as greves de Zola. Justifica-se o refúgio nos *pic-nics* de cor que dos impres-

2 Pickwick, personagem do romance de Charles Dickens *As Aventuras de M. Pickwick*, publicado mensalmente de 1836 a 1837.

sionistas herdaram os divisionistas. Seurat e Signac. Da primeira anotação do objeto industrial por Chardin saiu a natureza-morta oleográfica e cínica para embelezar o lar burguês. O panorama doméstico intelectual do século XIX só pode conduzir aos mais graves desesperos. É ele que dá à sociologia de Durkheim a sentimentalidade grotesca de Napoleão III, a suficiência de Tartarin³ e toda a Inglaterra de Thackeray. São os modelos mais altos da sociedade ocidental. Os protestos macabros iniciam-se na literatura. Baudelaire, Huysmans, Rimbaud. E no final “pacífico” do século XIX surge o primeiro documento da grande doença produzida em abscesso fechado pelo isolamento do artista do corpo social em que vive. É a obra esquizofrênica de Lautréamont. Esse poeta morto anônimo aos vinte e quatro anos reivindica para si o título de conde. O seu autismo se desenvolve num plano nunca atingido pelo subjetivismo lírico. D’*Os Cantos de Maldoror* nasce, já em nosso tempo, Giorgio de Chirico. Abre-se a brecha na psique entumulada do artista da burguesia. O patrimônio milenário que se estratificara no inconsciente cultural, no inconsciente troglodita, desabafa nas transferências simbólicas que a psicanálise incita. Os surrealistas aparecem, manifestam e teorizam.

Explodem essa flora e essa fauna de fundo de homem-fundo de mar que fez estalar as formas convencionais e seculares de pintura anedótica.

De outro lado, a ofensiva parte dos *fauves* para os expressionistas. O elemento humano produz aí um artesanato gótico. O artista executa a plástica de sua vida interior, enriquecida pelo isolamento.

Nesse momento aparece um fenômeno de interpretação. O individualismo produzira um esfarelamento plástico na técnica, acompanhado da análise psicológica da obra de arte.

Os cubistas reagem contra essa dispersão da forma e da unidade criadora. Firmados nesse dialeto que foi Cézanne, eles geometrizam, recriam a forma, reduzida ao ponto químico. A plástica retoma os seus direitos construtivos.

Não foi à toa que a Renascença escolheu os seus temas no Cristianismo. Se quisermos abarcar longamente o fenômeno da exaltação do indivíduo, que teve como cadinho as catacumbas cristãs, pode-se dizer que de Prometeu a Cristo, deste a Leonardo da Vinci e deste a uma figura da decadência cristã muito conhe-

3 *As Aventuras Prodigiosas de Tartarin de Tarascon*, romance de A. Daudet de 1872.

cida entre nós, o sr. Flávio de Carvalho, há uma filiação desconcertante. O primeiro cristão teria sido Prometeu crucificado no Cáucaso porque brandira contra um conluio de deuses passadistas a flama dos direitos individuais. O centro dessa linha, mais do que o mito pedagógico de Cristo, foi o romano São Paulo.

Ninguém melhor do que este convertido fixou como base do Cristianismo as reivindicações da pessoa humana que deram depois por transbordamento a ferocidade das Cruzadas, a ordem militar dos jesuítas, a revolução francesa e a alta paranóia de Frederico Nietzsche. Todos esses fenômenos de expansão da personalidade esperneariam juntos no rótulo comum que os liga. Mas como chamá-los senão de cristãos, pois que eles no longo caminho da história humana cumpriram esse sentimento de inferioridade da pessoa isolada que para ser superado torna-se imperialista e agressivo. Por uma constante do aparelho sadomasoquista, essa superação se deu. E o cristão de hoje nada mais faz através das escolas patéticas senão o seu auto-retrato, onde se encontram as marcas do homem da caverna. Mas deixemos o sr. Flávio de Carvalho cristão velho investindo em nome da pessoa humana contra os cortejos farisaicos das procissões e das escolas de belas-arts. Voltemos a *Gioconda*. Ela realizou o primeiro cometimento da pintura baixada da ordem política e plástica que fazia nos templos os reclamos eugênicos da Virgem Maria. Ela realiza pictórica e psicologicamente o quadro de cavalete. É o retrato de alguém. Daí ao retrato de Emperaire por Cézanne assinala-se na pintura o apogeu do indivíduo.

O artista, cada vez mais aparatado e só, fora adquirindo no entanto um uniforme de pequenos protestos, o chapelão, a gravata, a cabeleira, a Mimi moribunda. Quando dessas formas teatrais e exteriores passa ao protesto interior, o fenômeno torna-se grave. Quando o industrialismo atinge uma paz vitoriosa, o artista recusa-se a partilhar da pedanteria de cátedra e abandona os lares apavorantes, onde se tece, em torno de um ninho de compromissos e tristezas, a mesma vida banal, comendo o mesmo frango, tocando a mesma valsa e esperando sempre a tutela das restaurações reacionárias, embaladora da vida igual e desafortunada, garantida pela polícia e pelas companhias de seguros. A pintura abandona pouco a pouco a aparência ótica e procura destruir o assunto. A Kodak já pôs no bolso de qualquer funcionário a sua *Gioconda*. Enquanto Nietzsche, ótimo cristão, insula

as virgens de Sils-Maria, o pintor isolado mais se aprofunda no subterrâneo autista. O cristão volta às catacumbas. E sobre os muros da sensibilidade moderna desenha os símbolos angustiados a carantonha de sua demonologia interior. É o surrealismo, o expressionismo. O quadro de cavalete realiza a sua curva emocional, histórica e plástica.

Como se vê, o caos aparente hoje já se desfaz. Ao abrir os olhos, a nossa geração viu nas escolas adversárias da aparência o modernismo e o futuro, a revolução e a nova ordem. Tudo isto, no entanto, era o passado. Desse passado é preciso distinguir, além das conquistas técnicas, o largo patrimônio das riquezas acumuladas pelo inconsciente cultural, pelos instintos em transe, pela reflexologia dos milênios mediterrâneos, rolando no plano inclinado da liberdade. São as sondagens interiores de Giorgio de Chirico. É a contribuição estética de Gromaire e a de Miró. Mas há também nos subterrâneos plásticos da pintura atual um narcisismo doentio que torna muitas vezes o artista afásico e a sua arte o pátio de milagres do capitalismo. Essa exposição de taras, de cacoetes, de dramas entupidos precisa ser queimada para que o artista se reabilite completamente perante os caminhos do futuro. É necessário que ele tenha a coragem de queimar a alma doente nascida das suas estufas artificiais, a fim de participar da nova era, que ele deixe esses passos de necrofilia em que se espasma, para voltar à ágora plástica e à arquitetura de um mundo verdadeiramente renovado. A sua defesa histórica está feita pela dignidade com que ele soube repelir todas as substituições com que a burguesia lhe acenou. Preferiu esbravejar no seu trágico mundo interior do que criar a apologética de uma classe ignara e opressora. Do ciclo econômico-histórico da burguesia sairia a destruição pela análise de toda a arquitetura social da era da máquina. A efusão egotista do indivíduo, superação agressiva do cristão, havia de esfarelar-se nas suas últimas dinamizações. Proust, Seurat, Debussy. Compete ao artista deixar agora os seus refúgios líricos e voltar à atmosfera que se anuncia felizmente menos opressiva do que há cem anos. Apesar das raivas agônicas com que o reino feroz do indivíduo ameaça sobreviver.

O cubismo, saído das sugestões do mestre de Aix,⁴ geometriza. Os elementos mecânicos se impõem nas desarticulações lí-

4 Cézanne.

ricas de Delaunay. E dos primeiros apontamentos do objeto industrial legados por Chardin passamos a este gigante plástico que é Fernand Léger. Aí já é o hábitat do homem da era nova que reclama o seu lugar na estética dos tempos anunciados. A pintura ligada à engenharia é parte orgânica da arquitetura. Os ensaios puristas de Albert Gleizes e do abstracionismo indicam a luta tenaz contra o assunto. Uma sociedade que se realiza no plano da ação e da solidariedade dispensa a cultura do drama. Mas a transformação social de uma época não pode dispensar a sua função moralista e educativa. Ela é feita hoje para largas massas humanas. O seu setor panegírico, o seu setor pedagógico, em que se exaltam os novos temas sociais, recebe também desde o século XIX as sugestões do novo ciclo. Podemos assinalar o aparecimento do povo na grande pintura com a contribuição de Henri Rousseau, o *douanier* de Paris. Mas ainda é o sentimento de domingo que surge. Com os pintores mexicanos aparece o sentimento do trabalho, a semana de quarenta horas. Käthe Kollwitz dá o sentimento da greve e do desespero. Com Lasar Segall vem o sentimento da perseguição, da migração e do *progrom*. Dessa arte de propaganda dos elementos sociais do futuro faz também parte o cartaz que luta, ao lado dos aviões de caça e dos gases mortíferos, por reivindicações antigas e caras à humanidade. É também a gravura e o volante.

Conforme vimos nesse perfil histórico da pintura, o século XX teve como expressões modernistas o desentulho da velha alma cristã, que trazia no drama da inferioridade o tema da conversão e o estímulo certo do pecado. Essa exaltação de formas irregulares, esse símbolo torturado, essa força afásica que traz em si o hábito da morte são o passado. Não podemos, porém, denegri-lo. Nele há a luta milenária da dignidade humana. A pintura de Cézanne como a pintura do surrealista Ernst não se venderam aos donos ocasionais da sociedade. Ela sempre protestou e foi sempre excluída das premiações e das encomendas oficiais. Se essa pintura representa psicologicamente o burguês, superação umbilical do cristão, ela teve uma glória — não deixou dormir Babilônia. Ela produziu a inquietação das palavras proféticas em meio dos banquetes babilônicos. Ela foi revolucionária porque foi destrutiva. Ela trazia em si os sinais de uma era que se desmancha. Deu mais que a voz sociológica do branco, do adulto e do civilizado, produziu também o grito da criança e do primitivo. E isso

queria dizer alguma coisa. Com certeza os seus patéticos documentos figurarão como testemunhas do homem, no processo histórico do futuro, o hábitat geométrico anunciar uma nova arquitetura da vida e da cidade. [*sic*]

Conferência realizada no II Salão de Maio,
em maio de 1938,
e publicada no *Dom Casmurro*,
em setembro de 1938.

O BURGUÊS INFELIZ CRIADOR DE PINTURA

Com esta palestra que continua as pesquisas do II Salão de Maio volto ao debate que desenvolvi numa peça teatral publicada o ano passado, *A Morta*. No primeiro ato, em pleno panorama de análise, exclama o Poeta: “Sou a classe média. Entre a bigorna e o martelo fiquei o som!” E elucida depois as suas esperanças: “Um dia se abrirá na praça pública o meu abscesso fechado! Expor-me-ei perante as largas massas... Um dia serei conduzido à atmosfera”.

É isso a poesia e portanto a pintura, nestes últimos dois séculos, uma criação desarmônica, revolucionária e perigosa para regimes que dos primórdios da era da máquina até nós estende os seus cordões de isolamento social. Emparedado, excluído das formas vitoriosas e correntes da vida, o artista protestou, sonhou, embelezou, criou enfim o Romantismo, cujo último reduto é esse fundo de mar, em que vegetam e se movem a flora e a fauna do Surrealismo.

A informação erudita do professor Roger Bastide, em recente conferência aqui realizada, assinalou o inútil esforço feito por duas vezes, nos séculos XVII e XVIII, em França, para que os artistas fossem chamados ao meio em que se comia com garfo e se usava espada. Não foram. A bela sociedade os desconsiderava dignos dela. Mas quebrara-se também a unidade medieval em que o artista era o artífice e o companheiro identificado na comunidade profissional, na comunidade social. Com o desenvolvimento do capitalismo, criou-se então a classe nova cujos lancinantes direitos, cujas saudades, cujas aspirações e revoltas se fixaram na arte. Pode-se afirmar que a história da pintura ocidental nestes dois últimos séculos está ligada à história da pequena burguesia.

Há certos símbolos que facilitam a compreensão de fenômenos os mais complexos e servem às teorias mais opostas. Assim, o homem expulso do Éden se significa para os católicos um caso entre Deus e o primeiro pai e para os marxistas a perda do estado de felicidade assegurado pelo comunismo primitivo, é para certos ansiosos recentes, entre os quais me coloco, a dispersão do homem natural, oriundo dos trópicos, pelas agonias geográficas das latitudes que criaram a técnica. Em sociologia esse mito é uma realidade constante. O homem, na sua acidentada história, não podendo retornar ao paraíso perdido, procura realizá-lo em pequenas etapas, em pequenos círculos fechados, em tribos ou na família, nos conventos ou nas suas transferências em grupos afins e até em nações e sociedades. Não é outro o sentido dos aglomerados religiosos e civis onde através dos séculos a arte teve uma função coletiva, um papel preponderante e ligador. E não é outro o sentido secular, milenário mesmo da arte, expressão religiosa de ligação social, estímulo, liame e expressão das pequenas ou grandes idéias tentadas pelo homem histórico.

Se nessa visão atual protesta contra a idéia de que a arte é uma expressão social, é porque está no momento presente terminando a crise de um sistema egotista e solitário, onde a arte se realizou em oposição à sociedade.

De fato, que vemos nas velhas civilizações de que a história e a arqueologia nos dão notícia? A mais íntima ligação entre arte, religião e poder civil. A própria arte era una e espetacular se bem que polimorfa. Isso se deu tanto na Ásia bimilenária, no Egito antigo, em Keressos, e do mesmo modo na África de Frobenius, na Polinésia dos antropólogos e na América pré-colombiana. Essa comunhão que produziu os grandes espetáculos clássicos como o teatro grego ou a missa que, afinal, não passam de um grande bailado. Essa comunhão de recursos plásticos e rítmicos que hoje se procura obter no futebol, no cinema plástico e falado e até nas paradas militares foi sempre o alto propósito estético das sociedades em ação. E nela a arte sempre serviu de fundamental elemento emotivo e sugestionador.

Renovou-se esse propósito de criação coletiva na idade média das catedrais, na renascença italiana, espanhola ou holandesa. Em todas essas épocas próximas da civilização harmônica, o artista era anônimo, mas honrado e afim, e, mais do que um solilóquio, a sua pintura, a sua escultura, a sua arquitetura, a sua música eram a ressonância de uma expressão coletiva e ecumênica.

A história, porém, atingiu um grave momento. A técnica criava a máquina, e as mais graves perturbações da vida social do mundo começaram. Quebrava-se a unidade medieval e nada a substituía. Com o homem entregue às suas próprias forças, os grandes espetáculos perdiam o seu sentido e esfacelava-se a sua sugestão. E quando o artista é colocado à margem do poder civil, da criação religiosa e da própria sociedade, fechada em classes na partida trágica para as arregimentações e as lutas do futuro, inicia a arte contemporânea.

O artista inicia, vingando-se a princípio timidamente. Depois... o eco que representa este modesto salão paulista que o diga.

Pode-se afirmar que foi Chardin, dando a sua maestria à natureza-morta, quem primeiro anunciou que havia qualquer coisa de mudado no mundo. Uma nova forma de vida era fixada. Os elementos de um quadro não eram mais os nobres e guindados reclames da crucifixação ou os fatos da nobreza e suas idealizações. Não, os simples produtos da indústria e os elementos da terra colhidos ou mortos pela mão do homem, num arranjo familiar. Se a *Gioconda* fixava o primeiro sorriso burguês e iniciava o retrato de alguém, sem nome e sem história, foram as naturezas-mortas de Chardin que trouxeram mais do que tudo a democratização dos assuntos pictóricos. Como se vê era a pequena burguesia que reclamava um lugar nos museus. De Chardin para cá, agravou-se a situação do artista desligado, força solitária e oposta, excluída das cogitações do poder civil e do poder social.

O último pintor oficial é David, que não deu a messe de Poussin nem a de Ingres. Mas todas essas tentativas de comunhão com a sociedade, para a composição técnica do alto Renascimento, tinham que se perder ante a desagregação cada vez maior provocada pelos emparedamentos do artista. Se Delacroix coincide ainda, pela explosão individualista, das suas cores e formas — se é a sociedade (heróica) que ele anuncia —, não o compreendem e preferem os salões acadêmicos. É quando o artista do século XIX se torna um infeliz e inicia as suas desesperadas campanhas contra o academismo. A arte oficial, na época burguesa, não é mais vivificadora e unida às manifestações da sociedade. É o nítido produto das combinações de grupo, produzidas pelo lucro monetário. Na história dos salões oficiais da França há crimes irremovíveis. Por exemplo, a exclusão sistemática de Cézanne e a do *douanier* Rousseau Modigliani que a seu lado figuram hoje no Louvre. [*sic*]

O que foi pois a pintura moderna até nossos dias que se exprime nas revoltas mais variadas e curiosas, senão uma criação da desgraça social a que se viu reduzido o artista?

Palestra proferida em São Paulo,
em 1938.
(Coleção Adelaide Guerrini de Andrade)

COMPLEXO
DE VESPÚCIO

PARTIDO DEMOCRÁTICO*

A inversão de valores, de idéias e de sentimentos é um dos jogos prediletos com que os camelôs do Partido Democrático se dispõem a embair a curiosidade pública sempre incautamente despertada pela mascatagem de reclame que preside aos seus ajuntamentos. Eles exploram principalmente um monopólio de novo gênero, mas sem dúvida mais perigoso do que qualquer concessão de outra espécie: o monopólio do povo! Só eles representam a vontade popular, só eles são amigos do povo e só eles detêm nas mãos enclavinadas a liberdade serena que sempre pairou sobre a vida construtiva e ordeira de São Paulo. Debalde se recorre à estatística, que modernamente é guindada à altura de ciência essencial, e se verifica que, nas urnas ou fora delas, na imprensa independente, no gregário de forças produtoras ou no seio do operariado em todos os ramos, enfim, onde se organizam as células da vitalidade paulista e onde o futuro se fecunda melhor — seja entre intelectuais e artistas, seja entre operários e comerciantes, seja entre elementos sociais, ou na agricultura, na indústria ou na alta finança, o Partido Democrático vive de atrapalhões e de equívocos e em permanente e vitalícia minoria.

São Paulo acorda com facilidade ao cântico das suas usinas ativas e pensa em trabalhar. O Partido Democrático, que vive de laboriosas noites brancas, acorda maldisposto e pensando em perturbar. Como as nossas autoridades confiam e deixam entrar sem exame qualquer pessoa para assistir às sessões do Congresso, é para aí que se habituaram os nossos demagogos a mandar meia dúzia de desordeiros, a fim de que, confundidos com outros assistentes, possam encenar a mascatagem necessária à produtividade escandalosa do “monopólio do povo”. De vez em quando, um ca-

* Título atribuído pela organizadora.

melô da esquerda grita uma senha anteriormente combinada e de quatro ou cinco pontos das galerias parte um vozerio capaz realmente de dar a impressão turbulenta dum fim de mundo. Segue-se a reação necessária, a polícia, chamada, a evacuação forçada das galerias pela mesa, o *meeting* se esvai num sussurro que pouco a pouco procura hipocritamente se entranhar na calma laboriosa do povo àquelas horas que trabalha, pensa em outra coisa, não foi à Câmara e portanto de modo nenhum participou da gorada manifestação. No dia seguinte as folhas democráticas virão, como hoje, noticiar que “o povo” fez isto e aquilo, esquecidas de que o povo autêntico, de centenas de milhares de paulistas felizes, nesse mesmo momento estava trabalhando com uma dignidade que não permite confusão com meia dúzia de desocupados, que são ou berradores profissionais ou capangas.

Basta, porém, de farsa!

É necessário de uma vez para sempre que se coloquem as coisas no seu verdadeiro lugar e que o monopólio do povo pelo Partido descontente seja denunciado e liquidado como todas as explorações menos dignas.

Uma série de perguntas mais ou menos ingênuas basta para pôr em fuga os mascates da indigesta panacéia. Basta reportarmos-nos à época de formação do Partido Democrático em São Paulo e uma só indagação colocará essa gente que tão manhosamente explora “o povo” em contraste violento com qualquer reivindicação verdadeiramente popular. Quem é mais povo, o major Molinaro, cabo do Partido Republicano e representante direto de uma grande massa de choferes da nossa praça, ou os magnatas que esbanjaram centenas de contos de réis para comprar cadeiras no Congresso? Por acaso será o major um aristocrata e o sr. Líli Aranha, pintado e repintado no bulevar, um plebeu? Com que direito se arrogam esses oligarcas típicos a representação do povo que sempre desdenharam na altura de seus coturnos magníficos? Por acaso o governo popularíssimo do dr. Carlos de Campos, que pelo povo autêntico da cidade de São Paulo foi carregado até o Palácio no dia da sua posse, foi um governo “aristocrático” no sentido antipático da palavra? Ou a origem do Partido “Democrático” foi o profundo despeito de que se viram inutilmente possuídos cinco ou seis magnatas e grandes senhores por terem pago com a prisão a suspeita de conspirarem contra as instituições republicanas?

É ou não fato que da prisão de meia dúzia de mandachuvas — que nunca se misturaram com o povo, prisão efetuada por um governo essencialmente popular — resultou o milagre do aparecimento de uma “democracia” grossa e tirânica, habituada a senzalar todas as consciências e todas as liberdades!

É preciso de uma vez para sempre que o povo de São Paulo escape ao suave monopólio intervêncio-monarquista-oligarca com que o pretendem encilhar! O rebenque tradicional que esses fidalgotes procuraram agitar a fim de colher para si os impulsos da mazorca precisa figurar de hoje em diante no escudo do Partido Democrático.

O povo laborioso e feliz de São Paulo continua solidário com a obra de liberdade, de progresso real, de desenvolvimento maravilhoso, de união e de ordem que lhe assegura brilhantemente o Partido Republicano Paulista.

Texto inédito, escrito em 1930.
(IEL-Unicamp)

PAÍS DE SOBREMESA

Teremos sempre um teatro de jesuítas para um público de botocudos? Será assim, infinitamente, nas Câmaras ou na finança ou na arte?

O brasileiro não se habituou ainda a duas coisas que a história exige dele há diversos séculos — ser cristão e contribuinte. Encara o imposto como o catecismo: com o mais cínico desprezo íntimo. Um pequeno teste de argúcia faria dizer que somos um país que só tem superestrutura. Não achamos ainda a estrutura nacional. E não a encontraremos na rota das Índias, por acaso, como Pedr' Álvares encontrou o Brasil. Talvez seja essa a chave do nosso dicionário de revoluções.

País de sobremesa. Exportamos bananas, castanhas-do-pará, cacau, café, coco e fumo. País laranja! Temos Coelho Neto, Martins Fontes, Guilherme de Almeida. O sr. Mário de Andrade escreveu um livro que se chama *Dar, Verbo Intransitivo*. Tudo resultado da gula. Os olhos da nossa gente melam. Os espíritos também. O açúcar substitui o pão das populações. E os doces de ovos vêm na métrica do sr. Júlio Dantas para produzir o talharim com calda do sr. Menotti del Picchia.

E para tapear, quando aparece um salvador nacional disposto, chama-se Salgado. Mas é exatamente com rapadura que quer galvanizar este disperso naufrágio de oito milhões de quilômetros, onde antropófagos recentes abraçam ainda e sempre aventureiros transatlânticos e pobres. Já leram a *Geografia Sentimental*¹ do sr. Plínio Salgado? É muito pior que o teatro de Anchieta. Não tem nem moralidade. Uma regressão de tipo crepuscular no neurótico que prometia criar músculos nas épocas subversivas da Semana de Arte Moderna. Nessa composição de escola, rea-

¹ *Geografia Sentimental*, publicado por Plínio Salgado em 1937 pela editora José Olympio.

parece o fazedor de acrósticos de Sapucaí, que reside intacto dentro da feroz camisa-verde. O jornalista provinciano de dez anos antes do *Estrangeiro*, acreditando em charada, procissão, quadrilha e pinga.

O sr. Plínio Salgado é como esses banqueiros que nervosamente se interessam pela fundação de um jornal, o subsidiam, o encorajam, porque trazem no bolso mais íntimo um sonetão dos dezenove anos que nunca conseguiram publicar. Um esquema freudiano talvez indique que todo o esforço político do chefe do integralismo — as camisas arianas fraudulentamente enfiadas no corpo caloso dos nossos mascavos — foi feito para ele poder largar ante um público respeitador essa serenata.

Quem é que não gosta de doce? As pessoas mais sérias gostam. A Associação Paulista de Imprensa decidiu, por exemplo, que devia candidatar-se à sua presidência a patativa d' *O Estado*, isso mesmo, o capitão Guilherme de Almeida. E o grande argumento de seus eleitores foi que o outro candidato era azedo. Não é propriamente verdade. O sr. Aires Martins Torres tem cara de irmão de gênio. E arregala muito os olhos diante de um assassinato qualquer praticado contra um dos filiados ao grêmio que preside. Porque não sabe se o atentado foi contra o jornalista ou contra o homem.

— Aires de Buridan! — exclama o sr. Galeão Coutinho inflamado.

Ao contrário dele, o capitão Bom-Bocado não hesita. Foi a Portugal. É verdade que a muque, graças à enferrujada malícia do sr. Getúlio Vargas. Aprendeu inglês de cinema. E fez a guerra constitucionalista, de pulseirinha e *tromblon*.

Se eu tivesse tempo, escrevia um “Ensaio sobre a Rapadura”. O último livro do sr. Plínio Salgado dá bichas. É verdade que o que ele quer é isso mesmo — açular as populações de vermes que residem nos Butantãs intestinais do nosso povo.

Pão mesmo não temos. Nem saúde. Mas temos a hora do Ângelus! Temos poentes! Senão vejam: “A minha terra é linda! Acaso, à hora do Ângelus, quando as igrejinhas humildes batem, sonoras e comovidas, as ‘ave-marias’, algum país do mundo terá estes poentes?” (*Geografia Sentimental*, p. 29.)

Os poentes estão hipotecados aos estrangeiros. Os sabiás, as borboletas e os sinos, também. Mas o “chefe” de uma “revolu-

ção antiimperialista” não sabe. E implica com as revoluções sérias da nossa história. Tiradentes e a Inconfidência foram uma pura manobra de Moscou e, como tal, molestam a sua cristalina consciência. Falando de Ouro Preto, diz ele: “Lá está o monumento de Tiradentes, no lugar onde sua cabeça foi exposta. Não quero saber nada disso. Quero saber de dona Dorotéa Joaquina de Seixas e do sr. Ouvidor Apaixonado...” (*Geografia Sentimental*, p. 157.)

Quem vibra com esses pés-de-moleque atirados ao nosso povo é o sr. Otávio de Faria, o homem que rói as unhas do cérebro de medo da revolução social.

O doceiro Procópio Ferreira faz questão de sessenta e cinco gargalheios da platéia por noite. Felicita os artistas, abre vinho do Rio Grande no camarim. E dá abraços no sr. René de Castro. É por isso que, quando Álvaro Moreira, a maior paciência de mestre que já conheci na América do Sul, pretende criar um teatro de verdade, encontra um público hesitante, dessincronizado e burro. Não havendo música, o público paulista não sabe nem quando a peça acaba. Por falta da fermata!

Ante o teatro sério de Álvaro, ignora quando deve bater palmas, se deve rir ou ficar. Ou sair. Só ante o teatro clássico é que o público paulista não se engana. Fatias de emoção bem cortadas. Sem confusão possível. Nero é mau mesmo. O irmão, um coitado! A gente sabe desde que nasceu que tem que ficar com raiva de Nero. O teatro de Bernstein² já o perturba. Geralmente o sírio-libanês que vai com a família às companhias de drama do Municipal está ali na frisa com raiva de ter trocado o nome na chegada das terceiras classes da Beirute—Marselha. E agora, em vez de ter falido, ser riquíssimo. Rico mas de nome trocado. Não podendo contar vantagem na terra com o desgraçado nome de Efendi ou Abdala com que de lá saiu. Chama-se Morais. Que tragédia! Muito maior que a história de amor da heroína de Bataille ou de Nicodemi, que esbraveja convulsa diante dele. Esse é o paulista velho — o bandeirante de fábrica. O outro, o filho, o animal cinematográfico, esgota de barata e apartamento a seiva transcontinental. E xinga o pai de asiático. Se vai ao teatro é para ver “mulheres”. Quindins!

2 Henry Bernstein (1876-1953), dramaturgo francês, descrevia os costumes de uma sociedade onde o dinheiro e a vida sensual eram fundamentais.

Por isso é que entre nós seriedade é *handicap*; Carlos Lacerda mudou a cor da batina. É Anchieta no avesso, o pedaço civilizador de Anchieta. Com a sua peça *O Rio*, estreada outro dia por Álvaro, diabos ideológicos rondam de novo os frangalhos humanos do sol do Brasil. Eugênia Álvaro Moreira, naquele primoroso segundo ato, comendo cocada, é a imagem do Brasil. Brasil-mulata abandonada depois de ter feito a desvirilização e a glória de portugueses, de franceses, de holandeses. Agora caiu no doce. Não há mais coronéis. E espera o seu dia. Por sinal que aparece um maluco de casquete, anunciando a ressurreição dos que vivem segregados do mundo pela pesca quotidiana do almoço, no rio, pela doença, pela cobralhada. Brasil tão diverso do Brasil de folhinha do sr. Plínio Salgado.

Os nossos economistas, os nossos políticos, os nossos estadistas deviam refletir sobre este resultado sintético da história pátria. Somos um país de sobremesa. Com açúcar, café e fumo só podemos figurar no fim dos *menus* imperialistas. Claro que sobremesa nunca foi essencial. Quando os nossos grandes compradores, por falta de dinheiro ou mitragem, suspendem a sobremesa, mergulhamos nas mais desgraçadas e imprevistas das crises. A Argentina tem carne, o Chile, salitre, o México, prata.

Entretanto, as mais recentes teorias econômicas, as teorias da presença do ouro, dão ao encaixe metálico uma mística concreta que pesa no valor do papel-moeda de um país. Uma espécie de corolário dialético da lei de Gresham.³ E nós temos tanto ouro encaixotado nas montanhas!

Se soubéssemos aproveitar tecnicamente os nossos Eldorados que não são lendas. E lutar não com a banana que apodrece nos cais do mundo. Fazer a indústria pesada. Realizar a indústria de máquinas. Lastrear com o nosso ouro o nosso papel! Idéias subversivas. Poderíamos fazer estourar Londres ou Nova York.

Por falar nisso, onde está a nacionalização dos nossos recursos, dos nossos serviços públicos, das minas, das quedas de água? Não há lugar para essas cogitações numa geografia sentimental. Há lugar para a casa de cachorro que o sr. José Américo,⁴ candi-

3 Lei de Gresham, criada por Sir Thomas Gresham (1519-1579), financista inglês, para recuperar a moeda.

4 José Américo de Almeida, autor de *A Bagaceira* (1928).

dato à presidência da República, diz ser a habitação normal do povo brasileiro. Às vezes é pior.

Casa de cachorro, rapadura, camisa-verde e poentes, eis uma ótima plataforma para o sr. Plínio Salgado.

O leitor desprevenido que veja num jornal o retrato do chefe integralista vai pensar que é um sujeito que o bonde pegou. E instintivamente exclama:

— Coitado! — Só depois é que, notando a camisa e refletindo, pode concluir que é por causa da rapadura e seus alambicados sucedâneos.

O Estado apareceu entre nós como forma de derrama. A propriedade, como capitania. O homem, como um fugitivo de derramas e donatários. Os nossos sociólogos não sabem geralmente que a capitania se tornou engenho, fazenda, fábrica. O homem blefa o Estado ou se revolta contra ele. A vinda para a América significou sempre a fuga do imposto. Mas o homem do Brasil só encontra imposto por aqui. Ao mesmo tempo, perdeu a lembrança do pão. E querem que ele permaneça na sua secular “doçura”!

Publicado em *Problemas*,
São Paulo, 1(1): pp. 54-57,
15 de agosto de 1937.

FAZEDORES DE AMÉRICA

Um amigo meu me aconselhou a chegar até aqui, dizer o título de minha conferência e ir-me embora. Tal é a identificação datiloscópica que traz essa síntese da história dos aproveitadores da América que coloca no início da era da máquina um capitão de *sandolin* e no seu epílogo um cavalheiro de indústrias. Citar Vespúcio no século XVI e Matarazzo no século XX será alinhar onomasticamente o princípio e o fim dos fazedores de América. Eles são o alfa e o ômega dos que fizeram da América um blefe de quatrocentos anos.

Enganam-se, porém, os que pensam que eu vim aqui falar bem ou mal do conde Chiquinho. Prefiro ser o biógrafo da onça a ser o seu. Aliás, a sua existência rascunha os balanços do *Diário Oficial*. Bastaria citar, por exemplo, fatos como este: o ano passado, o nosso volume total da produção de café do Estado de São Paulo somou o que duas firmas dividiram e embolsaram no mesmo período. Uma delas é a IRF Matarazzo e a outra uma companhia americana. Cerca de oitocentos milhões de cruzeiros. Mas deixemos em paz o conde Chiquinho. Por mais que isso fira o seu amor próprio, não vim aqui falar de sua digna pessoa. Ela é apenas a ilustração paquidérmica de um jardim zoológico de classe. Da mesma maneira, pouco me preocupa a figura pessoal do florentino Vespúcio. Por acaso terá sido ele o único falsário das Américas?

Qualquer semelhança é mais que coincidência. Esses homens não são um, são mil. Não são eles, são todos. Colocá-los nos extremos de um cordel de captadores de energia social será pois, de fato, dizer a história comercial e o destino aventureiro destas deleitosas e impunes Índias Ocidentais.

Mas eu tenho uma velha dívida para com a Faculdade de Direito de São Paulo. Um momento houve em que temi pelo seu destino e acreditei que o Direito vivo que estrutura secularmen-

te esta casa fosse servir, contra a evolução brasileira e o progresso humano, as harpias mansas da reação e do capital. E vós me destes a melhor confirmação de esperança que tive em minha vida. Longe da ação incerta dos homens feitos, foi em vós moços, em vós estudantes que viveu aqui o canto da liberdade brasileira. Esse canto estava guardado nas carteiras roídas de autógrafos que, como as árvores onde os namorados enlaçam num coração vegetal os seus nomes eleitos, vão levar um juramento ao futuro. Esse canto estava no eco das abóbadas e das arcadas que ouviram a voz adolescente de Castro Alves. E vós dizeis nele que sois os enamorados do Direito, os másculos guardiães da tradição estudantina e os justicadores de todos os navios negreiros que pretendam ancorar na América a vocação longeva das tiranias. Que sois a guirlanda que enlaça no mesmo compromisso de um século de luta o túmulo do professor Líbero Badaró e o túmulo do estudante Jaime Carlos da Silva Telles.

Se também errei nos meus julgamentos emocionais de 1919, quando, como orador de vosso Centro, replantava na Esplanada do Municipal esse mesmo carvalho que hoje floresce por trás da estátua de Rui Barbosa — já, no entanto, eu dizia que a árvore da Liberdade ia ficar porque deitara raízes em milhões de seres vivos.

“Para que com suas infinitas radículas perdidas no seio moedeiro das populações a árvore não se biparta, urge uma solidariedade imperativa em torno do ideal patriótico que ela representa.” São palavras textuais que eu pronunciava vinte e cinco anos atrás de mãos dadas convosco, estudantes de Direito de São Paulo.

Vou buscar esse discurso provinciano e longínquo para mostrar aos radioespias desta comemoração que hoje reclamo aqui, antes de tudo, o meu lugar de patriota com lustros de serviços prestados ao Brasil. E como patriota aqui venho juntar-me às vossas falanges para que, antes, durante e depois das eleições anunciadas, não se vespucie nem se *mataraze* a democracia.

Há dez anos que a nação só é consultada sobre os candidatos à imortalidade da Academia Brasileira de Letras. E sobre os dirigentes do futebol. Foi, portanto, jubiloso, neste território jurídico, o dia em que a palavra do próprio ministro da Justiça prometeu a aproximação dos pleitos eleitorais.

Porque em cento e dezesseis anos de experiência, vós sois, estudante de Direito de São Paulo, os *maquis* do nosso destino democrático. Desde Avelar Brotero, um foragido das ditaduras,

que foi dos primeiros professores desta casa, o espírito liberal conduz o tênue veio jurídico que nos mandou o Mondego universitário. Nele veio o Portugal atlético da Abadia de Thomar e da Batalha, o Portugal de Camões e Gil Vicente, dos pais anônimos de Espinosa, o Portugal regicida de Fialho de Almeida, o Portugal socialista de Antero e Eça de Queiróz.

Talvez por isso, o ilustre sr. Roberto Simonsen deseje hoje nos atar cada vez mais ao Portugal de Carmona.¹

À extensa galeria de achados freudianos que vieram elucidar o mecanismo interior dos fatos psicológicos, pode juntar-se mais este — o complexo de Vespúcio. É o complexo da usurpação. Homens que tudo possuem, que tudo podem. Quando a ruína do café leva os agricultores e suas famílias à miséria e os comissários à falência e ao suicídio — eles sobem! Quando a necessidade macera milhões de lares proletários — eles sobem! Quando a guerra inutiliza esforços sobre-humanos e iniciativas suadas — eles sobem! Não existe açúcar, manteiga, leite e carne para o povo — eles sobem! Falta troco, falta chuva — eles sobem! Têm tudo — milhões de escravos madrugadores, pencas de guarda-livros solertes e grosas de guarda-costas musculosos, jornalistas adivinhos, políticos impacientes, poetas adulões. Têm filé *mignon*! Têm penicilina! Mas uma neurastenia os assalta no isolamento inumano de seus palácios afrontosos. Não há bromureto que os acalme. Falta um brilhante aos seus diademas especiais. Ter ou não ter sangue azul, eis a questão! Ser ou não ser alfabetizado, eis o drama! Conde ou barão é, aos olhos de certas damas românticas, um super-homem de sapatos de fivela dançando minueto. Liberato de farda é o herói hipnótico que nas recepções acadêmicas susta a respiração das grandes cardíacas da sociedade. Brota então no campo da cortesia que os enquadra a idéia duma compensação metafísica que galardo e sua pueril concepção do mundo. Ei-los que modestamente não sossegam mais. São os cineastas que os filmam, os grandes eleitores que os reclamam. E só vão dormir quando lhes penduram no pescoço engasgado de júbilo o fitão condal, ou lhes amarram na cintura o espadim cego da Academia. No dia seguinte, enquanto o neoliterato laboriosamente procura no dicionário a palavra

1 Carmona (António Oscar de Fragoso, 1869-1951), marechal e presidente de Portugal.

“muito” para saber se tem *m* no meio, o novo titular grita à mesa, para o garçom enluvado e ereto que o serve: “Vai buscá gasosa na venda! Gosto de gasosa!”

É o complexo de Vespúcio, o complexo da camelote humana guindada aos postos de mando que só a anarquia de valores produzida pelo capitalismo outorga e defende. É o esquema que faz com que toda vez que se ponha Colombo no cárcere esteja Vespúcio no emprego, no dêsmando e na glória.

No século XX ele não falsifica mapas, falsifica banha; não rouba na cronologia, rouba no peso; não mistura hemisférios nos livros mas mistura caolim no açúcar; não viaja, faz seus capitais viajarem; não esconde fatos, esconde gasolina. E repete nos setores mais inesperados da ordem burguesa o obscuro drama que se desenvolveu em Sevilha e Valladolid nos albores do século XVI.

Os versos engalanados de Heredia:

*“De Palos de Moguer routiers et capitaines
Partaient ivres d’un rêve héroïque et brutal”*²

vos darão fraca idéia do que seja na realidade Palos, esse minúsculo porto, manso e perdido numa dobra da Espanha atlântica. Descei de ônibus como eu desci os olivais cinzentos da Andaluzia e naquele subúrbio marinho de Huelva ireis encontrar para lá do casario branco um mar exíguo, agreste e fechado que de modo algum pode anunciar os caminhos da América.

Uma cena ilustra o cometimento. É o adeus à Idade Média que Colombo ia jurar na missa da partida no Convento de Santa Maria de la Rábida. É o púlpito de ferro, donde um frade espectral lhe teria dito mais do que o futuro verso de Castro Alves:

“Vai Colombo, abre a cortina
De minha eterna oficina...
Tira a América de lá”³

² Dois últimos versos do primeiro quarteto do poema “Les coquerants”.

³ Nono verso da primeira estrofe de “O livro e a América” (ver *Obra Completa*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1976, p. 76).

A Idade Média ficou naquele púlpito, severo e destacado, naquelas paredes brancas e nuas, naqueles altares primitivos, onde faltam as opulências do Renascimento espanhol. Lá fora, luta-se contra o Infiel. O facho do pensamento cristão iluminou a barbárie das invasões e as velhas culturas arrasadas. A estrutura comunal rege a unidade do feudalismo. Uma cintura de privilégios cerca a cidadela econômica da Europa. O que não é teocrático é demoníaco.

Mas a Idade Média se decompõe. Está criado o comércio. Os árabes trouxeram o café, a hortaliça e Aristóteles. Enrija-se a independência dos primeiros burgos ante a economia crepuscular das prerrogativas castelãs. Já no século XIII, Roger Bacon⁴ previra o navio à vapor, o carro motorizado e o avião. “Olhai o mundo!”, dizia. Mas para olhar o mundo torna-se necessário descobri-lo. É quando intervêm a natureza profética de Colombo. Ele vinha da Itália republicana e mercantilista. Era contemporâneo do tear, da prensa e da pólvora e conhecia a bússola substituindo numa caixinha magnética a incerteza do rumo sob as coordenadas estelares.

Fora vencida a primeira inquietação histórica das massas. A insurreição camponesa levara ao patíbulo os seus grandes líderes — Arnaldo de Brescia na Itália, John Huss na Boêmia, John Ball na Inglaterra, Étienne Marcel na França, Thomas Münzer na Alemanha. E quem ganha a partida das agitações populares da Idade Média é Martinho Lutero, o Vespúcio da Reforma. Mas a alma européia cansou-se dos terrores, da histeria dos santos, dos constrangimentos monacais, da ordem tomista e da peste. As fogueiras olorosas da Inquisição iluminaram a riqueza do papado. Aos direitos do senhor do castelo responde a estréia espetacular do usurário do burgo.

Para fugir das concepções políticas do emérito professor Alexandre Correia, o cidadão renascentista afronta tudo — o desconhecido, a barba do Adamastor e aquilo que a voz de ferro de Camões cantou:

“[...] as perigosas
Coisas do mar que os homens não entendem
Súbitas trovoadas temerosas

4 Roger Bacon (c. 1220-1292), teólogo e filósofo inglês.

Relâmpagos que o ar em fogo acendem [...]”
“Negros chuvaeiros, noites tenebrosas
Bramidos de trovões que o mundo fendem”.⁵

Colombo parte na direção da Atlântida submersa. Parte sem saber mais nada do que isso — que parte.

*“Penser que c'est un ignorant
Qui a decouvert l'Amerique et qu'il va se cogner dessus sans
même savoir ce que c'est.”*⁶

Eis no verso de Claudel o segredo fideísta do achado americano. A ignorância dos que descobrem, a certeza dos que acreditam.

Mas que procurava Colombo sob as estrelas novas do hemisfério ocidental, onde no dizer do poeta “a razão humana se perturba e a agulha inventada pelos homens não sabe mais onde é o norte?” Nada ele procurava além da liberdade. Era a inocência duma terra “no sétimo dia da criação”, onde se escoavam ainda as águas do Dilúvio e onde, longe das aflições do pecado, residia a liberdade.

Vespúcio aparece. O homem que dera ao mundo um continente presidia ao destino legal dessas terras. Antes de Drake,⁷ de Maurício de Nassau e do visconde de Barbacena, estava aqui o Bacharel de Cananéia.

E que sois vós e secularmente o tendes sido senão os advogados do povo brasileiro? Estivestes nas agitações que fizeram cair a primeira coroa, estivestes na Abolição, estivestes no advento das duas Repúblicas e de 32 para cá vosso estandarte flutuou sobre as cabeças do povo e vosso sangue correu pela causa da liberdade.

Se isso não é advogar, que sentido tem a Lei, o Direito e a Justiça?

Tendes sabido jubilar as mentalidades carunchadas e as hienas amáveis que vos querem conduzir para o caminho do vespu-

⁵ Estrofe 16 do Canto V de *Os Lusíadas*. São Paulo, Melhoramentos, 1962, p. 229. Foi corrigida a pontuação do texto citado por Oswald.

⁶ O texto original é um pouco diferente daquele utilizado por Oswald: “Et penser que c'est un ignorant qui la découvre et qui se cogne le nez dessus sans même savoir ce que c'est”. (Consultar *Le Livre de Christophe Colomb*, Paris, Gallimard, 1935. p. 101-102.)

⁷ Sir Francis Drake (1540-1596), almirante e corsário inglês, realizou expedições às colônias espanholas.

ciamento e da reação. Tendes sabido honrar os vossos compromissos com o progresso do mundo.

As mãos tenazes e poderosas dos capitães de indústria, dos intermediários do comércio, dos donos do latifúndio querem que o advogado seja apenas um homem feito para violar a lei, para dar aspecto jurídico às tenebrosas sortidas da usura contra o zelo fiscal ou contra a indefesa população dos que trabalham para comer. Para eles, o advogado deve ser o homem reduzido e servil, *el hombre mediocre* de Ingenieros, *l'uomo finito* de Papini, o necessitado que busca defender a prole no pandemônio da cidade moderna e para isso se conforma, abdica, trai o próprio sonho e se incorpora à vegetação dos vencidos e dos áulicos.

Contra isso protesta há mais de cem anos esta casa. O vosso clima é tão alto que dentro dos limites das arcadas homens que se tornariam fluidos aqui deixaram o seu depoimento de humanidade. Joaquim Nabuco, que se faria um aristocrata distante, exaltou aqui a ação política de Brutus e de Carlota Corday.⁸ Daqui saíram as turbas punitivas do assassinato desse Líbero Badaró que definitivamente ia traçar o epitáfio das ditaduras quando disse: “Morre um liberal mas não morre a liberdade!” Aqui atuou na revolução de 42 esse inquieto que foi Gabriel Ribeiro dos Santos.⁹ Aqui, José Bonifácio — o Moço — foi chamado por Júlio Ribeiro de Wilberforce paulista. Aqui se congregaram no mesmo ideal de progresso político Rui Barbosa, Rio Branco, Martim Cabral, Salvador e Lúcio de Mendonça,¹⁰ Fagundes Varela e Castro Alves. E consta mesmo que o ufanista conde de Afonso Celso foi quem chegou a pôr fogo no Convento de São Francisco. Daqui partiu o socialista Celso Garcia. E daqui saiu o poeta Ricardo Gonçalves, que iniciou a ligação do estudante com o povo, do estudante com o trabalhador.

Formai-vos para advogar, numa conjuntura em que foi quebrada no mundo a espinha dorsal do capitalismo. Ides sair deste viveiro de homens públicos, para intervir com vossas forças na fase final de um debate entre duas eras. As coordenadas do mundo em

8 Charlotte Corday (1768-1793) assassinou Marat.

9 Oswald referia-se a Gabriel José Rodrigues dos Santos (1816-1858), magistrado e político, professor da Faculdade de Direito, articulista do *Jornal do Comércio*.

10 Salvador de Mendonça (1841-1913), poeta, tradutor, membro da ABL; Lúcio de Mendonça (1854-1909), fundador da ABL, colaborador de *A Semana* e *Revista Brasileira*.

que entrais estão traçadas. A Carta do Atlântico, a dissolução do Comintern, a oficialização do Plano Beveridge e a New Deal como fase preparatória para a organização internacional de Bretton Woods e as sanções contra a guerra de Dumbarton Oaks.¹¹

Pela primeira vez ides encontrar oficializada por potências capitalistas uma comunhão internacional que se organiza contra o imperialismo. Está subscrito em Bretton Woods, com o fundo inicial de dez bilhões de dólares e a garantia das potências vencedoras da guerra, o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento. Ireis encontrar a utopia consagrada — um banco que não procura lucros e vantagens nem o nefasto prestígio intervencionista que até hoje caracterizou o capital internacional. A não ser que este venha a quebrar os grandes participantes dessa liga econômica, a não ser que os sabotadores consigam fazer da transformação do mundo mais um *round* da concorrência entre indivíduos.

Nações, temos que pôr a nossa fé em Bretton Woods.

Não é, pois, nesse momento que os capitães de indústria pretendem transformar-vos em capangas da usura e da espoliação. Ao contrário, ides ser os advogados da pátria na hora em que o mundo se ajusta numa economia nova para produzir uma sociedade nova.

Mas os problemas brasileiros são inauditos. De um lado encontrareis insolúvel a questão que persiste do latifúndio, fazedor de desertos, com a estiagem e a erosão ocasionadas pela pilhagem das matas. Encontrareis a impossibilidade da adubação intensiva e da mecanização da lavoura num regime agrário semicolonial. E tereis a resolver, enfim, o êxodo do braço camponês que procura a cidade porque foi expropriado na sua indústria caseira e não obteve crédito para seu sítio, nem salário para sua fome.

A respeito da propriedade em São Paulo, nega-se a existência do latifúndio. Mas as estatísticas afirmam que, antes desta guer-

11 Carta do Atlântico, declaração feita em 14 de agosto de 1941 por Roosevelt e Churchill, após a Segunda Guerra Mundial, sobre segurança política. Plano Beveridge de 1942, serviu de base para a reforma da previdência inglesa. New Deal, plano e projetos do governo Roosevelt para superar a crise de 29. Bretton Woods, acordo internacional, concluído na cidade do mesmo nome, com os estados aliados, visando uma nova política monetária e comercial. Dumbarton Oaks, plano para organizar a segurança dos países ocidentais, depois da Segunda Guerra Mundial, elaborado em 1944.

ra, a área correspondente a treze dos nossos maiores municípios pertencia apenas a trezentos e quarenta e cinco pessoas. Daí para cá, a grande propriedade só se tem reconstruído e consolidado, chegando por exemplo, no latifúndio açucareiro, a tomar a forma monopolista. Quem ignora que, à sombra de um protecionismo assegurado, os usineiros têm engolido não só a pequena mas a propriedade média e até expropriado municípios inteiros? Essa expansão deprime e assedia a vida urbana encravada nos novos feudos. E escraviza não só o trabalhador, mas sobretudo o consumidor forçado do produto, que somos todos nós.

Dizem que não há latifúndio porque o fazendeiro atual não ama a terra e não faz dela o seu hábitat. Ao contrário, procura exaurir da sua superfície todo o sumo da renda para invertê-lo na propriedade urbana e no comércio. Trata-se de uma minoria. É o fazendeiro de clube que especula na valorização urbana e tenta estabilizar-se na posse do latifúndio sintético que é o arranha-céu. Pior para ele se perdeu sua filosofia idílica e vem concorrer na cidade com os duros donos do latifúndio industrial ou alimentar a fauna parasitária da corretagem e do engodo. O fato de deixar abandonada e entregue à erosão e à saúva a gleba que o defende das execuções não o priva de fazer da música de câmara dos seus interesses agrários uma atoarda de estádio, através dos alto-falantes da opinião de classe que controla. Se essa grita muita vez é eficaz e realiza um ou outro milagre do retorno à lavoura do que dela se tirou, esses momentos de desaforo alviçareiro não resolvem o problema, que tem uma conjuntura mundial. Amanhã o Sísifo paulista verá rolar de novo sobre suas costas impotentes o rochedo que conduziu ao alto da montanha. E novas tributações acorrentarão o Prometeu do planalto, castigando-o por ter querido dar ao Brasil a sua primeira armadura industrial. Essas imagens clássicas, usuais na Grécia antiga como no mundo só e atual de Wilkte, servem para ilustrar um pouco a posição de São Paulo, numa época metafórica como a nossa.

Se o fazendeiro de algodão grita que não ganha nada, que sobre ele caem o intermediário e as intempéries, o transporte e o fisco, que dizer da situação do sitiante e do colono que na terra lanhada e funda já colhem a rama de joelhos?

É esse o paraíso que ides encontrar. Nele, afirmam os saudosistas, de nada vale terem se dividido e retalhado em lotes alguns dos grandes feudos da antiga civilização do café. O dono

da pequena propriedade, acrescentam, continua na mesma miséria e no mesmo abandono de educação de higiene e de dinheiro. Por quê? Simplesmente porque a pequena propriedade não pode subsistir por si só. Mais do que a outra, ela precisa do amparo, do adubo e da técnica que exige uma distribuição racionalizada da terra. O crédito ainda não vai buscar o trabalhador, suado e sujo, da gleba que lavrou. E nunca irá, se uma organização, como esta de Bretton Woods, com a honradez de seus endossos, não expulsar a exploração do conúbio necessário entre o trabalho e os meios de produção. Se não eliminar como se propõe o desemprego e a anarquia da moeda e do preço.

No Brasil as contradições são informes e penumbrosas. O Bando da Lua¹² é contra o salário mínimo. Ignora-se com certeza que noventa e um por cento do consumo dos Estados Unidos são dados pelo mercado interno. E que não pode haver mercado interno sem povo alimentado, sadio e livre.

De outro lado, nas capitais, a concorrência, o compadrismo, o compromisso e suas leis especializaram-se em produzir a anarquia pelo monopólio, pelos recursos de *dumping* e pela proteção tarifária e gupal.

Nesses termos, que resistência pode oferecer às depressões, se elas vierem, a nossa economia?

O capitalismo aqui não se ergue sobre a indústria de máquinas ou sobre as refinarias de petróleo. O nosso lençol de combustível subterrâneo é a Bela Adormecida que não acorda nem com as sondas do Lobato baiano nem com as carícias e os protestos do Lobato paulista. A nossa indústria pesada, vestida de rendas alfundegárias, alimenta-se do Óleo Salada e da Saúde da Mulher. O nosso capitalismo diz-se heróico porque esfola e balzaqueano porque é maior de trinta anos, usa *short* e anda de bicicleta. E um amigo do imperialismo já propôs que pagássemos a nossa dívida externa com passes da Light.

A guerra atropelou a cidade, a via férrea e o campo e eliminou o transporte marítimo. Não temos mais casa para mudar, importamos frango da Argentina por avião. E deixamos mesmo de ser aquele suave país de sobremesa que vendia no exterior banana, laranja e café. Os preços altos enlouqueceram a dona de casa,

¹² Bando da Lua, conjunto vocal e instrumental, criado no Rio de Janeiro em 1929, que acompanhou Carmen Miranda.

destróçaram os orçamentos e os sonhos. E penduraram no prego o último relógio do pai-de-família.

Se esquecemos de plantar gêneros de primeira necessidade, soube-se prosseguir na faina de lenhar o Brasil. E as terras calvas e exaustas já começam a anunciar o Saara paulista.

Como poderemos satisfazer assim os pedidos da UNRRA¹³ para acudir à Europa famélica do fim da guerra? Os enormes lucros da cultura algodoeira, em torno da qual todos os interesses foram voltados, passaram para as mãos felizes dos intermediários e dos monopolistas. O caboclo plantador apenas resolve o ciclo vegetativo da sua existência andeja: “Dá pra comê seis meis e fazê nova dívida”. Porque cai na garra do maquinista, do comerciante sírio e do financiador americano. Sobre o preço estipulado, fora o que matarazam na balança, ganham os intermediários trezentos por cento a mais!

No entanto, inaugurou-se no mundo uma época de terríveis responsabilidades e de ligação fundamental com os interesses do povo. Uma época ecumênica em que não se admite mais a cultura de florilégio, a técnica de beijo e o estadismo de estratosfera. O povo hoje sabe exigir e sabe castigar. E os problemas do povo são os vossos, porque ides ser os homens públicos de amanhã. O Direito deixou de ser bizantino como era, para dar solução às questões da terra, da técnica e do trabalho.

Vossa missão é gigantesca. Talvez vos caiba a maior tarefa que qualquer geração brasileira tenha defrontado. Estais em face da deterioração de um sistema e da deterioração do indivíduo que esse sistema produziu. Em face de uma burguesia que perdeu a realidade porque perdeu todo idealismo. Em vão o padre Ducatillon quer lhe acender na mão adunca a vela do primeiro cristianismo.

Só uma política de progresso e de extirpação do favoritismo poderá equipar o Brasil para o clima novo de Bretton Woods. Só isso porá em equação os seus recursos de solo e subsolo, de potencial hidráulico e de material humano. E fará com que não seja a dignidade assegurada aos brasileiros pela Carta Constitucional de 34 a sua única prerrogativa — que eles possam também ter o que comer.

13 UNRRA — Administração das Nações Unidas para o Socorro e Reabilitação —, criada em 1913, visando prestar ajuda às regiões dizimadas pela guerra.

Contra os tubarões deste mar de sargaços em que nos debatemos, contra os que querem viver dos expedientes ocasionais da guerra, dos lucros abusivos, das trincheiras alfandegárias e do fechamento dos mercados concorrentes, é tempo de lembrar estas palavras que coloco entre aspas. ‘‘A fortuna só tem o direito de existir quando a serviço do bem-estar do mundo. Não se impulsionam as atividades econômicas em busca de rendimentos espantosos facilitados pelo aperfeiçoamento que a técnica assegura, para que no meio dessa pletora de expansão material a criatura humana se sinta cada vez mais deserdada e infeliz.’’

Não são palavras de nenhum agitador de comício, de nenhum anarco-sindicalista. São palavras do sr. Artur de Souza Costa, ministro da Fazenda.

Para isso, urge descongelar das mãos dos ganhadores o lucro produzido por milhões de braços. Sem isso, como conciliar numa base de prosperidade nacional a agricultura e a indústria? Como restaurar o império agrícola que fomos e que tão longo tempo defendeu a nossa unidade pátria com suas fortalezas do mar e do interior? Será tornando ao escravo e ao feudo? Ou eliminando para sempre esse ar de capitania e de clube que ainda assinala esse nosso sistema agrário? Se o conservarmos com seu saudosismo e suas prerrogativas, a própria siderurgia não passará de uma operação de pneumotórax num organismo incapaz de reação. Volta Redonda será apenas o pulmão de aço do Gigante Deitado. Ao contrário, ela poderá constituir a matriz de nossas indústrias básicas e blindar duma armadura suficiente as nossas populações rurais. Que a paisagem metálica de Volta Redonda com suas casas de força, suas caldeiras geradoras, seus altos-fornos, seus castelos d’água, suas chaminés e laminações assinale a quebra do latifúndio e das servidões imperialistas. À frente da siderurgia está um homem que é um idealista e um teimoso — o patriota Macedo Soares, o autêntico, o coronel Edmundo de Macedo Soares e Silva, pois que o outro não passa da pomba suspeita que no fim deste dilúvio de mortandade quer nos oferecer no bico um ramo de oliveira Salazar.

Por que sufragar o arbítrio e manter a usurpação bem nutrida e caprichosa sobre o sacrifício dos que procuram um remédio e não têm, uma educação e não podem, um prato de comida suficiente e não conseguem?

Para que iludir o problema central da sociedade, o problema essencial do Direito? São velhas objurgatórias, são velhas chapas

românticas. Mas elas vêm do fundo da Judéia dos profetas, que realizaram o primeiro ataque frontal contra a Babilônia escravagista. Elas vêm do mundo das sublevações que deram uma centúria de mártires, do escravo Espártaco ao negro americano Toussaint Louverture. Elas vêm das apóstrofes de Tibério Graco que exclamava para os expedicionários romanos: “Dizem que sois os senhores do mundo e não possuis sequer uma pedra para encostar a cabeça!” Elas vêm da boca dos primeiros padres da Igreja, de Agostinho e de Clemente de Alexandria. Elas vêm dos utopistas que deram seu sangue pelo progresso como Tomás Morus e Giordano Bruno. Elas ululam do fundo das rebeliões camponesas da Idade Média. Elas produziram a severidade de Savonarola¹⁴ e o humilde protesto de Assis. Elas vêm pela exegese dos enciclopedistas e pela paixão dos românticos. Elas estão no canto dos poetas políticos, de Dante a Shelley, a Victor Hugo, de Whitman a García Lorca, de Pablo Neruda a Langhson Hughes,¹⁵ de Carlos Drummond de Andrade a Jorge Amado. Elas colocaram sempre o oprimido em face do opressor e baniram este último de toda absolvição dos juízes finais.

Mas foi preciso que a humanidade vencesse uma longa caminhada, criasse a máquina, conhecesse a circulação do planeta e a circulação do sangue, mergulhasse em guerras e revoluções, erguesse o castelo contra a barbárie, o burgo contra o castelo, a fábrica contra o latifúndio. São velhas coisas que mais do que nunca devem ser ditas agora, e devem ser particularmente ditas a vós, estudantes de Direito. Pois ides encontrar ainda levantadas em vosso caminho essas barreiras inumanas que se opõem contra todo progresso. Esses homens que se tornaram varas de ferro no levantamento insensível de suas babéis de lucro. Ireis encontrar os revolucionários esquemáticos e os conservadores acadêmicos que vos dirão, ambos, com argumentos opostos que quereis saltar etapas. É que envenenarão a obra de paz que se forja. A esses formalistas da saudade ou da revolução, oporeis o fluxo vivo da História e mostrareis no fim da guerra a realidade de Bretton Woods e as sanções estipuladas em Dumbarton Oaks. Indicareis os rumos afinal abertos da Idade de Ouro procurada por Aristóteles e Maquiavel, por Montaigne e Rousseau e por todos os Colombos da utopia social.

14 Girolamo Savonarola (1452-1498), pregador italiano.

15 James Langston Hughes (1902-1967), escritor norte-americano.

Porque os paraísos que o Mundo Novo prometia não podiam ser atingidos pela simples extensão dos meridianos de uma carta geográfica. Foi preciso que ocorresse meio milênio para que se anunciasse a Idade de Ouro que a Era dos Descobrimentos continha em promessa e anseio. Esse estado de pureza e de euforia que só a liberdade confere teve que vir através das estradas da História para ser outorgado hoje pelas divisões blindadas de Stálin e Eisenhower, pela nova carta trabalhista inglesa, pelo acordar rumoroso e sangrento do povo italiano e do povo espanhol, pela ressurreição armada dos maquis de toda a terra e pelos batalhões saídos em conjunto da África do Sul e da China, da Austrália, do Canadá e do Brasil.

Para colocar, enfim, o homem à entrada dos paraísos milenarmente desejados, dos paraísos eternos da justiça e da liberdade.

Conferência pronunciada na Faculdade de Direito
e publicada no Diário de S. Paulo,
em 31 de outubro de 1944.

A LIÇÃO DA INCONFIDÊNCIA

Alguns anos atrás, eu integrava uma caravana liberal que vinha afrontar em comício o integralismo arrogante e viçoso de Piracicaba. Fui convidado a falar, mas era tão numeroso o grupo de oradores que trazíamos que me escusei. Lembro-me, no entanto, de que uma idéia me acudiu ao pensar que tivesse talvez que me dirigir ao vosso povo. Era o caráter especial desta cidade paulista. Piracicaba tem uma Escola,¹ tem um rio. E toda ela é Escola e rio. Toda ela é aprendizagem e técnica, aproveitamento de energia, transformação e pesquisa. O vosso rio não permaneceu na paisagem encachoeirada dos cartões-postais de turismo, não foi o caminho vagaroso e calado das bandeiras. O vosso rio foi a turbina, a máquina, a fábrica e o grande engenho. Foi a iniciativa industrial e se fez banco e comércio e se fez exploração do homem pelo homem.

Enquanto a vossa Escola conduzia gerações destinadas a trabalhar com aproveitamento a terra manchada do Brasil. A boa e a má terra do Brasil.

Por um imperativo histórico, a Escola e o rio se entrelaçam no mesmo esforço que busca o futuro. E se a etapa que vencemos ainda vem marcada das mãos do atraso político e da meia-idade social, convenhamos que a Escola e o rio são a técnica. E a técnica fez a América e a Rússia. E a técnica aliou os esquadrões blindados de Stálin à confiança de Churchill e à política universalista de Roosevelt. E eles derrocaram para sempre a cidadela crenelada de um passado torvo e absurdo — a Alemanha de Hitler.

Porque tanto os Estados Unidos como a Rússia são outras tantas Escolas e rios, são a força hidráulica e o ensino técnico, e estudo, a realização e a energia captada e útil. Por isso, cumprim-

¹ Escola Superior Agrícola Luiz de Queiroz.

do o testamento de Lênin, que disse aos russos: “Americanizai-vos!”, a União Soviética foi durante lustros obscuros e ativos nada mais do que uma gigantesca Escola e uma gigantesca usina. E a vitória que hoje celebramos não foi só a vitória do artilheiro Zukov e dos exércitos bôldos de Malinóvski² e de Tolboulkhine.³ Foi também a vitória da charrua, a da foice, do arado e do motor, do moinho, da forja e da gleba trabalhada. Foi a vitória das sementeiras, dos altos-fornos e dos campos de experiência agrária.

Em 1934, eu colocava, numa peça teatral, estas palavras: “Eu vos apresento os documentos da transformação do mundo. A vitória encarnçada do proletariado na frente camponesa, na frente industrial. Nem bandeiras ao vento, nem gritos, nem canhões! Mas as cargas da cavalaria-vapor, na construção do socialismo! Interrogai a terra. Concursos de galinhas poedeiras, estábulos cálidos, o trabalho cotidiano na neve primaveril ou no calor do verão! O esterco fertilizante, os rebanhos, as máquinas agrícolas, tudo escriturado, aumentando as estatísticas. Nem o incêndio da revolta, nem a grande luta revolucionária. Mas depois da luta e da vitória, a vida cotidiana dos que trabalham e constroem um mundo melhor. A contabilidade, as usinas leiteiras, as grandes criações de aves, as incubadeiras. Os rebanhos que se organizam, os mapas da seleção de sementes, os diagramas do progresso. O trabalho diário e anônimo com o touro reprodutor e com o arado mecânico. É a frente pacífica que faz esquecer a frente de guerra. A história dos pioneiros da revolução agrícola. A floresta cai e recende. Edificamos. Na nossa gota de água se reflete o horizonte infinito da nossa nova era social. Estações experimentais. Fazendas-modelo. Laboratórios, escolas. O operário estudante, o camponês estudante. A reprodução consciente e selecionada das espécies animais. O fim da magia. O trator. Inaugurava-se por toda a terra a coletivizada época do vapor e da eletricidade. O patético da desnataadeira coletiva. Da desnataadeira ao reprodutor. Deste ao arado mecânico a dez a cem, a milhares de arados mecânicos. Fazemos a industrialização”.

Eis como n’*O Homem e o Cavalo* há mais de dez anos eu compreendi a Rússia pacífica da construção socialista, a mesma Rússia denegrada e infamada que, ao lado das democracias pro-

2 Malinóvski (1898-1967), marechal soviético.

3 Tolboulkhine (1894-1949), marechal soviético.

gressistas, acaba de salvar o mundo. A Rússia que da sua cavalaria-vapor fez a sua cavalaria mecânica, que de seu sonho coletivista viu brotar a massa cerrada de seus tanques de combate e descerrou de suas oficinas as asas proféticas dos seus aviões bombardeiros, que fez descer sobre o nazismo as nuvens brancas dos seus esquiadores combatentes e os vôos pressagos de seus pára-quedistas.

Hoje que celebramos a mesma vitória da Rússia e do Brasil, façamos uma pausa para perguntar por que numa cidade que tem uma Escola e um rio a fera integralista quis armar um dos seus mais vigorosos baluartes? Deixemos para mais tarde a resposta.

Talvez muitos dos rapazes que naquela época honestamente confundiam a camisa verde com os destinos da bandeira do Brasil e assustavam com alto-falante as moças namoradas do jardim estejam aqui nesta sala convencidos de que outros rumos, os rumos da democracia, conduzirão nosso país às dignidades do futuro. Mas se isso se dá com a massa bem-intencionada dos rapazes que acreditaram no nacionalismo do senhor Plínio Salgado, outros de seus adeptos, os graduados, os que ostentavam os galões de comando, se aboletaram em gordos cargos públicos onde com certeza não deixam a absurda expectativa de fazer renascer no solo livre da América a tiririca desmoralizada e daninha do credo verde.

Não que eu seja pessimista quanto à marcha liberal do Brasil, no momento em que os líderes exilados como Armando Sales de Oliveira enfrentam os hostes em pânico da ditadura e quando o povo arranca da sua injusta condenação Luís Carlos Prestes. Evidentemente, entramos numa fase de organização democrática do país, onde só mesmo alguns professores de direito ignoram se o fascismo ainda pode se organizar aqui em partido. Porque o povo brasileiro saberá resolver de uma maneira decisiva qualquer pretensão do reacionarismo entre nós. Isso, porém, não é absurdo nem louco. Está na tradição de nossa história sermos vítimas, como os portugueses, de uma constante reaparição do poder despótico da marcha de sucessos históricos.

De que modo explicar essa teimosia do absolutismo, que agora teve como seus epígonos a dupla Vargas-Salazar? Quando a maioria dos povos da terra, particularmente os da América, se inclinava a resistir à onda de tirania desencadeada pelo fascismo? Como explicar que, quando o México, Cuba e o Uruguai marchavam para a esquerda atrás dos Estados Unidos, o Brasil tivesse ficado com Salazar e com Franco, atrás de Mussolini e de Hitler?

Será preciso revisar, refazer um dia nossa história que se ensina nas escolas e que os nossos historiadores, mesmo os vagos “Taunays” de esquerda, não souberam ainda interpretar e definir. Para que se denuncie e castigue o Portugal novorico da Renascença, por reaparecer lá e aqui, mesmo pobre e nu, nas mais indecentes reencarnações, nos mais tristes e absurdos avatares.

Um filósofo de rua, a quem devo muita lição de sabedoria, me fez a seguinte preleção: “Coloque você dois povos irmãos e iguais durante a alta Idade Média — o povo português e o povo galego. Não havia nenhuma razão, nem histórica nem econômica, para que ambos deixassem de ser pequenas e apagadas províncias da grande Ibéria. Uma delas ficou, isso mesmo, a Galiza, no entanto a outra, o insignificante ducado portugalense, se tornou autônoma, constituiu a sua cidadania política e fez a sua língua própria, e isso porque tinha uma razão geográfica. Olhava para o mar, para o mar fronteiriço das descobertas”.

Continua esse personagem de livro afirmando que o nosso destino, como o destino luso, se bipartiu no dia em que um português, correndo o oceano atrás de uma sardinha, encontrou a África. Já disse um diletante da etnologia que existem no ocidente três raças: o branco, o preto e o português, e acrescentou: “Se Deus fez o português, o português igualou a Deus porque fez o mulato!”

Mulatos são os próprios portugueses, desde logo atingidos no seu surto descobridor pelas vitaminas da mestiçagem de África, Ásia e América. E nisso de ser um povo mestiço é que reside a grande razão da vitória colonizadora lusa, pois foi na mestiçagem que Portugal assentou a grandeza de suas quinas. E só quando, levado pelo absolutismo, deu de ser paradoxalmente um povo racista, eliminando de seu corpo civil o judeu, perdia substância hegemônica que o fazia liderar três continentes. Mas por que teve o absolutismo esse pecado congênito de querer expulsar o elemento ativo e popular que conservava através dos séculos a unidade de uma religião eminentemente social? Não é crível que de fato fosse uma divergência de culto o motivo das perseguições que culminam na fogueira do nosso grande Antônio José. E porque o mosaísmo trazia em si o fervor da esperança em dias melhores e a capacidade milenária da insubmissão. E isso não convinha às classes parasitárias e colonizadoras.

A exploração fascista tem procurado emprestar ao semita uma sinonímia de usura e de opressão capitalista, como se fosse marca patente da raça hebraica o imperialismo e o juro. Esse peculato histórico vem desviar da questão de classe para a questão de raça as verdadeiras reivindicações da revolução mundial. Como se o conde Chiquinho, os Dolabela Portela, os Morganti e tantos outros não fossem excelentes arianos e excelentes sicários da economia popular. A essa irrisória exploração já respondeu um grande livro de Michael Gold — *Os Judeus sem Dinheiro*. O nazi-fascismo tem razões de sobra para transformar uma questão de classe numa questão de raça. O despotismo ibérico soubera encontrar também na capacidade de insubmissão do judeu ativo, empreendedor e sublevado, o pasto necessário às suas inquisitórias reações. Não foi à toa que o faustoso dom João V comparecia em pessoa com toda a sua corte de parasitas, à exceção do brasileiro Antônio José, chamado o doutor Judeu.

No fundo, o infiel não passava de um homem do povo inconformado, do homem do povo que esperava através de todas as perseguições políticas esse Dia de Juízo, trazido ao mundo pelos tanques vitoriosos de Stálin e de Eisenhower.

De judeu e de maçom foi acusado o nosso próprio Tiradentes, pelos criminosos que procuraram desviar de si as acusações cáusticas da história. A Maçonaria não existia ainda no Brasil quando Tiradentes foi enforcado. De judeu ele talvez tivesse apenas o sangue do pobre habitante mestiçado do Brasil, que as ditaduras teimam em fazer correr em holocausto à liberdade.

Uma feliz coincidência nos vê reunidos no dia em que se lembra o alferes José Joaquim da Silva Xavier e no dia que rui para sempre a última cidadela do despotismo europeu. Franco e Salazar, como Mussolini, desceram com Hitler ao inferno da história.

Neste 21 de abril lembremos que os corpos dos Inconfidentes mineiros foram trazidos à Pátria. Mas as cinzas de Tiradentes acham-se espalhadas por todo o Brasil. Que nos seja permitido, lembrando-os, repetir com o marechal Stálin: “Glória eterna aos heróis que tombaram em defesa da Pátria, da Pátria e da Liberdade!”

Que nos diz a Inconfidência, essa página ímpar da nossa autonomia histórica em marcha? Que um grupo de sonhadores ativos tentou definir e libertar a nossa Pátria, escudada de tudo a que uma nação nova e viva, a que uma nação americana podia aspirar. No fundo do sonho de Vila Rica estava a República, es-

tava a siderurgia, estava a universidade. Era o rio e a Escola. Era a Liberdade. E que aconteceu? O despotismo massacrou o delírio autonomista dos poetas construtores: dos estudantes de Coimbra e dos padres rebelados. E a presença de nosso destino histórico viu-se adiada de um século. Permanecemos presos ainda por cem anos ao jogo dos retardos bragantis.

Por que a constante política do poder despótico procura sempre intervir na nossa caminhada popular, na nossa rota libertadora? A origem desse mal está no parasitismo luso, erguido desde o século XV sobre as explorações coloniais. Tornado independente o Brasil, renasce a cada passo de nosso caminho um déspota sanhudo e tenaz. Para fazer com que novos poetas lacaios como o foi Antônio Diniz da Cruz e Silva, o julgador de Tiradentes, organizem os seus terroristas e procurem estrangular as nossas liberdades. Hoje, seria do agrado dos intelectuais salafrários, que através dos departamentos de propaganda se venderam ao Estado Novo, ver ainda movimentar-se na direção da força de Lampadosa o cortejo sinistro de Tiradentes.

Outro cortejo, porém, se acaba de formar no Rio de Janeiro, para conduzir da detenção à liberdade conquistada das ruas um novo inconfidente, Luís Carlos Prestes.

Tive ocasião de dizer há um ano, numa conferência feita em Belo Horizonte, que havia por esse Brasil afora mais retratos de dona Maria I que retratos de Tiradentes.

Hoje, por toda parte quebram-se, retiram-se e queimam-se os retratos de dona Maria I. E ela mesma, dos seus solitários palácios de verão, namora o inconfidente que foi obrigada a anistiar. Obrigada pela vitória da Rússia, pela vitória das democracias, pela vitória do próprio Brasil.

Tomemos a sério a lição da Inconfidência. A vida fácil prodigada pela exploração das colônias criou em Portugal e no Brasil uma mentalidade tirânica que a cada esquina da história procura renascer, procura se perpetuar.

Foi nos jardins antediluvianos dessa vocação cesarista que o golpe de 37 buscou o Estado Novo, o paquiderme político sob cuja pata vegetou o povo brasileiro até estes dias recentes de liberdade e de anistia. Como foi nas furnas históricas da Idade Média que Hitler procurou armar o espetáculo ideológico do III Reich. Tão encarniçada e gulosa andava a ditadura getulista da carne humana das nossas liberdades que não viu que sobre sua cabeça o

firmamento mudava e fulgiam as estrelas novas de Stalingrado e El-Alamein, de Túnis, da Sicília e das praias normandas. Não viu o bicho cevado e satisfeito que, ao seu lado, se festejava a libertação de Paris, a reconquista da Polônia e o avanço sobre Budapeste e sobre o Reno e foi preciso que no último ato da tragédia dos céus de Yalta viessem lhe dizer que a história mudara, que o lugar do Estado Novo, do III Reich e da Nova Itália era o museu das últimas vilanias que infamaram a marcha civilizada do homem sobre a terra.

Para terminar, voltemos a Piracicaba. Voltemos para responder à pergunta feita: “Por que aqui, onde o estudo e as transformações industriais da técnica podiam fazer progredir o povo laborioso, redimir o pobre e ilustrar o rico, por que aqui a fera integralista quis instalar-se e agir?” Porque em escala maior ou menor sempre o parasitismo procura e encontra na tirania de um sistema os esbirros de sua guarda pretoriana. Foram os “boas-vidas” e os usufrutuários de lucros monstruosos que alimentaram aqui como em toda a parte o pesadelo fascista.

Mas a fera está morta. Saudemos, pois, a libertação do mundo anunciada no rádio e nos jornais. O Exército Vermelho está em Berlim.

A guerra está liquidada. Festejemos não mais como há dez anos a construção pacífica da Rússia Socialista, mas a construção fraternal de um novo mundo, de trabalho, de igualdade e de justiça. Pois que desce sobre a terra a brisa da paz, comecemos a edificar. Não mais bandeiras ao vento, nem gritos, nem canhões. Mas de novo as cargas da cavalaria-vapor! Nem o incêndio da revolta, nem a grande luta revolucionária. Mas depois da guerra e da vitória, a vida cotidiana dos que trabalham e, trabalhando, constroem um mundo melhor! Para que um dia, em todas as escolas e em todos os rios turbinados do Brasil, possamos dizer como Stálin disse: “Não tínhamos indústrias siderúrgicas, agora temos! Não tínhamos indústria mecânica, agora temos! Não tínhamos indústria de tratores, agora temos! Não tínhamos indústria de automóveis, agora temos! Não tínhamos indústria química, agora temos! Não tínhamos máquinas agrícolas, agora temos! Não tínhamos liberdade, agora temos!”

Como chegar, porém, a essa etapa, se, no duro momento de caos que atravessamos, dispersamos energia e dissipamos forças necessárias a uma união vigilante e patriótica? O exemplo da

Inconfidência ficou. Nada sobrepuja em nossa história o complô forjado em Minas no século XVIII pelo estudante Álvares Maciel, pelo padre Oliveira Rolim e pelos poetas do nosso primeiro romantismo. Nada marcou mais a nossa rota nacional que o sacrifício do alferes Tiradentes. Não quero me referir aqui à lição maior, a que bem ou mal vamos seguindo, a que exemplarmente nos legaram Tomás Antônio Gonzaga, Inácio José Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, Manuel Inácio da Silva Alvarenga, e de intelectuais a serviço não do Dip, mas a serviço da revolução. Ela já deu os seus resultados. O que nos interessa hoje é a outra. Precisamos ser objetivos e frios. E fazer calar os cães danados, os que quiserem transformar os nossos corações. Ficou também outra lição da Inconfidência. A lição do terror que ela encerra, a lição do atraso de um século que estagnou a ascensão de nosso povo. Qualquer estouvamento idealista, qualquer sofreguidão sectária, qualquer provocação, por bem-intencionada que seja, pode bulir com o sarcófago recente da ditadura e acordar seus gênios protetores. Não nos esqueçamos da vocação absolutista que persegue nosso destino. Ela pode, de novo, nos jogar nas catacumbas políticas, onde tantos mártires de nosso progresso social deixaram seus dias heróicos ou perderam suas vidas necessárias. Consolidemos, pois, as conquistas democráticas que as mãos de nosso povo arrancaram no ritmo final da vitória aliada. Devemos até o fim a etapa de comunhão progressista, sem perder o canal que consistirá um dia na ligação do rio e da Escola, do proletário redimido ao intelectual integrado, quando, então, o operário estudante e o camponês estudante possam fazer da cidade de Piracicaba um dos grandes centros motores do Brasil livre de amanhã.

Conferência realizada em Piracicaba,
em São Paulo, 1945,
publicada na *Gazeta de Piracicaba*
em junho do mesmo ano.

O SENTIDO DO INTERIOR

A nossa terra não é o paraíso prometido por Pero Vaz Caminha. Hoje a análise agrônômica fixou as boas manchas e os ótimos rincões que são raros, mesmo no nosso estado de São Paulo. Plantando dá e não dá. Acrescente-se a isso o delírio de devastação imprevidente em que competiram para torrar as matas e esgotar o húmus, depois do índio, o caboclo e o japonês. Verdade é que a transformação da floresta paulista nos cafezais do século passado constituiu o maior esforço agrícola do mundo. Mas a defesa errada do produto, o descaso pelo solo trabalhado e pelo homem trabalhador precipitaram as crises de conjuntura que haviam de promover a retalhação dos feudos fazendeiros e as experiências sucessivas da policultura e da pecuária.

Pouco antes de 1930, acompanhei como jornalista o presidente Júlio Prestes numa excursão que me fez conhecer Mato Grosso. Foi quando pela primeira vez visitei Bauru e viajei a Noroeste. Lembro-me então do deslumbramento que nos tomava ante a derrubada que geralmente coincidia com a sementeira das cidades nascentes. As casas, a igreja, o juizado de paz levantavam-se sobre os tocos enegrecidos da mata. O índio tinha Chevrolet em Glicério, o japonês levantava Promissão como um símbolo. Era o panorama da prosperidade e da riqueza que precedeu a catástrofe econômica do ano 29.

Depois, no tûmulo das transformações violentas destes decênios, o boi pôs a sua silhueta acamelada nos horizontes vazios da Noroeste. Veio a base áurea do zebu como viera a do café. E, como a rubiácea, o boi se viu condenado pela imprevidência e pelo sonho de governantes e governados.

No meio disso tudo, as raças caldeavam-se. O trem atravessava o Brasil oeste sulino, levava, trazia, trabalhava. A rodamagem cortava os tableiros, invadia de caminhões e jardineiras as cidades e as vilas. E o avião levantou vôo do primeiro campo de pouso.

Na comemoração de mais um aniversário de Bauru, a cidade-filme, como disse admiravelmente Lima Figueiredo,¹ que ao lado da excelsa figura de sua esposa dona Maria Augusta de Lima Figueiredo nos hospeda hoje com a fidalguia com que me hospedavam os latifundiários do café no seu áureo passado — aqui estou para prestar minha contribuição de homenagem à capital da Noroeste.

Ontem na PRG 8, a rádio de Bauru, essa estação que ainda não está deformada pelos trejeitos e pela publicidade dos grandes centros, ouvimos a história da formação desta cesta de frutos ótimos da terra paulista. Sem a energia cívica de um edil e sem o desbravamento que precedeu a estrada de ferro, não teríamos esta metrópole do próximo *hinterland*, que, avançando em iniciativa progressista e em apuramento técnico, não perdeu a base do seu trabalho agrícola e se orgulha de sua civilidade rural. Aqui, campo e cidade, agricultura, pecuária e mecânica, saúde e progresso dão-se as mãos, que são as mãos de todas as raças da terra. Aqui conheci, ao lado do carioca sertanista Lima Figueiredo que assistiu Rondon, o prefeito Pinheiro Brizola, que vi na convulsão de 30, ao lado de Mendonça Lima vindo do sul, o médico admirável de dedicação que é o doutor Ciro Guimarães, que me levou no Educandário, a figura peninsular de Salvador Gilardi, braço do velho Matarazzo, o nordestino romântico que reside no jornalista Paulino Rafael, o professor Serralvo, um dos valores da nova geração de escritores paulistas, o ex-regional Rolim, de velhos troncos bandeirantes. Aqui, vejo conjugados a inteligência, o brio, a ação, a tradição e o descortino.

Não há, portanto, a desanimar, Bauru tem energia e dons para resistir à ventania de insânia e de incompetência que se apossa do mundo e se despeja e teimosamente demora sobre o Brasil. Porque Bauru possui ainda o sentido do interior.

Que é o sentido do interior senão o homem ligado à terra e, desse conjunto, produzindo o característico de uma cultura? Por mais sombrio que seja o momento público que atravessamos — é no trabalho ligado à terra e criando uma consciência que iremos encontrar as reservas do futuro. No debate gigantesco a que assistimos, na intransigência econômica, política e social

¹ José de Lima Figueiredo (1902-), militar e político, exerceu a direção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

que vivemos, ressalta uma revalorização das forças intactas da sociedade, com a sua estrutura ligada ao solo e ao povo.

É porque se torna necessário revalorizar o solo e erguer o povo.

Há pouco vos falei que Bauru possui o sentido do interior. Mas é verdade que uma grave crise ameaça esse sentido e a cultura nascente que dele decorre. O boi pouco a pouco domina os horizontes descampados, donde se escorraçaram culturas vivas e remuneradoras. O café ainda resiste penteando as ondulações das últimas fazendas agrárias, mas o algodão já decai e cede terreno à devastação verde das pastagens. Sendo o intermediário que se beneficia das transações da agricultura, a pequena propriedade e mesmo a grande geralmente não resistem às manobras baixistas do tubarão e se entregam à cultura do deserto trazida pelo boi. Todo mundo sabe que essas vantagens imediatistas aumentam o êxodo das populações trabalhadoras, ligadas ao desamparo do campo. Existe ainda, para reforçar as migrações, o chamado das cidades e das capitais.

No entanto, as cidades que se construíram no progresso comercial, na indústria, na higiene e no conforto não poderão subsistir sem uma sólida retaguarda camponesa. Bauru, que é uma síntese de vida mecânica e de vida agrícola, tem que encabeçar uma reação de toda a Noroeste para que, aproveitadas as faixas de húmus, se revigore a produção que dará o mercado, onde o trabalhador bem pago e sadio possa comprar os produtos da indústria citadina.

Só assim o sentido do interior prevalecerá sobre o cosmopolitismo e a cultura corrupta e cínica das cidades. Evidentemente não serei eu quem vá atacar as formas de progresso que atingimos. Mas o progresso nada tem a ver com a pouca vergonha que nele se instala particularmente nas fases de caos e de confusão. Numa sociedade tecnicamente organizada, o campo e a sua cultura devem ser preservados com os costumes que individualizam e caracterizam os países e as suas regiões, pois, se há um mal moderno, esse é o cosmopolitismo e a ruptura do que no bom sentido constitui a raça de um povo, isto é, o tecido conjuntivo sem o qual ele se rompe e se desfaz.

Em *Marco Zero*, romance mural que me comprometi a escrever e do qual o editor José Olympio já deu os dois primeiros volumes, livro panorâmico da transformação do mundo vista através dum dos mais curiosos e ativos aglomerados humanos, São

Paulo — ao lado dos estudos do campo, onde o chão aparece nas lindes judiciárias da execução, da hipoteca e do grilo, melhor do que na velha concepção virgiliana que de um certo modo foi aqui realizada na formação dos cafezais paulistas —, ofereço também o panorama das cidades grandes e particularmente o das capitais. Mas para que me reportar à minha obra, ao estudo dos pandemônios urbanos produzidos por uma civilização trágica e pelicular onde todos os caminhos conduzem não mais a Roma mas a Hollywood? Tenho à mão um recorte da grande escritora Raquel de Queirós recentemente publicado na revista *O Cruzeiro*. Eis o que é o Rio de Janeiro através da penúltima crônica da romancista nordestina:

“Triste vida a do pobre neste mundo de hoje. Porque o mundo cresceu e embelezou, mas não para eles. Do progresso só conhecem o mal — o bem não lhes chega. Contudo ouvem falar e quando se queixam de uma dor, dizem que não sabem se é apendicite ou espinhela caída. Escutam novela de rádio, mas no resto vivem em condições mais primitivas do que vivia na terra o aldeão português que foi seu pai ou seu avô — ou quase tão primitivas quanto as do seu outro avô bugre, ou africano cativo. A grande cidade é apenas miragem que os encadeia e lhes consome os filhos; há por aqui mulheres de cinqüenta anos que nunca entraram num cinema — teatro nem se fala. Outra, cujo único contato que jamais teve com um automóvel foi quando um carro de praça lhe esmagou a perna do filho. Contudo a grande maioria conhece elevador, por causa das caixas de pensão e aposentadoria que em geral se empoleiram nos altos edifícios”.

Não há exagero nessa sùmula de miséria urbana em que vivemos. No entanto a cidade atrai cada vez mais e produz o êxodo do campo. O pobre lá ganha mais e não sabe o que o espera. Será uma suficiente compensação psíquica o asfalto liso das ruas, o espelho multicolor das vitrinas, o esmagamento do interior dos camarões, o desfile dos colégios uniformizados nos dias de parada? para a tosse das madrugadas nos bairros da tísica e da fome?

De fato, a que chegamos nas capitais? À corrupção de todas as vocações, originada pela corrida em torno do dinheiro como padrão e fator de felicidade. O homem inapto para trabalhar mas precisando trabalhar tropeça no caminho em que se empregou sem ter vocação, em que se comprometeu sem compromisso ínti-

mo. É o médico que detesta os seus agonizantes, o advogado que executa por detrás os seus próprios clientes, o engenheiro que se associa ao fornecedor para lucrar. Num mundo que perdeu suas coordenadas morais, isso é visível a olho nu. Não se precisa ler *A Cidadela*² para reconhecer até em alguns dos nossos grandes nomes da medicina, que é a mais santa das profissões, o ganhador sem alma e sem escrúpulos que opera desnecessariamente, dá alta aos pobres que vão morrer na rua e prolonga a táxi os padecimentos dos que caem nos seus bisturis e nas suas drogas.

Mas que se deve fazer então? Abandonar o trabalho humano porque as suas fontes estão envenenadas? Nunca! Bastaria organizar uma sociedade onde cada um pudesse seguir a sua própria vocação, onde cada um tivesse a liberdade de se orientar, se educar e escolher. O trabalho assim exercido deixaria de ser uma condenação e um cansaço. Para que cada um se encontrasse no dever e se sentisse feliz cumprindo a tarefa social que elegeu. Nas sociedades algemadas isso é impossível porque não há saúde para todos, quanto mais educação para todos. O que há é fome e desgraça para a maioria.

Há quem estranhe o progresso fulminante feito pelas idéias sociais neste último meio século. E há quem atribua de modo idealista e errado ao cérebro de Lênin ou à energia de Carlos Marx os passos gigantescos a que chegou o mundo moderno. Poucos compreendem o papel de industrialização da Europa e da América na realização desse milagre. Claro está que existe um tempo industrial diverso do tempo natural que é o tempo agrícola. A máquina produz num dia o que num ano antigamente não se produzia. E quanto mais se aperfeiçoa o maquinário das fábricas, maior é a produção. Ora, a produção exige escoamento e, portanto, mercado. A indústria não pode viver sem a venda dos seus produtos, e como os comprar se lucros, ordenados e salários não forem suficientes? Daí a necessidade de uma equitativa e ascendente distribuição social para manter os próprios parques de indústria. Outra fonte a que já nos referimos e aqui particularmente nos interessa, donde emana a pujança dos mercados, é a agricultura. Se não houver produção da terra, como comprar? Uma política estreita em relação à produção, ao seu amparo pelo crédito, ao seu progresso pela técnica, à sua regularidade pela assis-

² *A Cidadela*, romance de A.J. Cronin, 1937.

tência ao trabalhador e pelo justo salário, uma política estreita e hostil como a que estamos assistindo, só pode representar a quebra da própria indústria e a falência do comércio. O capitalismo que, desde anos, se costuma aparelhar contra as crises cíclicas e fatais que o caracterizam tem aqui em oposição ao seu próprio desenvolvimento a lei, a finança bancária e a política interesseira e vilã.

Na literatura brasileira, houve quem sentisse o interior como ninguém, nestes últimos tempos. Foi o criador e o padrinho do Jeca Tatu.

Monteiro Lobato soube morrer dentro da honradez da sua missão. Poucos escritores sem exercer cargos terão sido como ele um homem público. O grande tema de sua obra foi sem dúvida o Jeca Tatu. Toda a sua vida se desdobrou entre a ação prática, quase sempre frustrada mas teimosa e viva em torno dos problemas essenciais, e a reabilitação de seu povo e de sua terra. Homem indefeso nas lides capitalistas, ele havia de ver sua obra editorial agilmente arrebatada por um dos seus empregados, o atual argentário Otales Ferreira. Do mesmo modo, na questão do ferro, como na questão do petróleo, teria sido embrulhado por gente sabida que o cercava e lhe explorava o renome. Que importa? O que ficou dele foi as grandes iniciativas, as grandes idéias e sobretudo o problema do Jeca, isto é, do nosso homem do campo que ainda hoje dorme nos casebres tiritantes e famélicos, à espera do estatuto demagógico que lhe prometeu algum deputado ao Congresso Nacional. Todos os erros de Lobato, o sectarismo político em que se meteu por sentimentalismo como a sua afetada antimodernidade, já o disse numa crônica para o *Correio da Manhã*, desaparecem no homem que soube ver e estudar o avesso do herói vaqueiro de Euclides da Cunha, o nosso herói da desgraça camponesa, o caboclo esquecido e enfermo das choças e dos brejais.

É portanto em torno da obra de Lobato, que não se condensou num só livro mas foi polimorfa e tentacular, que eu aconselharia os moços escritores do interior a formar falanges de estudiosos, de polemistas atuantes para que as vozes do *hinterland* comovam enfim as esfinges reais que dormem um sono de pedra sobre os problemas da nacionalidade. Outro pólo importante do sentido do interior se pode fixar nesse cacique civil cuja lição é ímpar em toda a nossa história. Quero me referir a Cândido Mariano da Silva Rondon, que pela primeira vez honrou a América

com um sentimento novo da catequese. Diante deste homem cuja obra não foi ainda suficientemente medida temos que parar. Evidentemente, se no culto Roquete-Pinto vamos encontrar folhas de pesquisa que hoje um simples aluno das nossas escolas de sociologia poderia corrigir, como se revestiriam das últimas conquistas da observação erudita os pesados relatórios que ele nos trouxe das selvas que palmilhou? Mas o importante em Rondon é vermos pela primeira vez um chefe sertanista compreender e respeitar o índio. Não mais a devastação imbecil dos colonizadores ou as fontes de piedade de frei Bartolomé de las Casas,³ mas um homem que consegue fazer estacar pela razão os métodos da selvageria civilizada contra os espoliados donos da terra brasileira.

Aqui entra novamente a missão dos nossos moços do interior. Bauru é a porta civilizada do sertão. Aqui seria possível uma concentração de esforços a favor do indígena e de sua destruída cultura. Bauru precisa ser a sede de uma universidade, a Universidade da Noroeste, para daqui se formarem os futuros estudiosos e os seguidores práticos da obra começada pelo general Rondon. Porque é chegado o instante de tomar posição para o Brasil. E sem esse sentido do interior, começado para lá do ufanismo acadêmico, na realidade cruel d'*Os Sertões*, no material do romance nordestino ou gaúcho e na pregação de Monteiro Lobato, o Brasil terá o lugar que se abre nos estertores e no pânico da civilização ocidental.

Uma cultura nativa se forma e resiste entre nós. No domínio da sociologia mudou-se muito depois de Franz Boas e sua escola. Tivemos aqui um fenômeno curioso que foi o sucesso fulminante da obra de Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*. Eis aí um livro que muitas vezes eu tenho chamado de totêmico, isto é, um livro que apóia e protege a nacionalidade. Até Gilberto, não se havia fixado ecologicamente a dialética do senhor e do escravo no Brasil feudal. De um certo modo *Casa-Grande* é um complemento social d'*Os Sertões* de Euclides, pois estuda a fixação dos engenhos enquanto a magistral gravura euclideana exprime a resistência do elemento místico em torno de um chefe nômade.

Depois da justa exaltação romântica do índio, feita por Gonçalves Dias e por Alencar, e da revolta lírica de Castro Alves a favor

³ Bartolomé de las Casas (1474-1566), padre espanhol, companheiro de Colombo, defensor dos índios.

do negro, a que assistimos? À entrada do próprio negro e do próprio índio na nossa literatura. Que são as vozes de Machado de Assis e Euclides da Cunha senão as vozes da própria raça caldeada na purificação branca, mas resistentes ativas e reivindicadoras?

Muita gente coloca Machado de Assis fora das nossas coordenadas nativas. É um engano e um preconceito que trazem em si uma idéia depreciativa do negro. Basta percorrer as lendas colhidas por esse extraordinário africanista alemão que foi Frobenius para se ver aí o parentesco de sabedoria e de ceticismo que trazem com o *Quincas Borba* e o *Dom Casmurro*.

Ora, que são o negro e o índio senão forças do interior? Enquanto o português se estendeu numa aventura exogâmica, deixou sua alma cantando nas proas e nos mastros e produziu o porto, a capitania e o forte, foi o índio que fez a entrada e o negro que desbravou a fazenda.

Em 1922, a revolução literária que fizemos e que iniciou o Modernismo no Brasil, se era uma revolução da cidade, não significava, no entanto, nenhum movimento contra o campo. Foi uma ação necessária contra a Grécia de Bilac e contra as idealizações postizas de Coelho Neto e também contra a língua vernaculista e erudita de Rui Barbosa, que não era de modo algum aquela em que se exprimia, sentia e falava o nosso povo. Não quero dizer com isso que o Modernismo pleiteasse uma língua desconchavada e plebéia. Ao contrário, os principais livros paulistas dessa época foram experiências de estilo, de composição e de cultura linguística das mais altas que tivemos. Mas aí é que somos obrigados a situar como primeiro modernista Monteiro Lobato. E não se diga que estou afirmando isso à revelia do excelso morto de ontem. Pois, a propósito da questão modernista, recebi dele mesmo uma severa chamada em que reivindicava para sua prosa a função de marco zero da nova literatura. Isso deu origem a uma carta aberta que está publicada em meu livro *Ponta de Lança*, e que o próprio Lobato fez editar por ocasião do jubileu do *Urupês*. E sejam quais forem as dissensões que teve conosco, sobretudo a propósito da pintora Anita Malfatti, ele ficará sem dúvida como o primeiro prosador do Brasil moderno. E Monteiro Lobato é o interior.

Veja-se agora o abismo que vai da prosa ágil, colorida e corrente de Lobato para o galimatias pedantesco de Rui. Rui Barbosa, sem saber, praticava o *harakiri* de toda uma literatura de que era o chefe, lançando Lobato. O verdadeiro grande papel de Rui foi

o de apóstolo incansável das nossas liberdades no momento de torvo caudilhismo militar. A sua voz foi uma grande voz na nossa história política, mas com todo o seu prestígio não conseguiu o velho vernáculo atrapalhar as correntes vivas e autênticas da nossa renovação literária.

Voltemos a 22. Sendo o Modernismo uma revolução contra o postiço, contra o inautêntico, ele ia abrir sem dúvida as portas a uma larga e possante contribuição do interior, onde o povo com os seus problemas agravados e o seu sentimento de fidelidade à terra é mais povo do que nas cidades, porque aí o contato com o brilho superficial da civilização desmoraliza, desvitaliza e destrói o próprio sentido da existência. Com as transformações dos anos 30, a florada a questão social, jorrou forte e justiceira toda uma obra do campo através das mãos de Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queirós e Amando Fontes, logo completadas no sul com Ivan Pedro de Martins, Pedro Wayne e outros. Enquanto isso a cidade se refletia nas novelas mineiras de Ciro dos Anjos, Aníbal Machado, Marques Rebelo e no romance gaúcho de Dionélio Machado. Ainda nos primórdios do Modernismo o sentido do interior era trazido por duas obras-primas ligadas ao movimento indianista que se chamou “Antropofagia”. A Antropofagia era uma exaltação do índio não cristianizado, ou melhor, do homem natural representando uma cultura oposta à da catequese. O contrário, portanto, do que tinham feito os nossos chateaubrianistas como Gonçalves Dias e Alencar. Seja qual for o destino desse movimento ele pode se orgulhar de ter dado ao Brasil *Cobra Norato*, de Raul Bopp, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Hoje a Antropofagia só pode se enriquecer com a orientação que tomaram os estudos sociológicos contemporâneos. Estamos num mundo paralelo àquele que ouviu o grito terrível anunciando a morte de Pan. Se naquele tempo produzia-se o fim do paganismo como revelação de uma nova forma de cultura, hoje por todas as expressões e sentidos da vida, da arte e da literatura se afirma uma tremenda quebra dos velhos padrões de fé e de filosofia. Antes de morrer, Bernanos, nos célebres “encontros de Genebra”, onde se defrontaram para estudar os problemas atuais alguns dos maiores escritores do momento, clamava contra a descristianização da Europa. Era o resultado a que tinha que chegar a revolução da máquina. Não iremos buscar as fontes remotas do existencialismo por que não é preciso citar a revolta de Nietzsche nem a tortura de Kier-

kegaard ocasionadas pelo crepúsculo de toda uma civilização para se ver em Max Scheler, em Dilthey, em Chestov, enfim nos precursores dos mestres vivos da nova filosofia a pavorosa crise do espírito chamado ocidental. Sem dúvida, eles constroem o existencialismo como o *pendant* da ofensiva catastrófica trazida pelo marxismo. Uns e outros representam a superestrutura duma sociedade em próspera decomposição — a sociedade capitalista burguesa de tipo ocidental.

Mas que significa essa crise do espírito que abala através de guerras, sedições e desentendimentos definitivos os alicerces de uma civilização que parecia assentada pelos séculos dos séculos? A uma enquete feita no Rio, respondi que a grande revolução de nosso tempo é muito mais profunda do que uma revolução de tipo puramente econômico. O que se anuncia de todo lado é uma volta ao espírito matriarcal de dois mil e quinhentos anos atrás. Êsquilo anunciava na *Oréstia* como derogado pelas formas patriarcais da família, da herança e do Estado. Evidentemente, o que se vai processando nas sociedades de tipo mais avançado, tanto na Europa como na América, é uma síntese que não ajustou ainda o seu paralelograma de forças. Não chegamos a um ponto morto onde se conciliem a planificação e a liberdade, o direito materno e a herança, o socialismo e a propriedade individual. Daí o debate gigantesco a que assistimos, daí a tranquilidade política e social que vivemos. Nesse pandemônio ressalta, como já disse, uma revalorização das forças intactas do solo e do povo que prometem uma nova Idade de Ouro. E é justamente o progresso técnico e político que atingimos que nos autoriza a sonhar com uma nova Idade de Ouro, pois somente o domínio completo do homem sobre a natureza, como nos tempos primitivos, poderá me dar a liberdade econômica e vocacional. Só uma sociedade organizada tecnicamente, sem o predomínio agressivo de uma classe ou de um partido político, poderá resolver os ásperos problemas que hoje dividem tão gravemente a humanidade.

A era atômica promete milagres que poderão desfazer os males produzidos pelos aglomerados proletários e urbanos. Com a energia produzida à distância, poder-se-á de um certo modo restaurar o artesanato e o seu espírito. Isso não significa um retrocesso, mas simplesmente a marcha dialética da História. Seja como for, o Brasil parece de fato se apresentar como “o país do futuro” previsto por Stefan Zweig. As lutas atuais serão fecundas

de resultados. O que nos compete é acentuar o que o Brasil tem de brasileiro e de próprio.

Durante o Império, a nossa cultura política viveu largamente desligada dos problemas populares e o nosso Congresso era Câmara dos Lordes encobrendo o escravo que suava no eito estendendo os currais, movimentando os engenhos e abrindo a fartura das fazendas futuras. Era aquele homem de sobrecasaca na praia diante do mar vazio declamando versos medidos de que nos falava Paulo Prado. Nessa autenticação que o Brasil reclama e que se tem feito sentir através dos mais recentes testes eleitorais e políticos, criando o clamor dos interessados, a esperança dos debutantes e o pavor dos marajás, será de grande importância a contribuição intelectual do interior paulista. Mesmo que não queiramos, somos ainda o estado líder da Federação e o que se faz em São Paulo repercute largamente na nacionalidade.

Terminando, deixo aqui o apelo de um modernista de 22 para que os escritores do interior venham concorrer com a produção já tão famosa do norte, do centro e do sul. De fato, parece que a Semana de Arte interrompeu a evolução literária que se produzia no romance narrado de Júlia Lopes de Almeida e no conto de Amadeu Amaral. Talvez parecesse aos jovens paulistas não ser de boa conduta intelectual escrever direta e simplesmente as suas narrativas. E São Paulo, que na cidade contou com o romance de Afonso Schmidt, Antônio Constantino, Geraldo Ferraz e Patrícia Galvão, e mais outros, não teve ainda a esperada messe do seu interior.

Desse interior que ao lado de outras zonas ostenta esse poderoso noroeste que agora precisa galvanizar as suas forças e orientar a volta à produção intensiva que já teve, do algodão ao arroz, da amoreira ao milho. Como já afirmou esse paladino do interior que é Lima Figueiredo, “o boi está descivilizando o oeste paulista”. Se faltarem as diretivas e os auxílios de cima, que seja lembrada a atitude viril do capitão João Antônio Gonçalves, o fundador de vosso município. Delegado natural de vossos anseios, está aí o grande diretor da Noroeste, o auxiliar de Rondon na selva, o curioso batalhador e o autor de um livro que desmascarou o Japão imperialista. Melhor do que ninguém o coronel José de Lima Figueiredo poderá levar ao governo, de que é *persona grata*, o grito de vossas legítimas reivindicações e o quadro de vossos urgentes problemas.

E não faltarão as correntes migratórias de que precisais para preencher os claros produzidos pelo êxodo. E se vier a economia dirigida, que ela não atinja os vossos estímulos e a vossa individual iniciativa. O mundo de hoje oscila entre planificação e liberdade. Um ponto de equilíbrio deve ser encontrado. Que Bauru produza a Vanguarda desse mundo melhor. Para isso não lhe faltam coragens, capacidades e decisões.

Palestra proferida em Bauru,
em 31 de julho de 1948.
(IEL-Unicamp)

CIVILIZAÇÃO E DINHEIRO

Esta conferência não tem nenhuma pretensão pedagógica. É mais uma ordenação feita para uso próprio de idéias, conceitos e afirmativas que vivem no ar agitado de nosso tempo. O tema me foi proposto pelo professor Heraldo Barbuy, cujo cultivo e cuja honestidade intelectual deram tanta autoridade à palestra que aqui realizou sobre o assunto.

Em se tratando de cultura, tem-se à vista a palavra civilização. Que é civilização? Que é cultura? A palavra cultura traz em si uma ambigüidade perigosa. Cultura tomada no sentido imediato de ilustração do espírito, de cultivo do homem como se fosse cultivo da planta, nada tem a ver com a palavra cultura tomada em sentido sociológico. Cultura-ilustração do espírito é apanágio e ornamento de qualquer homem ou grupo em qualquer civilização. Cultura em termos sociológicos é coisa absolutamente diversa.

À cultura podem-se ligar dois conceitos: o de sentimento e o de caráter. À civilização, dois outros: o de razão e o de técnica. Cultura é o que somos. Civilização é o que realizamos. Assim sendo, Cultura vem a ser a alma de um povo, de uma etnia, de uma área histórica. Civilização, ao contrário, é espírito, é política, é técnica. Aquela é *Pathos*, esta é *Logos*. Moisés foi o criador de uma cultura milenária. Descartes, um iniciador de civilização.

Cultura significa o patrimônio material, moral e intelectual que caracteriza uma etnia, um povo numa determinada época. É o que faz desse grupo histórico um organismo original e afirmativo, portanto com ele cresce, evolui e morre. Civilização se mede pelas aquisições que marcam o progresso humano. É o instrumental acumulado e transmitido. Seu destino está preso ao do próprio progresso humano. Cultura é língua, folclore e comida, vestuário e religião, enfim, o que dá originalidade a um grupo étnico e a sua área geográfica. Civilização é matemática, *water-closet*,

libertação de preconceitos, rádio, esperanto, divórcio, leis sociais. A Índia tem cultura e não tem Civilização. Nos Estados Unidos sobra Civilização e se desmancham as Culturas. No Brasil andam aos pontapés Civilização e Cultura. Da Civilização nos refastelamos no pior. E da Cultura que há quatro séculos procura dar-nos um caráter de povo lírico, cordial e estóico destruímos implacavelmente as sobras, liquidando o índio, sofisticando o negro e monogamizando o português.

Ao passar ao contraste que separa Cultura de Civilização que, antes do meu amigo Barbuy, Oswald Spengler acentuou de maneira um tanto diversa, desejo apontar que se nós brasileiros continuarmos indiferentes e amáveis ante os costumes tanto políticos como domésticos que nos distinguem, veremos confirmar-se o calamitoso diagnóstico de que perdemos a nossa Cultura sem chegar a ter uma Civilização.

De um certo modo há uma coincidência tenebrosa de tom nas afirmações medievais do professor Barbuy e na análise apocalíptica da sociedade moderna feita por Spengler. Ambos são alérgicamente contrários ao aparecimento do mercado mundial. Ambos são cantores passionais da estagnação imobiliária que fazia com que, na Idade Média, os bens de um bispo, mesmo hipotecáveis, fossem intransferíveis ao credor, a não ser este um outro bispo. Como intransferíveis por dívida eram também territórios de caça de um barão feudal. Esse paraíso latifundiário onde só existia mercado negro para almas lastreadas de esmolas prolongou no Ocidente o poder discricionário da nobreza e do clero até a venda dos bens nacionais decretada pela Revolução Francesa. Não houve de fato uma marcada ruptura entre o mundo antigo e o início do medievo. De há muito, o Império Romano vinha racial e politicamente se decompondo. Não foi uma data diluviana a tomada de Roma por Alarico, em 410. Desde a romanização da Gália executada por César, uma persistente e viva infiltração da gente bárbara havia desfigurado o padrão ouro do Lácio. A Dácia produzira no Danúbio o tipo exemplar desses povos *foederati* que difundiram e mesclaram línguas e raças, modelando o cadinho das futuras mestiçagens arianas. Imperadores ilírios afofaram com seu peso o trono dos césares. Desse modo, a Idade Média não deixou de se estribar na estrutura econômica e jurídica do Império já longamente convertido ao cristianismo (312). Se a falta de braços era uma realidade que transformava

o poderio dominial sobre o escravo num simples contrato com o servo, isso não infirmou a estrutura do latifúndio. Ele perderia a Itália para alastrar-se por todo o Ocidente. Novos senhores qui-lometravam sem limites a sua fome de terra. Apoiado no fisco que só protegia a grande propriedade o feudalismo substituiu-se e instalou-se na tradição latifundiária de Roma.

Verdade é que por séculos o sangrento redemoinho das invasões africanas e nórdicas ameaçou a unidade européia em torno da única força centrífuga do momento — o cristianismo. Mas o papa soubera enfrentar Átila e Genserico. E depois a realidade econômica e política do império carolíngio, se bem que efêmera, marcou o predomínio da Igreja de Roma nas convulsões da Idade Obscura. O que não conseguira nem a Pérsia nem o Egito, Babilônia ou o império hitita, a Roma papal assegurou no limiar escatológico do ano mil. Não é Civilização, é Cultura.

Coincide com a opinião amorosa de Peguy o saudosismo de Carlos Marx por essa época tornada idílica em face da bestialidade da burguesia industrial de seu tempo. O fundador do socialismo científico admira, não sem razão, o princípio funcional das catedrais. Elas são o penhor do teocentrismo que submerge do atemporal e da concepção ptolomaica do mundo. A vida é um trânsito, um “grande enterro”, como diz um pregador. O calendário não traz em si o dia útil e urbano com vencimentos, negócios, iniciativas e lutas. Mas no vagoroso suceder das estações, a paz agrária e sem pressa em torno das catedrais que apontam para o céu. Só os pesados séquitos dos bispos estragam os poucos caminhos angustos que levam aos castelos fechados em sua arrogante economia famular. E quando dos próprios mosteiros se destaca para o povo a primeira instrução, um vigário de Cristo reage perguntando ao camponês: “Seus filhos foram à escola? Aprenderam a ler e escrever? Lavraram por isso melhor os seus campos? Frequentam menos as tavernas?”

É um estilo de vida baseado numa consciência coletiva que a economia em regressão procura defender e eternizar.

Na decadência do Império, os cristãos verídicos olhavam com horror a vida civilizada da Roma pagã. Enquanto Cícero, no apogeu imperial, afirmava cinicamente que não havia fortaleza fechada para um burro carregado de ouro, Salviano, padre da primeira Igreja, lança esta terrível objugatória: “Dizem-me que a depravação de que falo é coisa de escravos e de gente que não

vale nada. Os homens livres não se sujam nessa lama. Mas, pergunto, que é a vida dos homens de negócio? Uma escroquerie e uma contínua falta de palavra. E a vida dos chefes? Uma iniquidade. A vida dos policiais? Uma chantagem. A vida dos campos? Uma rapina. Mas, retrucarão, a nobreza está acima dessa sujeira: Qual o nobre ou o rico que esteja isento dessas imundícies? É gente que condena em público o que pratica em segredo. Haverá muitos nobres e ricos que não tenham corrompido mulheres ou destruído vidas? Onde está aquele que não se manchou de sangue e de luxúria?"

Este excerto do século V, coincidente com as afirmações comunitárias da Patrística, vem produzir os seus frutos no seio da Idade Obscura. As corporações, num processo lento, procuram não o lucro pecuniário mas a utilidade comum do produtor e do consumidor. Se se fazem hipotecas é porque a Igreja sabe emprestar sem juros. O "justo preço" preside às relações da economia popular. O castelo se abastece a si mesmo como uma fazenda autárquica. E o dinheiro, signo de civilização, desaparece na economia natural da troca.

Quanto à moeda, o contraste medieval é violento em face do mundo antigo continuado pelo império bizantino e pelo Islã. As primeiras moedas de effigie real tinham sido as dárças de ouro, mandadas cunhar por Dario, que realizou a unidade monetária da Ásia, ensaiando uma tentativa de economia universal. O negócio batia em cheio as cidades da velha Pérsia como animava e vitalizava o império mercador e marítimo de Atenas. A especulação florescia em toda parte ao lado de banco e da usura. A taxa de juros que no Egito era de trinta e três e em Babilônia de vinte por cento descera nas mãos do grande monarca persa a doze por cento.

Em Roma, antes das guerras púnicas, sob a ação do comércio marítimo, houvera uma ascensão da vida urbana e mercantil. Os juros desciam de doze por cento na época de Alexandre, a dez e a seis por cento. Duzentos anos antes de Cristo. No próprio Egito estatal, o Banco único emprestava agora a vinte e quatro por cento. Por toda a terra que se civilizava, o crédito especulador nascia da civilização urbana. O mercantilismo como o liberalismo tinham passado pelas mãos hábeis de Justiniano. A luta pela matéria-prima produzira ruínas espetaculares. O governo ro-

mano no século VI aclimatava na península o bicho-da-seda, abandonando as importações da China e consolidando assim a sua balança comercial.

A mancha teocrática da Idade Média, ao contrário, realiza o ideal de uma sociedade onde os valores vitais se opõem aos valores econômicos. Mesmo assim, passados os terrores do ano Mil, esboça-se no século XI o Renascimento e a organização urbana da vida européia. As Cruzadas levam consigo a cruz e o comércio. O Santo Império Romano consolida-se politicamente nas mãos fortes de Oto III. E pouco a pouco corrompe-se nas cidades a estrutura familiar das corporações e dos ofícios. E quando o monumentalismo das Catedrais se afirma ao lado da poesia teocêntrica de Dante e da *Summa* do Aquinata, como um final de orquestração, já sai das indústrias florescentes da Itália e de Flandres a figura esquelética e faminta do assalariado.

No século XII quebrara-se a sebança dos castelos atraídos pelos mercados que oferecem produtos melhores e mais baratos do que os resultantes da sua fechada vida agrária e artesanal. A moeda carolíngia é um progresso generalizado nos séculos finais do medievo. Produz a alta de preços que beneficia o produtor, na contingência de um gênero de vida que exige maiores gastos. Onde se difundia o comércio, nascia o desejo de novos objetos de consumo. Densificara-se a população nas vilas e burgos. As feiras fixas pediam e absorviam o excesso de produção estimulando-a crescentemente.

Desde o ano Mil, os burgos florescem fazendo face ao castelo. Mais que um símbolo, Veneza, a cidade sem terra, a cidade dos canais, defronta o espírito de latifúndio medieval. A república dos doges nunca deixara de comerciar com Bizâncio e com o Islã. E os primeiros objetos que oferece aos mercados do Oriente em troca de especiarias e tecido são escravas brancas para os haréns asiáticos e madeira e ferro com que o sarraceno virá atacar o cristão pela posse do mundo ocidental. É esse aspecto gelado do comércio, colocado pela ganância, acima e fora do mundo moral que fez a longa corrente dos que a ele opõe valores éticos e humanos. Não falemos das apóstrofes de Jeremias contra a Babilônia capitalista nem das condenações da Patrística que já assinalamos. Erasmo de Roterdã afirma que os mercadores são simplesmente mal-odorantes. Lutero declara que essa classe de gente é sordidíssima e estultíssima. Dos emprestadores de dinheiro que

na Alemanha cobravam trinta, quarenta por cento dizia o pai da Reforma: “São capazes de tragar um rei por ano. E não sofrem nada por isso nem em seu corpo nem em seus bens. Ficam sentados junto à lareira assando maçãs. Um ladrão desses pode devorar o mundo num decênio”. Shakespeare e Molière testemunham a mesma ojeriza contra o acumulador que faz uma potência do dinheiro como valor em si.

Destacando da pessoa do seu possuidor e destacado depois da própria mercadoria que representa, o dinheiro tornado papel-moeda na China do século XIII alimenta o capitalismo feroz da revolução industrial.

Ao contrário da figura sacripanta do empreendedor, genialmente pintada por Carlos Marx, o burguês, no entanto, aparece prenhe de qualidades e virtudes quando se desloca e movimenta do latifúndio para as cidades o eixo da vida medieval. Ele surge em franca oposição ao poder dos barões opressores que vivem da guerra e da servidão do campo. O provérbio alemão “*Stadtluft macht Freiheit*” — “o ar da cidade produz liberdade” — indica a revolução forjada nos burgos pelas atividades da indústria nascente e do comércio contra o ócio feudal, baseado em prerrogativas e brasões. Leon Battista Alberti¹ teórico da burguesia florentina do *Quattrocento*, de quem se pode afirmar que sairiam mais tarde, através de Benjamin Franklin, os princípios da civilização atual, Alberti abre luta contra o espírito de grei que agrupa e anima a existência feudal. Estamos no fim da Idade Média e duas economias se acham face a face — a economia da poupança cujo orçamento se baseia na receita e a economia da prodigalidade cujo orçamento se baseia na despesa. O barão feudal primeiramente gasta, contrai dívidas e assume compromissos para depois promover expedientes e buscar recursos com que defrontar os seus credores e inimigos. Como se sabe, nessa fase, a guerra, a pirataria e a extorsão eram métodos viáveis de fortuna. Para essa vida aventureira em redor do senhor do latifúndio ou do castelo, juntava-se despoticamente a grei feita de cavaleiros, fâmulos, clérigos e favoritos. Contra o bando senhorial, enfim, ao que hoje dá-se o nome de “turma”, levantou-se cedo a consciência burguesa das cidades. A luta se abre no campo moral entre a família monogâmica burguesa e a bastardia do castelo.

1 Leon Battista Alberti (1404-1472), humanista e arquiteto italiano, considerado o primeiro teórico do Renascimento.

Uma das grandes virtudes do burguês em seu início é a da fidelidade aos compromissos assumidos, o que em nada anima o feudo autoritário e rapineiro. Contra os senhores falsários que batem moeda sem poderes e assolam territórios, levanta-se a burguesia comercial que pelo espírito de empresa e pelo dinheiro legal acumulado nos processos ascéticos da *santa Masserizia* — a santa Econômica Doméstica de Alberti —, se opõe à tradição do desperdício castelão.

Adam Smith dizia que o destino do homem e sua missão na terra era o enriquecimento. Foi esse o ponto de vista da escola manchesteriana que produziu o capitalismo numa alta fase de civilização. E entra aqui na polêmica contra o dinheiro a sua defesa. O dinheiro, atomizando o poder, destacando-se da pessoa do seu possuidor, foi o campeão das franquias e liberdades do homem comum no Renascimento.

Na Flandres industrial do século XIV, os regedores de Ypres² podem afirmar: “Nunca ouvimos falar em gente de condição servil”. É pois através do dinheiro que o burguês inicia a sua emancipação. Quando a burguesia se afirma como classe não pode ser acusada de viver em busca da pura acumulação. Nos primórdios da era industrial, biparte-se seu triunfante destino. De um lado, ela adota a ascese, ou seja, a abstenção que se propõe o empreendedor de gozar de seus lucros dedicando-os continuamente ao desenvolvimento da empresa e que faz Marx dizer que o seu sacrifício é não comer as fábricas que possui. De outro lado, uma grande parte da burguesia tende a feudalizar-se e a procurar a paz doméstica numa “vida *temperada*” e ao “*stato pacífico*”. De tal modo é rápida a decadência desse tipo de empreendedor de novo feudalizado que numa pequena cidade industrial da Itália do sul uma só geração bastou para ver aniquilar-se seu poderio. Eis como Burckhardt³ refere o caso, citando um testemunho do século XVI:

“Enquanto a cidade teve por habitantes tecelões e pedreiros, prosperou; depois que nela só se viram esporas e cintos dourados; depois que nela habitaram somente doutores em direito e medicina, notários, oficiais e cavaleiros, ela mergulhou na mais negra miséria”.

2 Ypres, importante centro têxtil belga do século XIII.

3 Jacob Burckhardt (1818-1897), historiador suíço, autor de *Considerações sobre a História Universal* (1905) e *Civilização do Renascimento na Itália*.

Evidentemente foi a ascese que venceu, sobretudo reforçada pelas virtudes americanas de Benjamin Franklin. A gente capitalista que voltou a se feudalizar caracterizou de preferência os países católicos dando origem ao verbo “espanholizar-se” para exprimir uma vida de ócio, de rendas e honrarias. Assim, a península Ibérica viu estagnado o seu surto capitalista. A outra parte, que aceitaremos chamar de abstencionista, criou no clima da livre concorrência as bases do mundo moderno. O dinheiro foi sem dúvida o alimento vertiginoso dos parques de transformação da lã que faria com que Marx chamasse a essa época o tempo em que os carneiros devoravam os homens. Foi a era em que se consumou a tragédia do assalariado, saído da decomposição dos grêmios medievais. Com a grande indústria, entrava na História o proletariado, isto é, a classe que vivia do aluguel da própria prole. No jogo bruto dos negócios em ascensão, o burguês perdeu o último escrúpulo. Deixou de ser o bom e temperado homem da *santa Masserizia* do florentino Alberti. Robert Owen, um dos patriarcas do socialismo inglês, anota que justamente na inversão de valores humanos ocasionada pelo dinheiro opressor eram os tipos mais grosseiros e boçais os que mais alto subiam na escala mirífica e sem controle do mundo capitalista.

Será propriamente de dinheiro que vem o mal ocasionado pelo capital? Ou apenas um fenômeno de má distribuição do que se chama mais-valia em ciência social? Numa síntese da teoria de Marx sobre a mais-valia, o jesuíta Michel Riquet expôs, recentemente de um púlpito de Notre-Dame de Paris, como se determina ser ela a porção não-paga do dia de trabalho do operário. Marx considera um roubo cotidiano o excesso de trabalho sobre o que representa de necessário à manutenção e reprodução da força útil de cada trabalhador.

Na época que produziu o *Manifesto Comunista* a exploração afrontosa do trabalhador atingia limites de calamidade humana. O próprio padre Riquet cita o caso de uma *midinette* que caiu morta depois de vinte e seis horas de trabalho contínuo ao lado de sessenta companheiras.

Hoje, em pleno desenvolvimento do ideal socialista, representado de um lado pelas restrições impostas em todo o mundo à fortuna burguesa e, de outro, pela experiência soviética, dos dois lados pelo imperativo da planificação, terá por acaso desaparecido o fenômeno da mais-valia? Não. Na Rússia ele se mascarou

com o nome de excedente. Eis o que lemos no atual *Plano Quinquenal* da restauração da URSS de 46 a 50: “O trabalho do operário não deve assegurar somente a reprodução da força de trabalho. Deve igualmente dar origem a um produto excedente que se emprega na expansão ulterior da produção”. De outra forma, o New Deal na América procura golpear os benefícios da mais-valia, mantidos pelo incontestável privilégio de que ainda goza a sua burguesia plutocrata.

De modo que estamos diante de um só movimento pendular da História, esse de distribuir a mais-valia, tirar-lhe o caráter exclusivista feroz e fazer, enfim, com que ela não venha a beneficiar somente o empreendedor mas também o proletariado em vigorosa ascensão social. Se a magnífica planificação das cidades socialistas produziu a colméia de Zlín, na Tchecoslováquia, no local onde floria o feudo sapateiro dos Bata, também na América não faltam operários que proclamem como frutos de uma revolução vitoriosa as conquistas que os fazem gozar os veraneios da Pensilvânia com lagos, teatros e hotéis. Se não se pode afirmar que os EEUU estão sendo socializados, negar não se pode que o operário não alcançou ali a sua anunciada força revolucionária e a sua paixão de comando ideológico. Ao contrário do que profetizava o marxismo romântico, o proletariado não se expandiu horizontalmente em estado de miséria e de fome, sob a exaustiva exploração do Capital. A técnica interveio de uma maneira miraculosa e o que Marx queria — que cessassem os antagonismos entre o trabalho intelectual e o trabalho manual — está sendo hoje produzido nos países de civilização progressiva. O proletariado tende a ser mais uma classe de engenheiros e de técnicos do que existe e a mísera corrente humana de explorados que daria a vitória de Lênin e que ainda se prolonga nos países da incúria e de atraso. Tendem também a desaparecer os antagonismos que o professor Barbuy acredita insanáveis entre a cidade e o campo. Basta a referência feita pela honestidade de Wilkie a uma perdida aldeia da Sibéria, onde ele encontrou o conforto intelectual de uma grande biblioteca e de outros benefícios da civilização, para se ver que a Rússia, fortalecida pelo seu espírito planejador, procura resolver essa fricção humana que eterniza o atraso do campo em face da cidade. É todo o movimento urbanístico atual se revolta contra a anarquia da Megalópolis.

Há uma concepção biotécnica da cidade planificada e moderna face ao confuso rodar de interesses expropriadores que produziram a urbe até hoje conhecida. Essa concepção tende ao benefício social do habitante, aos seus cuidados higiênicos, ao seu transporte, à sua vida lúcida como seu rendimento produtivo. Mas não é só o professor Barbuy que sofre do pânico do asfalto e do horror à luz artificial que prolonga o dia na expectativa da aventura, na conquista da vizinhança noturna em busca da oportunidade. Uma das grandes figuras da filosofia contemporânea, Karl Jaspers,⁴ satiriza e condena horrorizado o mundo moderno em suas formas ásperas, agressivas e materialistas. A cidade atual vive sob o signo do que Nietzsche, já em 1870, chamava de “pressa indecente”. O burguês moderno faz a barba telefonando, fumando charuto e namorando a manicure, tendo aos pés o engraxate esquelético que, em vez de morder-lhe as pernas, com ele discute o futebol. Precisando estar às dez horas no Banco, às dez e quinze na fábrica e embarcar para Miami às dez e vinte e cinco. Ninguém mais mora, apenas se dorme, à custa de entorpecentes, numa gaiola descristianizada donde fugiu a própria morte. Pois que a arte perdeu o seu sentido de dignidade ancestral e a sua transcendente convicção. O homem atual nasce na maternidade, ama na rua, morre no hospital. E quando os sombrios idealistas pensam que o alimento da febre moderna e da vertigem capitalista vai acabar, vem da URSS a voz de Stálin dizendo: “O dinheiro continuará conosco durante longo tempo”.

A mentalidade industrial arcaizou as lerdas rodas do tempo agrário. A América nos deu a filosofia do êxito em contraponto à filosofia do desespero, brotada da subjetividade pura de Sören Kierkegaard. Enquanto nas ruas de Copenhague a solidão de um grande doente lançava a angústia como base da realidade humana, nascia em Nova York o criador otimista do pragmatismo, reclamando a redução da filosofia ao intuicionismo, à experiência e à vontade. Daí para cá acentua-se no mundo essa maneira prática e eficiente de encarar e resolver os problemas da existência pelo seu rendimento útil. Daí para cá, os EEUU são os mestres do mundo moderno. E quando Lênin morreu, foi o seu melhor testamento o conselho dado aos bolchevistas: “Americanizai-vos!”

4 Karl Jaspers (1883-1969), filósofo alemão, psiquiatra, autor de *A Filosofia Espiritual do Nosso Tempo* (1931).

Não é nas cartonagens metafísicas de um Royce que se devem procurar os braços de pensamento americano. E, sim, nessa “filosofia da filosofia” de que fala Dilthey⁵ e que se exprime no encarar de frente e solucionar os enguiços e as dificuldades da vida, sejam trazidos pelo amor, pelo negócio ou pela morte. Essa atitude vem coincidir com a descristianização do mundo, atestada pelo católico Bernanos nas célebres reuniões de Genebra, em 46. Como afirma Lewis Mumford, a catedral deixou de ser hoje um proeminente para ser um sobrevivente. A práxis americana, desligada do puritanismo de que guardou apenas a disciplina e a pujança, exprime a filosofia da existência e da vida, que tem o seu quarteirão poético tanto em Rilke e Hölderlin como em Lorca, em Maiakóvski e no democrata Whitman.

A técnica e a ambição conduziram, no entanto, não só os Estados Unidos mas o mundo moderno a uma hipertrofia de interesse e do mecânico. É essa desumanização do homem que produz os lamentos de Spengler e do meu amigo Barbuy, diante da Babilônia convulsa em que vivemos. Que aconteceu? De fato, a cidade feérica quebrou pelo progresso toda separação ancestral entre o dia e a noite. Karl Jaspers, que produziu um dos mais belos anátemas contra o atual mundo das massas, da nivelção e da técnica, define a noite como passional e materna. É na noite de Ludwig Klages,⁶ onde o húmus vegetal e arcaico alimenta o homem, que se formam as culturas. A civilização através do dinheiro opressor tornou-se inumana. Uma poderosa corrente do pensamento mais ilustre da História alertou o homem contra as usurpações do período plutocrata. Lessing profetizava com otimismo que um breve minuto de consciência faria desaparecer, sem deixar traço, essa espécie problemática em si mesmo de macacos carniceiros, atacados de mania de grandeza, que são os usufruidores do capital.

Na França e na Alemanha, ao racionalismo civilizador de um Goethe e de um Voltaire se opuseram as forças da natureza e da paixão do Romantismo e da *Sturm und Drang*. E toda a poesia satânica e hermética como a pintura infeliz e solitária do século

5 Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo e historiador alemão, autor de *Teoria das Concepções do Mundo* (1927) e *O Mundo do Espírito* (1926).

6 Ludwig Klages (1872-1956), filósofo alemão, autor de *O Espírito como Adversário da Alma*, onde delineava uma visão pessimista do destino da civilização ocidental.

XIX não foi senão um grave protesto contra o domínio boçal e cínico do burguês filisteu.

Não está perdido o mundo. É preciso confiar nas forças novas trazidas pela revolução atômica, pela revolução messiânica do povo e pela revolução da autenticidade que é o existencialismo.

Por isso um largo movimento vai deixando o caráter ecológico dos estudos culturais para penetrar no campo único de uma cultura do homem, de uma cultura antropológica, onde o inconsciente freudiano alicerça os seus direitos.

Como Fausto, o homem moderno vendeu a alma ao Diabo, mas não é no passado helênico nem na saudade monacal que irá encontrá-la. Ela virá da elaboração de um mundo novo, onde a alma antiga da noite enfeitiçará o homem tecnizado, responsável e livre. No *ethos* da confusa existência moderna, vem se debater a luta incansável do *Logos* contra o *Pathos*. A técnica da guerra exprime as sensacionais e decisivas mudanças da História no tempo. A espada helênica venceu o arqueiro persa em Maratona. A cavalaria goda derrotou em Andrinopla a infantaria imperial de Roma. A pólvora quebrou o reduto feudal dos castelos. A bomba atômica exprime a era do homem universal e da sua subterrânea e eterna cultura. Qual a solução? Estamos no fim de um período patriarcal, ligado à propriedade privada e ao estado de classe. Anuncia-se de há muito um dia matriarcal que traz em si todos os frêmitos da vida ao mesmo tempo passional e tecnizada. Uma Idade de Ouro se anuncia.

Conferência pronunciada
no Centro de Debates Casper Líbero,
em 19 de maio de 1949. (IEL-Unicamp)

VELHOS E NOVOS LIVROS

A vida dos livros depende da existência histórica e emocional dos homens. Volumes desaparecidos na sua apresentação vêem-se inesperadamente confirmados pelos acontecimentos ou pela agitação das idéias e das paixões. Seus autores já morreram, sua crítica mal existiu, seus editores são desconhecidos, mas ei-los que se colocam na crista dos acontecimentos e na vanguarda das ocorrências humanas. Outros que conheceram um fácil e extenso sucesso de vitrine ou de publicidade desapareceram para sempre, levando a inutilidade de sua glória para o olvido justificador.

Um século atrás, duas concepções políticas e sociais se defrontavam em plena Paris romântica. Era uma a que daria, entre outros grandes livros, a *Memória sobre a Propriedade*.¹ Era a que afirmava pela boca de Pierre Joseph Proudhon que “a propriedade é um roubo”. A outra, a do filósofo e agitador alemão Karl Marx, que produziu a bíblia socialista intitulada *O Capital*.

Há quem atribua aos dois pensadores, então amigos, aquela anedota do banco de jardim, em que haviam ambos atravessado a noite conversando sobre o desenvolvimento revolucionário da sociedade. Dois outros palestradores que ali se encontravam com eles despediram-se às três horas da madrugada, marcando encontro no mesmo local ao meio-dia seguinte. Aí retornando, teriam encontrado Marx e Proudhon batendo ainda o papo da véspera.

Se os dois representantes máximos do socialismo prolongavam assim suas vigílias, pode-se afirmar que a humanidade hoje retoma o grande diálogo, a fim de buscar a saída do impasse histórico em que se colocou.

Se a concepção de Marx alcançou um sucesso lotérico, aposando-se em menos de um século de um quinto do globo e orga-

1 Possivelmente Oswald aludia ao livro *O que É Propriedade* (1840).

nizando-se em nações ideologicamente definidas e armadas, é no renascimento das idéias de Proudhon que procuram solução os muitos que se desiludiram da dogmática marxista.

Através de livros e panfletos atualíssimos, são duas concepções que se definem como produtos de culturas opostas. A primeira, a de Marx, trazendo um aspecto apocalíptico e messiânico que lembra suas origens hebraicas. A outra, a de Proudhon, mediterrânea e clara, dubitativa e profunda demais para se alastrar pela superfície das revoluções armadas e das conjuras pretorianas. É uma revolução de gabinete. Mas é nela que hoje, num crescente renascimento, se busca o antídoto contra o execrável e teimoso sectarismo dos marxistas.

Se parecia inatural, sufocado e perdido o pensamento de Proudhon, ante o dilúvio internacional do marxismo derrubando impérios, vencendo conflagrações e se aliciando em todo justicamento da opressão burguesa — os acontecimentos voltam pouco a pouco a dar relevo à possante crítica social do pensador francês como a recolocar no debate imenso do mundo moderno as suas angústias, pesquisas e soluções.

Destino curioso esse dos livros! Se procurarmos neste momento em qualquer livraria do Brasil os volumes de Proudhon, será difícil encontrá-los a não ser em tradução espanhola ou italiana. Mas, através de estudos e documentos críticos, entre os quais um grande ensaio que se deve à pena de um jesuíta ilustre, o padre De Lubac,² esboça-se um crescente interesse pela vigorosa unidade da obra do autor de *Justice*.³ E amanhã talvez as vitrines do mundo civilizado estejam cobertas de edições de Proudhon e seja ele rapidamente traduzido de novo e comentado para dar orientação e alento aos que fogem de remédios infalíveis do marxismo.

Aqui mesmo no Brasil, vemos de repente um acontecimento político trazer à tona das preocupações obras que pareciam destinadas à simples consulta de bibliotecas públicas. Fui surpreender outro dia um amigo folheando a massuda coleção da *Nova Política do Brasil*,⁴ do sr. Getúlio Vargas. E ele me disse: “Nunca acreditei neste homem. Tive alergia por ele. Mas vejo-o

2 Henri de Lubac (1896-1958), teólogo francês.

3 Na realidade Oswald referia-se a *De la Justice dans la Revolution et dans l'Église*.

4 A *Nova Política do Brasil*, em quatro volumes.

voltar ao Catete nos braços plebiscitários do povo brasileiro. Vou ler esse sujeito!”

Mais do que a coleção getuliana, editada pelo meu amigo José Olympio, e ainda que o pequeno volume que contém os discursos curiosos do interregno que vem do 29 de outubro de 45 ao 3 de outubro de 50, há um livro que toma vulto hoje e se coloca entre as obras do momento. É um estudo contra o qual eu próprio tive preconceitos e reservas. Publicado na vigência do Estado Novo, parecia comprometer-se apoiando as soluções de direita que encadeavam de todo lado o presidente Getúlio Vargas. Trata-se do *Marcha para o Oeste* de Cassiano Ricardo, que, com seus últimos livros, conquistou o título de maior poeta do Brasil, ficando para nós o que é Fernando Pessoa para Portugal. Hoje, depois do pleito de 3 de outubro, esse livro tomou uma atualidade fascinante e revela uma coragem profética pois nele, através da bandeira paulista, se configura a democracia anunciada pelas nossas últimas eleições. É um livro totêmico, que se alinha entre *Os Sertões* de Euclides da Cunha, a *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Hollanda.

Justamente numa das passagens do Cassiano sociólogo, adota ele esse “equilíbrio de antagonismo” que é a mais moderna das teses sociológicas e que deve a sua primeira formulação a Proudhon.

Essa vantagem leva o mestre revolucionário da França sobre o inexorável profeta judeu-alemão. Proudhon foi um fino psicólogo social e talvez deva a isso o retardamento de sua decisiva importância. Era tão urgente a transformação do mundo — tal o atraso agressivo em que foram longa, milenariamente deixadas as classes trabalhadoras e úteis da sociedade — que somente as teses autoritárias e simplistas do marxismo podiam ter agido com êxito nesta primeira metade convulsa do século XX. Toda função crítica podia ser acimada de suspeita no momento da grande investida socialista. A tese da ditadura do proletariado impôs-se para quebrar a espinha dorsal da reação burguesa. E não se pode negar que sem o rijo messianismo de Lênin e de Stálin não andaria longe o carro da revolução social. Nem a URSS teria a função catalisadora que teve no cadinho político do mundo moderno.

O que sucede hoje, porém, ultrapassou de muito os limites do razoável. Há, por exemplo, até uma maneira proletária de tirar as asas da mosca de laboratório. Tudo nos vem assim da URSS,

crismado de sectarismo, rotulado e imposto, acadêmico e formalista, enfim, borrado de ocre sanguíneo e de estupidez militante.

Um livro duas vezes atual, porque apareceu agora e porque o seu assunto é o mais presente possível, é a compilação de depoimentos de escritores ex-comunistas que traz por título *O Deus que Falhou*.⁵ Um húngaro, Koestler, um italiano, Silone, um negro, Richard Wright, um francês, Gide, um americano, Louis Fischer, um inglês, Spender, narram unissonamente a decepção que foram suas experiências pessoais dentro do comunismo partidário.

Desses testemunhos, o de Spender é o mais comedido e educado. Vê-se nele o inglês de estirpe, tomado de excelentes intenções. Só ele hesita na condenação das posições soviéticas ante o seguinte argumento: Não valeria o sacrifício da cabeça de um Joyce, de um Brancusi, de um Schönberg o propósito de se conseguir uma sociedade sem classes? Um mundo igual, harmônico e pacífico?

O próprio Spender responde, porém, à pergunta, afirmando que o rumo tomado pela política soviética de modo algum anuncia a possibilidade de o regime caminhar para a solução das desigualdades humanas. É ao contrário sombrio todo prognóstico feito à luz de uma ditadura irada que intervém com sua esdrúxula prepotência não só na liberdade política como no progresso das ciências e das artes.

Reproduz Spender as palavras do escritor russo Ilia Ehrenburg que, em 45, lhe confessava não estar em condições a URSS para concorrer a uma exposição internacional de pintura. Afirmava então o malogrado autor de *Julio Jurenito*⁶ só no setor musical estar em forma e perfeitamente atualizado o seu país. Logo após esse ano, como se sabe, começou o expurgo musical, com a intervenção da figura inculta e segregada de Jdanov. Foi tão mesquinha e intolerante a ofensiva do sinistro censor que há quem afirme ter sido ele assassinado em 48, antes que viesse a suceder a Stálin.

No livro atualíssimo que contém os depoimentos de seis grandes escritores ex-comunistas contra o regime soviético, nem tudo são acusações e não há sombra de perfídia ou maledicência. Não é só Spender quem procura atingir a motivação das restrições ali

5 *O Deus que Falhou*, tradução de Enéas Marzano, Rio de Janeiro, Pongetti, 1952.

6 Oswald estava se referindo ao livro *As Aventuras Extraordinárias de Julio Jurenito* (1921).

impostas a qualquer liberdade criadora. Num admirável ensaio que fecha o livro, o escritor francês Raymond Aron exprime excelentemente a posição soviética.

O Partido Comunista considera-se o agente da Providência Histórica. Não é o Partido que fuzila, encarcera ou esfolta. É a própria História. O Partido é um simples agente do fatalismo econômico-político que conduzirá dialeticamente o mundo a uma sociedade sem classes. Atrás e em busca de uma solução humana, produz-se a desumanização do homem. Militantes e autoridades soviéticas são puros autômatos da história universal. Como foram os inquisidores de todos os tempos. E explica o ensaísta:

“A disciplina do Partido, por suas excomunhões, por suas interpretações sempre renovadas, sua verdade sempre obrigatória e nunca definitiva, não representa para muitos homens provação nenhuma e sim uma simples tranqüilização de consciência. Não faltam em nossa época intelectuais que preferem receber a verdade feita a procurá-la sozinhos na dúvida e no temor. De fato, o que eles sofrem é do *medo da liberdade*”.

Aqui paro e pergunto eu se, além de ser esse um fenômeno humano generalizado, que foi aliás objeto de um curioso estudo do sociólogo alemão Fromm, justamente intitulado *O Medo da Liberdade*, não é na Rússia um caso agravado por limites geográficos e psicossociais?

Não será o comunismo russo um comunismo de exceção, contido por coordenadas de espaço e de tempo?

Há duas constantes que têm originado para a comunidade russa o mesmo debate milenar. Uma é a ortodoxia catequista, outra esse freudismo perene que gira entre o crime, o lamento e o remorso — o qual se poderia qualificar de sentimento dostoiévskiano da vida e que no fundo não passa de um complexo da caverna. O povo russo como aliás outros povos, entre os quais o nosso, foi muito tempo mantido debaixo da mais vil servidão por uma pequena elite possuidora. Por milênios foi conservado no seu estado primitivista e natural, recorrendo o poder político para escravizá-lo à manutenção pela força da mais feroz ortodoxia religiosa e da mais tirânica opressão cívica. De um lado os costumes quase matriarcais das tribos citas e tártaras, do outro o rigoroso ritual do formalismo cristão e do imperativo monárquico e

policialesco. Lancinantemente se debateu entre essas constantes a comunidade eslava, dando conhecimento ao mundo de seus infernos conflituais através daquele que foi o maior romancista do século passado — Fiódor Dostoiévski.

Se para Marx e Engels Balzac explica melhor do que qualquer sociólogo o seu país e o seu tempo, como não recorrermos ao criador de *Crime e Castigo* para explicar a sede de auto-esfacelamento na corte de programas legais, em que a Rússia continua a progredir, agora dentro do regime soviético como outra sob o cristianismo lúbrico que deu o monge Rasputin?

Os russos não produzem mais romances como *Humilhados e Ofendidos* e *Os Possessos*.⁷ Mas os irmãos Karamázov diariamente tiritam no noticiário do *Pravda* e declamam nos processos de Moscou ou nas malhas estreitas da tortura política.

A ortodoxia russa é um remédio milenar e afetivo para a desordem sentimental das massas. Nada mais. Não se pode atribuir suspeitas para falar da Rússia ao casal de escritores britânicos Webb, autores da primeira contribuição mundial para o conhecimento da revolução russa. Sidney e Beatrice Webb⁸ esgotaram o país dos soviets. E é deles uma curiosa observação a respeito da exorbitância de vocabulário com que sempre se exprimiram os russos em relação aos seus adversários ideológicos. O mais amável epíteto que se costuma receber, em caso de divergência política ou religiosa, é o de “renegado”. Assim, o sociólogo Kautsky, na primeira briga com Lênin, foi mimoseado por este com um requisitório intitulado *O Renegado Kautsky*. Arthur Koestler, Ignazio Silone e André Gide, que tiveram as mais altas honrarias prodigadas a alguém pelos soviets, fácil e imediatamente passaram a ser “renegados”, quando divergiram do sistema russo. Aliás, o vocabulário dos comunistas é pobre nesse setor da injúria política. Quem diverge deles, por mais honrado que seja, passa a ser “provocador”, “trotskista”, “pequeno-burguês” ou “policial”. Sendo que nos dias de hoje a URSS é trotskista em suas teses, pequeno-burguesa na mentalidade, provocadora constante e supinamente policial.

Mas os insultos comunistas já perderam o sentido. É como entre nós xingar a mãe. Por mais que seja uma senhora honesta e morali-

7 *Humilhados e Ofendidos* (1862), *Os Demônios* (1871).

8 Sidney Webb (1859-1947), político e economista inglês, em colaboração com sua mulher Beatrice, contribuiu para a divulgação das idéias comunistas na Inglaterra.

zada, lá vai de embrulho na primeira desavença que temos com o filho, a quem aplicamos sem mais aquela um insulto patriarcal.

Pois, melhor do que ninguém, o casal Webb explica esse vocabulário, dando-o como herdado da Igreja Ortodoxa Russa. Antes de Lênin e seus sequazes, eram os padres, esses apóstolos barbudos e encartolados, que lançavam da autoridade de suas batinas as pechas de “renegado”, “traidor” e “cão danado”.

Esse sinal de ortodoxia cristã que passou intacto para a ortodoxia soviética terá sido a única tara histórica herdada pela comunidade russa em transformação? Ou permanecerá dentro dos quadros aparentemente racionalistas e científicos do sistema soviético aquela mania de torturar e ser torturado, a vontade de impor como de aceitar os sofrimentos, que faz da literatura russa o mais lancinante documentário do sadomasoquismo que já existiu?

Processar-se-ia da mesma maneira, com as mesmas taras e constâncias, o comunismo em um país não-eslavo? Seria possível o mesmo fenômeno pungente e amoroso num país como a França, que produziu Rabelais, Descartes e Jean-Paul Sartre? Seria isso possível na Itália de Boccaccio e de Pirandello ou no Brasil de Machado de Assis?

O teste de suficiência boçal que fazem publicamente os russos é dos que mais irritam a sensibilidade ocidental. Assim, a Gide não faltou quem declarasse que eles não precisavam de nenhum Baudelaire ou Rimbaud, contanto que possuíssem boas vacas leiteiras. Como se vê não foi sem razão que pôs termo à vida Maiakóvski.

Há quem afirme em Moscou que uma música só presta quando pode ser assoviada por qualquer pessoa depois da primeira audição. Esse é o critério com que uma súcia de paranóicos lá e entre nós um e outro criptocomunista pretendem restringir a libertação trazida pelo dodecafonismo.

Evidentemente ninguém pede ao Senhor Todo Mundo que compreenda Schönberg. Mas a confusão se estabelece em relação ao problema da “cultura para todos”. Por mais que evolua, a humanidade não poderá compreender ela toda, com a mesma capacidade, uma tragédia de Shakespeare ou a física nuclear. Haverá sempre uma seleção de elites culturais por especialização vocacional. O acesso à cultura geral tem que ser facilitado e atribuído a todos. Isso sim. Mas os temperamentos e as cabeças divergem. Há os que gostam e sem esforço entendem de pintura e há os que sentem a capacidade de se especializar em energia

atômica. Até um certo limite, a cultura de todos deve ser elevada. Acima disso, o caso passa a ser de especialização vocacional.

Mas, ao que vemos, na Rússia intervém logo o sectarismo ortodoxo e assim Jdanov, que nunca papou um níquel de verdadeira e autêntica cultura, aceitou a missão de ditar leis estéticas e foi capaz de censurar Prokófiev e Chostakovitch.

O que se viu foi a produção artística russa decair a um nível de lamentável atraso e de sensacional ridículo. Os eslavos possuíam em pintura a arte do ícone e do retábulo. Era uma façanha artesanal de gosto bizantino, que muito honrava a sua cultura popular. Mas os magistras idiotas que guiam a censura soviética exigiram que se pintasse parecido. Daí saiu o chamado “realismo socialista” que depressa liquidou as qualidades da arte russa, academicamente chafurdando na exaltação da adulagem política e da subserviência vomitiva. Só ganha prêmio na Rússia o pintor que sabe retratar os tiranos com as cores magníficas do cromo e da folhinha.

No entanto, uma observação que se poderá capitular como “ortodoxa marxista” feita por Proudhon há um século põe por terra a estética obtusa e vazia que criou o chamado “realismo socialista”.

Estudando as transformações do mundo, nota o autor de *Memória sobre a Propriedade* o seguinte, formulando aliás, como disse uma das teses essenciais do marxismo: se a superestrutura social depende da estrutura econômica, mudando esta, tem que mudar tudo — artes, letras, formas de convívio etc.

A arte do Renascimento é sem dúvida uma expressão do individualismo humanista que se anunciou com o final da Idade Média. Por trás dos temas religiosos, aponta a técnica, a maneira e a nova concepção da vida dos sensualistas do Renascimento.

No século XIX, entra em apogeu a revolução industrial. Que acontece então? Para estudarmos um dos setores decisivos da expressão coeva, recorramos à pintura na França. Enquanto o clássico se desagrega, aliás produzindo a deformação galante dos Fragonard e dos Watteau, inicia-se como movimento o Impressionismo. Parece que é uma fome de realidade, de mais realidade, essa paixão que leva os artistas a arrastarem os seus cavaletes para dentro da deformação atmosférica dos outonos e das primaveras. É uma sede violenta de captar a cor no seu próprio segredo químico, essa que conduz ao *flo*, ao não-modelado, ao borrão e que vem terminar na ciência maravilhada do pontilhismo e do divi-

sionismo, com dois mestres da altura de Seurat e Signac. A cor aí desagrega a forma e torna o quadro um poema de meios-tons que nega a realidade na sua sede de verismo criando o milagre de uma outra realidade, mais minuciosa e mais alta.

Hoje, no cinema, assiste-se a um idêntico esforço. Fala-se muito no neo-realismo italiano, indicando como obra-prima dessa escola o extraordinário filme de De Sica intitulado *Ladrões de Bicicleta*. Na busca da verdade humana deixando a fantasia dos *dé-cors* e dos enredos e a invenção dos ambientes e dos personagens, o cinema italiano carregou para a rua a sua câmara ansiosa de veracidade e correu atrás da vida cotidiana e do homem comum com tal afã e tal eficiência que ultrapassou os seus propósitos realistas e atingiu de novo o símbolo. Que interesse teria para nós *Ladrões de Bicicleta*, se não viesse desmascarar em nós uma situação idêntica, uma situação que se repete pela vida de todo mundo? Diante da tela de De Sica vivemos todos a nossa frustração, porque temos todos, no clamor dos tempos atuais, uma bicicleta que nos roubaram e que dramaticamente procuramos reconquistar. Assim, foi quando o impressionismo atingiu a miragem simbólica da cor desagregada que surgiu a própria consciência do movimento.

É em Cézanne que vamos encontrar a primeira formulação da escola que passa a ser o oposto do que parecia tentar. É Cézanne quem afirma que tudo na natureza pode reduzir-se ao cilindro, à esfera, ao cone. Na genialidade do pintor da Provença, vem se produzir essa inversão dialética que transpõe no geométrico e no maciço o tênue e o dissoluto. E daí nasce o cubismo. Que é o cubismo senão a pintura da era industrial? Nota-se imediatamente que ele surge atrasado, quando já o corpo mecânico da sociedade capitalista se desmancha.

Mas no mundo persistem em luta os ideais burgueses e proletários e as formas de Le Corbusier produzem a geometria das cidades modernas, mesmo numa estrutura socialista. É uma questão de economia de materiais e de formas e uma afirmação do gosto sadio e limpo, que se impõe e dá as linhas abstratas e vem a produzir em arte o abstracionismo.

A luta que se instaurou na Rússia, depois do assassinato de Kírov, é uma triste e pobre luta reacionária a favor da sensibilidade inculta copiada da pequena burguesia ocidental. É isso a que desgraçadamente chamam de "realismo socialista". Na URSS

fizeram-se as mais curiosas experiências de modernismo e Picasso me disse certa vez em Paris, com orgulho, que suas telas, enquanto eram vilipendiadas na Europa burguesa, em Moscou estavam guardadas pelos soldados vermelhos. Existe, no Museu de Arte Moderna, também em Moscou, uma tela de Tarsila que aqui, em sua terra, é desconhecida pela crítica e pelo público.

De modo que, quando se vê a reviravolta estética que culminou no expurgo musical contra Prokófiev e Chostakovitch, isso não quer dizer que a Rússia só tem arte reacionária. Deve haver entre os milhões de russos gente da mais fina sensibilidade, que tudo há de querer fazer pela cultura moderna e pelas conquistas mais elevadas no campo da poesia, como da pintura ou da música. Apenas, a arte oficial é outra. Inventou que pintar parecido é útil às massas e que, se se trata de um retardo estético, é no entanto um progresso dialético. Como a Rússia está sofrendo uma ditadura inominável, com a censura à vista em todos os setores do pensamento e da ação, resulta disso que todas as pesquisas do modernismo são imediatamente abafadas e tornadas nulas. Isso se deu com os músicos como com os grupos de poesia avançada de Leningrado. Foi pelo menos o que aconteceu em vida desse calamitoso personagem que se chamou Jdanov.

O pior é que se procura, através de revistas ocidentais, promover o culto a Jdanov e à sua estreita dogmática estética. Isto de querer impor o esquema russo ao mundo me parece um esforço inútil, pois há imperativos de tradição social, de cultura racial e de geopolítica que darão ao socialismo vitorioso formas particulares a cada nação onde vingar. Quanto ao modernismo, ele vingará também.

Entra mais uma vez aqui o debate homérico entre Marx e Proudhon. Nunca uma conjuntura histórica favoreceria melhor que a nossa a expansão fulminante de uma doutrina autoritária, violenta e profética como é o marxismo. Evidentemente, temos já um século de triunfo do messianismo social de Marx, enquanto Proudhon, filho de uma cultura solar, sensualista, dubitativa e irônica, permaneceu aparentemente esquecido, ante o primado da ação que caracterizou estes últimos cem anos incendiários e intolerantes.

Mas, ante a avançada do sectarismo vermelho, que com um exército de energúmenos ameaça a humana cultura — temos que voltar a Proudhon, ao bom senso de Proudhon, à sólida e medida genialidade amorosa de Proudhon.

Não se deve nunca esquecer que Karl Marx foi um professor fracassado de universidade. O seu intuito inicial era obter uma cátedra de filosofia. Esse recalque havia de fazer estourar o mundo burguês. É com a fêrula germânica na mão que ainda hoje o Moisés do socialismo indica caminho das civilizações derrocadas do ocidente aos seus sanhudos adeptos vindos das tribos citas e tártaras que formavam legiões de escravos sob a ortodoxia cristã, como hoje formam sob a ortodoxia soviética.

Nunca a incerteza em que vem naufragando o mundo burguês serviu mais a uma doutrina que oscila entre a autoridade e o milagre. Tinha de ser. O milagre do trigo Stálin e a autoridade da Santa Mãe Rússia.

Livro portanto de extrema atualidade é esse que traz os depoimentos dos ex-comunistas contra o partido de que divergiram. Livro honesto e rico, onde ficaram gravados a experiência e o fracasso da adesão partidária ao comunismo por parte de seis notáveis personalidades do mundo literário e jornalístico de nossos dias.

Uma das referências importantes que faz Silone é a que resultou do contato pessoal que teve com Lênin, Trótski e Stálin. Afirma ele: “O que mais me feria entre os comunistas russos, mesmo entre as personalidades verdadeiramente excepcionais, era a sua completa incapacidade de discutir lealmente as opiniões contrárias às suas. O adversário, pelo simples fato de ousar contradizer, era sem contestação um oportunista, se não um traidor ou um vendido. Um adversário de boa-fé parece inconcebível aos olhos dos comunistas”.

Ficou sendo assim entre todos os comunistas do mundo. Mas acredito, terminando de ler esses seis magníficos documentos, que se trata de fato de uma tara russa.

Por que será o russo o intolerante por excelência? Seria curioso verificar-se isso no dia em que fosse estendida a experiência marxista a um país frio como a Inglaterra ou a França. Teríamos essa série de Torquemadas e Torquemadinhas invertendo, pelos seus atos e gestos, o sentido humano e generoso da revolução social? Talvez somente a Espanha, que traz em suas raízes a disciplina do *Alcorão*, se submetesse ao esquema terrorista e limitado dos soviets.

O que se passou com Silone, com Koestler, com o negro americano Richard Wright está se passando a nossos olhos no Brasil e em toda parte do mundo. A causa do socialismo é sagrada. Mas

a forma que lhe dão os partidos comunistas adotando o esquema político-partidário de Moscou é repulsiva e inumana. No Brasil, mesmo dentro do Partido Comunista, no tempo em que eu lá me encontrava, dizia-se que a carreira de militante era a seguinte: entrava na Juventude Comunista, galgava os quadros partidários, ia mofar no Socorro Vermelho para ser inevitavelmente expulso. Era Juventude, Partido, Socorro e Expulsão.

Acredito lealmente que no Brasil um esquema rígido e ortodoxo se desmoralizaria na prática do poder. Nós somos bastante próximos das culturas primitivas, matriarcais e dadivosas para nos dobrar fácil e vilmente a qualquer ortodoxia burocrática e impassível. Daí, talvez, mesmo tendo à frente uma grande figura como a de Luís Carlos Prestes, o PCB seja o organismo reumático, espantadiço e estranho que é. Sofrendo de comando a distância, sem a consideração imediata e direta dos casos nacionais ou locais, ele se arrasta perdendo substância fora da legalidade que o tornava menos ofensivo e mais simpático.

A velha alma russa, filha da solidão de estepe e portanto mergulhada de vida interior, hibernal e contundente, é que domina os quadros partidários do comunismo, como dominou os quadros feudais da nobreza czarista. A coletivização da agricultura liquidou o *kulak* mas não modificou a alma eslava, patibular e expiatória.

Note-se como o primeiro gesto dos soviets foi mandar ocultar Dostoiévski. Enquanto depois da Revolução de Outubro fazia-se Tolstói oficial, multiplicando-se as suas edições e biografias, aquele que foi o detentor do mistério russo, o dono clássico do seu sofrimento exorbitante e espetacular, Fiódor Dostoiévski, era escondido como se se tratasse de uma nódoa de família. Não se fez ainda a psicanálise dos soviets mas não será difícil localizar nesse primeiro gesto, indicador dum complexo de culpa, todo o segredo da continuidade russa, sob o termo novo de socialismo. Fiódor Dostoiévski continua a exprimir como nunca a alma russa. É ele quem preside às confissões nos processos inquisitoriais de Moscou. É ele quem facilmente assinala milhões de traidores do regime em cada transeunte que guarda num frasco a saudade de um perfume burguês. A alma russa é inamovível. E mais horrendo se torna portanto o imperialismo moral e político que decorre dessa imperativa mania sadomasoquista dos russos do que qualquer veleidade de conquista de que sejam capazes as suas armas.

O que se torna importante é pois esclarecer, como faz essa colaboração unânime de seis homens notáveis, oriundos de diversas nações e diversas raças, que não puderam caber, com toda a sua paixão revolucionária, dentro da amputação moral que exige desde o primeiro dia o comunismo russo, traduzido para outros idiomas políticos. O que se deu com Richard Wright torna-se assombroso. Apenas por ser um intelectual, ele foi recebido pelos comunistas americanos debaixo de todas as suspeitas e reservas. E em pouco tempo, sendo um negro que varria as ruas de Chicago para ganhar o pão, era pomposamente rotulado de “pequeno-burguês” e “decadente”.

Já Marx chamava Proudhon de “pequeno-burguês” sabendo todo mundo que aquele é que era originário da pequena burguesia renana e que o autor de *Justice* saiu inteiro das fileiras do proletariado francês. Era um tipógrafo. Também Proudhon soube retrucar profeticamente, quando deu a Marx o epíteto grandioso de Tênia do Socialismo.

Parece que, querendo disfarçar as suas origens pequeno-burguesas, Marx e depois Lênin abusaram sempre desse qualificativo, politicamente insultuoso, para inutilizar os seus adversários. E por todo o mundo se repetiu aquilo que foi martírio e glória de um pobre negro varredor de rua da América — Richard Wright —: “pequeno-burguês”!

Proudhon, sendo também um panfletário, tinha no entanto outra largueza de espírito e outra formação humanística. Ficará como um dos maiores documentos da história das idéias aquela carta em que o filósofo francês responde negativamente ao convite que Marx e Engels lhe dirigem querendo enquadrá-lo na militância do primeiro marxismo. Proudhon confessa aí que o seu forte não é o dogmatismo nem a intolerância. E nisso se levanta hoje o pedestal de sua glória. Enquanto Marx é imperativo e radical, Proudhon é dubitativo e humano. Hoje volta-se decisivamente às concepções do genial pensador francês. Foi ele quem afirmou que “a guerra é uma categoria do ser”, sorrindo ante a idéia mistificadora e que centraliza o messianismo marxista — a de uma apaziguada sesta para que caminha dialeticamente a humanidade. Contra a dialética com que Marx procura justificar e vencer as contradições da luta social, Proudhon presente a fenomenologia husserliana, afirmando que a vida se compõe de antinomias contemporâneas e vigentes que procuram hierarquizar-se.

Com outro genial pensador do século XIX, que ele não conheceu e que também não o conheceu — o dinamarquês Kierkegaard —, Proudhon formula o pensamento fundamental das teogonias primitivas — “Deus é o mal!”

A atualidade de Proudhon faz-se necessária sobretudo ante a avalanche que o mundo russo pretende fazer desabar sobre toda a civilização. Para mim, o perigo não está no socialismo e sim na fórmula humanicida, expiacional e penitenciária que está sendo apurada no mundo russo, o mundo russo denunciado por Dostoiévski no poema de Ivan Karamázov intitulado “O Grande Inquisidor”.

Essa história, de fato, enfeixa as galés perpétuas da alma russa e de sua crônica. Que são os russos senão grandes reservatórios de tribos citas e tártaras, duramente cristianizados pela ortodoxia religiosa, para os horrores da servidão feudal? A passagem do czarismo para o comunismo foi rápida demais para que pudesse palmilhar a adaptação a uma nova cultura e a um novo humanismo. E o povo russo viu-se encadeado a uma outra ortodoxia. Então, mesmo que esteja hoje mudada a estrutura econômica, permanece intacta no país das estepes a dimensão sadomasoquista que sempre o caracterizou. “O Grande Inquisidor” não deixou o seu trono, tornado político. De Rasputin a Jdanov há um pulo. Se aquele é um corruptor de corpos, este é um corruptor de inteligências. E a página imortal de Dostoiévski renova a sua grandiosa tristeza ante o mundo atônito. A luta entre o Cristo cotidiano e miraculoso das ruas e o prepotente cardeal das religiões e dos palácios estabelece o seu tablado execucional nos júris, nos *ukases*, nas informações diárias e nos exílios prepotentes de que chega a nós a notícia revoltante. Cristo, idealizado pela alma primitivista e fiel do povo russo, só pode vir perturbar o dogmatismo inexorável das leis, de que vive o seu próprio sacerdócio, que ontem foi religioso e hoje é político.

É assim que, curiosamente localizado na Espanha, é num dia de fogueira e de auto-de-fé que Cristo baixa novamente à terra. A multidão o reconhece e lhe pede milagres. Ele concede a vista a um cego, ressuscita uma menina morta. É quando o Grande Inquisidor intervém com a autoridade de seus noventa anos para ameaçar seu próprio Senhor, afirmando: “Amanhã eu te queimarei”. São de uma atualidade ofuscante as palavras do poema de Dostoiévski. É assim que o Grande Inquisidor se gaba de ter suprimido a liberdade para tornar os homens felizes. Não se tra-

ta evidentemente da Rússia soviética. É numa Rússia onde “é preciso a mentira como absolutamente verdadeira e a hipocrisia como regra de conduta”.

Depois de ter desencadeado contra Jesus preso a ofensiva de suas verdades políticas como se fosse um acusador dos soviets, o Grande Inquisidor espera uma palavra de seu antigo deus, “a mais amarga ou a mais terrível”, mas (transcrevo do romance imortal) “eis que o prisioneiro se aproxima em silêncio do velho e beija-lhe docemente os lábios exangues. O ancião estremece, seus lábios tremem, dirige-se para a porta, abre-a e diz: ‘Vai e não voltes mais! Não voltes nunca mais, nunca mais!’”

Não parece ouvirmos o eco dos *ukases* que liquidaram os apóstolos do socialismo que foram, entre cem mil outros, Trótski, Bukharin, Zinoviev?

Quem disse que o sacerdócio político do Krêmlim quer ser perturbado por compromissos apostólicos anteriores e obsoletos! Quem trazer para a máquina da burocracia sanguinária a perturbação de um gesto humano ou a solidariedade de um perdão tem que desaparecer para sempre no abismo da condenação ou da fuga. Não voltes mais! Não voltes nunca mais! Nunca mais!

O complexo de expulsão domina assim toda a estrutura dos partidos estereotipados sobre o de Moscou. E todos confirmam a observação de Silone: “Um adversário de boa-fé parece inconcebível aos olhos dos comunistas. Quem ousa contradizer é sempre um oportunista, se não um traidor ou um vendido”.

Foi assim que souberam ver essa figura excepcional de escritor negro que é Richard Wright. Tornara-se, como afirma ele, natural para os russos comunistas associar traição e intelectualidade.

O acontecimento culminante narrado no depoimento de Wright é o do 1.º de maio, quando em Chicago ele se propõe a desfilar entre os manifestantes comunistas, depois de ter deixado o partido. Percebem-no, identificam-no e gritam:

- Sai daqui, traidor!
- Convidaram-me — explica ele.
- Sai!

Cercam-no, agridem-no. Violentemente é atirado ao chão. Ele fica perplexo, ante os negros seus irmãos que desfilam, indiferentes como os brancos. Entre tambores, erguem-se bandeiras vermelhas. A terra estremece sob o cortejo imenso. Vozes se elevam cantando as esperanças d’A *Internacional!*

“De pé, oh, vítimas da fome!”

E ele, maquinalmente, automaticamente, anônimo agora, acompanha o cortejo.

É o que se dá conosco. Os cães raivosos do Partido Comunista, seus líderes gelados, cretinos e inumanos, seus Taunays vermelhos ou seus piolhos parasitários que sugam ideologia para viver podem nos querer expulsar de suas filas execráveis. Mas nunca nos eliminarão da onda que dia a dia se avoluma, sob as bandeiras tanto de Marx como de Proudhon, na direção do mundo transformado e sem classes, de um mundo socialista, de um mundo melhor!

Conferência realizada em 1950,
na Câmara Brasileira do Livro.
(IEL-Unicamp)

A REABILITAÇÃO DO PRIMITIVO*

A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram os europeus para fins colonizadores. Essa época passou e a um conceito cristão da vida que reservava para o branco o privilégio de ter alma se opôs a idéia da igualdade da raça humana. Foi no entanto preciso que um papa outorgasse essa dádiva do céu aos homens de raça e cor diferentes que apareceram com o novo mundo descoberto.

Hoje as ciências sociais caminharam, fazendo ver como o homem é um só, dependendo a sua diferenciação das condições de raça, de clima e de economia.

Ficou no entanto um resíduo que consiste no preconceito de julgar inferiores as raças primitivas.

Ora, ao nosso indígena não falta sequer uma alta concepção da vida para se opor às filosofias vigentes que o encontraram e o procuraram submeter. Tenho a impressão de que isso que os cristãos descobridores apontaram como o máximo horror e a máxima depravação, quero falar da antropofagia, não passava entretanto de um alto rito que trazia em si uma *Weltanschauung*, ou seja, uma concepção da vida e do mundo.

O indígena não comia carne humana nem por fome nem por gula. Tratava-se de uma espécie de comunhão do valor que tinha em si a importância de toda uma posição filosófica.

A Antropofagia fazia lembrar que a vida é devoração opondo-se a todas as ilusões salvacionistas.

Foi Montaigne que, num de seus *Essais*, tratando dos canibais me chamou a atenção para a importância autônoma do primitivo.

* Título atribuído pela organizadora.

Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito da vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita.

Comunicação escrita para o Encontro dos Intelectuais,
realizado no Rio de Janeiro em 1954,
e enviada a Di Cavalcanti para ser lida.
(IEL-Unicamp)

O ANTROPÓFAGO

Desde que a humanidade, pelas suas elites, deixou o que o Ocidente classifica de Idade Média, um movimento constante e variado se unifica na direção do conhecimento da própria humanidade.

O progresso das ciências naturais, a ascensão das ciências chamadas exatas, as descobertas, os inventos e as expedições que vararam a terra e procuram varar os abismos, do céu e do solo, tudo soma na direção do conhecimento do homem e da sua autenticidade. Esse movimento se escalou desde o século XVI até o século XX em dominantes que tomaram as seguintes denominações: Renascimento e Humanismo no século XVI, Racionalismo no século XVII, Iluminismo no século XVIII, Filosofia do Progresso no século XIX. No século XX estas novas pesquisas baixaram bandeira. Uma questão tornou à vanguarda, uma questão que interessava não só às camadas dirigentes, essas que por seus artistas, pensadores e filósofos se tinham expressado naqueles movimentos, mas que abarcava os problemas de toda humanidade. Foi a questão do trabalho. O homem decepcionado com os resultados e cometimentos que tinha realizado sob as miragens da Religião, do Humanismo ou do Progresso perguntou a si mesmo — Por que trabalhar?

É que um velho drama, um drama milenário, havia presidido a todos os seus passos, estado presente a todas as construções de casas ou de cidade, a todas as aberturas de caminho ou descobertas de mar, a todas as regaduras de lavouras, a todas as guerras e a todas as legislações. O drama da desigualdade.

Os problemas da hierarquia, do comando, do usufruto dos resultados obtidos vieram à tona.

O que tinha sido repulsa instintiva, vindita ou desencadeada paixão tomou forma de sistema, conquistou a cidadania da ciência e se propôs a reorganizar o mundo sob bases seguras e sólidas, onde não mais interviessem a contrafação, o dolo e a tirania.

O advento do marxismo assinala a maturidade do homem. Porque, consciente de suas forças, ele abjura do conceito de Deus. No mesmo momento em que Carlos Marx,¹ voltado para a prática revolucionária, movimentava a alavanca das Internacionais do Trabalho, um outro privilegiado, esse um poeta, anunciava ao mundo, pela boca de Zaratustra, a morte de Deus. Era Frederico Nietzsche.²

Deus foi alvo fácil. Em nome dele tinham-se consumado as aflitivas e criminosas infâmias que haviam garroteado indivíduos e classes ao mando de aristocracias satisfeitas e duras.

A irreligiosidade que se anunciava pela sátira, pela blague e pela desmoralização durante o século XIX parecia estabelecer bases para uma sociedade ausente de Deus. Esta de fato se construiu e derramou no mundo marxista. Mas, com surpresa, vimos um renascimento pertinaz se apossar mesmo dos países mais avançados, tendente a restabelecer não as formas caducas deste ou daquele culto, mas a religião em si, renascimento de que evidentemente se aproveitaram os sacerdócios em crise. Nenhum argumento maior do que este, para se estabelecer que o homem possui uma dimensão religiosa, ligada aos seus instintos e desenvolvida pelos seus reflexos. Dimensão esta que talvez constituía uma das bases da floração do próprio marxismo ateu. A ausência do objeto Deus não priva de existir uma transferência de sentimentos profundos e intraduzíveis para o culto aos prohomens. Não produziu efeito, é verdade, a tentativa de Augusto Comte³ e dos positivistas em criar uma Religião da Humanidade. Mas que é a vaga de misticismo político que recobre a ofensiva prática do marxismo, criando o culto de Lênin ou do próprio Marx? Fenômenos paralelos de ascensão político-emocional da massa, em torno de figuras teocráticas como as de Mussolini e de Hitler, confirmam a hipótese de que se trata de um fenômeno religioso em transferência para o culto da função diretora-política de novos grandes sacerdotes.

1 Carlos Marx em vez de Karl Marx. Oswald costumava apontar aleatoriamente os nomes próprios estrangeiros. Conservamos o mesmo procedimento quando assim acontecer.

2 Há uma tradução de Alfredo Margarido de *Assim Falava Zaratustra* pela Editora Guimarães, Lisboa, 1983.

3 Auguste Comte (1798-1857), um dos fundadores da Sociologia, autor do *Catecismo Positivista*, 1852, onde propõe a aplicação dos métodos matemáticos ao estudo das ciências sociais.

Assim, os fatos deste século apóiam a idéia de que existe uma dimensão religiosa no homem. Isso que os católicos tardiamente reconheceram como religião natural e que os pragmatistas excelentemente chamaram de “a vontade de crer”⁴ não passa de uma constante humana, a que daremos o nome de sentimento órfico. Nascem e se desenvolvem com ele o etos e o patos⁵ da hierarquia.

Antes de mais nada, convém esclarecer e diagnosticar o recuo inominável do pensamento ocidental da primeira metade do século XX.

Enquanto o marxismo estendia suas barracas de propaganda e suas tropas de campanha a um quinto da superfície da terra, de outro lado, nas torres altas onde se encastrou a cultura, novos muezins entoaram novas preces ao Deus de todas as reações. Em França, sem falar no próprio catolicismo, que teve em Péguy e Claudel os seus pegureiros sentimentais e aflitos, vemos um filósofo do refinamento de Henry Bergson tender em final de jornada ao catolicismo. Na Alemanha, sem falar dos existencialistas oficiais que procuram de novo acorrentar a existência à metafísica ou à reação tradicional do patriarcado, que é todo antinietzscheanismo universitário encabeçado por Scheler,⁶ senão uma volta-face aos compromissos que com Nietzsche a filosofia assumiu com seu próprio destino?

Na Inglaterra, um novo Spengler tentou resumir e esclarecer a História, mas sem a grave concepção do eterno retorno que presidiu a importância da *Decadência do Ocidente*.⁷

Arnold Toynbee, ao lado de uma idéia mestra que é do “challenge”, do desafio, como motor da História, que fez senão repetir na massa enorme de fatos que reuniu todas as falsificações do homem já clássicas?⁸

Pode-se dividir nitidamente a polêmica contemporânea, mesmo sem ela indicar uma contradita direta de pontos de vista. Há de um lado o marxismo, com suas formas clássicas ou espúrias, do outro a reação que contém desde a alta especulação existen-

4 William James (1842-1910), foi um dos principais representantes do pragmatismo que propunha, como critério de verdade, o valor prático com efeitos positivos e útil ao homem.

5 Do grego ethos e pathos. Neste caso significa costume.

6 Max Scheler (1874-1928), filósofo alemão, autor de *A Situação do Homem no Mundo*, 1928.

7 Há uma edição brasileira de *Decadência do Ocidente*, R.J. Zahar, 1964.

8 Arnold Toynbee (1889-1975), historiador, especialista na evolução das civilizações, autor de *Estudo da História*, em doze volumes, 1934-1961.

cialista alemã até o teimoso e inútil catolicismo francês, cujas formas de utilidade social se resumem na ação prática de um grupo culto de dominicanos e jesuítas — um Lebret, um De Lubac.⁹

Ora é forçoso encontrar-se uma terceira solução. O marxismo tem contra ele o teste prático — a sua própria deformação na União Soviética, onde uma ditadura de partido (fascismo) subrepticamente se substituiu à enunciada ditadura de classe para querer engolir o mundo com um novo messianismo tipicamente sectário e pequeno-burguês. A reação é sempre o passado. Deixemos passado e não tradição, pois na tradição podem ser encontrados pontos de referência e apoio para o progresso. Mas o passado — no que ele guarda de mofo e de pesado compromisso com a morte.

Apossando-se do sentimento órfico, deformando-o, manipulando-o, uma classe tem precedido a todos os movimentos da sociedade e da História. É o sacerdócio. Se se produz uma revolução anti-sacerdotal, promovida pelos abusos e exploração da classe privilegiada com intimidade direta de Deus, logo, novo sacerdócio se apruma e se ajeita para colher os frutos da dimensão religiosa que jorra das almas humanas. Assim foi nas três revoluções anticlericais que tiveram âmbito universal na história conhecida — a de Akhenaton no Egito, a de Buda na Índia e a de Lutero na Alemanha.

Durante a curta e brilhante aventura do faraó Akhenaton que organizou o monoteísmo e produziu e lançou Moisés, um novo sacerdócio se instalou na cidade estranha de El-Amarna, em breve substituídos pelos propagadores do culto politeísta que tiveram em Tutancamon, neto de Akhenaton, o seu protetor e guia. Buda, escapado das malhas sacerdotais do bramanismo, criou também o seu sacerdócio. E Lutero é, sem dúvida, o pai do mais segregado e infame dos tipos sociais do Novo Mundo — o pastor protestante.

Nas sociedades primitivas a figura sacerdotal toma outro aspecto e configura-se como o orientador ligado vivamente aos interesses tribais. É a vigília do sacerdote do Lago de Nami fixada pelo folclorista Frazer,¹⁰ que representa como um símbolo o no-

⁹ Padre Louis-Joseph Lebret (1897-1966), dominicano, escritor e economista, autor de *Desenvolvimento e Civilização*; Sonier de Lubac (1896-?), teólogo francês, autor de *Catolicismo, os Aspectos Sociais do Dogma*.

¹⁰ James George Frazer, autor de *O Ramo de Ouro*, São Paulo, Círculo do Livro, 1982.

me da coletividade. Muito longe dele estão os exploradores do culto que se definiram na sociedade como os sacerdotes católicos e os pastores protestantes. Se num devaneio literário o padre de Rousseau ou o pastor de Ibsen podem representar uma realidade caritativa para as penas humanas, em geral o sacerdote não passa de um abominável parasita destinado a fazer curvar a cabeça do desgraçado ante o gáudio e tripúdio dos possuidores dos bens da terra. Há quase 20 séculos que a obra do sacerdócio cristão no Ocidente só tem feito adormecer as massas exploradas a troco de uma esperança de além-túmulo, a fim de fortalecer e enrijar as classes tiranizadoras do trabalho humano.

Se objetivamente foram úteis o escravo, o servo e o proletário à ascensão técnica da humanidade, para que se chegasse aos dias em que no dizer de Aristóteles “os fusos trabalhassem sozinhos”, nada subjetiva e moralmente pode absolver o sacerdócio do nefando crime histórico de ter, ao contrário do Cirineu da lenda cristã, sobrecarregado de cargas mortais o aflito homem que no campo, na cidade, no mar e na oficina construiu com seus braços e com seu coração a grandeza do mundo.

Hoje é preciso e urgente pôr um paradeiro a essa nefasta exploração que cria, à margem dos gozadores da vida, uma classe que procura justificá-los apelando para fábulas mortas e espúrias contrafações da História.

Um livro clássico que coincide com os albores do cristianismo, *De Natura Deorum*, de Cícero, elucida perfeitamente o hiato produzido pela morte do mundo antigo, no qual se estabeleceu na civilização greco-romana uma disponibilidade órfica, sedenta de novos deuses e novos altares.

O depoimento de Luciano de Samosata,¹¹ esse admirável jornalista do século I, basta para acentuar o trágico-ridículo em que tinha caído o culto pagão. A obra-prima que é o seu *Diálogo dos Deuses* mostra suficientemente o descalabro das mitologias em uso, fazendo compreender que nenhuma pessoa informada daquela época poderia mais colocar o seu destino aos caprichos de Zeus, de Marte ou de Vênus.

Ora, o sentimento órfico é uma dimensão do homem e exige tutelas irracionais. O totemismo na selva primitiva, a presença

¹¹ Luciano de Samosata (c.125-c.192). Na realidade, Oswald quer referir-se ao livro *Assembléia dos Deuses*.

do númeno nos gestos de cada vida, tudo isso resultava numa lacuna brutal que se abria no fim da era antiga pedindo um culto novo que correspondesse às aspirações do homem dessa época.

Em Alexandria, encruzilhada de dois mundos, apresentava-se uma religião feroz, racial e particularista que não podia seduzir o homem saído do classicismo grego. A Bíblia traduzida pelos "Setenta"¹² não teve força para atrair o alexandrino estóico ou cético. Ela levaria até Roma a tolice paradisíaca de suas fábulas e o infame Decálogo atribuído a Moisés. Mas era na própria Roma, a maior concentração proletária do mundo antigo, que se haviam de ouvir as forças para uma nova construção religiosa. A destruição de Jerusalém no ano 70 tirava da liça o único centro espiritual capaz de fazer face à capital do mundo latino.

O cristianismo foi no seu início uma religião de justicadores. Como toda religião fabricada ela devia seguir certas diretivas psicológicas capazes de atrair para o seu culto um grande número.

Quando se forjaram os evangelhos, vinte anos depois da morte do Cristo, eles se fizeram em torno de uma esplêndida idéia, a da parúsia. A parúsia era a volta vingadora do Messias ressuscitado e subido aos céus, volta que liquidaria as injustiças sociais e destruiria os tiranos do mundo.

Era um milagre à vista pelo qual esperavam os humildes pecadores, os vagabundos e os expulsos das grandezas da terra.

Como o apostolado do Batista tinha sido um aprendizado para a revolta e o batismo no Jordão uma senha revolucionária, o mesmo caráter conservavam no meado do primeiro século, as cogitações dos que se agremiavam nas primeiras assembléias cristãs. O Cristo, que fora visto comendo peixe no lago do Genesaré, o Cristo de Emaús, que facilmente derrotara o ceticismo de Tomé, devia retornar em carne e osso para a tomada do poder que derrubaria o triunfo dos injustos e colocaria no domínio da terra os torturados, os pobres de espírito e as vítimas da exploração dominial. Evidentemente só uma religião que prometia justiça interessaria àquela imensa e confusa multidão de escravos reunidos pelo poderio romano.

Contra os desvarios de uma corte de gozadores, infames que eram os habitantes do Olimpo ou os vagos tótems esquecidos nas

¹² Trata-se da tradução grega do Antigo Testamento, realizada a partir do hebraico por volta de 250 e 130 a.C.

migrações forçadas das levas cativas, impunha-se um deus que trazia em si os estigmas da dor humana. O Cristo chibatado, suplicado, morto na irrisão era a solidariedade imediata para as vítimas da desigualdade social. Os escravos reconheciam-se, nele se miravam e facilmente criam que, subido aos céus, ele voltaria para vingá-los dos ultrajes terrenos. O suplício da cruz era tão natural e comum que, num só dia, em Jerusalém, Tito fizera crucificar dois mil judeus. As torturas inflingidas ao deus Cristo foram cuidadosamente estereotipadas sobre o dia-a-dia do escravo romano. Cristo era do mesmo sangue, da mesma carne e do mesmo destino que seus irmãos cativos. O sentimento órfico açulava as esperanças da parúsia. Se hoje, no mundo moderno, assistimos ao masoquismo crucial de milhares de seres que se entregam à militância comunista, sem a menor chance de ver realizados os seus projetos e desejos, como não admitir que, numa era trevosa e crédula, milhares de almas não se transtornassem com os relatos messiânicos da paixão redentora do Cristo? Se hoje se estiolam no fundo dos cárceres, exigem remédios primitivos na audiência espetacular dos tribunais milhares de militantes gratuitos, pois o que os espreita não é a glória e sim a morte, como não compreender que, no apogeu monstruoso de Roma, os que empurravam o charrua e esvaziavam as sentinas não clamassem para as esperanças contidas na parúsia? Assim não foi difícil o proselitismo cristão das primeiras eras. Apenas a parúsia tinha a data incerta dos acontecimentos milagrosos. Foi adiada enquanto o rebanho de fiéis engrossava as catacumbas e respondia à palavra forjada dos Evangelhos. As perseguições foram a sementeira donde haviam de brotar legiões decididas de mártires. Houve uma reflexologia do martírio que facilmente se substituiu à cobrança da parúsia. Enquanto o Cristo não descesse envolto em puro albor de glória, os que morriam iam encontrá-lo e gozar a seu lado a eterna bem-aventurança. Os algozes, esses teriam a merecida vindita na tortura sem fim dos castigos infernais.

Sem dúvida essa deformação da idéia de parúsia caminhou ao longo dos primeiros séculos da era cristã, alimentado pelo masoquismo dos suplícios e dos devotamentos totais. Pois que o Cristo tardava em ver, os crentes ansiavam pela morte que os conduziriam ao pé de sua glória.

Foi Clemente de Alexandria, no correr do século V, quem deu forma a essa tradição já longamente alimentada no seio da

crisandade. Clemente é o responsável por esse estorvo ideológico que transferiu para a vida futura as vantagens fulminantes da parúsia. Foi ele o primeiro sacerdote cristão a admitir a possibilidade oficial de um rico penetrar impune no reino dos céus. O cristianismo deixava com ele a sua missão revolucionária e social.

Coincidiu com a ação de Clemente de Alexandria a oficialização do cristianismo como religião do Estado romano pelo imperador Constantino. ‘‘Façamos a revolução, antes que o povo a faça’’, foi a fórmula oportunista que encontrou o neo-convertido para governar sem tropeços a vasta e híbrida herança imperial que se estendia do Ocidente ao Oriente. Adornado de práticas pagãs, saturado de deturpações e heresias, o cristianismo conquistava pelo martírio e pela luta ideológica de cinco séculos um lugar ao sol. Dos quinze séculos que nos separam até hoje, da época de Clemente e Constantino podem-se estabelecer na evolução da Igreja cristã dois cortes históricos, justamente os dos séculos X e XV. A Igreja foi uma barreira frente à confusão barbaresca das invasões do século V ao século X. Outra se mostrou no apogeu do Papado, entre os séculos X e XV e outra tem sido do Renascimento até nossos dias.

Com a oficialização decretada por Constantino, o Império entregava, na agonia histórica de seu destino, toda a estrutura ativa de seu municipalismo ao sacerdócio cristão. Fácil e comodamente as dioceses substituíram-se às prefeituras. Diante das invasões vitoriosas que assolaram não só a terra metropolitana da Itália como as suas ricas províncias, uma Única organização resistia — a Igreja. Ela trazia, a seu crédito, o universalismo — Ide e pregai a todos os povos. Com a conversão de Clóvis, rei dos francos, o cristianismo viu a possibilidade de engajar em suas hastes chefes que não tinham religião organizada nem sacerdócio presente e povos migradores e moveções que, como os germanos, não honravam os seus deuses em recintos fechados. Que eram os tótems tribais e os fetiches grotescos e sem tradição ou culto para enfrentar uma religião que herdara a estrutura óssea do mundo romano?

É de Karl Kautsky¹³ a curiosa observação de que o monoteísmo medra entre os povos que não contam com materiais plásticos para fabrico de seus deuses — assim a Judéia e a Arábia.

13 Karl Kautsky (1854-1938), político e revolucionário alemão, autor de *A Concepção Materialista da História*, 1927.

Enquanto os povos que possuem a facilidade de trabalhar materiais como o mármore e o bronze são os que dão vazão a sua imaginação religiosa criando o politeísmo — assim o Egito e a Grécia.

Mas que espécie de teogonia podiam oferecer os perdidos guerreiros da Floresta Negra ou os viajores da longínqua Mongólia, para contrapor-se a uma religião que possuía a tradição e o labor apologético de cinco séculos de extremada civilização? Os chefes bárbaros deixaram-se converter com tal ímpeto e açodamento lustral que um deles, Genserico, ordenou num dia o fechamento dos cabarés de Cartago, por imorais.

O que se deu na Europa romana, do quinto século à primeira estabilização monárquica que foi a de Carlos Magno, não passou de um fluir e refluir de povos nômades e estranhos que produziram no seu coito híbrido a magnífica Europa da Baixa Idade Média e do Renascimento. Só uma sociologia da miscigenação daria base para um estudo das vantagens da mistura procriadora dessa vaga humana, brotada dos continentes longínquos e diversos, à procura de um hábitat mais seguro que as frias estepes, donde saíam, ou das abruptas montanhas em cujas cavernas se acoitavam.

Ainda depois de Carlos Magno, os normandos apareceram em suas pirogas audazes e chegaram a sitiá Paris. E os árabes inquietos e vingativos que não consentiram durante longos séculos que uma simples tábua cristã vogasse no Mediterrâneo, mesmo depois de contidos pela espada de Carlos Martel, dilapidaram os tesouros da cristandade e vieram, numa luta sem trégua, provocar o movimento recuperador das Cruzadas.

A Igreja possuía o baluarte feudal dos conventos e abadias, junto aos quais timidamente se abriram as primeiras feiras comerciais. Manejava uma língua que mal deturpara o idioma clássico do Império. Possuía uma organização, uma finalidade e uma hierarquia.

Lenta e penosamente a Igreja converteu a humanidade bárbara, admitindo, através das largas malhas da contrição e da penitência, os seus pecados sexuais e predatórios. Os padres se casam e amancebam, seguindo o exemplo de São Pedro.

No entanto, que foi a Idade Média? Somente isso, um contínuo e ininterrupto *raid*¹⁴ de roubo e sexualidade? Não. Desde que uma consciência se forma, insere-se nela um *modus vivendi*

14 Ataque.

através da economia que afundou e da moral que a dirigia. Entra aqui um problema atinente ao mundo móvel das migrações. Os povos que se estabilizam, no patriarcado. O eixo de sua vida é a herança que cria formas fixas de existência. Os povos matriarcais não se conservam na rigidez da morada, na produção regular da fazenda ou da cultura, no trabalho quotidiano e regular da casa. Sua lei é o movimento. A exogamia é seu destino. Note-se como os povos que, anteriores ao Império Romano milenariamente tinham adotado a forma de vida patriarcal, não migraram, não invadiram as escoras unidas do mundo latino. Não vieram do Egito ou da Grécia as ondas sucessivas de invasores com suas vicissitudes famélicas. Vieram dos reservatórios poligâmicos da anônima e deserdada humanidade asiática, nórdica e balcânica.

Compete aqui, ligeiramente que seja, caracterizar os povos matriarcais na sua economia, no seu direito, na sua moral. O direito era o direito da guerra, a moral, a da liberdade, e economia a economia do ser.

A tese de que a humanidade passou por uma fase geral de matriarcado não foi infirmada, apesar dos arreganhos sociológicos do professor Westermarck¹⁵ da Universidade de Londres. O próprio Westermarck, no último volume de uma recente edição de sua alentada *História do Casamento*, reconheceu a insanidade das suas fábulas moralizantes sobre a monogamia dos gorilas e outras grosserias patranhas, destinadas ao serviço das instituições da herança e, portanto, do patriarcado. Evidente ter ficado sem resposta a pergunta clássica de Bachofen¹⁶ divulgada por Frederico Nietzsche:

— Antes da instituição do casamento como distinguir o pai nos grupos humanos? O casamento, é claro, só podia ter sido o fruto de uma larga experiência humana. Trata-se de um instituto evoluído que não podia ter brotado do primeiro dia da criação, como deseja a ingenuidade bíblica.

Ficam sem resposta, como no caso do inescrupuloso Westermarck, certas interrogações que o bom senso lança à sociologia dirigida no benefício de crenças e confissões. Assim, quando se

15 Edvard Westermarck (1862-1939), antropólogo e sociólogo finlandês, autor de *A História do Casamento Humano*, 1891.

16 Johann Bachofen (1815-1887), pioneiro no estudo da família, produziu trabalhos clássicos que influenciaram os estudos marxistas.

pergunta por que Cristo, o Redentor da Humanidade, aparece tão tardiamente nos quadros da História, tendo perdido a oportunidade de orientar para a salvação, povos de extraordinário estofamento humano, como o egípcio e o grego, há quem responda que o homem do Cro-Magnon¹⁷ não estava preparado para receber o Salvador. E se perguntarmos ainda por que o Deus todo poderoso que movimenta as esferas e ilumina as almas não quis preparar o homem da caverna para esse cometimento convencionalista, virá sempre uma corada resposta desviar a verdade de sua rota natural.

O filho do direito materno foi, sem dúvida, o filho promíscuo da primeira selva, e se certas circunstâncias de clima ou de técnica, orientadores de novas formas de vida, fizeram com que em certos pontos da mais velha civilização, o patriarcado se instalasse, originando o instituto da herança baseado no filho de direito paterno, isso não privou que a maior parte da humanidade continuasse a procriar sem a legitimidade ritual das convenções genealógicas. É tão velho o patriarcado no Egito que poucos e poucos vestígios ali se encontram capazes de indicar o direito materno. Talvez a Esfinge e o culto a Ísis sejam remanescentes desse período da mais alta história humana. É tão generalizada a convenção patriarcalista que o excelente livro sobre o parentesco, do sociólogo francês Claude Lévi-Strauss,¹⁸ não documenta senão o parentesco em linha paternalista; mas, se a história escrita e tradicional só nos diz do patriarcado, a sociologia e a pesquisa primitiva abrem ricos horizontes para a busca honesta das origens humanas.

Talvez se deva ao sábio Bronislaw Malinowski¹⁹ os melhores estudos sobre o costume primitivo. Tendo se dedicado a um longo contato com os indígenas australianos, possuidor de uma sólida cultura, de uma precisão de pontos de vista e de uma honestidade a toda prova, esse mestre da Sociologia e da História do Costume soube recompor os fósseis sociais que teve em mão.

Quando vemos aqui no Brasil a pobreza de vistas, de interesse cultural e mesmo de pura informação que caracterizam a obra de um Rondon ou de um Roquete Pinto — estudiosos que

17 Cro-Magnon. Região da Dordogne (França) que deu nome a uma raça pré-histórica.

18 *Estruturas Elementares do Parentesco* de Claude Lévi-Strauss (1908-). Existe uma edição brasileira da Vozes, datada de 1976.

19 Bronislaw Malinowski (1884-1942), antropólogo britânico, autor de *A Sexualidade e sua Repressão nas Sociedades Primitivas*, 1927.

tiveram a fortuna de conhecer na selva brasileira o homem da Idade da Pedra —, temos que prestar as maiores homenagens ao pesquisador das ilhas Trobriand e ao divulgador da expressão sexual entre os primitivos.

Uma das figuras mais curiosas identificadas na selva por Malinowski é o que poderia chamar de “pai sociológico”. Trata-se do marido da mãe, ou melhor, do seu companheiro habitual. É o homem que auxilia a resolver a existência da cabana primitiva. Pode até mesmo ser o pai fisiológico das crianças que nascem de sua companheira. Mas como entre os povos primitivos o ato de amor nada tem que haver com a procriação, pode acontecer que esse curioso e cordato pai se afaste pelo período de mais de um ano de seu lar, sem que deixe de ter como filho a criança nascida em sua ausência.

Não se deve confundir esse “pai sociológico” com o tio materno, que vem a ser o verdadeiro chefe de família. Nesse, na sua incontestável autoridade, funda-se a instituição do avunculato tão conhecida e divulgada. Milenariamente a Europa guardou vestígios desse costume primitivo. Marc Bloch²⁰ cita no seu livro sobre a sociedade feudal o avunculato instalado nas canções de gesta. Por outro lado, sabe-se que as canções de gesta trazem, às vezes, tendências à exaltação da genealogia e, portanto, da família de direito paterno. Seria curioso estudar nesse velho repositório da vida medieval até onde vai a influência do matriarcado e onde começa a do direito paterno. Sabe-se que durante muito tempo o nome adotado em família era o da mãe, e precioso testemunho disto é o interrogatório de Jeanne D’Arc no processo instaurado contra ela em Reims como feiticeira, druída e pagã. Interrogada sobre sua qualificação, ela indica dois nomes dos quais um, o da mãe, é o usual na sua aldeia.

Entre nós, brasileiros, temos uma grotesca caricatura da canção de gesta que é o poema de Caramuru de Frei Santa Rita Durão.²¹ Mas esse é um gozado panegírico da legitimidade paterna, em que um guerreiro português conduz a noiva, a índia Paraguaçu, por um longo *raid* de caravela até terras de França,

20 Marc Bloch (1886-1944), historiador francês, autor de *Características Originais da História Rural Francesa*, 1931.

21 Frei Santa Rita Durão (1722-1784), escreveu o *Caramuru* em 1781. A edição mais indicada é a da Garnier.

onde intata e virgem vai se casar com o futuro criador de uma intocável genealogia colonial.

O tipo mais acabado e perfeito de pai sociológico que registra a literatura é, sem dúvida, a figura serviçal de São José, através dos Evangelhos. Aliás, o cristianismo guarda no melhor âmago de suas tradições alguns evidentes resíduos do período matriarcal por que passou a humanidade. A eucaristia, que provocou a definição em dogma que a hóstia é carne, graça à fogosa polêmica de São Pascácio Radbert, não passa de um ato de antropofagia ritual, ligado às concepções do matriarcado.

Pai sem ser pai, o carpinteiro paciente de Nazaré não passou do complacente companheiro de Maria e das suas noites como Anjo. Toda a feudalidade se baseou na economia do ser. Que é a vassalagem senão uma troca de serviços sem a intervenção do dinheiro? Se bem que a Igreja, deblaterando contra a simonia, documente a intromissão da pecúnia na vida social e mesmo religiosa da Idade Média, toda uma decisiva documentação favorece a tese de que a existência coletiva da feudalidade se baseou mais no serviço do que na paga pela moeda.

Os marxistas, suprimindo as dificuldades que argumentam e berram contra a sua crítica histórica, eliminam do passado todo vestígio de capitalismo. O capitalismo para eles começou no século XVIII, com o salário e a Revolução Industrial. No entanto, o dinheiro presidiu com suas traficâncias e benefícios a toda a vida organizada do passado humano. A letra de câmbio é uma invenção babilônica e a prisão por dívida clama ao longo de toda a história do velho continente.

Muito mais completo e justo é dividir e determinar na crônica de todos os povos, sejam eles primitivos, coloniais ou civilizados, uma economia do ser e uma economia do haver. Evidentemente, como anterior ao casamento houve a promiscuidade sexual, anterior ao dinheiro, houve o serviço prestado e o benefício retribuído. Chama-se a isso de economia do ser. Formas que aparentemente urram contra os preceitos democráticos perfeitamente presidiram a largos ciclos de existência, onde a humanidade se apaziguou sem moeda, na distribuição de benefícios e utilidades. Assim, é preciso ver a monarquia e a escravidão não com ditirambos reacionários, mas com a exatidão de seus regulares serviços e préstimos. A evolução social e política jogou no desuso e no descrédito essas formas de vida coletiva e social, mas quan-

do as circunstâncias históricas abriram brecha nas concepções também caducas do falso liberalismo, e uma onda primitiva passou à frente da cena, vimos como formas paralelas a essas que indicavam a economia do ser se estabeleceram de um jato entre os povos mais cultos e civilizados da terra. Evidentemente não se pode volver nem à monarquia nem à escravidão, tal a carga de malefícios que as caracterizaram. Longe de meu pensamento adotar a gafe sociológica do grande Balzac, que falava idilicamente desses trambolhos quase ultrapassados em seu tempo. Para Balzac, a monarquia e a religião iluminavam a História. Ambas não passavam da denegrida imagem da Santa Aliança,²² que havia sucedido às liberdades explosivas da Revolução Francesa. Ele, que tão magnífica e minuciosamente compreendeu o seu tempo, quando pretendeu fazer sociologia só se lembrou da idealização de seu grande e impossível amor, uma pavorosa reacionária polaca, que, de fato, fisicamente só podia lembrar a monarquia e a religião.

Mas a época de Balzac passou. E o seu século, o século XIX, se desenvolveu bem longe desses derruídos pedestais da reação européia. Não foi fácil à Europa progressista restabelecer as conquistas libertárias que o fastígio do primeiro Imperador fizeram obumbrar num halo de sensacionalidade teatral e guerreira.

Se coube a Napoleão Bonaparte levar na sacola de seus soldados as conquistas do Código Civil, coube também a ele restabelecer o culto derogado no terror. E se tratou o Papa como um joguete, não fez o mesmo com a religião, pois o seu sentimento órfico continuava a travestir no Cristo e em sua igreja a emocionalidade, a superstição e o medo que trouxera, pequeno, da Córsega.

O século XIX foi todo feito de altos e baixos, de revolução e reação. Se teve o ponto alto da Comuna, teve o ponto canceroso do *Syllabus*,²³ documento dos mais inoportunos e aéreos da História. Toda a habilidade e a diplomacia interpretativa de Dupanloup²⁴ e dos apaziguadores da catolicidade em pasmo de nada serviram para tirar do papado de Pio IX o seu caráter de além-

22 Pacto de fraternidade e de assistência mútua, firmado em 26 de setembro de 1815, pela Rússia, Áustria e Prússia, recebendo adesão de outros soberanos europeus, menos o inglês.

23 *Syllabus*. Documento publicado sob a égide do Papa IX, em 1864, sobre os principais erros dos tempos modernos.

24 Félix Dupanloup (1802-1878), religioso francês, líder do catolicismo liberal, contrário à infalibilidade do Papa.

túmulo ultramontano. Os dois dogmas definidos no Concílio do Vaticano, o da Imaculada Conceição e o da infalibilidade papal, significam a despedida do velho papado em face da ofensiva crescente das idéias progressistas. Quando, em 1891, o seu sucessor Leão XIII lança a encíclica *De Rerum Novarum*, trata-se evidentemente de uma esquina ideológica da história da Igreja. Se bem que a tiara romana continue a erguer a sua feroz tradição de autoritarismo reacionário, o Papado como que procura se ajeitar às condições sociais do mundo moderno e descobrir, enfim, alguém que vinte séculos antes estava ao pé da cruz, da cruz redentora, e palmilhava as estradas poeirentas da Galiléia — o trabalhador.

Entre o Manifesto Comunista²⁵ de Marx e Engels, que traz em si um lirismo inovador capaz não de transformar, mas de engolir o mundo, e a tremelicante, cavilosa e covarde recomendação papal às classes possuidoras para que tratem mais humanamente o explorado medeiam 43 anos, quase meio século. Nesse meio século, tinha havido o aviso sangrento da Comuna parisiense e a derrocada final da Santa Aliança. Nesse meio século, o Estado pontifício tinha visto minguar a sua potência em face da unificação italiana. A Áustria, o último vestígio do Santo Império, fora derrocada pela Prússia na batalha de Sadowa.²⁶ E Napoleão III, a quem ousaram chamar “um novo São Luís” — evidentemente um São Luís de colarinho e bigodes —, jazia esmagado nas garras decisivas de Bismarck. É claro que até o Papa compreendeu que o mundo mudava e que passara bom tempo em que o faccioso Louis Veillot²⁷ proclamava que a Igreja era a inimiga natural de todas as coisas que apaixonavam o século.

Leão XIII não tinha mais o porto napolitano de Gaeta onde se acoiatar em caso de fuga, e a Civitas Leonina, oriunda daquela velha fraude chamada a doação de Constantino, diminuía para os seus modestos limites vaticanos.

Os católicos fazem hoje um grande alarido com esse atrasado documento social da Igreja e com outro que é a encíclica *Quadragesimo Anno*, onde, no entanto, Pio XI reconhece o direito das “artes do lucro” e, portanto, da usura.

25 *Manifesto do Partido Comunista*, 1847, redigido por Karl Marx e Friedrich Engels.

26 Batalha de Sadowa, realizada em 1866.

27 Louis Veillot (1813-1883), jornalista e escritor francês, católico militante, crítico dos liberais.

Esses dois documentos não podem salvar nem sequer justificar a presença da Igreja de Cristo no mundo moderno. O sentimento órfico, depois de variar entre a metapsíquica, o protestantismo, áspero e frio produto comercial da graça para os que roubam, e a morna canonização de valores medíocres e urbanos — uma Santa Teresinha de Lisieux —, enveredou decisivamente para o campo político, levando as massas crédulas à adoração do cesarismo, isto é, dos mágicos detentores do mando civil e militar.

O aparecimento de Rasputin na corte czarista já indicava, no vasto inferno dos czares, um desvio herético do sentimento órfico cristão. Rasputin trazia em si a marca do pecado e, no entanto, toda uma velha corte ortodoxa se prosternou ante seus pés de mujique.

Desde o século XVIII que se anunciam, no Ocidente, novas eras para a humanidade que começa a se libertar do respeito humano e dos preconceitos tradicionais, que a amarravam ao cepo reacionário da Igreja de Cristo.

Pode-se afirmar que é com Voltaire que se aponta essa maioridade. Trata-se de um contemporâneo da primeira Revolução Industrial, mas que leva até as últimas conseqüências ideológicas as primeiras transformações do mundo.

No momento em que Voltaire escreve que “a religião quando não é loucura é malandragem”, exprime uma conquista tão importante quanto o foram as descobertas coevas do cavalo-vapor e da galvanometria. Porque o sentimento órfico é, evidentemente, a dimensão louca do homem, sem a qual ele não vive e não se refaz dos golpes duríssimos do dia-a-dia. Sem esse fluxo de sentimento animal não se gastar em arte, em política, ou em esporte, terá, sem dúvida, que adotar o equívoco de uma religião confessional. É essa a chave de todo o poderio do sacerdócio ao longo da história. Quando vemos Clemente de Alexandria produzir o ladro estorno ideológico que conduziu as massas cristãs para as esperanças de uma vida eterna — ele não o fazia sem um grande e nobre lastro cultural. Tanto o Oriente quanto o orfismo egípcio estavam por detrás de suas promessas e a grande figura de Pitágoras se desenhava, sem dúvida, sobre o fundo furta-cor dos mistérios elêusicos.

Como a importância histórica de Platão decorreu de um casamento oportunista entre a magia pitagórica e a moral socrática — que trazia no seu ativo o clima estóico da transição do mundo antigo para o mundo moderno —, assim, o arguto Clemente apro-

veitava-se das condições apocalípticas do fim do Império Romano para lançar, em grande estilo, a chantagem da outra vida, *Ut dives salvetur*.²⁸

Com essa fórmula, que dificilmente se basearia nos Evangelhos, proletários e vindicadores, ele jogava para o fundo da cesta das coisas inúteis a parúsia política, que apaixonara as primeiras assembleias cristãs e fizera o grande caminho da nova religião, entre escravos abatidos e sofredores.

No século XIX, não são somente os fatos históricos que derogam a divindade do Papado. A brecha da Porta Pia foi o último golpe desferido contra o Vaticano pela alma rebelde que vinha de Frederico II a Garibaldi. Mas, no alto campo das investigações e da cogitação filosófica, levantaram-se contra a Igreja as maiores catapultas da moderna História das Idéias. Foram eles Carlos Marx e Frederico Nietzsche.

A importância do Marxismo consiste em ter desmascarado para sempre a economia do haver que substituíra economia do ser, como advento do patriarcado, cujo fato central é a herança. O patriarcado, havia milênios, impusera as suas leis tanto no Egito quanto na China, sempre apoiando-se na interesseira e espúria ação do sacerdócio. Já vimos como, nas três revoluções anticlericais que culminaram na história, sucedeu sempre a um sacerdócio deposto, novo sacerdócio. À vista de uma disponibilidade órfica, surgem logo nuvens, evocadores de fantasma e de detentores das chaves miríficas do além.

Foi necessária a vinda de Marx e de Nietzsche e mais tarde de Freud para que se pudesse, enfim, identificar esse obscuro compromisso que o homem traz arraigado em sua psique para com todas as miragens que lhe propõem, o que foi durante o passado a mola invisível de todas as religiões.

Fato curioso, e que parece ter escapado a todas as observações organizadas, é ter havido com a evasão dos bárbaros um hiato poderoso no reino incontestado das leis patriarcais que Roma legislara, e que tiveram seu ponto alto naquela sem-vergonhice lapidar do *pater est quam nuptia edemonstrant*.²⁹

Todo o decisivo documentário de parentesco matrilinear brota das canções de gesta e de outras referências da época. Assim é

28 Como o rico se salva.

29 Pai é aquele que as núpcias demonstram.

que essa literatura que exprime o espírito e os costumes da Idade Média está atropelada de formas do parentesco matriarcal, sendo que não é só Roland que vem a ser sobrinho de Carlos Magno, mas é fabuloso o número de tios e sobrinhos que se encontram misturados às suas façanhas. Respira-se aí como, aliás, já assinou Marc Bloch, o ar do avunculato, o que de modo nenhum se encontra nas epopéias de tipo patriarcal, como sejam a *Ilíada*, a *Odisséia* e a *Eneida*.

Isso tudo para nós significa que as invasões foram feitas por povos matriarcais que não traziam os seus deuses em recintos fechados e sequer pensavam em dar às crianças nascidas nos acampamentos de guerra um pai ou um nome de família.

Assinalam-se, no entanto, como já dissemos, certas proezas genealógicas em alguns documentos dessa época, o que de nenhum modo infirma a preeminência do filho de direito materno na era tumultuosa que facilmente espezinhou o direito romano patriarcal. Somente no século IX, quando Carlos, o Calvo, filho de Carlos Magno, recriou o instituto da herança, estabeleceu-se para felicidade e interesse das classes possuidoras o filho de direito paterno.

Para iniciarmos o estudo sobre Marx e Nietzsche, os dois gigantes que despertaram a consciência dos tempos novos, convém assinalar um equívoco monstruoso que os separou no julgamento dos valores atuais da sociedade e da História. Nietzsche, quando anunciava o super-homem, ignorava que este seria simplesmente o proletário, saído das páginas religiosas do grande "Manifesto" de Marx e Engels. Perdido nas alturas de Sils-Maria, ele não podia tomar conhecimento das transformações sociais que se processavam sob suas vistas. Evidentemente o socialismo que atacou e satirizou não era o mesmo que criaria uma das maiores expressões da vontade de domínio, Ivan Uliánov Ilitch,³⁰ ou seja, Lênin.

O que aterrava Nietzsche era ver o mundo caminhar para uma espécie de cristianismo sem Deus, essa espécie de socialismo de padre que as famosas encíclicas inutilmente açularam e puseram na ordem do dia.

O que escapou à observação de Nietzsche, como à de Marx e de Engels, é que havia um potencial de primitivismo recalcado por séculos sob o domínio fraco das elites burguesas.

30 Vladimir Ilitch Uliánov.

Porque somente o homem primitivo conservado puro nas correntes do capitalismo que o prendiam à gleba e à oficina poderia produzir o levante de massas que caracterizou a primeira metade do século XX. Para a identificação desse fenômeno de inesperada e pasmosa envergadura, será necessário criar-se um freudismo social que ponha a nu as reservas implacáveis que dirigiram os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. E aqui chegamos a uma terceira figura, que, ligada a Nietzsche e a Marx, vem escancarar os abismos apocalípticos que engulirão o mundo do patriarcado — Sigmund Freud.

Somente a captação do pensamento desses três gênios, Marx, Nietzsche e Freud, poderá indicar o verdadeiro caminho do homem moderno na direção de sua autenticidade e no derrocamento inflexível das velhas formas absurdas da exploração patriarcal.

Mas antes de tentarmos esse cometimento, vejamos o que marcou no cenário ocidental a quebra do muro antigo, trazido até o apogeu medieval das catedrais da filosofia tomista e da feudalidade castelã. Estas atingiram aí o seu classicismo, pois nelas cessou toda pesquisa e o que caracteriza o classicismo é o esgotamento de toda pesquisa.

O que sucedeu no mundo fechado pelo orbe ptolomaico e pela teologia de Dante foi o aparecimento do homem natural do século XVI.

As descobertas, e sobretudo a descoberta do homem primitivo, foram o que de fato pôs fim à estabilidade do orbe antigo e a seus quadros intelectuais sociais, econômicos e políticos.

O aparecimento do homem natural, isto é, de uma humanidade diferente da que era então conhecida tanto nos países do Ocidente quanto na África abordável ou nas terras e costumes do Oriente, trazidos pelos relatos de Marco Polo e dos primeiros missionários cristãos que afrontaram o leste desconhecido, trazia uma convulsão de conseqüências tremendas para as idéias da época. Seria como, se nos nossos dias, surgisse na terra um grupo de habitantes de Marte.

A Bíblia, que até então havia sofrido vagos reparos de uma vaga heresia, logo suprimidos pelo braço secular que a Igreja armava, viu-se de um momento para o outro refutada na sua pobre geografia judaica, na sua triste etnologia racista e, sobretudo, na suposta vigilância que havia presidido imemorialmente as relações do criador com a criatura. Como poderia se explicar

o abandono de uma humanidade inteira por parte do rancoroso e ortodoxo inventor de Decálogo? De que modo poderiam coexistir a severidade dos mandamentos cristãos e uma humanidade pelada e livre que se entregava sem a menor repressão à gula natural de seus instintos sexuais? De que modo Deus poderia, durante mais de trinta séculos de história conhecida, ter deixado sem o benefício de uma faísca sequer de sua luz protetora uma gente que, além do mais, contrariando toda ética penitencial brotada das catedrais ou dos conventos, tinha o despudor de ser nua e feliz?

Foi, sem dúvida, este último ponto que abalou profundamente a consciência empedernida do começo do século XVI. Havia sido encontrada uma parte do gênero humano completamente desguarnecida das leis e preconceitos que haviam regido toda a Idade Média.

Mas não foi somente a aparição do homem natural que iria interrogar convenções morais e religiosas. Não tardou muito a se desenhar nas serrarias do deserto americano o fabuloso eldorado, que iria transformar a própria economia da terra. Como mercado de produtos livremente postos à disposição do mercantilismo estatal, sobretudo os metais preciosos, o novo continente anunciava o burguês do comércio, o empreendedor da fábrica e o acaparrador de monopólios e privilégios que, através do Renascimento, produziriam as formas superiores de vida dos séculos modernos. Conhece-se bastante a constatação do economista e sociólogo Werner Sombart³¹ de que só o ouro extraído do Brasil para Portugal havia transformado nessa época as relações entre os povos, criando a grandeza da Inglaterra capitalista.

Voltaremos mais tarde a este ponto crucial dos destinos históricos.

Na memória da cultura achava-se fixada a existência de um organismo social livre e desembaraçado de prejuízos e normas patriarcais. Platão, n'*A República*, talvez a mais antiga referência desse processo social, falava de uma sociedade livre criada e orientada pela comunidade de mulheres e crianças.

Mas o que em Platão era simples sonho coletivo e proposta de um estado ideal, que parecia impossível de ser atingido pela humanidade, ali estava aos olhos abertos dos navegantes, com a crieza e a felicidade de sua nudez.

³¹ Werner Sombart (1863-1941), economista alemão, autor de *O Capitalismo Moderno*, 1899.

Perante a constância dessa revelação, que se ia repetindo a cada novo encontro de ilha ou continente, definiram-se logo duas atitudes — uma era a que se continha nas cartas de Américo Vespúcio, piloto de Colombo, outra a que traduzia o espanto moral de Pero Vaz Caminha, escrevente da frota portuguesa que, perdida nos acasos do mar, trouxera até Porto Seguro algumas caravelas do almirante português, Pedro Alvares Cabral.

Enquanto o cristão reacionário e pouco culto Pero Vaz Caminha clamava para D. Manoel puritanamente: — Senhor, a primeira coisa a fazer é salvar esta gente!, os documentos sensacionais do literato italiano Vespúcio, que se pode colocar cronologicamente como o primeiro humanista surgido na Europa, traziam a marca sensacional da descoberta de um novo homem na face da terra. Por isso mesmo o relato de Caminha ficou sendo apenas uma pitoresca digressão sobre a terra achada, enquanto as cartas de Vespúcio se tornaram um documento essencial das transformações do mundo.

Torna-se necessário aqui constatar que a literatura coeva dos descobrimentos foi a onda otimista que deu as utopias. Que outra base teriam essas promessas de humanidade feliz, sem peias, explorações ou recalques, se não a difundida documentação de Vespúcio? Foi tão importante a atuação do intelectual, do geógrafo viajante, que o novo continente se chamou América e não Colômbia.

Pode-se datar de Vespúcio o novo ciclo histórico que se abria para a humanidade. Que foi o Humanismo senão a volta ao homem, perdido nas roupagens místicas da Idade Média? E que mais poderia contribuir para essa descida à terra senão a notícia de que o homem também era uma criatura despida, sem lei nem Deus?

Duas formas se avantajaram nesse início marcante da idade moderna. Uma foi justamente a que daria o Humanismo, a outra foi o Renascimento.

Tratados de Crítica e de História da Arte costumam atribuir ao surgimento da Renascença italiana essa ou aquela descoberta do mundo plástico helênico que havia sido soterrada durante os longos séculos das invasões. Esquece-se do movimento espiritual que presidiu a necessidade de se liquidarem para sempre as deformações catedralescas e fazê-las substituir por um mundo onde se restituía ao corpo humano a sua função de tema central da cogitação plástica. O Renascimento foi, mais do que o renascimento da arte grega, o renascimento do corpo do homem. A

mulher, que havia sido banida como elemento pecaminoso de toda estatuária religiosa, reaparecia com suas formas pujantes e jovens sob a titulação defensiva desta ou daquela santa, desta ou daquela virgem. Que foram Rafael, Leonardo e os demais mestres do apogeu seiscentista senão os redescobridores deslumbrados do corpo humano?

O próprio nu humano esplende vitorioso na escultura sacra de Miguel Ângelo, e a alta expressão política do mundo medieval, que era o Papado, deixa de ser o Papado intransigente e austero do reformador Gregório VII para ser o Papado esclarecido de Leão X, o Papado orgiástico dos Bórgia e o Papado possivelmente hermafrodita do português João XXII. (cf.)

De Carlos Magno até Felipe, o Belo, que engalinhou um Papa francês em Avignon, liquidando a aparente solidez dos sucessivos inimigos do imperador Frederico II, o Papado tinha tido a sua grande hora. Mas essa hora passara e depois do interregno romano o Papado do Renascimento vinha acomodar-se ao gosto da época. Mesmo essa distensão dos músculos adormecidos do homem na roupagem espiritual da Idade Média, a sua recuperação de vida livre e sexual, a expansão criminosa de seus instintos, não seria tudo isso apenas o contraponto da descoberta do homem natural? Evidentemente que sim. Tanto que a consciência desses fatos se repetiu de cima a cima entre os maiores pensadores da época. E para eles não mais funciona a fogueira de Giordano Bruno.

Que foi Maquiavel senão um reparador das atitudes virtuosas que tinham hipocritamente tentado fazer do homem um castrado político e um cordeiro social?

Pode-se mesmo afirmar que todo o Humanismo não é senão a revanche espetacular do homem humano sobre as concepções do homem angélico, que haviam afligido e deformado a Idade Média. Pela primeira vez o homem ri, não somente do riso sadio que jorrara das farsas populares da Idade Média mas de um riso intelectual e culto que denuncia a sua esplêndida libertação. É Rabelais na França, na Holanda, Erasmo de Roterdã, que faz o "elogio da loucura". E depois dos utopistas surge na França o homem que exprime, enfim, o sentido de seu ciclo, é Michel de Montaigne.

O grande ensaísta francês oferece como ninguém uma medida de sua época. Mas o que dá a Montaigne a prioridade do

pensamento humanista é ele ter conseguido, num só capítulo dos *Essais*³² determinar as linhas mestras da humanidade futura. O capítulo chama-se “Des Cannibales” e está no volume final dos *Essais*. Nessa página maravilhosa reside todo estatuto das liberdades humanas que tão penosamente, através de guerras e revoluções, vem sendo conquistado pelo homem moderno. Note-se que “Des Cannibales” antecede de mais de um século à Revolução Francesa, centro das revoluções liberais que produziram o advento político da burguesia chamada liberal. Nesta página estão expressas não só o primeiro grito de revolta que se proferiu no Ocidente contra as diferenças de classe mas também a crítica contra o princípio dinástico que envenenava reinos e povos em toda Europa.

O fato histórico que provocou o capítulo “Des Cannibales” foi a ida de um grupo de índios brasileiros à corte de Rouen, em 1557(?). Narra Montaigne que interrogado sobre se muito se admirara do luxo e conforto dos palácios de Rouen um índio brasileiro havia respondido: “Muito. Mas o que mais me admira é que o povo que vive na lama e no frio não queime esses palácios”. Em seguida, vendo a figura mirrada e caquética do monarca Carlos VII, que sentado no trono tinha a seu lado, de pé, um magnífico guarda suíço, um outro índio teria perguntado por que não se retirava do trono aquele tipo enfermo e ridículo de rei para sentar-se nele o suíço esplêndido e feroz. Evidentemente há nessa segunda intervenção toda a revolta contra o princípio dinástico que vem liquidando ao longo da história as casas reinantes da Europa. Enquanto na primeira resposta está o grito inicial das revoluções de classe que, desde as guerras campônias até a revolução bolchevique, têm presidido as transformações da História Moderna.

Se, de um lado, o Humanismo fazia voltar o homem aos seus alicerces humanos e naturais e o Renascimento recontrar o corpo humano, soterrado por séculos e séculos na cripta por sobre a qual se elevaram os monumentos místicos da catedral e do convento, em outro setor da Europa dava-se uma transformação profunda da política religiosa. Foi a Reforma.

De há muito que se haviam tornado insuportáveis as condições de vida dos camponeses entregues ao domínio arbitrário da feudalidade nórdico-oriental. Se as revoltas que agitaram essa parte

32 Na coleção dos Pensadores há trechos traduzidos dos *Ensaio*s de Montaigne. São Paulo, Abril, 1980.

da Europa sempre se recobriram dos slogans do cristianismo, nem por isso deixaram elas de abalar toda a construção econômica e política que fizera a longa tradição do Santo Império. O cristianismo possuía um fundo de reivindicações populares capazes ainda, naquele tempo, de produzir um poderoso fermento de revolução. E foi assim que, seguindo o Cristo popular e seu apostolado social, um grupo chamado herético tentou restaurar as primeiras condições ideológicas da que tinham saído o apostolado de Pedro e de Paulo, bem como a existência das primeiras comunidades cristãs. Nem todos esses restauradores da pureza primitiva do cristianismo se deixaram impunemente trucidar como Thomas Morus e John Ball na Inglaterra e John Huss na Boêmia.³³ Outros de espírito mais prevenido e belicoso conclamavam os crentes e formaram hostes raivosas que iniciaram sua vindita queimando castelos e devastando propriedades.

Na “Guerra dos Camponeses”, Frederico Engels esgotou magistralmente este momento grave dos prenúncios da era moderna. O herói da revolução campônica foi Thomas Münzer,³⁴ que chegou a pôr em perigo as instituições vigentes. Não teve, porém, a força necessária para levar avante as transformações radicais da sociedade que pretendia. E todo o fruto de suas penosas e sangrentas campanhas foi colhido por um monge oportunista, cujo único mérito é o de ter limitado ainda mais o poderio do Papado, retirando de suas garras a mais rica e poderosa metade da Europa.

Martinho Lutero teve a sua definitiva desilusão religiosa numa viagem que fez a Roma, no ano de (?). Aí viu ele o desmoronamento moral do Papado e a orgia perene em que ele chafurdava. Bem longe estavam os tempos em que Gregório VII, que instituíra o celibato dos padres, clamava contra a imoralidade e a simonia.

Lutero teve a habilidade de ligar-se politicamente aos príncipes alemães, ansiosos de se libertarem de seus compromissos com Roma.

O que caracterizou, porém, a Reforma foi a sua libertação espiritual. Lutero proclamou que o homem podia ligar-se direta-

33 Thomas Morus (1478-1535), autor de *Utopia*, 1516, com tradução portuguesa da Europa América de 1973; John Ball, padre inglês, temido pelas suas pregações em favor da igualdade social; John Huss (1369-1415), filósofo reformador da Boêmia.

34 Thomas Münzer (1489-1525), teólogo e revolucionário alemão, líder de insurreições camponesas.

mente a Deus sem a intromissão hierárquica do sacerdócio. A graça divina era bastante para produzir a salvação das almas sem a coretagem dos ritos e dos sacramentos.

Essa intimidade com Deus iria produzir no mundo moderno a doutrina pasmosa da eleição do homem rico, justificado no seu latrocínio de classes pela preferência de Deus. Desde aí o comerciante poderia roubar a semana inteira, contanto que no domingo, dia do Senhor, fosse se prosternar ante o seu invisível mas certo e complacente aliado.

A Reforma não só roubou ao Papado imensos e poderosos territórios, habitados pelos povos mais cultos da Europa, mas foi sobretudo a alentadora do espírito burguês, que sobre seus auspícios produziu a primeira Revolução Industrial.

Com a Reforma, fecha-se a tríade ideológica que abateu as formas perecidas do medievo. Humanismo, Renascimento e Reforma deram as diretivas que, apoiadas no desenvolvimento do mundo novo, iriam criar a mentalidade moderna e o progresso do homem na sua caminhada histórica.

Se de um lado o humanismo ocidental afastava a cultura europeia do Papado e da Igreja, de outro Melanchton,³⁵ conservando-se fiel aos mitos do Cristo, também abandonava qualquer compromisso com Roma. Assim sendo, preparava-se a Europa para a dúvida do século XVII, a revolução armada do século XVIII e a definitiva libertação das idéias no progresso científico e cultural do século XIX.

No correr do século XVII, o ceticismo, que fizera os humanistas, alentara a libertação plástica do Renascimento e dera à Reforma as suas bases progressistas, atingiu o próprio âmago e o fundo sacrário da filosofia.

Três homens encheram com sua ação intelectual esses 100 anos que iam marcar um grande passo na recuperação dos caminhos humanos. Desses três homens, um foi um reacionário perigoso e penitente, Leibniz, e os dois outros, Descartes e Spinoza, marcaram etapas no levantamento das idéias de seu tempo.

Leibniz é uma figura abjeta que por ter feito progredir as matemáticas e criado o cálculo infinitesimal não se salva da sua interesseira sordidez como homem e como pensador. Pode-se dizer, com certa ênfase marxista, que o caso da mãe do filósofo la-

35 Philipp Melanchton (1497-1560), professor de grego, companheiro de Lutero.

caio de Hanover ter encontrado algumas centenas de milhares de francos no travesseiro iria produzir “o melhor dos mundos”, e a filosofia do otimismo imbecil enquanto o fato de Sören Kierkegaard ter visto seu pai na cama da criada ia dar o *Conceito da Angústia* e o *Tratado do Desespero*.

Certo é que Leibniz, por maior que seja a sua contribuição intelectual, nunca passou de um sórdido esteio da Igreja, da monarquia e das atrasadas formas feudais que conheceu.

Muito mais importantes para as conquistas espirituais da humanidade foram o francês René Descartes e o judeu português Benedito Spinoza, que viveu refugiado na Holanda. Uma só frase de Descartes pode absolvê-lo dos pesados compromissos que foi obrigado a assumir para com a catolicidade alertada que o perseguia e cercava. Não se pode esquecer que foi essa a época da condenação de Galileu (cf.) e que, se o próprio Descartes chegou a queimar um livro seu de pura pesquisa científica, tinha mais de uma razão poderosa para admitir publicamente a existência de Deus e tolerar todo o arsenal de mistificação e de dolo que a Igreja, senhora da corte francesa, procurava prolongar a todo custo.

O fato de Descartes ter enunciado como chave de seu enigma aquele admirável “j’avance masqué” basta para fazer compreender os recuos e balanços com que ele se furtou à temibilidade do braço secular. A obra de Descartes foi além de suas conquistas matemáticas, pois teve o mérito de pôr fim às torvas cogitações do tomismo medievo que pretendia trazer ainda a Escolástica aos debates do mundo moderno.

Algumas frases apenas, colhidas na obra do filósofo francês, são a pedra de toque dessa reviravolta que ele ocasionou nos caminhos confusos que a padralha erudita ainda pretendia indicar à cultura e à civilização. O importante foi René Descartes ter criado, contra um mundo de aberrações místicas e de esclerose espiritual, o racionalismo. Do seu método, das suas idéias claras e distintas, vem uma linha reta que daria em nossos dias o poder persuasivo de Lênin. Aliás, é deste a seguinte expressão: “É preciso fazer penetrar no cérebro do proletário idéias claras e simples como pregos”.

Descartes foi, na metodologia intelectual e pedagógica, o criador do prego, isto é, da idéia irrefutável. O que representa no século XVII a vida e a obra de René Descartes é um monumento de sabedoria, de bom senso e de cultura, em face do pesadelo

pascaliano e da escusa briga entre jansenistas e jesuítas que encheu de um inútil clamor toda essa época. Descartes conquistou para si a laura de primeiro pensador moderno da Europa, a era da razão e do seu predomínio longe das tricas com Deus, com a revelação e com os padres.

Se, desviada pelos interesses políticos da burguesia ascendente, essa razão se tornou uma razão de classe, nada infirma ou nega ela ter sido o ponto inicial dos progressos intelectuais e científicos da modernidade.

O caso de Spinoza talvez seja mais curioso como aventura íntima do espírito. Não podendo derrocar Deus, pois tinha contra si a sentinela à vista da reação, o filósofo português concebeu e lançou um novo conceito de Deus, que equivalia a anulá-lo completamente. O seu *Deus cive natura*³⁶ exprime o derrocamento dessa criação antropomorfa, nefasta e interesseira que por milênios procurou entregar o homem, através do sacerdócio, aos interesses nefandos e inconfessáveis das classes possuidoras.

Desde o estorno ideológico produzido no século V de nossa era pelo habilidoso Clemente de Alexandria, nenhuma outra façanha colocou em maior perigo a mistificação cristã. Deus, que com Clemente e Constantino passara a habitar o céu ptolomai-co, esperando para julgar as almas indefesas das criaturas, passava agora a ter um sentido que abarcava toda a natureza. Era o fim do antropofornismo divino que tivera o seu clímax na descida à terra da própria divindade, encarnada na Galiléia.

A grande obra de Spinoza, a sua *Ética*, onde ele reuniu os grandes elementos de sua filosofia, só foi publicada depois de sua morte. É que apesar das tradições liberais da Holanda reformada e das tradições progressistas do príncipe de Orange, Maurício de Nassau, fortes e sábias razões devia ter o mestre de Amsterdã para temer os resultados de sua pesquisa, que viram jogar por terra as próprias bases do cristianismo e de qualquer outro credo antropomórfico.

Teimosa mas inutilmente foi a atuação bisbilhoteira e cínica de Leibniz, procurando sondar o tesouro secreto da ética. Sabiamente Spinoza o afastou do conhecimento do resultado de suas meditações.

O grande valor de Spinoza foi ele não ter contrariado por ateísmo ou vaidade progressista a realidade de uma medida religiosa do homem nos seus contatos com a terra. Aí o sentimento

36 Deus ou a natureza.

órfico aparece na extensão total da própria natureza. Dele emanam o bem e o mal num maniqueísmo que dispensa bem a luta de divindades opostas. Importantíssima também apresenta-se na História das Idéias a liquidação de todo e qualquer antropofornismo divino. Deste modo é Spinoza o marco inicial das agitações da filosofia sem Deus.

Impossível é continuar este quadro da evolução das idéias que fizeram o mundo contemporâneo, sem dar toda a atenção às transformações gigantescas da economia e da sociedade que separaram a Idade Média de nossos dias.

Se tomarmos como base para nosso estudo da economia humana a sua divisão em economia do ser e economia do haver, vimos que fica ultrapassada a crítica marxista que parte do marco inicial do salário e da empresa para sua observação do fenômeno capitalista. Se não houve capitalismo no sentido rigoroso de Marx na antiga Babilônia ou no Egito, houve aí uma economia completamente diversa da economia medieval e da que presidiu milenariamente a vida social das grandes monarquias agrárias. Se não houve capitalismo em Babilônia, no Egito ou na Grécia, e sobretudo em Roma, houve aí alguma coisa muito parecida. Por ser baseada na escravatura, os povos não deixaram de ter relações comerciais e fenômenos de acumulação e de miséria.

Muito mais persuasiva e clara nos parece a expressão economia do haver para dar o sentido da transação, do comércio e da divisão arbitrária da sociedade em classes possuidoras e classes exploradas. Enquanto na economia do ser se exprime uma forma de vida compensada não no dinheiro, mas num equilíbrio social que a todos procura dar o seu lugar ao sol. Nesse ponto não se pode incriminar a Idade Média de ter carregado em sua cultura os sinais da desalmada exploração humana que produziu a primeira Revolução Industrial.

A Idade Média, como atingiu na arquitetura o classicismo da catedral, também atingiu na economia o classicismo do justo preço. A sociedade medieval, pelos organismos dirigentes, não permitira, a não ser em épocas tardias, que se consentisse para os senhores feudais uma despudorada acumulação de riquezas ao lado de uma desoladora miséria das classes trabalhadoras. É verdade que os valores eram outros e que sem um esquema ideológico que produzisse na vassalagem uma convicção de solidariedade retribuída pelo castelão bom, justo e fraterno companheiro

do habitante de seus latifúndios, nunca seria possível conter em paz, durante séculos, uma humanidade viva e naturalmente sedenta de seus direitos e regalias, como foi a que estabilizou no campo europeu, após o caos das invasões. Mesmo nas formas finais da Idade Média, que são a corporação cidadina e o grêmio, nota-se ainda o espírito de *compagnonnage*³⁷ que colocava sem rixa e sem ciúme o mestre ao lado do companheiro.

De modo que todo este período abandonado pelo ferro em brasa da sociologia de Marx teve uma existência diversa, baseada numa economia diversa da que se desenvolveu com a descoberta e aferição dos recursos do Novo Mundo.

Com a volta esperançosa das naus de Colombo, houve logo um estímulo da técnica, um estímulo do lucro, um estímulo da invenção e um estímulo do trabalho, tudo isso contrariando o universo fechado e pacífico que resultara da derrocada do Império Romano. Sabe-se mesmo que se antecipando a conquista das liberdades civis do Renascimento algumas cidades italianas procuraram escapar ao jugo tradicional do Santo Império Romano. Assim, por absurdo que pareça, foram elas o aliado natural e teimoso do Papado nas lutas contra a restauração do velho império, tentada pelos Hohenstaufen³⁸ e particularmente por Frederico II. A História assinala como uma das suas raras e grandes derrotas a sortida dos habitantes de Parma sitiada. Parecia aos primeiros libertários do municipalismo italiano menos pesado e duradouro o jugo do Papado que a férrea mão do grande germano.

Assim, a luta entre guelfos e gibelinos, entre partidários do Papado e servos do Imperador, preparou os quadros em que se iam processar as primeiras liberdades do Renascimento. Ainda, em plena Idade Média, é verdade que já na Idade Média madura do tomismo e das catedrais, os prematuros sinais de vida dos tempos novos procuram expressar a marcha da história. Fato é porque, sem o acontecimento decisivo do encontro de um novo mundo e de um novo homem, talvez se estiolassem essas primeiras brisas da consciência liberal européia.

Também foi a Itália a precursora das formas econômicas da vida burguesa em Florença (V. Sombart — Conferência)³⁹ conhe-

37 Companheirismo.

38 Família imperial alemã.

39 Possivelmente Oswald está referindo-se ao estudo *O Burguês*, de 1913.

ce-se a primeira escrita comercial e aí floresceu a primeira casa do tipo burguês.

Antes, porém, de chegarmos ao estabelecimento dessas novas formas de vida, vejamos o que foi o panorama estático da vida medieval.

Carlos Magno no século IX (?) levou mais de trinta anos para vencer pelas armas os saxões a se batizarem. Mas depois disso, excluídos naturalmente os territórios pelo Islã, toda a Europa conhecida (?) estava cristianizada. Assim, para as populações que tinham tido como berço político o Império Romano e que agora depois das incursões bárbaras, se haviam organizado sob o domínio espiritual da Igreja, apenas a primeira parte da existência se processava no mundo visível. A vida na terra era um trânsito. E terminados os dias de cada um, pecador ou pecadora, iria direto prestar conta de seus atos ao criador. O domínio da Igreja do Cristo foi unânime e deste modo tornou-se fácil organizar-se a sociedade que beneficiava das compensações e alegrias, ou recebia a resposta de pecados e malefícios num invisível mas eterno tribunal superior. Quando se vê na primeira metade do século XIII (?) um espírito da robustez e da independência do Imperador Frederico II, maior relevo tomam suas atividades em meio do charco estagnado da opinião medieval.

Que se passara desde a derrocada política do século V, quando, convertido, Constantino dividiu o Império numa parte oriental e noutra ocidental. Depois da inútil e heróica defesa das bases do Império, por dois chefes bárbaros romanizados, Aécio e Styricon, não houve possibilidade de manter por mais tempo a civilização que dera César, Virgílio, Cícero e Marco Aurélio. A vitória de Teutburg, logo no início da era cristã, fechara aos romanos o mercado de escravos que constituía a Germânia, colocando mesmo no dorso do Império a ameaça de uma farpa guerreira. Outro acontecimento que viria transformar a vida do Lácio foi o desmembramento da Dácia balcânica, ocorrido no século(?). Era mais um colossal viveiro de escravos que desaparecia com sua fonte de trabalho gratuito para os romanos. Uma frase célebre de Plínio, o jovem, exprime a situação — *Latifundia perdidere Italiam*.⁴⁰ Os extensos terrenos que constituíam as fazendas latinas exigiam uma contínua renovação de mão-de-obra. Estancada esta na Ger-

40 Os latifúndios arruinaram a Itália.

mânia e na Dácia, os trabalhadores faltaram para a pesada faina de manter os latifúndios. Foi necessário produzir-se uma transformação social no trabalho servil, transformação esta que iria preparar as futuras convenções da Idade Média.

A escravatura viu seus dias contados e a ela substituiu-se, por todo o Império, a servidão, que já era um contrato humanizado, onde servo e senhor instituíam uma participação nos resultados do trabalho e assim se criava entre ambos uma inédita comunhão de interesses.

O estabelecimento da servidão marca os inícios da Média Idade econômica. Assentadas as camadas invasoras, todas convertidas supersticiosamente à religião do Cristo, foi fácil às abadias, conventos e igrejas que se haviam substituído ao município romano influir para a estabilização da existência econômica e social.

É necessário insistir sobre o caráter matriarcal que tomou a Idade Média em face do derrocamento do poderio patriarcal romano. Não seria o tumulto dos carros de combate, dos germanos, suevos, alanos, godos, hunos, vândalos, que traria, na conquista e dilapidação dos vastos bens latinos, um código de moral monogâmica. No entanto, historiadores e sociólogos esquecem essa fase essencial de transformação dos costumes do Ocidente, que o cristianismo mesmo vitorioso e oficial não poderia deter de modo nenhum. Pode-se afirmar que desde o século V até o IX, isto é, a centralização de um novo poder monárquico, o de Carlos Magno, coroado pelo Papa no ano 800, o que presidiu a vida incerta e nômade da Europa foi o mais completo e livre estado de poligamia. Isto ligado a uma concepção do bem-estar geral que fugia a qualquer cogitação de acúmulo de riqueza e exploração de classes. É o que se deve chamar de economia do ser ou economia matriarcal, pois o que preside aí a existência coletiva de um grupo, de uma tribo, de uma nação é a boa e imediata distribuição dos bens adquiridos ou conquistados.

Claro está que o homem bárbaro como o civilizado possui uma normal atração por metais e pedras preciosas. Mas é evidente que esse pendor da natureza humana, eternamente deficitária, significa que antes de promover o acúmulo de tesouros como riqueza o homem o faz tendo em vista a posse de adornos valiosos e duradouros. O mesmo se dá entre os povos naturais.

Na história conhecida já se constatará a existência de fases pseudocapitalistas ou mesmo capitalistas entre os povos mais avan-

çados da terra. A vida em certas regiões do Oriente, como no Egito, atesta esse fenômeno. Mas o grande *rut*⁴¹ que liquidou o Império Romano era realizado não por povos tão superiormente organizados e evoluídos. Tratava-se de hordas de tipo matriarcal que vinham afogar as tradições jurídicas patrilineares da cultura romana nas ondas impetuosas desregradas de sua fome e de sua seiva sexual. De que modo o Direito Romano, que havia sido apenas condensado por Justiniano nesse mesmo século V, (cf.) poderia opor as suas barreiras legalistas a essa humanidade sedenta de usufruição e de gozo que vinha nas invasões? Em que língua poderiam padres, pretores ou râbulas moralizar aquelas frenéticas populações vazadas no fundo dos abismos do mundo, que só conheciam a liberdade do amor e a realidade da presa?

Uma curiosa *poudrie*⁴² tem nublado essa fase da história do Ocidente a fim de que se perca o seu caráter profundamente marcado pelo regime matriarcal que nela deixou impressionantes vestígios. Somente a fecundidade jorrada e renovada do coito livre e eugênico poderia, no primeiro desequilíbrio do mundo medieval, fazer resistir essa amálgama humana aflitivamente abatida pelos revezes da fome e da peste, da guerra e da anarquia e trazê-las até dias mais claros.

Hoje, podemos verificar que uma das instituições centrais do matriarcado, chamada o avunculato, e que é apenas o domínio da família e da casa pelo tio materno, pois que ali não existe a figura do marido e do pai, no sentido que lhe atribui o patriarcado, permanece intacta até os séculos posteriores à alta Idade Média. Não é somente necessário buscar o testemunho das canções de gesta onde tios e sobrinhos tomam sempre o primeiro plano dos fatos. Na Germânia, a crônica histórica declara que durante mais de um século, do ano 919 ao 1024, a eleição do soberano indicava geralmente os sobrinhos sucedendo aos tios. E a dinastia que se seguiu aos carolíngios se honrava de descender deles pelas mulheres, o que poderia ser exato, pois um pouco do sangue de Carlos Magno teria circulado nas veias da esposa de Hugo Capeto.

A bastardia foi uma larga e penetrante instituição medieval e somente nas proximidades do Renascimento é que contra ela

41 Sulco.

42 Poeira.

se erguem as sátiras e as maledicências. Mais de um testemunho feudal narra como um hóspede de um castelo recebia a visita noturna da filha ou da mulher do castelão, para massagem e outros passatempos agradáveis.

O realismo da vida livre do medievo sexual tem inutilmente sido deturpado pela moral infecciosa dos escritores cristãos. Uma farta messe de anedotas documentada, no entanto, como um dos grandes fatores da economia do ser foi a livre vida amorosa que teve larga expansão nos séculos precedentes à Reforma gregoriana, onde se pôs termo ao casamento ou união do sacerdote, o qual seguia, no entanto, a boa tradição do apóstolo Pedro. Mesmo assim, afirma-se que a reforma de Gregório VII só fez cessar os costumes conjugais do episcopado.

O velho poema da *Girart de Roussillon*⁴³ narra também a hospitalidade sexual fornecida a um cavaleiro de passagem no castelo. E por toda a antologia de poemas e narrativas daquele tempo é exaltada, sem falso pudor, a sensualidade da mulher.

Com o fim da Alta Idade Média, e os costumes mais morigerados, passou-se ao cultivo do amor cortês, onde, no entanto, a mulher é a dominadora absoluta do ciclo, produzindo não só as Canções de Amigo em Portugal como vasta literatura da Provença. Diante da senhora de seus sonhos, o amante, cavaleiro ou poeta exprimia-se em termos de vocabulário vassálico.

O *Jus primae nocte*⁴⁴ impera e não será Carlos Magno, esteio da cristandade, quem venha pôr ordem na lassidão e no relaxamento dos costumes conjugais. Ele mesmo teve cinco mulheres legítimas. Apesar disso, o Imperador reage contra a licenciosidade imperante do clero. Numa capitular de 802 ele manda que se examine a vida dos padres e a sua castidade. O crime de incesto é, mais que qualquer outro, condenado e punido, o que denota a vulgarização desse hábito. Já na segunda década do século IX os sínodos e as bulas desencadeiam uma ofensiva tremenda contra as ligações até a quinta geração do parentesco. No mais, já no limiar do Renascimento, que o Aretino nos informa sobre a vida dos conventos de seu tempo.

Para ilustração final, não nos esqueçamos de que qualquer padre surpreendido roubando uma dama nobre era obrigado a entregá-la como todo o dinheiro que levava.

43 *Girart de Roussillon*, canção de gesta em provençal.

44 O direito à primeira noite.

Mas o que realmente divide em dois a Idade Média é o espírito dadivoso, desprevenido e mesmo pródigo que caracteriza a economia do ser e que presidiu aos primeiros séculos da transição, em face do amealhamento e do acúmulo de valores que prenuncia a economia do haver, portanto o espírito burguês que já se revelou em certos episódios e casos da segunda metade do medievo. Estamos em plena economia do ser, quando um cavaleiro acusado de ter depredado alguém declara: — Não é para mim e sim para dar aos outros. E realmente dava. Porque o código de honra que presidiu aos primórdios dessa época baseava-se em valores outros do que os que fizeram a economia do haver, ou seja, a ânsia da acumulação e do lucro que caracteriza o espírito burguês. A vida quotidiana se mistura à vida supraterrena. Não é aqui no mundo que se termina a existência.

Se a economia do ser chegou a firmar a conquista do “justo preço” como o “juízo de Deus” (cf.) e fez condenar pelos teólogos a legitimidade do lucro intermediário, é porque os laços de vassalagem que ligavam servo e senhor eram baseados no juramento “de ajuda e amizade”, laços esses que se desfizeram na criação da “comuna”, onde o juramento mútuo dos burgueses se baseava na igualdade e no trabalho. Isso, porém, não parou aí. Já Carlos Magno coordenara, se bem que com outro espírito, o cavalleiresco, as “guildas” populares. O que de fato arruinou o conteúdo igualitário da “comuna” foi a gana da acumulação do lucro que estabelecia as desigualdades sociais e se apoiava fortemente nas instituições monárquicas que, através do fisco, tiravam dela imensos proveitos. A cavalaria, que por longo tempo se mantivera pura e ausente de qualquer transação monetária, deixou-se envenenar pouco a pouco pela compra de títulos de nobreza. E de 1250 a 1400 produziu-se uma vasta hierarquização do mundo feudal, onde a Igreja não jogou com o menor papel. A chantagem das penas do inferno fazia passar através de doações imensos latifúndios para o cofre de abadias e conventos. Quem se entregava à Igreja não só gozava das liberdades e franquias que lhes eram asseguradas no país como também a da “liberdade eterna que está em Cristo”.

Tudo isso fazia crescer no horizonte social o instinto da herança, base e força do patriarcado.

Foi um dos filhos de Carlos Magno (cf.) quem legalizou a herança real até aí exposta a aventuras, motins e eleições. Seguindo

sua trilha, ia caminhar e fazer fortuna a transmissão dos bens ao filho de direito paterno, que na puritana Inglaterra favoreceu sobremaneira o primogênito, pois este era oriundo pela necessidade de prolongar a família, enquanto os outros eram gerados pelo despudor, pelo gozo e pelo pecado. Estava liquidada a configuração matriarcal da Idade Média.

O fino iluminista Miguel de Cervantes fechou esse ciclo decisivo da história do Ocidente com uma gravura genial. O *Dom Quixote de La Mancha*⁴⁵ é a epopéia do equívoco. Um homem de pendores pedagógicos, formado na leitura dos livros que perfumam a primeira Idade Média, sai de casa, ao claro sol de um dia útil, para endireitar o mundo. E em vez da justeza e da justiça, encontra, já instalados nas cidades e pelos caminhos, o lucro, o mercado, a inverdade e a subjugação impune do débil pelo forte.

Houve quem dissesse que a cidade criou uma humanidade especial. É essa humanidade especial amparada nas diferenças da economia e do haver que o cavaleiro tardio vai encontrar. Em meio das instituições do patriarcado, o que perdura da dramática desilusão do velho e anulado lutador ainda é o ideal lírico dos trovadores do matriarcado — aquela Dulcinéia radiosa que presidiu a todo um período humano de cinco séculos.

Como se vê, desde os fins da Alta Idade Média duas atitudes se acentuam no correr da vida européia. Uma é ainda expressa em sentença contra a acumulação, já no século XIII, pela ingenuidade de Santo Tomás de Aquino “O dinheiro só existe para ser gasto” (*Usus pecuniae ipsius*) quer dizer : para não ser capitalizado. A outra, pouco depois dessa época na mesma bela terra de Itália, é ditada pelo florentino Alberti, que deixou dos melhores e mais completos documentos sobre o fim da Idade Média e o começo do capitalismo burguês. Afirma ele sobre a vida dilapidadora dos padres do século XV: “Os padres queriam ultrapassar todos os outros pelo brilho e a magnificência que os tentam; queriam possuir muitos cavalos bem cuidados e ricamente equipados; querem se apresentar em público com um grande séquito e se tornam dia a dia mais insolentes, viciosos e desocupados. Se bem que a sorte ponha à sua disposição inúmeros meios, eles vivem descontentes e não pensam nem em economizar nem

45 Há uma edição brasileira de 1991 do *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes (1547-1616), pela Editora Abril.

em exercer uma atividade útil, mas, unicamente, nos meios de satisfazer suas ambições superexcitadas. Suas rendas são sempre insuficientes e não chegam nunca a cobrir suas despesas exageradas”.

Evidentemente não é no mesmo sentido, antes em sentido diametralmente oposto, da justa recomendação de Santo Tomás que os padres gastam o que têm e o que não têm.

Fora-se portanto aquela boa ambição, comum aos povos naturais, que, entre outros, os germanos fronteiriços do Império Romano exprimiam em ter adornos, baixelas e jóias em metais e pedras preciosas. Agora já é o puro som do capitalismo com o claro fenômeno que se expressa na alta consciência desse grande florentino Alberti, posto em relevo pelo estudo clássico de Werner Sombart, sobre o burguês. Já é o amoedamento que preocupa os espíritos e a usura que dele se usufrui, bem longe dos tempos em que se acumulavam tesouros, tendo em vista o metal como metal e não as suas miríficas possibilidades de transformação em moeda. É quando o humanista Erasmo grita que todos obedecem ao dinheiro (*Pecuniae obediunt omnia*). O egoísmo já se exprime neste curioso adágio: “Quem não encontra dinheiro na própria bolsa, muito menos o encontrará na bolsa alheia”.

Bem longe estamos da instituição do “justo preço” que, segundo a autoridade de Henri Pirenne,⁴⁶ só vigorou até meados do século XI. Apesar disso, em pleno século XIII, Tomás de Aquino, na maturidade das catedrais, ainda se bate como um leão contra qualquer espécie de negócio, particularmente de juro. A igreja medieval só tem um termo para exprimir sua aversão ortodoxa contra essa prática que de há muito se insinua nas cidades e mesmo nos conventos. Tudo isso para ela não passa de usura. O “justo preço” é o que o objeto vale. A lei da oferta e da procura constitui crime, pois introduz entre o “justo preço” e o preço real uma margem de ganância que facilmente pode ir ao despropósito. Só o Estado, cuja função é assegurar o bem comum dos súditos, pode controlar tal espécie de transações. O comércio, como assunto privado e livre, é banido da cidade do Aquinata. Ele não propõe nenhum sistema, mas os seus princípios são inflexíveis e severos. Realizar um ganho sobre um direito é uma injustiça; portanto, não deve ser praticado. O comércio como comércio é um vício abominável. É ilícito cobrar qualquer juro sobre dinheiro empresta-

46 Henri Pirenne (1862-1935), historiador belga, medievalista, estudioso das cidades antigas.

do, pois isso corresponde a vender alguma coisa que não existe *quia venditur id quod non est. (Suma Teológica)*.

Os argumentos de Santo Tomás são realmente curiosos. Se alguém empresta a outro um copo de vinho, tem direito à restituição desse copo e nunca de um copo e meio, como pretendem fazer com o dinheiro os usurários. A sua posição é sempre contrária aos emprestadores. Já Étienne Gilson, que comenta n' *O Tomismo*⁴⁷ o "justo preço", endossa as evasivas que depois a Igreja adotou em face do negócio. Para ele, a lei não é xipófaga da moral. E o Código Civil tende somente a tornar suportável a vida em sociedade.

O pensador católico moderno coloca-se, portanto, numa grande distância dos anátemas tomistas contra a economia burguesa e liberal.

O pensamento do Aquinata vem diretamente do Evangelho (Mateus XXI, versículos 12-13). "E Jesus entrou no templo de Deus, expulsou todos aqueles que vendiam e compravam; derrubou as mesas dos negociantes e as cadeiras daqueles que vendiam pombas. E lhes disse: 'Está escrito: Minha casa será a casa da oração e vós fizestes dela uma caverna de ladrões' ". Isso já está na linha de Agostinho bem como na de Crisóstomo e, ainda, em mais de um Padre da Igreja nitidamente comunizante.

Tudo isso corresponde a manifestações da economia do ser que é a economia matriarcal. Caracteriza-se ela, como já vimos, num equilíbrio de valores que independe e ao contrário se afasta do fenómeno da acumulação. Não existindo o cancro da herança poder-se-ia pensar, como se pensou, em "justo preço", em condenação da usura e em valores de *camaraderie*⁴⁸ presos à vassalagem, onde, estabilizada a primeira camada resultante das invasões, o servo sentia como que laços de sangue que o ligavam ao senhor. A cavalaria era sobretudo a gratuidade na busca da justiça.

Tudo isso, porém, não caiu feito do céu. Era um lento processo de existência social, formado na prova do isolamento e da ausência de comércio que caracterizou a Alta Idade Média. Desde o século VII, ou seja, do aparecimento do árabe na terra européia, viu-se liquidado todo contato comercial com o Oriente. Pode-se afirmar que somente o judeu conseguiu atravessar esse período como negociante. E por isso judeu foi sinônimo de *mercator*.⁴⁹

47 Étienne Gilson (1884-1978), filósofo francês.

48 Camaradagem.

49 Mercador.

Mesmo assim, esse comércio era mínimo, e se houve transações, essas procuraram a única saída, que foi a via báltica (cf.). Se Constantinopla, em 719, conseguiu safar-se do cerco sarraceno, Barcelona caiu em 985, Sicília entregou-se com a tomada de Siracusa. Daí as correrias árabes partiram para o Norte, chegando a pôr em perigo Roma, onde conseguiram sitiá-lo o Castelo Santo Ângelo em 846.

A ruptura de toda ligação comercial com o Oriente fez a Europa viver numa economia fechada em torno do latifúndio. Este reproduzia a vila gaulesa da época imperial romana e constituía-se, além da reserva senhorial, de inúmeras concentrações de colonos que permaneceram em sua forma primitiva durante as invasões germânicas, e se conservaram na França merovíngia, tendo sido levadas com a conversão aos limites dos territórios cristianizados. Nelas a licença sexual fecundava os gineceus e mantinha o marcado caráter matriarcal das sociedades agrárias.

Tudo porém se transforma, e essa cultura, que vivia exclusivamente presa à terra, viu partir de Veneza, a cidade sem terra, o retorno afrontoso ao comércio, ao dinheiro e às demais manifestações de um novo ciclo patriarcal.

Contrariando toda tradição do equilíbrio medieval, o comércio, já antes de Santo Tomás, mostrou a sua carantonha feroz, quando os inimigos ideológicos mais temíveis — a cruz e o crescente — resolveram pouco se importar com a religião de seus clientes, contanto que pagassem. O primeiro comércio moderno foi o de carne humana, pois os venezianos não se pejaram em enviar, a troco de metal sonante, jovens escravas cristãs para os haréns da Síria e do Egito. Em seguida, trataram de negociar outro material muito procurado e caro, isto é, madeira e ferro, com que os maometanos forjariam suas armas de guerra para dar combate aos adeptos de Cristo. Tradição que, depois de ter produzido a inviolabilidade das usinas Krupp e Cleusot, na Primeira Guerra Mundial, veio dar na curiosa aventura dos exércitos chineses de Chang Kai-Chek venderem suas armas americanas aos inimigos comunistas que contra eles se batiam.

Por mais que o Papa ameaçasse de excomunhão esses negócios escusos que quebravam a estrutura da Idade Média, os venezianos alegavam ter a seu favor um totem de grande classe — a relíquia de São Marcos —, que lhes fora trazido de Alexandria no século IX.

Antes de iniciarmos o estudo do desenvolvimento dialético da Idade Moderna, fixado de um lado no progresso do capitalis-

mo e de outro no desenvolvimento humanístico e revolucionário trazido pelo surgimento do homem natural, devemos fixar a evolução da igreja medieval, que teve no Papado do século XI o seu apogeu. Foi na luta contra o império civil, representado pela maior figura dessa época, Frederico II, considerado o primeiro dos modernos.

A origem da briga entre o Papado e o Império pode datar-se do ano de 962, no século X, quando foi criado por Oto, o Grande, o próprio Império que na História tomou o nome de Santo Império Romano. Imediatamente o Imperador estipulou que o Pontífice eleito canonicamente só podia ser consagrado depois de prestar juramento de fidelidade ao soberano que ele era.

Quase um século depois, já no ano 1059, conseguiu a Igreja Romana libertar-se da submissão ao Império: foi nesse ano que a eleição de Estêvão IX e na mesma época o Concílio de Latrão, promovido por Nicolau II, colocaram a eleição pontifical nas mãos dos cardeais. Esse decreto de Latrão, que traz a data de 13 de abril de 1059, produziu a revolução jurídica que levaria suas conseqüências à luta com Frederico II e, mais tarde, com Felipe, o Belo, de França.

Aparece aí a figura primacial do monge Hildebrando, que eleito Papa muito mais tarde sob o nome de Gregório VII soube, no entanto, antecipar o seu pontificado desde o Concílio que reivindicava para a Igreja a sua autonomia eleitoral. Foi ele, Gregório VII, o pensamento, a alma, a ação do Papado no seu apogeu.

Pode-se afirmar que a reforma da Igreja no século XI, com toda a sua violenta ortodoxia, é obra do monge Hildebrando, ou seja: Gregório VII, e daí chamar-se reforma gregoriana.

O Papa viu o seu grande lance no episódio de Canossa, quando o seu primeiro grande adversário, o imperador Henrique IV, ficou descalço ao relento, durante três dias e três noites diante de seus aposentos a fim de obter a absolvição de suas faltas. O que se ignora é que Henrique IV, muito pouco tempo depois, reconquistado o seu poderio, depôs e exilou Gregório VII, fazendo eleger Pontífice o anti-Papa Clemente III.

A morte de Henrique IV e o advento de um novo Papa de grande energia, Urbano II, repuseram a Igreja no caminho intransigente da reforma gregoriana, preparando o Papado para os terríveis combates desencadeados pelo advento do Imperador Frederico II.

A pedra de toque de toda a doutrina de Gregório VII é a filosofia da alienação do homem, ou seja, da sua absoluta entrega nas mãos de Deus, "de quem procedem todos os bens". En-

tregue a si mesmo o homem nada é. E não pode vencer neste mundo sem a misericórdia de Cristo e o socorro do Espírito Santo.

Sob a influência de pregadores e confessores, entre os quais S. Pedro Damiano, o homem só pode ver diante de si o juízo final e a vida eterna. E só pode querer “morrer para viver em Cristo”.

O grande documento do pontificado de Gregório VII são as Proposições denominadas *Dictatus Papae*, e cuja aparição em 1075 afirma-se ter sido provocada pelo Cisma de Miguel Cerulário no Oriente.

As afirmações desse famoso documento constituem até nossos dias, mesmo no descalabro da igreja do Cristo, a espinha dorsal de seu ensinamento. Vejamos algumas dessas proposições:

- 1ª — A Igreja Romana foi fundada pelo Senhor.
- 2ª — Só o Pontífice de Roma pode ser chamado universal.
- 3ª — Não se pode habitar o mesmo teto com os excomulgados pelo Papa.
- 4ª — Só o Papa pode usar as insígnias imperiais.
- 5ª — O Papa é o Único homem cujos pés são beijados pelos príncipes.
- 6ª — Seu nome é único no mundo.
- 7ª — Ele pode depor os imperadores.
- 8ª — Nenhum texto canônico existe fora de sua autoridade.
- 9ª — Uma sentença sua não pode ser reformada por ninguém. E somente ele pode reformar todas as sentenças dos outros.
- 10ª — Ele não pode ser julgado por ninguém.
- 11ª — A Igreja Romana nunca errou e como atesta a Escritura não poderá jamais errar.
- 12ª — O Pontífice romano ordenado canonicamente torna-se, sem dúvida, santo.
- 13ª — O Papa pode desligar os súditos de qualquer juramento de fidelidade feito aos injustos.

Instituía-se assim, consolidado, o poder temporal da Igreja que se originara numa fraude, a chamada “Doação de Constantino”. Poder esse de que, nove séculos depois num triste negócio realizado com o ditador Mussolini, o Papa Pio XII entregava por alguns milhões de liras o que restava de suas pretensões terrenas.

Armado dessas tremendas prerrogativas, estava Gregório VII pronto para afrontar seu inimigo Frederico II, que contra ele heroicamente se bateu e com mais três Papas, o último dos quais

o insidioso Clemente IV se dispusera a ir buscar, prender e depor em Lyon, onde se refugiara, quando faleceu de uma rápida moléstia.

Frederico II foi o último e o maior dos Hohenstaufen. Sua luta com os guelfos, partidários do Papa, teve curiosas dificuldades dialéticas, como, por exemplo, a de ver se enfileirar nas lutas inimigas os primeiros campeões das liberdades municipais italianas que temiam, mais que o Papado, o fortalecimento do Império. Como o Dante, Frederico foi gibelino e teve no seu passivo guerreiro a sortida de Parma assediada, que desmoralizou as suas forças.

Uma das maiores proezas de Frederico II foi ter realizado uma cruzada pacífica, entrando sem luta em Jerusalém, acompanhado pelos seus guerreiros da Cruz como os do Crescente. O seu universalismo aí se patenteou numa precocidade política que só modernamente foi considerado.

Devido ao infausto e inesperado passamento do Imperador, o Papado continuou de pé, mas tão internamente atingido que logo após o rei de França Felipe, o Belo, fazia eleger um Papa gaulês e por um século colocou o Papado fora de Roma, em Avignon.

Como se vê atingimos o fim da Idade Média e as premissas da era burguesa. Muito mais nos interessa é a paisagem da desagregação do Império Romano. A Roma imperial conheceu muito pouco a paz, e por isso convém estudar a estabilidade de suas instituições, que se vêem abaladas na sua estrutura patriarcal pela teimosa gula dos povos primitivos seus vizinhos, muito distante da Pátria Potestas.

Os germanos, logo na primeira década do século I, dão a terrível lição aos imperialistas de Roma. O cônsul Varus é derrotado em Teutburg no ano 9. Isso vem criar uma situação difícil para o latifúndio latino, pois cessa aí o fornecimento de trabalhadores escravos de além-Reno.

A inquietação prossegue até germanizar novamente os bárbaros. Mas o Império anunciou no reinado de Tibério que renunciava à confusa conquista.

Menos de um século após, Mário salva o império em Aix, no ano 102, portanto, no início do século II. Esses abalos e essas ameaças à organização política, jurídica e econômica de Roma prosseguem até que no começo do século III, em 214, os germanos põem em xeque a potência românica. Portanto, desde essa data, os alicerces do Império se vêem abalados. E por quê? Porque aparecem pela primeira vez os godos dando mão forte a um ramo

independente dos habitantes da Dácia balcânica, que antes fora assaltada por Vespasiano. Seguem-se as datas de 225, 232 que atacam Ocidente e Oriente, até que no ano 275, no século III, surge a devastação ciclópica dos hunos.

Isso quer significar que o patriarcado romano é agitado por novas formas de vida trazidas na lança guerreira dos nômades que o atacam. O matriarcado desde o século III é uma realidade social na confusão daquela humanidade que se mistura. Daí por diante prossegue a gana poligâmica e de nada adianta no despedir da vida política do Império. Justiniano codificou e legislou para uma sociedade que já esqueceu as normas do Direito Romano. Isso, a obra dos juristas virá depois, quando no fim da Idade Média vier a ser restaurado o patriarcado e suas formas cristianizadas.

Não nos interessa portanto assinalar como data essencial para nossos estudos a extinção política do Império Romano ocorrida com Rômulo Augústulo em (?). Muito mais importante é a derrota de Andrinopla, onde o Imperador Valente, batido pela cavalaria goda, viu a invasão. O que nos interessa é mostrar que desde o século III se achavam abaladas as instituições patriciais de Roma e, portanto, começava por todo o Império a existência matriarcal que o cristianismo, ainda não oficializado, de modo algum podia conter. Quando ocorre a conversão de Constantino, o Império naufraga no surto de novas, contínuas, intérmimas invasões. Estas evidentemente não trazem em suas armas o governo do *pater familia* ou a pretendida monogamia cristã.

O que nos interessa não é, portanto, a clássica divisão aceita da História do Ocidente, onde a Idade Média começa no século V e dura dez séculos. Bem antes de ela terminar nos braços robustos da burguesia do Renascimento, já se insinuavam vitoriosamente as formas patriarcais centralizadas pela herança. O que nos interessa é, portanto, o trecho em que as invasões, a partir do século III, põem em leque as instituições de Roma, até o aparecimento de um novo ciclo que denota, pela herança, a morte das instituições matriarcais que pelo menos durante oito séculos presidiam a formação social do Ocidente.

CONSTRUÇÃO DIALÉTICA DO MUNDO MODERNO

O cristianismo é uma religião que ainda não foi posta, pela crítica, nas suas coordenadas históricas, geográficas e racistas. Parece que há da parte dos homens mais livres do Ocidente uma espécie de pena em se estragar uma mitologia que presidiu a formação da Europa e da América. É preciso fustigar com a verdade esta miserável invenção judaico-cristã, despi-la de suas galas hoje completamente inúteis, espezinhá-la morta e liquidada aos pés da exegese histórica e da fidelidade à vida. Como admitir que, por exemplo, o Egito tivesse uma superior civilização durante três mil anos, sem sinal de Cristo ou de Jeová? Antes, este último não passa de um produto egípcio, saído do noivado teológico do faraó Akhenaton com o sol. É preciso manter-se nos faros da mais torva ignorância. Toda uma parte da humanidade ilustre que ainda vive nas cidades cultas da Europa e da América — para se deixar em paz o Vaticano político e as intrigas protestantes.

O homem ocidental, que afinal ainda orienta a terra, precisa despir-se completamente de toda a obscura e caduca mitologia cristã, sacrificar os seus obscurantistas postulados morais dela decorrentes e sobretudo não consentir mais no evenenamento da infância pela pedagogia retardada de padres e de freiras.

A hipótese levantada por Freud sobre as ligações místicas entre Moisés e Akhenaton, de quem aquele teria sido na abertura do *Êxodo* um simples lugar-tenente, está confirmada. Não se trata de nenhuma divagação do criador da psicanálise.

É uma autoridade, Artur Weigall, antigo inspetor-geral das antiguidades do governo egípcio, quem mantém sérias esperanças de que no prosseguir to das pesquisas feitas pela “Egypt Exploration Society”, no loca de Tell El-Amarna, a capital de Akhenaton, se venha a reforçar a versão de que a saída dos israelitas do Egito venha a ter uma direta relação com a revolução religiosa de Akhenaton, versão esta lançada há vinte séculos pelo historiador judaico Flávio Joseph.

Diante das descobertas da ciência histórica e dos itinerários da crítica, como dar atenção a um fenômeno local que, graças às condições de decadência do Império, se espalhou pelo mundo bárbaro Medievo para hoje ainda nos incomodar e atingir?

Uma religião condicionada pela geografia ptolomaica, pela mística da escravatura e pelo confinamento social do mundo an-

tigo não tem o direito de se apresentar e pleitear um lugar ao sol, diante da vida antiga dos antigos impérios — Babilônia, Assíria, Pérsia, Egito — redescoberta sem sombra de ligação com o Deus do povo hebraico e muito menos com o rabi dulcuroso e falso da cristandade.

Onde estava esse deus que nasceu com as primeiras águas, quando o Assurbanipal criava o profetismo raivoso e universalista desnecessário como provação ou quando Akhenaton destroçava as ricas reservas entesouradas pelo clero de Amon. Porque não deu um sinal de existência, já não digamos ao homem do Cromagnon, que, dizem os católicos, não estava preparado para tão alta mensagem, mas na áurea fase do apogeu grego. Porque só na decadência, quando aparece a sordidez postulante de Sócrates, é que esse espírito começou a traçar as vias escuras do seu proselitismo. Por que não se manifestou a Péricles, a César, não converteu Mani, não matou Nero infante?

Todas as patacoadas do cristianismo têm que ser destruídas a ferro e fogo, pois não é argumento buscar nelas reservas e arsenais ideológicos contra a Rússia Soviética. Esta errou na sua triilha revolucionária e pagará espetacularmente os seus desvios. É preciso enforcar, como queria a Revolução Francesa, o último padre, na tripa do último nobre, para termos, enfim, um mundo digno das conquistas da consciência e da liberdade.

INTRODUÇÃO E HIPÓTESE DAS LATITUDES

Teoria sobre o déficit essencial do ser humano

O engano do homem é esquematizar a sua própria natureza e criar necessariamente um conflito entre o que ele é (natureza) e o que deseja ser (esquema idealista da própria natureza). Os maiores erros, portanto, que se processam no correr da vida humana resultam desse conflito entre o que ela de fato é e o que quer ser. Pior ainda é que ele não somente procura enganar os outros, mas vive se enganando sobre sua própria pessoa, suas intenções e propósitos. E, quando surpreendido em falta social, evita como se crime houvesse em confessar seus pendores e sua possível má ação, isto é, sua ação em benefício próprio contra outrem ou contra a sociedade.

Tudo isso decorre de o homem ser um animal deficitário, talvez o único sobre a face da terra, pois o narcisismo, o excesso e as inversões constatadas em outros animais nunca atingem o ponto conflitual que se observa no homem.

Ao contrário das teorias otimistas, nós nos convencemos de que o homem, longe de ser um animal superior, nem chega a ser um animal. Daí sua necessidade de compensação que, já inicialmente, cria o esquema idealista de que ele vive e se alimenta. Antes de procurarmos investigar quais as causas dessa falha, constate-mos apenas que o homem é um animal incompleto e por isso, conforme a sábia expressão de Karl Marx, “transforma a natura” e fazendo isso “transforma sua própria natureza”. Será por [...] longo período de infância que traz a capacidade de adaptação a maiores recursos que nos outros animais? Verificaremos depois.

No momento o que nos interessa denunciar a favor de nossa descoberta é que a humanidade, na sua parte culta, vive há milênios na ilusão de um esquema que, partido dos pensadores gregos, Sócrates ou Platão, foi adotado e desenvolvido como teoria pela religião cristã, transformando completamente a realidade humana e o sentido dos passos de sua existência na terra. Queremos nos referir à chave do platonismo, a qual repousa sobre a credulidade de que só o bem existe e que tudo tende ao bem.

Na antiguidade, houve uma grave disputa, levada às últimas conseqüências pelo heresiarca persa (?) Mani. O maniqueísmo afirmava a dupla natureza das coisas que trazem em si o princípio do bem como o princípio do mal, ou melhor, o princípio favorável ou desfavorável. Essa verídica dualidade, inspirada possivelmente nos pensamentos do profeta do Irã Zaratustra, em todo caso bebida nos ensinamentos da filosofia religiosa iraniana, teve o seu caminho barrado ferozmente pelo platonismo cristão que apenas procurou escamotear o problema do mal. Isso tudo, para nós, foi obra do sacerdócio, interessado em afirmar que Deus era o supremo bem e que, tudo tendendo a ele, tendia ao supremo bem.

Mani foi barbaramente martirizado e sua gloriosa “heresia” posta a ferros pelo vigoroso surto idealista do primeiro cristianismo. Daí para cá, o chamado Ocidente, isto é, a parte da terra e da humanidade que ela contém, a qual tem mantido na História uma indiscutível liderança de elite, conserva, apesar das enormes conquistas de Marx, de Nietzsche e de Freud, um pendor

reflexológico, graças ao qual conserva ainda hoje as suas velhas instituições idealistas.

Antes de procurarmos resolver o problema das razões da liderança do Ocidente, investiguemos o motivo pelo qual o homem aparece na terra como um animal deficitário. O filósofo francês Bergson, numa das suas elocubrações, fala num déficit eventual do homem. Ele tocou assim o fundo da questão mas não pôde resolvê-la porque errou. Não se trata de modo algum de um déficit eventual. O homem sofre de um déficit essencial e permanente e é isso que o diversifica dos outros habitantes do planeta. O seu déficit é completo. Enquanto outros animais, entre os quais insetos, procuram recuperar-se de suas falhas construindo em vida individual ou coletiva formas de existência e defesa que complementam suas deficiências — o homem é o único animal que necessita de uma completa adaptação ao meio, recorrendo a todos os processos que encontra ou inventa para ajustar-se e defender-se.

Será o longo período de infância em que o homem se mantém a razão de toda a capacidade de movimentar recursos de que ele é senhor? Talvez seja essa uma das explicações mais plausíveis para o fenômeno. Enquanto um elefante está formado e pronto para a vida adulta em dois anos, enquanto uma vaca se emprenha e pare também em dois anos, sendo que seus primeiros passos são facilmente conseguidos na saída do útero materno — o homem é o animal que demonstra uma imensa incapacidade inicial, exigindo, para existir, esforços e recursos de que prescindem todos os outros. Assim, o homem necessita de quase duas décadas de uma penosa e aplicada existência para poder se reproduzir. O homem exige uma especial pedagogia para poder viver. E isso evidentemente se cumpriu desde suas origens na caverna, sem o que a humanidade não teria sequer subsistido, quanto mais evoluído e se tornado o que se tornou.

É, portanto, facilmente verificável que essa estranha anomalia da demorada infância do homem, como duro e variado período de aprendizagem e adaptação, o coloca fora de toda restante zoologia.

É na infância que devemos fixar os olhos para deduzir quais as razões que fazem do homem um “animal diferente”, pois somente na infância encontramos elementos essenciais de disparidade entre o bípede falante e as outras espécies que habitam este estranho planeta. É o desguarnecimento da infância, a sua de-

morada capacidade em andar e se exprimir, que deve ser procurada a constatação do déficit essencial que faz do homem por oposição o transformador e o mestre da natureza que o envolve.

O judaísmo beirou a chave do problema falando em “culpa original”. Se dissesse “déficit original”, teria acertado em cheio. Mas o judeu é um povo ético e religioso e que não prescinde de uma classe sacerdotal.

Quando Moisés, deixando de ser, como afirma Freud, um lugar-tenente do faraó monoteísta Akhenaton, teria se inculcado, para prestígio da própria autoridade, como íntimo de Deus com quem falava nas alturas nietzscheanas do Sinai. O povo judaico deu a uma de suas tribos, os levitas, a função sacerdotal e dela não abdica.

O êxito mundial da versão da Gênese explica-se por que de fato ela roça o problema apenas informando-o com a carga ético-religiosa em que o prendem a um credo salvacionista. De fato, o homem é um decaído mas nunca por culpa ou pecado seu ou de sua companheira. Melhor será dizer que possui uma natureza frustrada que não pode prescindir dos recursos de toda técnica de adaptação para viver. Melhor ainda será vê-lo como um animal deficitário, desprovido dos naturais recursos de defesa e de ataque que possuem os outros a fim de subsistir. Daí provenha talvez todo o desenvolvimento excepcional de seu cérebro e por conseguinte tanto a sua técnica de comunicação, falar, escrever, criar a roda e a vela, quanto a sua técnica de recuperação mental e psíquica que contém religiões, mitologias, céus, infernos, apocalipses e messianismo.

HIPÓTESE DAS LATITUDES

O desenvolvimento técnico como histórico do homem tem sido desigual. Por quê?

Evidentemente, para estudar as regiões que favoreceram ou retardaram esse progresso, temos que fixar um ponto de partida dado pela geografia. Foi sem dúvida com a estabilização das condições climáticas e geológicas do período quaternário que a História e a técnica começaram.

Dividindo-se o globo em três zonas separadas por referências de latitude, talvez cheguemos a alguma coisa de concreto.

De fato, por mais que recuam no tempo, está firmada a certeza de que numa certa zona que compreende destacadamente a Europa é que começou a se desenvolver a evolução humana. Essa zona pode, porém, rodear o globo e se confirmará que aí se encontram as referências mais alusivas ao progresso e à grandeza da espécie.

Se dividirmos a terra em três zonas, a primeira partindo do Trópico de Câncer para norte até 60°, a segunda se confinando entre os dois trópicos, a terceira desenvolvendo-se do Trópico de Capricórnio para o sul também até 60°, vemos que, ao longo da história, elas têm se desenvolvido num esquema de absoluta desigualdade. Assim, todo avanço humano, todo progresso afetivo, tem tido como hábitat a primeira faixa aqui considerada. Nela se contém a Europa, como o Egito e a Judéia, os Estados Unidos da América, parte do Canadá e na Ásia, a Mongólia e o Japão.

Por maior que seja a diversidade do desenvolvimento dessas diversas regiões, não se pode negar que nela se processou o avanço humano, seja histórico, técnico, filosófico, ético ou político. No Egito, fixou-se a mais importante e grandiosa civilização antiga. A Judéia criou problemas essenciais, trazidos até hoje ao debate civilizado. Os Estados Unidos tomaram a dianteira do progresso do mundo e o Japão revelou-se uma região excepcional da Ásia. Talvez uma uniformidade de produção e de clima tenha erigido essa faixa do globo como o melhor hábitat da terra. Por uma espécie de fenômeno reflexo, a zona que rodeia a terra do Trópico de Capricórnio para o sul, até 60°, repete por assim dizer, em segundo plano, as proezas históricas, técnicas e progressistas da primeira. Enquanto a zona central, que é limitada ao norte pelo Trópico de Câncer e ao sul pelo de Capricórnio, parece eximir-se dos encargos das outras, dormitando num ócio milenário que tem por apoio o calor, a vegetação e a terra excessiva.

As zonas, que chamaremos de A e B, lutam também milenariamente com as dificuldades geográficas e climáticas que as caracterizam. Se bem que um clima temperado faça do habitante dessas zonas um homem favorecido, ele não deixa de ser acossado pela estação fria como pelo calor rápido mas excessivo do verão.

Quanto à zona central, que chamaremos de zona E ou equatorial, deixemos para examinar depois de estudar as duas zonas A e B, particularmente a primeira, que tem encabeçado todo o progresso humano. Nessa primeira zona A, como já dissemos, coloca-se o fenômeno egípcio. De toda a antiguidade clássica ex-

setuada a Grécia, que também se situa na mesma zona A, o Egito tem uma história agitada e brilhante que se perde na noite dos tempos. Ele produziu a agricultura do Nilo, examinou as estrelas, construiu cidades, caminhos e monumentos, conquistou países, dominou povos e passou por todas as experiências políticas, inclusive a que refere um velho papiro, pela qual ele tenha experimentado, alguns milênios antes da Rússia Soviética, uma ditadura do proletariado que teria tido a duração de três séculos. O que decididamente não se encontra na história sociológica do Egito são traços de matriarcado, isto é, dum regime que se caracteriza particularmente pelo filho de domínio materno. Assim, a não ser o possível significado matriarcal da Esfinge, a lembrança de Ísis, o que temos documentadamente é um período histórico gigantesco onde impera o patriarcado, ou seja, o regime em que o filho é de direito paterno e, portanto, usufrui do instituto da herança.

Esta verificação é muito mais importante do que parece, pois o destino da técnica e portanto do progresso tem uma próxima ligação com o regime patriarcal, onde geralmente se estabelece a escravatura e a diferença de classes.

Pode-se afirmar que tanto no Egito quanto nos demais países da faixa A — Japão, Grécia, Roma Clássica, América do Norte — o que prevalece é o regime patriarcal, enquanto geralmente o matriarcado se acolhe nas regiões tropicais, onde o ideal humano é o ócio e não o trabalho, e a vida vegetativa supera a vida civilizada.

Ao que tende o trabalho humano?, pergunta um dos mais informados e argutos sociólogos modernos, George Friedman.⁵⁰ E responde — ao ócio.

De maneira que, dialeticamente, por caminhos opostos, o que a humanidade tem procurado, seja pela apropriação direta dos bens da terra, seja pela amargurada e lenta marcha técnica e pela conquista desses bens através da luta de classes, o que ele deseja é não trabalhar. Ao contrário do que dizem as religiões de castigo e as sociologias utilitárias.

Aristóteles afirma que não haverá mais escravos quando “os fusos trabalharem sozinhos”. E que tem feito o homem, pelas conquistas mecânicas, como pelas vitórias sociais, senão tudo empenhar para que os fusos trabalhem sozinhos?

⁵⁰ Georges Friedmann (1902-1977), estudioso do lazer e da comunicação de massa, autor de *Problemas Humanos do Maquinismo Industrial*, 1947, e *Para onde Vai o Trabalho Humano?*, 1947.

A técnica, como se vê, é um triunfal produto da faixa A, onde o clima temperado, a terra fácil e o homem habilidoso se reúnem num milagre de ação e de proveito útil. O fenômeno se repete mais lentamente na faixa B, faixa colonial e reflexa, onde se ergueram a Argentina, sul do Brasil, como Austrália e África do Sul. Na faixa E, a tropical, dormitam as esperanças do ócio paradisíaco, em meio à luxúria do sol e das paisagens nudistas.

Com o desenvolvimento das comunicações, isso que estudaremos sob a denominação geral de “técnicas da exogamia”, a faixa E foi descoberta, conquistada e dividida pelo homem branco, já avançadamente tecnizado, no Renascimento. Os produtos naturais das Américas, da África e mais tarde da Austrália foram objeto de mercado. O primeiro propósito dos colonizadores foi modificar a *weltanschauung* que domava os dias dos naturais. “É preciso salvar esta gente!”, berrava na sua carta a Dom Manuel de Portugal o autorizado escrivão da frota de Cabral. Salvar significava inocular nos nativos uma ideologia que permitisse e desenvolvesse o trabalho escravo. Era preciso que eles se convencessem de que a existência na terra era um simples trânsito. E que o paraíso, em vez de ser a mulher nua nas praias cálidas, o coco sumarento e a carne do adversário, era a estática teoria de anjos e de almas, perante a gozosa e eterna presença insípida de Deus, como inventara o Dante.

Era preciso “salvar” aquela gente ou, como melhor exprimi um colonizador inglês, dar-lhes “calças e bíblias”. Para que, de cabeça baixa, aceitassem o chicote que os matasse de pena física, para os conduzir entre tronos e querubins até a visão mirífica de Deus.

O nosso estudo se refere de preferência à faixa E, porque aí se produziu o maior contraste com a faixa A e seu reflexo, a B. Aliás, logo que os homens da faixa A descobriram e conquistaram o resto do mundo foi sobre a faixa E, particularmente na América, que se produziu o fenômeno da subversão de valores nativos pela colonização brutal e desfrutadora. O negro não resistiu na faixa B, para onde fora transportado como escravo, e na América do Norte, faixa A, foi libertado pelo industrialismo mas posto sob rigoroso regime de quarentena racial.

Um documento do jesuíta Montoya, autor de um livro chamado *A Conquista Espiritual*, dá a medida do que foi a incompreensão e a brutalidade branca dos conquistadores. Os jesuítas,

que os acompanharam como guias, trataram de imediatamente impingir a doutrina cristã aos nativos, fazendo traduzir para a língua tupi os mandamentos da lei de Deus. Não tomando o menor conhecimento da vida e dos costumes dos indígenas, impuseram eles logo como pecado mortal cobiçar a mulher do próximo e deixar de respeitar o domingo. Os homens e as mulheres felizes, que em plena nudez desconheciam a mulher do próximo e tinham não o dia do ócio, o domingo, mas o ano do ócio, viram seus hábitos imediatamente brutalizados e invertidos pelo ódio roupeta. Não faltaram as tragédias nesse bom dia europeu às tribos desprevenidas da América. Se no Norte, na faixa A, as nações índias foram destruídas, sob a invocação da Bíblia, pois Deus também ordenou a destruição do guerreiro de Canaã, no Centro e no Sul foi diabolicamente inoculado o veneno da moral cristã européia aos nativos dos trópicos.

Refere o missionário Claude d'Abbeville,⁵¹ no seu livro sobre o norte do Brasil, uma tragédia ocasionada pela pregação jesuíta. O chefe índio Japuy-nassu matou a mulher, pegada em adultério. Como se visse cercado por ordem dos brancos, Japuy-nassu penetrou na capela da aldeia, onde recorreu ao direito de asilo. E de lá tonitruou contra os catequistas que mandavam castigar o adultério e queriam depois puni-lo por obedecer a seus preceitos.

Foi uma obra de mísera coação a chamada "Conquista Espiritual" dos inacianos. Aqui, no Brasil, nos vimos forçados a suar sobre a terra, escravos e colonizadores, para fornecer recursos à Europa, cuja Revolução Industrial se alimentava do lastro de nossos metais preciosos. É Werner Sombart quem afirma que o ouro e a prata tirados do continente americano mudaram o curso da finança européia e de sua economia. Afirma ele que sem as jazidas brasileiras não teria se formado o homem econômico moderno. Assim viu-se rompido o status quo econômico do Ocidente. Povos que não podiam progredir com seus próprios recursos passaram à cena da História. A península Ibérica, a Holanda, a Inglaterra e a própria França. Afirmava-se que frotas procedentes do Rio chegavam ao Tejo tendo por lastro ouro. D. João V, chamado o rei brasileiro, paga à Santa Sé quatrocentos milhões de cruzados para obter o título de fidelíssimo. Enquanto isso, a Com-

51 Claude d'Abbeville (?-1632), *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*.

panhia de Jesus entrega-se também ao comércio, à indústria e aos negócios bancários.

Com toda a coação e a libidinagem da gente branca, não foi no entanto destruído o que melhor restava no natural das Américas. A sua cultura resistiu no fundo das florestas, como na recusa a toda força escravizante. Dizimados, mortos, pervertidos, eles ficaram intactos nos documentos da própria conquista. Toda a literatura, mesmo a missionária, que no século XVI encheu de novidade o mundo, aqui permaneceu para escândalo do mundo vestido e algemado que nos traziam.

A medida do que foi o surgimento do homem natural nos é oferecida em primeiro lugar pelas cartas de Vespúcio, donde resulta o nome de América dado ao novo continente.

Texto manuscrito a lápis,
escrito em caderno espiral, 150 folhas.

Na primeira folha, a dedicatória:

“A vocês que me acompanharam na jornada

— Maria Antonieta d’Alkmin, Nonê,

Rudá Antonieta Marília e Paulo Marcos.

A meu amigo Josué de Castro’’. (IEL—Unicamp)

MENSAGEM AO ANTROPÓFAGO DESCONHECIDO

(Da França Antártica)

O homem europeu falou demais. Mas a sua última palavra foi dita pelo príncipe Hamlet, que Kierkegaard repetiu em Else-nor. Nós dizemos aqui "*où Villegaignon print terre*": *Tupy or not tupy that is the question*. Um passo além de Sartre e de Camus. A antropofagia. Só a antropofagia nos une.

É preciso acertar. As filosofias do homem vestido nas horas do abraço ao desespero roçaram a verdade. Mas entre elas e a verdade havia a roupa. Só o homem natural foi natural nos trópicos, onde não caminhou como as formigas de Ésquilo na direção de Prometeu. É preciso ouvir o homem nu. "Queremos a revolução caraíba. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós, a Europa não teria sequer a sua pobre Declaração dos Direitos do Homem." "Já tínhamos o comunismo. Já tínhamos a língua surrealista. A Idade de Ouro."

"Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande." "A magia e a vida. Tínhamos a relação e a distribuição dos bens."¹

O "ato gratuito" de Gide é a marca do antropófago que faz a sua declaração de direitos. A "vida autêntica" de Heidegger é a vida do antropófago que resiste no homem vestido.

Nós proclamávamos há vinte anos, em manifesto, a excelência da antropofagia. Visão do mundo. "Contra as histórias do homem que começam no cabo Finisterra. O mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César." Sem os calendários

1 Trechos do "Manifesto Antropófago"

e as folhinhas que colocam a vida banal no tempo microscopado por Heidegger.

É preciso dar o passo de Nietzsche na direção do Super-homem. Atingir a filosofia da Devoração. A antropofagia. “Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos, de todas as religiões, de todos os tratados de paz.” A transformação do tabu em tótem.

O antropófago habitará a cidade de Marx. Terminados os dramas da pré-história. Socializados os meios de produção. Encontrada a síntese que procuramos desde Prometeu. Quando terminarem os últimos gritos de guerra anunciados pela era atômica. Porque “o homem transformando a natureza transforma a sua própria natureza”. Marx.

Dois textos antropofágicos: “É verdade que a dialética tem igualmente o seu lado conservador. Reconhece a justificação de determinadas etapas de evolução do conhecimento da sociedade, para a sua época e suas condições, mas somente nessa medida. O conservantismo dessa maneira de ver é relativo e seu caráter revolucionário é absoluto — o único absoluto aliás que deixa prevalecer”. Engels. “O método dialético exige que os fenômenos se examinem não só do ponto de vista de suas relações mútuas e de seu mútuo condicionamento mas também do ponto de vista de seu movimento, de suas transformações e de seu desenvolvimento, do ponto de vista do seu nascimento e de sua morte.” Lênin.

Nada existe fora da Devoração. O ser é a Devoração pura e eterna.

O homem nu compreenderá. De volta das viagens ao país do Absoluto, ao país do Tabu. Platão. Aristóteles, Tomás de Aquino, Kant, Hegel. Quando sobre a vitória da técnica e da socialização, ele plantar a bandeira angustiada de Agostinho, de Pascal, de Nietzsche e de Chestov. A bandeira ilógica.

Texto publicado
na *Revista Acadêmica*, nº 67,
novembro de 1946, Rio de Janeiro.

DO ÓRFICO E MAIS COGITAÇÕES

Duma cama de hospital as sombras de vida crescem. A anormalidade trazida pelo mal físico atinge prontamente a vida psíquica. As salvações da terra se alinham nas providências do médico e da enfermagem. Mas fora disso resta um espaço imenso onde sobra o vazio. E a alma desocupada procura apoio onde for.

O presente pouco oferece de amparo. Depois de certa idade, sabe-se como a vida é precária, como a palavra dos homens é mentirosa e falha, como os fatos contestam as ilusões. Recorre-se então ao passado. Se ele teve, num balanço sério, favores e agrados, teve também dores e decepções. Fica somente o prazer da atitude, quando ele foi altivo e sem mancha. Mas a verdadeira compensação se esconde nos refolhos da infância. Essa é a Idade de Ouro de cada um. A ela pois é natural que se acolha toda alma temerosa.

Na infância fomos o sol da constelação familiar. Tínhamos todas as beatitudes da vida sorrindo, garantidas pela vigilância materna, pelo apoio paterno, pelo abraço familiar. Falo evidentemente do meu caso, portanto, dos casos normais em que pobres e ricos encontram desde o nascer o devotamento de redor. Fora desses, uma sociedade que ainda não se organizou nem estatisticamente, abrem-se os infernos da existência órfã que o mundo, em caminho para o socialismo, procura abrandar.

A infância é a Idade de Ouro de cada um, onde se mergulha numa cálida inconsciência benéfica. Nela medram facilmente assombros e milagres. Todo mundo sabe, sobretudo depois de Freud e de Pavlov, como depende a vida do adulto dos dias infantis, das emoções, sustos e paixões que nelas vive.

Ora, na infância se insere facilmente isso que eu batizei de sentimento órfico e que não passa do sentimento religioso.

Se examinarmos a história, tanto a presente como a passada, verificamos que não há povo civilizado ou ajuntamento pri-

mitivo que não tenha religião. Somos forçados a anotar esta verdade — a religião é uma dimensão do homem.

A contraprova foi dada no século XIX, pelo caso de Augusto Comte. Partindo de premissas únicas e cientificamente positivas, o filósofo francês construiu um monumento, onde por pouco não colocava no topo uma cruz. Em vez da cruz, colocou uma mulher, mais que uma mulher, uma deusa — Clotilde de Vaux. Será a “Vontade de Crer” de James? a necessidade de adoração que mora na alma do homem e mergulha no lado sombrio e negativo do nosso campo masoquista? A muitos psicólogos que tão minuciosamente classificam o homem escapa este fato claro — o homem se movimenta entre dois terrenos, o sádico e o masoquista, seja qual for o seu temperamento e a sua formação. Pode tender a um desses sentimentos básicos mais do que ao outro, mas este se substitui facilmente ao primeiro nas horas desastrosas. Não há ninguém somente sádico ou somente masoquista.

Os temperamentos onde mora o masoquismo são muitas vezes temperamentos de eleição que se comprazem nas formas negativas da vida e dessa ascese tiram desforras florais. Os artistas em geral sofrem todas as dores do mundo. Neles bate a pulsação da desgraça alheia. E por isso tiram do seu manto mágico as altas surpresas da poesia e da arte. É um estado de infância esse que acompanha o artista em toda a sua vida. A experiência biográfica está aí para confirmar.

— É uma criança grande! — diziam tanto de Baudelaire como de Van Gogh.

Os desastres que marcam essas grandes e trágicas vidas provêm justamente do desajustamento pela incapacidade de viver o normal, de ser adulto e de chegar ao tipo ideal de civilizado. O artista traz sempre em si o estigma do primitivo, do louco e da criança. Ora, um dos invólucros com que se encobre a criança é o da magia religiosa. A prece vem junto com o embalo materno. De modo que, com os primeiros anos, a criança recebe facilmente a ascensão mística dos altares.

Evidentemente o que prevalece tanto aqui como na Índia ou no Sudão ou em Londres é o órfico local. Nesse ponto é preciso parar para fazer compreender como é justo e lógico que a maioria dos crentes se agregue à paróquia mais próxima de sua casa. Uma das minhas estupefações foi ter verificado que o caso reli-

gioso de Gustavo Corção não difere do da maioria dos crentes que assinalei. Ele é o homem da paróquia vizinha e não discute.

Isso evidentemente não tira a validade religiosa dum templo protestante ou hindu. Aí também Deus habita, por assim dizer.

Sendo a religião uma dimensão do homem, uma constante absoluta de sua alma, ela toma, levada pelas circunstâncias, esta ou aquela direção. Hoje, por exemplo, com a derrocada de certos cultos oficiais, a necessidade de cultuar alguma coisa transferiu-se. Passaram a ser fenômenos religiosos o futebol, o festival de cinema, a política. Endeusados são Malenkov e Mao Tsé-tung como foram Lênin e Stálin, Mussolini e Hitler. Deuses são os pretões do pé de ouro que substituíram os sábios e os santos nas páginas dos jornais e das revistas. Deusas são Greta Garbo, Joan Crawford, Carlito.

Por que se deu tudo isso nessa esquina do mundo que está sendo o século XX? Talvez um fenômeno estatístico tente a explicação. A humanidade cresceu demasiadamente e perdeu os seus quadros dirigentes. Vemos por exemplo a Igreja Católica lutar com a falta de sacerdotes e apelar para a campanha das vocações religiosas. Na política, a mesma coisa. Havendo cleros como há, os piores aventureiros tomam as posições. Na arte, na literatura, na filosofia, a mesma confusão. Falta de quadros, falta de ordem, falta de hierarquia. Crise de crescimento. Mas o sentimento de adoração continua a existir, puro ou não, tradicional ou transferido. É uma necessidade que parte tanto da vida individual como da vida coletiva. Na verdade, os fortes, os ascetas, os vocacionais de Tebaida sentem fluir em sua solidão os melhores êxtases. Mas o homem é um animal coletivo. Daí a extrema importância do Rito e da Igreja, seja que Rito for e que Igreja for. O grande alemão Romano Guardini¹ disse admiravelmente que a Liturgia é mais importante do que a Ética. E é verdade. Está isso provado em milênios de experiência religiosa. A ética geralmente é uma imposição do sacerdócio que beneficia o seu ofício. A Liturgia é a exteriorização de um sentimento pelas cordas do social. Na Liturgia há um ato fundamental de solidariedade humana. Enquanto a Ética reprime o ser, a Liturgia fá-lo ecoar.

De modo que, por toda a terra durante toda a História, ninguém conseguiu ofuscar essas três realidades religiosas — o Mito,

¹ Romano Guardini (1885-1968), padre e escritor italiano que viveu na Alemanha, autor de *A Essência do Cristianismo*.

o Rito, a Igreja. O sentimento órfico é o subterrâneo alimento onde vicejam essas ardentes necessidades irracionais. O ateísmo do século passado — o ateísmo sem Deus — caiu por si aos pedaços. Hoje, poder-se-ia admitir em certos filósofos este curioso paradoxo — um ateísmo com Deus. E dentro dele uma atitude de revolta, de fuga e de ofensa. É o caso de dois grandes espíritos do século XIX — Kierkegaard² e Proudhon. Sem nenhuma ligação um com o outro, chegaram à formulação de Deus como a da adversidade metafísica. Não disseram exatamente isso mas o pensamento de ambos é esse. Kierkegaard chegou a chamar Deus, nas páginas paradoxais de seu diário, de “inimigo mortal”. No entanto, é tido Sören Kierkegaard como um dos maiores teólogos modernos, tendo ficado clássico o seu conceito de “angústia” como o temor de Deus e do pecado. Concepção evidentemente nórdica, polar por força de expressão, que, na sua limitada simpleza, teve uma curiosa divergente com o nosso Graciliano Ramos. Todo mundo sabe quanto Graciliano Ramos se fechou como um peru dentro dum círculo vermelho de cultura, nada tratando de conhecer ou aprender. Nunca vi homem mais ausente de curiosidade intelectual e humana. O marxismo foi o seu alimento ortodoxo, a sua dieta e seu pobre banquete. Como conhecia a língua e escrevia bem, deu ótimos livros, entre os quais essas *Memórias do Cárcere* iluminadas pela desgraça política mais inacreditável.

Graciliano creio que nunca ouviu falar em Kierkegaard, quanto mais no seu fundamental conceito de angústia. Para Graciliano, professor nordestino e bom pai de família ateu, nunca houve o problema de Deus, o problema de Abraão e de Jó que ilustra de sangue a obra do pensador religioso dinamarquês. Para ele, na sua adolescência alagoana, apaixonada como toda adolescência, a tragédia foi evidentemente a da polícia de costumes. “Pular a cerca”, como se diz na gíria, era o problema. E por isso reuniu num volume, intitulado *Angústia*, toda essa tragicomédia sexual que faz a vida dos moços nas cidades do interior do Brasil. Trata-se evidentemente de um novo conceito de angústia, que tem que ser tomado a sério como o outro. É a angústia tropical em face da angústia polar.

Evidentemente a doença tende à angústia polar e a saúde leva à angústia tropical.

2 Sören Kierkegaard (1813-1855), autor de *O Conceito de Angústia* (1844).

Na doença, como disse, crescem as sombras da alma. Volta o apoio áureo da infância. E na infância se insere a reflexologia da prece. Eu não me admiraria de ver um ateu rezar, isto é, repetir o murmúrio que os lábios maternos lhe ensinaram diante das lamparinas votivas e dos pesados oratórios de outrora. Quando tudo foge, a alma descansa na ilusão consentida.

Todas as confissões religiosas são capazes de produzir esse fenômeno. A graça não é monopólio de Jerusalém ou de Roma. Por circunstâncias históricas especiais este passou a ser o nosso órfico, o órfico local. Por comodidade ou por poucas luzes a humana maioria adota o culto da paróquia mais próxima. Não discute, envereda por ali o seu sentimento de adoração, hoje em grande parte dividido ou substituído pelo culto aos heróis vivos da plástica, do pontapé e da demagogia.

Mas, na Hélade, houve Elêusis,³ os maometanos têm a Meca, os hindus, Benares, e tudo impõe a mesma validade transcendental.

Escrito para ser publicado em
O Estado de S. Paulo, em 1954. (IEL-Unicamp)

³ Elêusis — cerimônias de iniciação celebradas em Elêusis para revelar os ensinamentos secretos dos santuários.

SONHADOR
INVETERADO

PROPAGANDA

A propaganda de São Paulo, feita pela imprensa, tem sido um acúmulo de erros graves e de desperdícios. É feita sem nenhuma orientação geral e pré-estabelecida e não sofre controle algum. O critério seguido é desproporcional à sua utilidade. Muitas vezes o pagamento concedido é simples fruto da cavação teimosa, da amizade e do empenho. Vêm-se continuamente jornalecos desconhecidos e sem nenhum prestígio e sem nenhum eco na opinião assaltarem as verbas de publicidade e, graças à falta de um organismo central, viver uma vida vegetativa e imoral à custa dos cofres públicos. Esses jornalecos e revistas aparecem muitas vezes como tendo anos de existência e seus exemplares em bom papel muito bem impressos aparecem nas mesas dos auxiliares de governo. São estes os únicos exemplares que constituem a “formidável tiragem” do grande órgão. Geralmente a sua “propaganda” se compõe dos mais vulgares elogios às pessoas dos governantes, elogios que mudam de dono a cada mudança de situação.

Outras vezes, apoiados por políticos desprevenidos, jornais da capital da República e daqui obtêm vantagens excessivas para a sua publicidade. Não há para isso nenhum critério de tabelamento e nenhuma verificação de resultados práticos. Há ainda casos em que, depois de tratada certa publicação pelo representante do jornal, aparece uma conta muito maior e não existindo um organismo especializado para resolver a questão. O governo cede pagando o que não deve, a fim de não criar inimigos.

Tudo isso pode ser resolvido pela criação do Controle de Publicidade Paulista. Este organismo, ligado aos poderes estaduais, controlava a censura, toda espécie de publicidade dos interesses do Estado e poderia, em vez de sobrecarregar os cofres do governo, tirar também recursos dos produtores estaduais que têm interesse real na propaganda de seus artigos.

Além disso controlará a eficiência da publicidade, não permitindo a falsa propaganda nem a contrapropaganda.

Muitas vezes acontece que um jornal subvencionado por São Paulo traz na primeira página um artigo de elogio a um secretário de Estado e na terceira um clichê de trabalhadores nordestinos que acusam terrivelmente a nossa organização de trabalho. A existência do Controle de Publicidade Paulista suspenderia a subvenção do referido jornal se ele não esclarecesse o caso dos trabalhadores queixosos, mostrando as providências tomadas pela Justiça do Trabalho num ou noutro caso de fazendeiro mau pagador, por acaso existente entre nós. O mesmo órgão seria obrigado a publicar a opinião de trabalhadores também nordestinos favoráveis a São Paulo.

No momento em que o governo Ademar de Barros consegue o entrosamento de São Paulo nos interesses nacionais e vê ressurgir a nossa posição de liderança política e econômica, torna-se urgente pôr ordem, desenvolver e controlar a propaganda paulista. Esta deve pleitear para São Paulo através da imprensa e do rádio a solução de seus problemas vitais como o cambial, o de transporte, o crédito agrícola etc. etc.

PLANO DE EFICIÊNCIA

A organização da propaganda paulista constará dos seguintes pontos: a) conhecimento do valor de São Paulo na Federação; b) publicação contínua de estudos comparativos de nossa produção e de quadros do nosso progresso material, cultural e político; c) revelação por fotografia e dados dos nossos estabelecimentos industriais, mercantis, agrícolas, portuários, pedagógicos e culturais; d) conhecimentos dos nossos valores políticos morais, sociais e intelectuais; e) reportagem das nossas condições de trabalho e organização, na indústria, no comércio e na lavoura; f) propaganda dos nossos produtos nos Estados e na capital da República; g) instantâneos de nossa vida pública rural e urbana.

De todos esses fins, um dos mais importantes é, sem dúvida, a conquista dos mercados estatais para os produtos paulistas. A propaganda paga por São Paulo não pode consistir somente em fotografias dos nossos homens públicos mas na eficiência da sua gestão através da realidade do trabalho paulista. Um resulta-

do prático pode ser obtido pelos contratos de publicidade, fins previstos, que não sendo feitos produzem somente despesas e anarquia.

Uma diretiva enérgica no sentido acima indicado não só poderá produzir benéficos lucros a São Paulo como ainda trará para todo o Brasil o conhecimento real do que é nossa terra, geralmente caluniada e desconhecida. Isso fatalmente se refletirá na posição política de São Paulo na Federação e nos seus futuros destinos.

MEIOS DE CAMPO DE AÇÃO

Para obter uma completa eficiência, o Departamento de Publicidade Paulista precisa ter um perfeito conhecimento da imprensa do Rio e dos Estados, podendo também sua ação ser estendida aos próprios jornais paulistas que controlará na parte de propaganda paga. É preciso ser entregue a pessoal que conheça perfeitamente o valor dos nossos jornais, a sua repercussão, o seu raio de propaganda, a reputação de que gozam bem como a sua tradição moral, política e econômica. Sem isso, as verbas se escoarão ao sabor dos cavadores mais espertos. O tabelamento se impõe de acordo com a eficiência de cada publicidade dada. É preciso conhecer a tiragem exata de cada órgão, bem como a sua importância perante os círculos políticos e a opinião local e nacional. Sem isso, resultará inútil qualquer esforço.

RECURSOS

Os recursos para os orçamentos de propaganda podem ser tirados de organizações interessadas na mesma. Nada mais justo que a seção de São Paulo no DNC bem como as nossas indústrias, manufaturas e organizações agrícolas e comerciais auxiliem, subvençionem um programa de tão alto interesse para sua própria existência e expansão. Estamos certos de que nenhuma dessas entidades se recusará a isso, desde que seja dada eficiência e controle a esse serviço, precedido pelo Estado.

O rádio será também objeto das atividades do Departamento de Publicidade Paulista, por ele se desenvolvendo o mesmo programa de colocar São Paulo na liderança que merece e ver

expandida as suas riquezas pela extensão de suas vendas nos mercados nacionais.

Caso seja de agrado do sr. Interventor, poderá ser apresentado um plano completo para criação do Departamento de Publicidade Paulista.

Texto escrito por volta de 1937.
(Coleção Adelaide Guerrini de Andrade)

MUSEU DE ARTE MODERNA

A existência de um museu de artes plásticas em São Paulo está se tornando mais do que necessária — urgente. Não temos ainda aqui nenhum local onde se possa consultar um mestre da pintura ou da escultura, seja clássico, seja moderno. Estes então só existem em algumas raras galerias particulares, fechadas aos olhos do público e da crítica. A elas portanto, com as exceções que a amizade autoriza, nenhum estudioso pode chegar. Quanto aos antigos, apenas a Pinacoteca oferece algumas reproduções fotográficas ou em gesso, ali postas sem nenhum critério artístico, histórico ou de seleção.

São Paulo, no entanto, possui hoje um número bastante grande de pintores e artistas que, juntos aos estudantes de artes plásticas, necessitam de um museu que os elucide e auxilie no árduo caminho que escolheram. Os livros de arte, as coleções de reproduções não são para isso suficientes. As melhores edições de livros e cadernos de arte, as mais custosas e cuidadas, não nos dão a idéia do que seja um quadro ou uma escultura no original. Existem hoje, é verdade, estampas quase perfeitas. A elas sem dúvida teríamos de recorrer, particularmente na parte histórica, mas sem descuidar a aquisição possível de originais.

A solução do problema é das mais difíceis, pois um museu de obras autênticas ficaria caríssimo e seria mesmo impossível obter originais antigos de valor.

Da Pinacoteca atual pouco se aproveitaria para a organização de um museu importante de artes plásticas. As cópias que lá existem não são de todo fiéis. Muitas delas obedecem a um critério errado quanto ao valor dos originais reproduzidos. A escolha de obras de mestres atuais para se reunirem aqui é de grande importância e supriria de certo modo as falhas da arte clássica. Vivemos numa grande época da pintura e não seria difícil obter

para São Paulo uma coleção de mestres contemporâneos de todas as nacionalidades. É do maior interesse a consulta desses pintores para críticos e estudiosos. Eles possuem uma grande base plástica e já são aclamados pelo mundo culto alguns nomes de artistas ainda vivos em plena produção. Os museus da Europa e dos Estados Unidos estão cheios de obras contemporâneas, existindo mesmo pinacotecas especializadas nesse gênero como a de Nova York. Diversos pintores brasileiros vivos já figuram mesmo em alguns desses museus, como Tarsila em Grenoble e Lasar Segall no Jeu de Paume,¹ em Paris.

Grande prevenção existe em nosso meio contra as manifestações da arte contemporânea, apesar do triunfo indiscutível da Semana de Arte Moderna de fevereiro de 1922 e das exposições de Segall, Tarsila e outros e do esforço agora tentado pelo Salão de Maio. Creio bem que essa prevenção desapareceria com a existência de um local consagrador dos mestres atuais, onde seria explicada a evolução da pintura do século passado e das primeiras décadas deste. Talvez, conhecida a sua história e dada a sua freqüente visão, a arte moderna adquirisse logo credenciais entre o nosso público sempre ávido se não de cultura ao menos de progresso. Deve-se à confusão do capítulo de artes plásticas aqui reinante estar por exemplo um grande pintor como Almeida Júnior colocado no Museu do Ipiranga, que é um repositório mais de documentos que de arte.

São Paulo possui hoje anualmente quatro exposições coletivas — o Salão de Maio, o Sindicato dos Pintores, a Família Paulista e o Salão Paulista de Belas Artes.² A todas essas mostras concorre grande número de pintores e escultores e são elas continuamente visitadas por estudiosos e amadores.

1 Museu parisiense que durante muito tempo abrigou as grandes obras do impressionismo, hoje transformado em galeria de arte contemporânea.

2 O I Salão de Maio foi inaugurado em 25 de maio de 1937 no Esplanada Hotel de São Paulo, por iniciativa de Quirino da Silva, Flávio de Carvalho, Geraldo Ferraz; o II Salão, em 27 de junho de 1938, por iniciativa de Flávio de Carvalho; o III Salão, em 1939, também organizado por Flávio de Carvalho. Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, nome que recebeu a antiga Sociedade Paulista de Belas Artes, em 1937. O Sindicato promoveu até 1949 cerca de dez salões. Família Paulista, grupo de artistas formado em 1937, em oposição às propostas de caráter mais experimental do Salão de Maio. Compunham o grupo Rebolo, Bonadei, Zanini, Volpi, Graciano, entre outros. O Salão Paulista de Belas Artes realizou vários salões; o primeiro se deu em 1934.

Apesar de nem todos os nossos grupos de artistas procurarem se apropriar das experiências contemporâneas, indispensáveis à técnica e ao espírito de hoje — já vamos no entanto, graças ao esforço cultural ou vanguardista de alguns pioneiros, nos aproximando do movimento mundial. Não será por ter nascido na América que havemos de ser atrasados. O México está ali colocado na vanguarda das artes plásticas. Os seus grandes pintores — Siqueiros, Orozco, Rivera — são considerados dos maiores mestres contemporâneos. Por que o Brasil não poderá também se colocar bem no mundo plástico? A nossa natureza e a nossa luz são um estímulo constante para a pintura. Não se esqueça de que talvez o impressionismo tivesse tomado um grande impulso com a visão de Manet, quando oficial de marinha, em visita ao Rio. E não escapou o grande *douanier* Rousseau à influência tropical de sua viagem ao México.

Quanto às experiências que poderiam atualizar a nossa pintura, elas dependem em grande parte da visão dos quadros de artista contemporâneo. O cubismo e o fauvismo como o surrealismo e o abstracionismo precisariam ser vistos para ser discutidos. De escolas ou manifestações de tamanha importância no mundo atual, apenas alguns dos nossos artistas se aproximaram. No entanto, a tais experiências é necessário que a mocidade que estuda recorra pelo menos como disciplina e culturização. Um local que reunisse os mestres dessas tendências ao lado dos mestres impressionistas e dos antigos talvez mostrasse a íntima relação que existe na boa pintura. Isso liquidaria ainda com a vasta ignorância que existe entre nós a respeito dos movimentos artísticos que agitam e empolgam o mundo civilizado.

Na escultura, o mesmo preconceito e a mesma falta de conhecimento afastam o público paulista do que é moderno e bom. Daí o geral mau gosto dos movimentos que enfeiam nossas praças em vez de ilustrá-las.

Talvez todos esses males se atenuassem com a criação de um museu de artes plásticas entre nós.

Texto datado de 1931.
(Coleção Adelaide Guerrini de Andrade)

CRONOLOGIA

- 1890** Nasce em São Paulo, no dia 11 de janeiro, José Oswald de Sousa Andrade, filho de José Nogueira de Andrade e Inês Inglês e Sousa de Andrade.
- 1903** Entra para o Ginásio São Bento.
- 1909** Inicia-se no jornalismo com o artigo “Pennando” no “Diário Popular”. Redator e crítico teatral no “Diário Popular”, assinando a coluna “Teatro e Salões”. Ingressa na Faculdade de Direito.
- 1911** Deixa o “Diário Popular”.
- 1912** Viaja pela primeira vez à Europa. No navio conhece a dançarina Helena Carmen Hosbale (Carmen Lydia, Landa Kosbach). Morre em São Paulo sua mãe. Retorna ao Brasil trazendo a estudante francesa Henriette Denise Boufleur (Kamiá). Traz da Europa novidades vanguardistas, entre elas o “Manifesto futurista” de Felippo Tomaso Marinetti. Escreve e rasga seu primeiro poema livre, “O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde”.
- 1914** Nasce seu primeiro filho José Oswald Antonio de Andrade (Nonê) com Kamiá. Bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio São Bento.
- 1915** Tem um romance tumultuado com a dançarina Carmen Lydia. Separa-se de Kamiá.
- 1916** Publica com Guilherme de Almeida *Mon Coeur Balance e Leur Âme* (teatro). Redator do “Jornal do Comércio”. Colabora até 1922. Colabora na revista “A Vida Moderna”.
- 1917** Retorna à Faculdade de Direito. Torna-se amigo de Mário de Andrade. Conhece Di Cavalcanti. Aluga em São Paulo uma *garçonnière* à rua Líbero Badaró, n.º 67, 3.º andar, sa-

- la 2. É freqüentada por Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Vicente Rao. Termina "O Pirralho". Em dezembro Monteiro Lobato ataca pelo jornal a exposição da pintora Anita Malfatti no artigo "Paranóia ou Mistificação?"
- 1918 Em janeiro escreve um artigo no "Jornal do Comércio" defendendo a arte de Anita Malfatti. Início de *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo*, diário da *garçonnière*. Trabalha no "Jornal do Comércio" e em "A Gazeta". Bacharel em Direito. É escolhido orador da turma do Centro Acadêmico XI de Agosto.
- 1919 Morre seu pai em fevereiro. Em 11 de agosto casa-se *in extremis* com a normalista Maria de Lourdes Castro Pontes, "Deisi". Conhece o escultor Victor Brecheret.
- 1920 Edita o periódico "Papel e Tinta" (de maio de 1920 a fevereiro de 1921).
- 1921 Colabora no "Correio Paulistano" (de abril de 1921 até 1924). Lidera a campanha preparatória para a Semana de Arte Moderna em jornais e reuniões com amigos. Lança pelo "Jornal do Comércio" o poeta Mário de Andrade através do artigo "O meu poeta futurista". O.A., Mário de Andrade e Armando Pamplona viajam ao Rio de Janeiro para a conquista de novos adeptos ao Modernismo. Conseguem a adesão de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros.
- 1922 É um dos principais integrantes da Semana de Arte Moderna, de 13 a 17 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. No dia 15 de fevereiro lê, sob vaias, um trecho de *Os Condenados*. Colabora na revista "Klaxon". Publica *Os Condenados* (1º volume da *Trilogia do Exílio*). Forma-se o Grupo dos Cinco: O.A., Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia. Viaja à Europa no final do ano.
- 1923 Está na Europa em companhia de Tarsila, Dulce (filha de Tarsila) e Nonè. Passa a viver com Tarsila. Em 11 de maio pronuncia conferência na Sorbonne: "L'effort intellectuel du Brésil contemporain". Conhece Blaise Cendrars, Pablo Picasso, Erik Satie, Jean Cocteau, Fernand Léger, Jules Supervielle, Jules Romain, Paul Morand, Brancusi. Termina *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Retorna ao Brasil no final do ano.

- 1924 Publica *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Publica o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” no “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro. O.A., Tarsila, Olívia Guedes Penteadó, Gofredo Telles e outros compõem uma “caravana modernista” que vai mostrar o Brasil ao poeta Blaise Cendrars. Em Minas Gerais são recebidos por Aníbal Machado, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade. Viaja para a Europa em novembro.
- 1925 Publica em Paris *Poesia Pau-Brasil*. Retorna ao Brasil e lança, pela imprensa, sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Em dezembro volta à Europa e passa o final do ano na França com Tarsila.
- 1926 Viaja com Tarsila, Dulce e Nonê para o Oriente Médio. Retorna ao Brasil em agosto. Oficializa o casamento com Tarsila do Amaral. Retorna ao “Jornal do Comércio”, publicando na coluna “Feira das Quintas”, até maio de 1927. Divulga o primeiro prefácio de *Serafim Ponte Grande* no artigo “Objeto e fim da presente obra”, na “Revista do Brasil”.
- 1927 Publica *A Estrela de Absinto* (2º romance da *Trilogia do Exílio*). Publica *O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*. Retorna a Paris para uma exposição de Tarsila. Colabora na revista “Verde”, criada por um grupo de modernistas em Cataguases, Minas Gerais.
- 1928 Escreve o “Manifesto antropófago”. Funda com Raul Bopp e Antônio de Alcântara Machado a “Revista de Antropofagia” (1ª dentição). Conclui *Serafim Ponte Grande*. Viaja para a Europa para a segunda exposição individual de Tarsila.
- 1929 Retorna da Europa. Sai no “Diário de São Paulo” a 2ª dentição da “Revista de Antropofagia”. Sofre as conseqüências da crise do café. Ruína financeira. O.A. e Tarsila separam-se e Oswald passa a viver com Pagu.
- 1930 Em setembro nasce seu filho Rudá Poronominare Galvão de Andrade. Em 30 de dezembro conhece Luiz Carlos Prestes, no exílio na Argentina.
- 1931 Engaja-se no PCB (Partido Comunista Brasileiro). Começa a escrever artigos sobre política. O.A. e Pagu fundam “O Homem do Povo”, periódico que teve curta duração: 27 de março a 13 de abril. Empastelado por estudantes da Fa-

- culdade de Direito. Proibida a circulação pela polícia. O jornal pregava a luta operária. Publica o manifesto “Ordem e Progresso”, em “O Homem do Povo”.
- 1932 O.A. e Pagu sofrem perseguições políticas.
- 1933 Publica *Serafim Ponte Grande* com um segundo prefácio crítico e autocrítico. Define suas posições ideológicas. Termina *O Rei da Vela*.
- 1934 Romance com a pianista Pilar Ferrer. Publica *O Homem e o Cavalo*. Sai *A Escada Vermelha* (último volume da *Trilogia do Exílio*). Em dezembro, O.A. e Julieta Guerrini assinam contrato antenupcial com regime de separação de bens.
- 1935 Escreve sátira política para “A Platéia”.
- 1936 É representante do jornal “Meio Dia” (Rio de Janeiro) em São Paulo. Escreve nas colunas “Banho de Sol” e “De Literatura”. Casa-se com Julieta Bárbara (Guerrini).
- 1937 Publica *A Morta* e *O Rei da Vela*. Escreve na revista “Problemas” de São Paulo.
- 1939 Viaja com Julieta Bárbara para Estocolmo, como representante do Brasil junto ao Congresso Internacional promovido pelo PEN CLUB. Retorna ao Brasil no mesmo ano.
- 1940 Lança sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Escreve uma carta aberta ao suplemento “Diretrizes” do jornal “Meio Dia”, causando polêmica.
- 1941 Publica *Análise de Dois Tipos de Ficção*.
- 1942 Está separado de Julieta Bárbara. Casa-se com Maria Antonieta d’Alkmin.
- 1943 Publica o primeiro volume de *Marco Zero: A Revolução Melancólica*.
- 1944 A convite de Juscelino Kubitschek, viaja para Minas Gerais com um grupo de artistas, como Volpi e Mário Schenberg. Começa em fevereiro no “Correio da Manhã” a coluna “Telefonema” (até outubro de 1954). Em junho passa a colaborar no “Diário de São Paulo” com a coluna “Feira das Sextas” (até junho de 1945).
- 1945 Presta concurso para a Cadeira de Literatura Brasileira — FFCL da USP. A tese é *A Arcádia e a Inconfidência*. Nasce sua filha Antonieta Marília do casamento com Maria Antonieta d’Alkmin. Publica o segundo volume de *Marco Zero: Chão*. Rompe com o Partido Comunista e com Luiz Carlos

- Prestes. Continua sendo de esquerda. Publica *Poesias Reunidas de O.A.* e artigos esparsos no volume *Ponta de Lança*.
- 1947 Publica *O Escaravelho de Ouro* na “Revista Acadêmica”, nº 68, ano XII, Rio de Janeiro, julho de 1947.
- 1948 Nasce seu filho Paulo Marcos d’Alkmin de Andrade. No Congresso Paulista de Poesia combate os poetas da “Geração de 45”.
- 1949 Escreve na “Folha de S. Paulo” a coluna “3 linhas e 4 verdades”, até 1950.
- 1950 Apresenta tese para a Cadeira de Filosofia da FFCL da USP: *A Crise da Filosofia Messiânica*. Não presta o concurso por razões de ordem formal. Candidato a deputado federal pelo PRT (Partido Republicano Trabalhista) em São Paulo. Seu slogan: “Pão-Teto-Roupa-Saúde-Instrução-Liberdade”. Termina *O Santeiro do Mangue* (poesia, inédito).
- 1951 Em 20 de janeiro entrega a Cassiano Ricardo o projeto de organização do Departamento Nacional de Cultura.
- 1953 Publica em “O Estado de S. Paulo” a série “A marcha das utopias”. Artigos editados postumamente em “Os Cadernos de Cultura”.
- 1954 Publica o primeiro volume de suas memórias: *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe*. Escreve “O Modernismo” na revista “Anhembi”. Falece em São Paulo no dia 22 de outubro.

MARIA ALICE REBELLO

OBRAS COMPLETAS
DE OSWALD DE ANDRADE

Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe — *Memórias e confissões*

Memórias Sentimentais de João Miramar — *Romance*

Pau-Brasil — *Poesia*

Os Dentes do Dragão — *Entrevistas*

O Homem e o Cavalo — *Teatro*

A Utopia Antropofágica — *Manifestos e teses*

Alma (Os Condenados) — *Romance*

Dicionário de Bolso — ou Cem Cartões de Visita

Serafim Ponte Grande — *Romance*

O Santeiro do Mangue e Outros Poemas — *Poesia*

A Morta — *Teatro*

O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade —
Poesia

O Rei da Vela — *Teatro*

A Estrela de Absinto — *Romance*

Marco Zero I — A Revolução Melancólica — *Romance*

Marco Zero II — Chão — *Romance*

Mon Coeur Balance/Leur Âme — *Teatro*

Ponta de Lança — *Ensaio*

A Escada — *Romance*

O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo... — *Diário
coletivo*

Estética e Política — *Ensaios*

Próxima edição:

Telefonema — *Jornalismo*



3 9001 03143 3165

ESTÉTICA E POLÍTICA

O inquietante criador de idéias Oswald de Andrade ressurgiu agora integralmente dos escritos reagrupados neste volume, uma coletânea inédita, parte do projeto de suas Obras Completas. Alguns desses textos, como “O Esforço Intelectual do Brasil Contemporâneo” e “O Meu Poeta Futurista”, são documentos que já se incorporaram à história recente do Modernismo brasileiro. Os ensaios, artigos e projetos aqui enfiados ilustram a preocupação incessante de Oswald em apresentar idéias de transformação que contribuíssem para a mudança do panorama sociocultural do país.

ISBN 85-250-0906-7



9 788525 009067